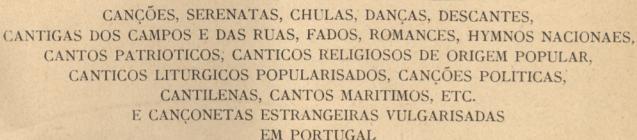
Cancioneiro de Musicas Populares

CANCIONEIRO
DE
MUSICAS POPULARES

CONTENDO

LETRA E MUSICA

DE

CANÇÕES, SERENATAS, CHULAS, DANÇAS, DESCANTES,
CANTIGAS DOS CAMPOS E DAS RUAS, FADOS, ROMANCES, HYMNOS NACIONAES,
CANTOS PATRIOTICOS, CANTICOS RELIGIOSOS DE ORIGEM POPULAR,
CANTICOS LITURGICOS POPULARISADOS, CANÇÕES POLITICAS,
CANTILENAS, CANTOS MARITIMOS, ETC.
E CANÇONETAS ESTRANGEIRAS VULGARISADAS
EM PORTUGAL

COLLECÇÃO RECOLHIDA E ESCRUPULOSAMENTE TRASLADADA

PARA

CANTO E PIANO

POR

CESAR DAS NEVES

COORDENADA A PARTE POETICA

POR

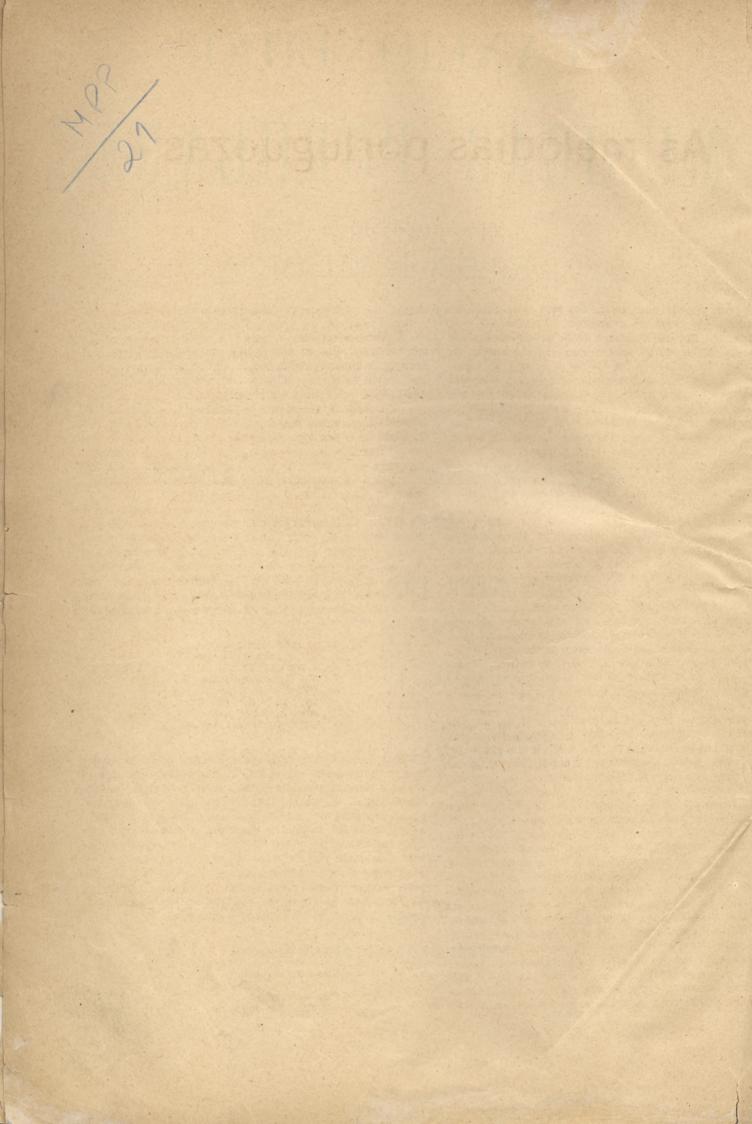
Gualdino de Campos

PREFACIADO

PELO EX.^mo SNR. DR.

Theophilo Braga

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
80 — Rua da Fabrica — 80

1893

As melodias portuguezas

A poesia popular portugueza tem sido esmeradamente [i]nvestigada em todas as provincias, estendendo-se esse [i]nteresse aos Açores, Madeira e ainda até ao Brazil, onde [p]ersistem os elementos tradicionaes da colonisação do [s]eculo XVI. As collecções dos Cantos populares portugue[z]es formam um valioso documento ethnologico, pelo qual [s]e podem já estabelecer relações com os rudimentos pri[m]itivos das nacionalidades peninsulares, e coadjuvar a [e]xplicação do problema da unidade das tradições poeticas [o]ccidentaes, evidente nos paradigmas dos romances com[m]uns a Portugal, Hespanha, França meridional, Italia e [G]recia moderna. Porém, um simples exame do trabalho [d]os colleccionadores portuguezes mostra immediatamente [q]ue falta ahi o elemento vital da poesia popular — o [c]anto.

E' esta falha, que importa preencher; e todos os es[f]orços empregados para fixar pela escripta as melodias do [p]ovo, constituem a essencia da poesia tradicional, e mes[m]o a condição da sua verdadeira intelligencia. E por que [s]ó excepcionalmente têm sido colligidas as melodias po[p]ulares? Por que depende esse trabalho de um conheci[m]ento technico, começando por saber primeiramente trans[c]rever em caracteres musicaes a melodia fugitiva, e depois [p]ossuir o dom de perceber a simplicidade ingenua da me[l]odia e de conservar-lhe a sua espontanea naturalidade. [A] letra do canto, ou a poesia, é facil de colligir; o pro[p]rio rythmo ajuda a achar as fórmas estrophicas, que se [d]ecóram rapidamente, e que mesmo separadas da musica [t]êm bellezas de expressão que tornam essa linguagem [d]esataviada uma obra prima, revelando, já as emoções [p]rofundas do sentimento humano, já os lances dramaticos [d]e uma phase social extincta. Mas a Poesia e o Canto são [i]nseparaveis; assim nasceram no syncretismo mental das [r]aças, quer nas fórmas cultuaes das religiões, quer nas [r]hapsodias heroicas das narrativas épicas; poesia e mu[s]ica são como a côr e o perfume da mesma flôr. Póde [e]ssa flôr ser adivinhada pelo perfume vago, e póde tam[b]em ser representada pela côr no desenho; mas da sua [u]nião é que depende a vida. Isto se demonstra pela pro[p]ria letra dos cantos tradicionaes, cujos fragmentos se [r]estituem pela musica; assim a antiquissima collecção dos [h]ymnos religiosos do *Rig-Veda*, que os nossos antepassa[d]os Aryas compozeram doze mil annos antes da nossa éra [a]o entrarem nos valles de Septashindu até á sua consti[t]uição social theocratica, encerra simplesmente a letra poe[ti]ca da sua adoração naturalista; e a musica d'esses cantos [e]specialmente conservados no culto acha-se na collec[ç]ão do *Sama-Véda*. O texto poetico, apesar da sua anti[g]uidade e da sua auctoridade religiosa alterou-se; o canto, [a] melodia dos hymnos tal como se inseriu no *Sama-Véda*, revela que as fórmas grammaticaes se modificaram, e que a versificação do *Rig-Veda* soffreu uma recensão ulterior.

E' verdadeiramente a musica a alma da poesia popular; e tanto, que no nascimento da poesia moderna da Europa, o Lyrismo trobadoresco, as novas fórmas metricas foram moldadas sobre toadas velhas *un son viel e antic*. Pela persistencia da musica, muitos cantos populares chamados de serranilha, penetraram nos cancioneiros aristocraticos, como vemos nos *Cantares de amigo* do rei D. Diniz; e o seu typo estrophico reapparece em Gil Vicente intercalando esses cantos nos seus Autos e farças, chegando-se a determinar a sua persistencia ainda na transmissão immemorial de muitas aldeias portuguezas, como em Rebordainhos.

Um exemplo ainda mais frisante da dependencia da letra poetica da melodia popular é o que se dá com a fórma dos romances de *Estavillar* cantados nas Asturias; o romance é cantado por dois grupos, um de homens, outro de mulheres, para o effeito concertante, e alternadamente; um grupo canta um verso terminando em uma certa vogal; esse verso é repetido pelo outro grupo, mas alterando-o para que acabe em outra vogal determinada:

Ay un galan d'esta v*i*lla,
  Ay un galan d'esta c*a*sa,
Ay, él por aqui ven*i*a,
  Ay, él por aqui leg*a*ba.
Ay, diga él lo qu'el quer*i*a,
  Ay, diga lo qu'el busc*a*ba.
Ay, busco la blanca n*i*ña,
  Ay, busco la niña bl*a*nca, etc.

Esta fórma typica tambem se depara já inconscientemente empregada em muitos romances heroicos hespanhoes e portuguezes, mas como effeito tautologico e sem subordinação ao canto. Comtudo o canto revela-nos a phase primitiva da elaboração poetica, como se vê ainda na recitação da epopêa da Finlandia, o *kalévala*, em que dois individuos do povo, de mãos dadas, sentados um diante do outro vão recitando em alternancia os versos do grande poema da tradição nacional. Tambem em um dos mais antigos poemas tradicionaes portuguezes, a *Canção do Figueiral*, acham-se os vestigios da sua formação, e modos de recitação no genero do *Estavillar*:

No figueiral figueir*e*do
  A no figueiral entr*e*i,
Seis niñas encontr*á*ra,
  Seis niñas encontr*e*i,
Para ellas and*á*ra,
  Para ellas aud*e*i, etc.

A musica d'esta canção chegou a ser colligida em um Cancioneiro manuscripto do seculo XV, pertencente a D. Francisco Coutinho, conde de Marialva, e d'elle foi transcripta por D. Marianno Soriano Fuertes para a *Historia de la Musica en Hespaña;* e referindo-se tambem a essa musica, allude Miguel Leitão de Andrada, na *Miscellanea,* a tel-a ouvido cantar a uma velha do Algarve de muita edade. Muitos problemas de psychologia e de arte se resolverão, quando se aproximarem dos cantos populares as musicas que os rithmaram e lhes deram universalidade.

Provada a importancia que o canto tem sobre a poesia, nasce outro problema: Como se inventam as melodias populares? Temos dois termos essenciaes para o exame: as antigas melodias, que nos Cancioneiros manuscriptos onde ellas vem notadas trazem o caracter de musica ecclesiastica acantochanada; as censuras dos moralistas catholicos da Edade-média contra os cantos do povo que se repetiam na egreja, como o da *Belle Alice,* e especialmente contra os effeitos profanos do *descante;* e as melodias modernas, muitas das quaes sairam das Oratorias religiosas do seculo XVIII, que vieram simplificar-se nas reminiscencias populares. O recompôr esta mutua dependencia é uma das principaes condições da critica e da historia. A letra da poesia era muitas vezes uma indicação eventual da musica, que era fixa, assim achamos no *Cancioneiro portuguez da Vaticana,* a canção 1062, formada sob a dependencia da melodia: «*Esta cantiga foy seguida por hũa baylada que diz:*

> Vos avedel-os olhos verdes,
> matar-m'edes com elles...»

Nos Cancioneiros trobadorescos portuguezes encontram-se provas de uma vivissima poesia popular, cujos typos estrophicos foram imitados nas *serranilhas, cantares de amigo,* de *ledino, barcarollas,* e outras fórmas, que no seculo XIII e XIV se impunham exclusivamente pela sua sympathia musical; os cantores populares eram designados pelo nome dos instrumentos musicaes a que se acompanhavam: jograes de *bocca,* jograes de *penola,* jograes dos *atambores.* Em uma sirvente de Martim Soares, para satyrisar um trovador incorrecto compara-o com os cantores populares: (*Canc. da Vat.,* n.º 965).

> Os aldeyãos e os concelhos
> todolus avedes per pagados,
> ....
> por estes cantares que fazedes d'amor
> em que lhis acham as filhas sabor,
> e os mancebos que teem soldados.
> Benquisto sodes dos Alfayates,
> dos peliteyros e dos moedores,
> d'a vosso bando são os tropeiros
> e os jograes dos atambores,
> porque lhis cabe nas trombas vosso son,
> para atambores ar dizen que non
> acham no mundo outros soẽs melhores.

E referindo ao contraste entre os cantos rimados ou litterarios, e os assonantados ou populares, conclue o trovador:

> Os trovadores e as mulheres
> de vossos cantares son nojados,
> a hũa porque em pouco daria
> poys mi dos outros fossem loados;
> ca elles non sabem que xi van fazer,
> queren bon son e bôo de dizer,
> e os cantares fremosos e rimados.

Em uma serrania do trovador portuguez Estevam lho encontra-se uma graciosa descripção da poesia p lar ainda ligada ao canto:

> Sédia la fremosa, seu fuso torcendo,
> sa voz manselinha, fremoso dizendo
> cantigas de amigo.
>
> Sédia lá fermosa seu fuso lavrando,
> Sa voz manselinha, fremoso cantando.
> cantigas de amigo.
>
> — Por deus de cruz, dona, pey eu que avedes
> amor mui coitado, que tambem dizedes
> cantigas de amigo.
>
> Par deus de cruz, dona, sey eu que andades,
> d'amor mui coitada, que tambem cantades
> cantigas d'amigo.
>
> (*Canc. Vat.,* 321.

Os cantos das *linhadas* ainda hoje se conservam costumes portuguezes.

Um caracteristico fundamental da poesia popular Portugal e da Galliza, que com a das Asturias constitu uma unidade ethnica, é esta iniciativa directa da mul na improvisação poetica e no canto. Observou-o o M quez de Montebello no seculo XVII, Sarmiento no sec XVIII, e ainda agora todos os que estudam o folk-lore ninsular. Esse caracter poetico prepondéra nos docum tos do seculo XIII e XIV, como vêmos no *Cancioneiro Vaticana:*

> Oy oj'eu hũa pastor cantar
> d'u cavalgava per hũa ribeira;
> e a pastor estava senlheira,
> e ascondi-me pola ascuytar;
> e dizia muy bem este cantar:
>
> *Sol-o ramo verde frolido*
> *vodas fazem ao meu amigo;*
> *e choram olhos d'amor!*
>
> E a pastor parecia muy bem,
> e chorava e estava cantando,
> e eu muy passo fui-me achegando
> pola oyr, e sol nom faley rem;
> e dizia este cantar muy bem:
>
> *Ay estorninho do avelanedo,*
> *Cantades vós, e moyr'e peno;*
> *d'amores ey mal.*

Esta canção do jogral Ayres Nunes continua se, in calando nas estrophes litterarias como retornello uma trophe de differentes serranilhas populares. O effeito p tico é lindo; mas lembrando-nos que a canção de Ay Nunes (n.º 454) era escripta para ser cantada, mais gr teria quando repetisse as diversas melodias popula com a sua pastorella.

Esta fórma poetica trobadoresca esteve muito na m das côrtes; na côrte de D. Diniz achou a sympathia proprio monarcha, que era um trovador de primeira dem e de grande talento. O jogral Lourenço emprega e processo em duas das suas canções (N.ºs 866 e 867):

> Hunha moça namorada
> dizia um cantar d'amor;
> e diss'ello: «Nostro senhor,
> oj'eu fosse aventurada,
> que vysse o meu amigo,
> como eu este cantar digo, etc.

Tres moças cantavam d'amor
mui fremosinhas pastoras,
mui coytadas dos amores
e diss'end'unha mha senhor:
Dizede, amigas, comigo
o cantar do meu amigo, etc.

E ainda uma canção de D. João de Aboym, conselheiro
ado do rei D. Diniz, accentuando o mesmo caracter
inino da poesia popular portugueza:

Cavalgava n'outro dia
por hum caminho francez,
e hunha pastor siia
cantando com outras tres,
pastores; e non vos pez,
e direy-vos todavya
o que a pastor dizia
aas outras em castigo:
Nunca mulher créa per amigo,
poys s'o meu foy e não falou migo.

(*Canc.*, n.º 278.)

A referencia ao *caminho francez*, que assim se deno-
ava a estrada dos peregrinos de Sam Thiago, indica o
) galleziano da tradição lyrica. Poderiamos indicar um
o elemento musical, que no seculo XIV entrou na pe-
ula hispanica e se fundiu com a poesia popular; assim
o imitamos o *lai* narrativo da Bretanha, tambem as
as canções trobadorescas foram cantadas ao som dos
musicaes. N'essas canções trobadorescas portuguezas
ıncia-se um outro elemento musical, o das melodias
Bearn, ou bascos francezes, e dos bascos hespanhoes
euskarianos, como se vê pelo estribilho: «*Etoy, lelia*
outro». As *zambras*, os *hudas* ou cantos de tropeiros
Arabes, penetraram tambem no povo portuguez; e o
ui-lingui arabe, é ainda a lenga-lenga ou canto nar-
ro mais recitado do que cantado que se usa em Por-
l. Sómente colligindo a musica dos cantos populares
todas as provincias de Portugal é que se esclarecerão
s problemas tão complexos da nossa tradição nacional.
Raras vezes encontramos nos escriptores antigos refe-
ias á musica do povo. No seculo XV, o prurido da
lição humanista fazia desprezar como indigna de con-
ração a poesia popular; assim o vemos na Carta ce-
e do Marquez de Santillana. Comtudo no seculo XV em
ugal, o povo cantava algumas seguidilhas sobre a
ıltura do Condestavel D. Nuno Alvares Perira, e as
es foram encontradas pelo padre José Pereira de Santa
a entre manuscriptos de Azurare. Apenas se colligiu a
ı; por ella vê-se que havia côro, e baile em volta da
ıltura. No seculo XVI acha-se o inventario da poesia
alar em Gil Vicente, que na *Rubena* traz a indicação
das cantigas mais queridas e que andavam na moda no
seu tempo; mas tambem na tragi-comedia *Triumpho de Inverno*, accusa o extraordinario phenomeno da decadencia do genio poetico ou depressão do povo portuguez, que abandona os pandeiros e os bailes de terreiro. Era a grande crise de reacção politica e religiosa começada por D. Manuel e levada ao seu extremo por D. João III. A consequencia foi a catastrophe do desvairado D. Sebastião, que deu azo a cahirmos nas garras de Philippe II. D'esta ruina resultou um canto lugubre, em que se cantava a morte de D. Sebastião, cuja musica foi copiada por Miguel Leitão de Andrada na sua *Miscellanea*. No seculo XVII ainda D. Francisco Monoel de Mello, em uma deliciosa scena do *Fidalgo aprendiz*, descreve os cantos populares que estavam no gosto da época, e os instrumentos musicos que um galanteador tinha de aprender. Existia uma grande quantidade de melodias populares, os *Tonos* que se cantavam nos Villancicos do Natal nas Egrejas, e nas procissões, escriptos por compositores notaveis, d'onde ficava na reminiscencia popular esse germen que veiu a produzir as *Modinhas* do seculo XVIII. Como este elemento se ligou com a poesia é prova superior o typo das Lyras de Thomaz Antonio Gonzaga na sua *Marilia de Dirceu;* e n'essas Modinhas encontrava Strafford os elementos generativos para se formar uma Musica dramatica portugueza, como dos *lieds* allemães se formou a surprehendente musica da Allemanha.

Firmin Caballero, no seu *Manual geographico administrativo* caracterisa as differentes nacionalidades peninsulares pelos seus cantos populares; diz elle: um andaluz passa horas inteiras cantando a *cana* ou a *rondena* emquanto ao navarro prefere jogar a *pelota* e o *mus;* emquanto a salamanquina enlouquece com as *habas verdes*, a gallega não acha nada com mais encanto do que a sua *muinheira;* a mesma differença nos instrumentos musicos: o manchego canta noites inteiras ao compasso das *castanuellas* e ao som do *guitarrilho* as suas quadras de seguidilha, ao passo que o basco prefere o *tamboril* para bailar algum *zorzico*. A *gaita* gallega chega a dominar até ás Asturias; a *zamponha* e *bandurria* nos bairros de Madrid, e em geral as *sonajas* e *pandereta*, a *guitarra* e a *bihuela* exprimem o garbo e o ardor do genio peninsular. Vê-se como estes aspectos da Vida são um documento scientifico para penetrar o genio dos povos, Hoje mais do que nunca, convém a Portugal estes estudos; porque na decadencia que por toda a parte nos ameaça, a revivescencia do genio nacional depende da vitalidade da sua tradição.

Theophilo Braga.

O LAVRADOR DA ARADA

LENDA RELIGIOSA

A S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia de Saboya.

Vindo o lavrador da arada,
Encontrou um pobresinho;
O pobresinho lhe disse:
Leva-me n'esse carrinho.

O lavrador o levou
P'ra a melhor sala que tinha;
Mandou-lhe fazer a cêa
Do melhor manjar que havia.

A toalha era de linho,
A melhor que em casa havia;
E depois da mesa posta
O pobre nada comia.

Os suspiros eram tantos
Que até a meza tremia;
As lagrimas eram tantas!
E o pobre nada dizia.

Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha;
Por baixo camelão roxo,
Por cima cambraia fina.

Foi o lavrador deitar-se
Mas o pobre não dormia;
Lá pela noite adeante,
O pobresinho gemia.

Levantou-se o lavrador
A ver o que o pobre tinha,
E achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina.

— O' meu Senhor se eu soubesse
Que em minha casa vos tinha,
Mandava fazer preparos
Que n'esta casa não havia.

— Cala-te, ó lavrador,
Que, antes que chegue o dia,
Tu serás no paraizo
Em a minha companhia.

Lá no reino da gloria
P'ra ti um logar eu tinha,
Outro p'ra tua mulher
Que muito bem o merecia.

Amen Jesus.

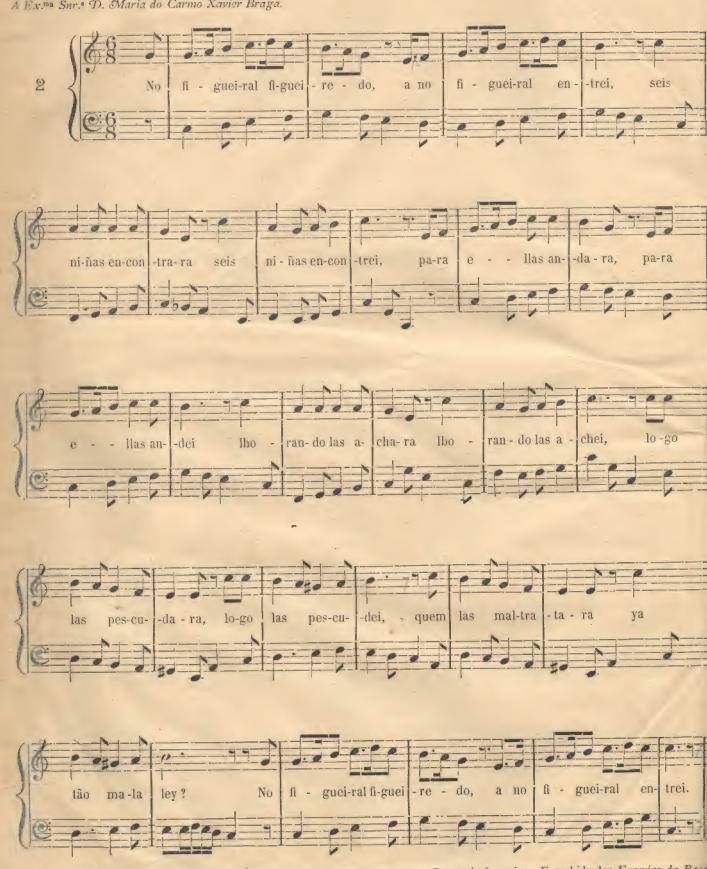
A musica d'esta lenda é antiquissima e conserva-se generalisada em todo o paiz, com pequenas modificações; porém não succede o mesmo á letra de que ha innumeras variantes e versões, quasi todas incompletas ou fragmentadas.

Esta toada é caracteristicamente medievica e talvez fosse cantada da fórma seguinte: uma ou duas vozes cantavam a lenda e um coro respondia no fim de cada verso: — Ai Jesus — excepto no ultimo que está — Amen Jesus.

Provavelmente foi esta lenda que deu origem ao idiotismo portuguez —: *ê o seu ai Jesus.*

CANÇÃO DO FIGUEIRAL

TROBADORESCA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria do Carmo Xavier Braga.

E' esta a canção portugueza mais antiga, de que se conservou notação musical escripta. Extrahida das *Epopéas da Raça Mosarabe* do Ex.mo sr. dr Theophilo Braga.

CANÇÃO DO FIGUEIRAL

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei,
Seis niñas encontrara,
Seis niñas encontrei.
Para ellas andara.
Para ellas andey,
Chorando las achara
Chorando las achei,
Logo las pescudara,
Logo las pescudei,
Quem las maltratara
a tão mala ley?

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei,
Uma repricara:
«Infançom nam sey,
«Mal houvesse a terra
«Que teme o mal Rey,

«S'eu las armas usara
«Y a mim fee non sey
«Se hombre a mim levara
«De tão mala ley.
«A Deos vos vayades,
«Garçom, ca non sey
«Se onde me falades
«Mais vos falarey.»

No figueiral figueiredo,
A no figueiral entrei,
Eu lhe repricara:
«A mim fee non irey,
«Ca olhos d'essa cara
«Caro los comprarey;
«A las longas terras
«Entraż vos me irey.
«Las compridas vias
«Eu las andarey,

«Lingoa de aravias
«Eu las falarey,
«Mouros se me visse
«Eu los matarey.»

No figueiral figueiredo,
A no figueiral entrey,
Mouro que las goarda
Cerca lo achey,
Mal la ameaçara
Eu mal me anogey,
Troncom desgalhara
Todolos machuquey,
Las niñas furtara,
Las niñas furtei.
La que a mim falara
N'alma la chantey.
No figueiral figueiredo
A no figueiral entrey.

TRADUCÇÃO

No figueiral figueiredo
Lá no figueiral entrei.
Seis donzellas encontrara,
Seis donzellas encontrei;
Para ellas caminhara,
Para ellas caminhei;
Chorando a todas achara.
A todas chorando achei;
Logo ali lhes perguntara,
Logo ali lhes perguntei;
Quem foi que ousou maltratal-as
Tratal-as de tão má lei.

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.
Uma d'ellas respondera:
—«Cavalleiro, não no sei...
Mal haja, mal haja a terra
Que tem mau e fraco rei!
Que se eu as armas vestira,

Por minha fé, que não sei
Se homem ousara levar-me,
Levar-me de tão má lei...
Com Deus ide, cavalleiro,
Ide com Deus, que não sei
Se onde me falais agora
Nunca mais vos fallarei.»

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.
Eu então lhe replicara:
—«Por minha fé não irei;
Antes olhos d'essa cara
Bem caros os comprarei;
A longas terras distantes,
Só por seguir-vos, me irei;
Por caminhos desvairados
Atraz de vós andarei;
Linguas moiras de aravias
Por vós eu as falarei;

Moiros, se me apparecerem.
A todos os matarei.»

Lá no figueiral figueiredo
Lá no figueiral entrei.
N'isto o moiro que as guardava
Perto d'ali encontrei:
Se elle bem me ameaçava,
Eu melhor o ameacei;
Um tronco secco esgalhara,
Um tronco secco esgalhei;
Com elle a todos matara,
A todos desbaratei;
As donzellas libertara,
Todas seis as libertei;
Aquella que me falara
Com ella me casarei.
No figueiral figueiredo
Lá no figueiral entrei.

ANTHERO DO QUENTAL.

A *canção do Figueiral* data do seculo XIII e é formada sobre a lenda do *Tributo das donzellas*.

Conta-se que os reis mouros, que dominavam na peninsula, impunham aos reis christãos que avassalavam, em compensação de uma paz vergonhosa, pesados encargos, e, entre elles, o vexatorio tributo de darem para os harens do monarcha mouro um certo numero de donzellas, sendo quasi sempre umas tantas meninas fidalgas e filhas de familias distinctas, e outras tantas filhas de lavradores. Além d'este tributo, muitos personagens mouros traziam agentes a roubar donzellas para lh'as levarem aos seus palacios. Estas violencias originavam sempre grandes luctas, porque aos mancebos christãos não lhes consentia o animo deixarem ir suas irmãs e namoradas na posse dos infieis.

A *canção do Figueiral* narra um d'esses episodios em que um mancebo christão encontra n'um figueiral seis meninas chorosas e afflictas, guardadas por um mouro e creados. Uma das meninas falla-lhe, lastimando a sorte que as espera. O mancebo replica-lhe, indignado, jurando que as defenderá. Lançando a mão ao tronco d'uma figueira que esgalhara, tanta pancada distribue nos mouros guardas que os deixa ficar a todos impossibilitados de se mexerem; e tirando-lhes as donzellas as leva comsigo, consagrando especialmente o seu affecto á que lhe fallara.

CANNA VERDE

CHOREOGRAPHICA

Chula de S. Martinho de Dume, districto de Braga

Á Ex.ma Snr.a D. Elisa Carqueja.

Dança.—Chama-se *Canna verde cruzada* a dança d'esta cantiga, e executa-se da fórma seguinte:

Formam-se os pares em duas fileiras, fronte-a-fronte; o cavalheiro do primeiro par e a ultima dama da fileira opposta ao meio e recuam durante os primeiros quatro compassos, mudando-se em seguida o cavalheiro para o logar da dama e esta o do cavalheiro. Repetem assim a dança nos outros quatro compassos, cruzando de novo, e voltando aos seus logares, ainda ao meio durante mais quatro compassos. Em seguida dança outro par pela mesma fórma, e assim vae continuando a dança que finda quando todos os pares tenham feito a mesma evolução.

CANNA VERDE

Oh minha canninha verde,
Oh meu senhor do Bomfim:
Linda cara, lindos olhos,
Virem-se cá para mim.

Oh minha canninha verde,
Oh meu Senhor do Padrão;
Quem não quer que o mundo falle
Não lhe dê occasião.

Eu pintei a canna verde,
Eu pintei a verde canna,
Eu pintei a canna verde
No travesseiro da cama,

Encostei-me á canna verde
Cuidando que não quebrava;
A canna verde era ôca
Coisa que me não lembrava.

Oh minha canninha verde
Verde canna de encannar,
Aqui estou á tua beira,
Quem 'sta bem deixa-se estar.

A canna verde no mar
Anda ao redor do vapor:
Inda está para nascer
Quem ha de ser meu amor.

A canna verde me disse
Que eu havia de ir com ella:
Vae-te embora, canna verde,
Que eu vou para a minha terra.

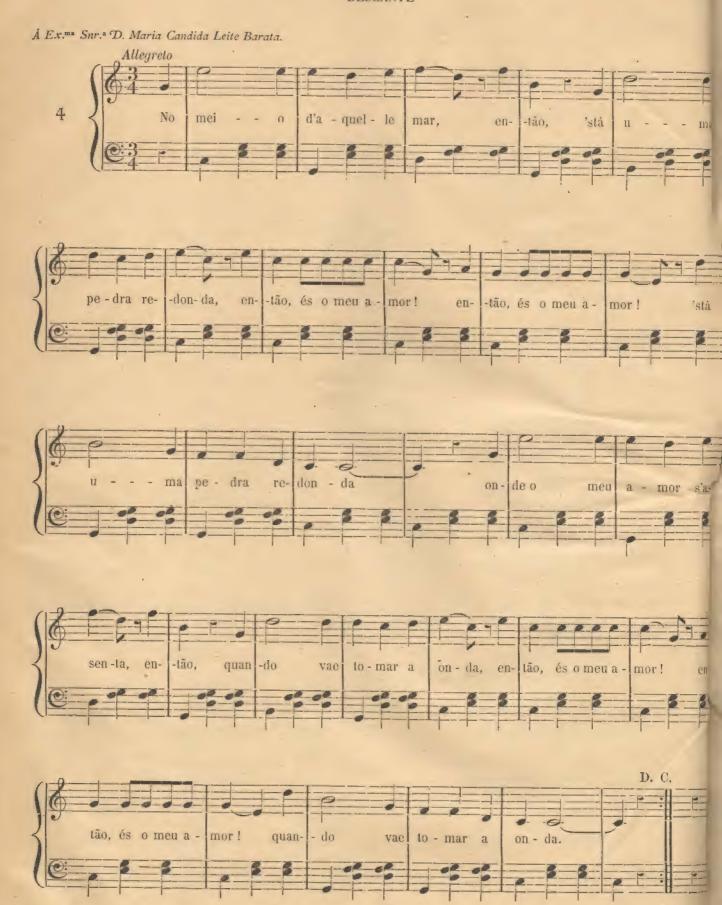
A canna verde no mar
Bota raizes na areia:
Sou leal a todo o mundo,
Todo o mundo me falseia.

Oh minha canninha verde,
Oh minha verde canninha,
Salpicadinha d'amores,
E d'amores salpicadinha.

Oh minha canninha verde,
Verde canna no botão,
Aqui estou á tua beira,
Prenda do meu coração.

ENTÃO, ÉS O MEU AMOR!

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Candida Leite Barata.

Recolhida em Amarante, em 1890, pela Ex.ma Snr.a D. Isabel Augusta Nogueira.

ENTÃO, ÉS O MEU AMOR!

No meio d'aquelle mar,
Então,
Está uma pedra redonda
Então, és o meu amor!
Onde o meu amor se assenta
Então,
Quando vae tomar a onda.
Então, és o meu amor!

No meio d'aquelle mar,
Está uma pedra amarella,
Tem um letreiro que diz:
Quem ama não considera.

No meio d'aquelle mar,
Está uma pedrinha branca,
Não é pedra nem é nada,
E' o mar que se alevanta.

No meio d'aquelle mar,
Está uma pedrinha verde,
Não é pedra nem é nada,
E' a onda que se ergue.

No meio d'aquelle mar,
Está uma pedrinha azul,
Onde o meu amor se assenta,
Quando o vento não é sul.

No meio d'aquelle mar,
Está uma pedra dourada,
Não é pedra é a barquinha
Onde vem a minha amada.

No meio d'aquelle mar,
Vem navegando o vapor,
Alegra-te coração,
Que vaes ver o teu amor.

OH QUE SALERO!

CHOREOGRAPHICA

Andante gracioso

5

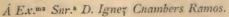
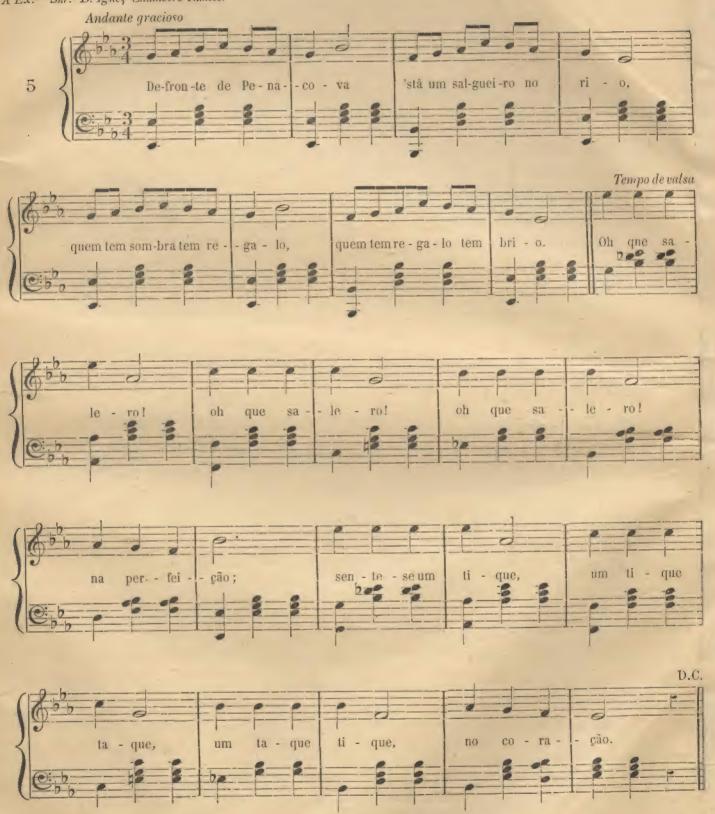
De-fron-te de Pe-na--co-va 'stá um sal-guei-ro no ri-o,

quem tem som-bra tem re--ga-lo, quem tem re-ga-lo tem bri-o.

Tempo de valsa

Oh que sa-le-ro! oh que sa--le-ro! oh que sa--le-ro!

na per-fei--ção; sen-te-se um ti-que, um ti-que ta-que, um ta-que ti-que, no co-ra--ção.

D.C.

Recolhida em Penacova, em 1882 pelo Ex.mo Snr. F. P. Nogueira.

Dança. — Damas e cavalheiros dançam de mãos dadas, em grande roda, durante oito compassos; em seguida largam as mãos fazendo *balancé* aos seus pares, dando estalos com os dedos, braço abaixo braço acima, durante oito compassos; em seguida dançam em valsa oito compassos.

OH QUE SALERO!

Defronte de Penacova
'Stá um salgueiro no rio;
Quem tem sombra tem regalo,
Quem tem regalo tem brio.

Oh que salero!
Oh que salero!
Oh que salero,
Na perfeição!
Sente-se um tique,
Um tique-taque,
Um taque-tique,
No coração.

Passarinhos que cantaes
N'um raminho de flores,
Cantae vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem amores.

Rouxinol, cantor de amores,
Que vens tu aqui fazer?
A negra noite vae alta,
E' forçoso adormecer.

Meu amor, quando passares,
Carrega a vista p'ra o chão,
Que nos podemos querer bem,
E o mundo pensar que não.

No tempo das bellas flores,
Quando eu ia a Sevilha,
Tinha quatorze amores,
Algum era maravilha.

Oh maravilha,
Oh maravilha,
Oh maravilha,
Bem sei quem é.
E' ter um anjo,
E' ter um anjo,
E' ter um anjo,
Aqui ao pé.

Suspirando, dando ais,
Anda o amor pela rua;
Suspira quando quizeres,
Que eu sou d'outro não sou tua.

Oh meu amor, se te vires
De saudades afflicto,
Chama por mim, que eu irei,
Logo ao teu primeiro grito.

Ando triste como a noite,
Ninguem me alegra o sentido:
Ninguem sabe o amor que tem
Senão depois d'elle perdido.

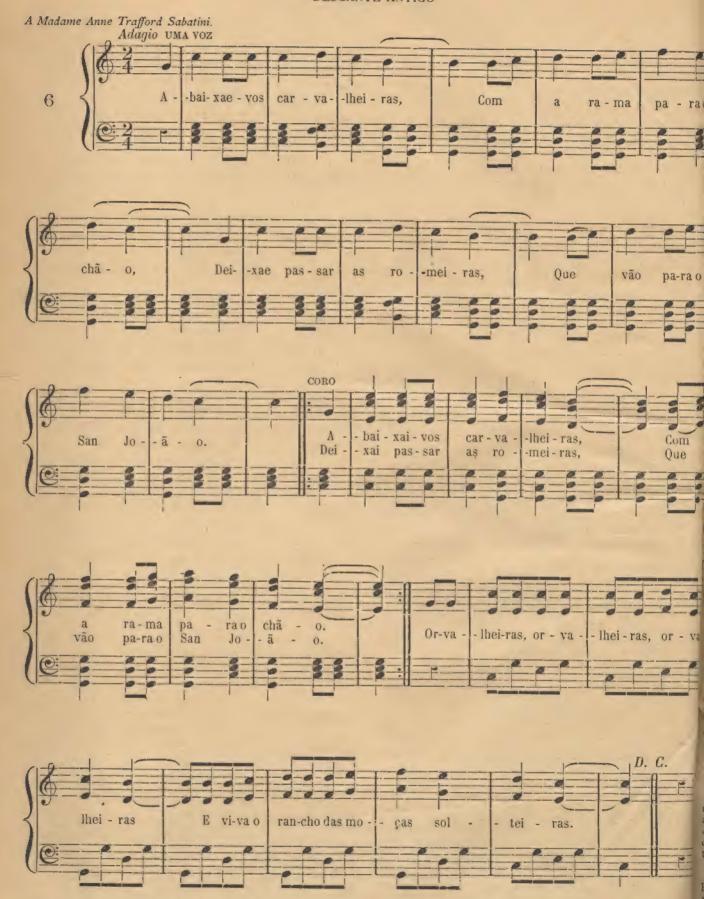
Quando percorremos a Beira e as provincias do norte, em colheita de canções, notamos em algumas melodias um mixto de musica hespanhola, e nos estribilhos a introducção de um ou outro termo castelhano. Alguem nos aconselhou a que supprimissemos os extrangeirismos em uma publicação cuja physionomia deveria ser essencialmente nacional. Resistimos á indicação; não alteramos nem supprimimos nada do que vimos, ouvimos ou chegou ao nosso conhecimento. Poderiamos fazer como Garrett: emendar, completar ou compor trovas; mas preferimos seguir o criterio dos srs. dr. Theophilo Braga e Consiglieri Pedroso.

O *folk-lorista* hespanhol Alvarez, nos *Cantes flamencos*, pronuncia-se do mesmo modo.

Quando se tracta de producções anonymas e collectivas d'um povo, diz o snr. Consiglieri, a genuinidade é o primeiro requisito a attender-se.

Nas poesias e musicas que ouvimos, respeitamos, por egual, o *erro* e a *cultura*.

SAN JOÃO

DESCANTE ANTIGO

E' esta a musica mais antiga das que actualmente se cantam ao San João, e sobre ella se tem feito muitas variantes differentes localidades, devido a circumstancias especiaes de que fallaremos em outro logar.

SAN JOÃO

Abaixae-vos, carvalheiras,
Com a rama para o chão,
Deixae passar as romeiras,
Que vão para o San João.

Orvalheiras, orvalheiras,orvalheiras,
Viva o rancho das moças solteiras,

Assentae-vos, raparigas,
A' sombra d'este pinheiro;
Ha um anno que esperamos
O San João verdadeiro.

Oh meu rico San João,
Que daes ás vossas romeiras?
—Dou agua fresca da fonte,
A' sombra das carvalheiras.

Oh meu rico San João,
Que daes a quem por vós chama?
—A's solteiras bom marido,
A's casadas boa fama.

Na noite de San João
E' que é tomar amores;
Estão os trigos nos campos,
Toda a terra tem flores.

Oh que lindo luar faz
Para colher a marcella;
Vamol-a colher ambinhos,
Faremos a cama n'ella.

Na noite de San João
E' bem tolo quem se deita;
Todos vão ás orvalhadas
Aos campos de Cedofeita.

Hei de queimar alcachofras
Na noite de San João,
Para ver se o meu amor
Ainda me quer bem ou não.

Orvalhadas, orvalhadas, orvalhadas,
Viva o rancho das mulheres casadas.

Na noite de San João
Hei de ir banhar-me ao açude;
N'essa noite é benta a agua,
Para tudo tem virtude.

Até o pastor banha o gado
Na noite de San João;
Não lhe pega o mau olhado,
E se é doente fica são.

Na noite de San João,
O meu rosto hei de lavar;
Em vendo na agua a lua,
Mais formosa hei de ficar.

Hei de deitar na fogueira
A herva que reverdece;
Quero ver com estes olhos
Se o meu amor me esquece.

O nome do meu amor
Escrevi-o n'um papel;
Deitei-o n'agua, apagou-se,
Logo vi que era infiel.

Hei de deixar ao relento
Uma folha de figueira;
Se o San João a orvalhar,
Hei de encontrar quem me queira.

Do San João na fogueira
Cinco reis hei de deixar,
Para dar ao pobresinho
Que primeiro encontrar.

Repenica, repenica, repenica,
Ai, San João, meu amor cá fica.

Na noite de San João
N'agua um ovo hei de botar,
Quero saber o futuro
Que Deus do ceu me ha de dar.

Orvalhadas milagrosas
Que saram de tantas dôres,
N'este coração, meu santo,
Acalmem os meus ardores.

Dizem que me queres bem,
Inda o hei de experimentar;
Na noite de San João
Junco verde hei de cortar.

Não córtes o junco verde,
Que não é experimentação;
Se tu queres experimentar,
Aqui tens meu coração.

Todas as hervas são bentas
Na noite de San João;
Só o trêvo, coitadinho,
Fica de rastos no chão.

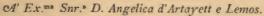
San João adormeceu
Nas Escadas do Collegio;
Deram as moças com elle;
San João tem privilegio.

De todos os cantos do povo portuguez que podem colligir-se para um cancioneiro popular, diz o snr. Consiglieri Pedroso, não ha nenhuns tão importantes como os de San João. Não são somente curiosos usos e superstições que n'elles se encontram, mas allusões mythicas, muito directas, ao phenomeno natural que a festa popular inconscientemente celebra. Na noute de San João todos os encantos se quebram; apparecem thesouros ao de cima da agua; têem uma virtude maravilhosa o orvalho apanhado antes do nascer do sol, as flores do campo, as hervas, etc., etc. Esta festa, commum a tantos povos, representa em Portugal o centro de todas as tradicções mythicas e legendarias.

A'cerca das superstições, crenças e prejuisos do povo, e para comprehensão de algumas das cantigas a San João, vejam-se: Castilho, nas notas dos *Fastos de Ovidio*; Herculano, *Panorama*; Garrett, no *Cancioneiro* e *D. Branca*, notas; Theophilo Braga, *Lendas christãs*. *Historia da poesia popular portugueza*; Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma mythologia popular portugueza*; Pinhero Chagas, *Historia de Portugal*; Paul Mayer et Gaston Paris, *Romania*; Oliveira Martins, *Mythos*; J, Leite de Vasconcellos e outros.

Estes estudos têem mais importancia e interesse de que na generalidade se lhes attribue.

SAN JOÃO

VARIANTE DA FOZ DO DOURO

San João adormeceu
Nas escadinhas do côro;
Deram as freiras com elle,
Abeijocaram-no todo.

E ala, ala, raparigas, ala!
Que este tempo é que nos regala.

San João pediu a Christo
Que o não adormecesse,
Para vêr dançar o sol,
De manhã quando nascesse.

Se o San João soubesse
Quando era o seu dia.
Descia do ceu á terra
Com prazer e alegria.

Repapoila, repapoila, repapoila,
Arroz doce na minha caçoila.

San João adormeceu
No regaço de Maria;
Acorda, João, acorda,
Que ámanhã é o teu dia.

San João perdeu a capa,
No caminho do estudo;
Ajuntae-vos, moças todas,
Comprae-lhe uma de velludo.

Raparigas, cantae victoria,
Pois San João está na gloria.

San João, p'ra ver as moças,
Fez uma fonte de prata;
As moças não vão a ella,
San João todo se mata.

Recolhida em 1889.

SAN JOÃO

VARIANTE DE VILLA DO CONDE E POVOA DE VARZIM

A' Ex.ma Snr.a D. Sophia Gomes Quaresma.

San João vem do ceu,
uem o traz são os anjinhos:
ão guiados por estrellas
Que lhe ensinam os caminhos.

Que é aquillo, que é aquillo?
i, San João a caçar um grillo.

h San João, d'onde vindes,
ela calma sem chapeu?
—Venho de ver as fogueiras
Que me fizeram no ceu.

h meu rico San João,
'onde vindes orvalhado?
—Venho do Rio Jordão
e fazer um baptisado.

Oh que lindo baptisado
Se fez no Rio Jordão:
San João baptisou Christo
Christo baptisou João.

Não ê nada, não é nada, não é nada!
Ai, San João a comer pescada.

San João á minha porta,
Eu não tenho que lhe dar;
Dou-lhe uma canninha verde,
Para pôr no seu altar.

'Té os moiros da Moirama
Festejam o San João,
Quando os moiros o festejam,
Que fará quem é christão!

Vivam todos os ranchinhos
Das moças que aqui estão:
Ninguem deixe n'este dia
De cantar o San João.

Não é muito, não é muito, não é muito
Ai San João a comer presunto.

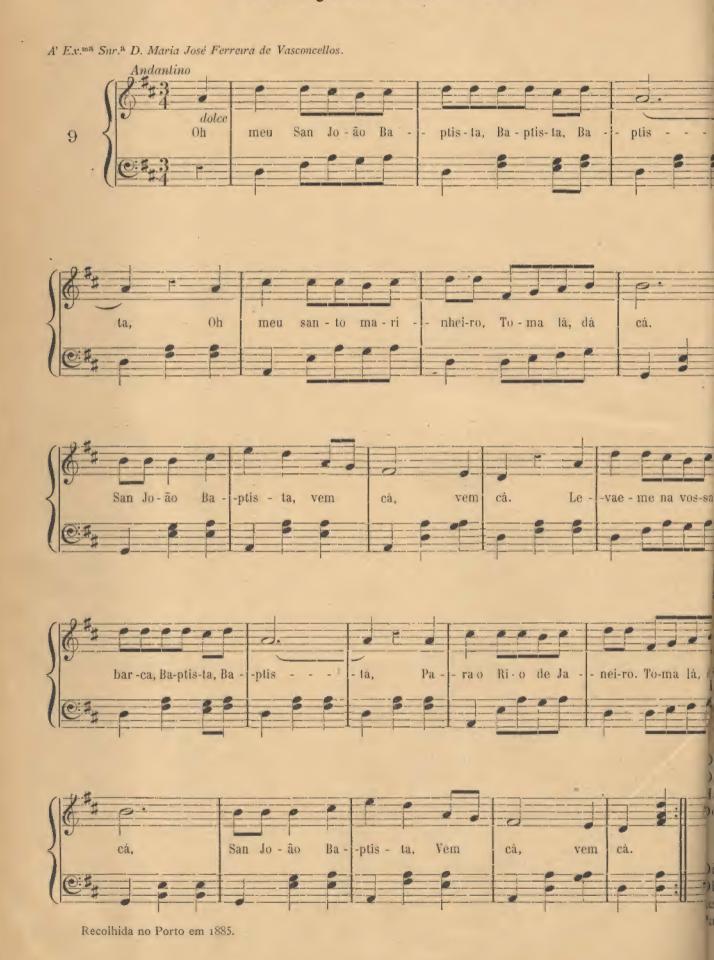
Alegrae-vos, raparigas,
E mais toda a vossa gente,
Que San João está no ceu
Gozando gloria eminente.

O San João da Lapa
Escreveu ao do Bomfim:
Que lhe mandasse dizer
Se a coisa ficava assim.*

* Esta quadra data de 1832 e é uma allusão politica ao termo das guerras civis d'aquella epocha. No Porto festejava-se o n João em tres egrejas e cada uma representava sua politica differente: na Lapa era constitucional, no Bomfim absolutista e em dofeita, republicana. Depois da convenção d'Evora-Monte appareceram estes versos em que «coisa» se refere á lucta civil.

SAN JOÃO BAPTISTA

A' Ex.ma Snr.a D. Maria José Ferreira de Vasconcellos.

Recolhida no Porto em 1885.

SAN JOÃO BAPTISTA

ui ao San João á Lapa,
a Lapa fui ao Bomfim;
stava tudo embandeirado
om bandeiras de setim.

San Pedro leva as chaves,
San João leva a palma,
Jesus que é pae de todos
a de levar a minha alma.

meu San João da Ponte,
feitado de açucenas,
sae as moças de Braga,
e alivio ás auas penas.

guei no meu San João,
vei-o para o jardim,
vei-o de pés e mãos
n auguinha de alecrim.

uem quizer curar feitiços,
me chá de herva cidreira,
lhida por uma donzella
a noite sanjoaneira.

h meu San João Baptista,
ae sardinha em demasia,
las ao vir a vossa vespera,
andae ao mar maresia.

h meu San João Baptista.
h meu Santo pequenino,
aveis de ser o compadre
o meu primeiro menino.

h meu San João Baptista,
h meu Santo Precursor,
evae-me na vossa barca
ara onde o meu amor.

Ali vem o Evangelista,
Lá por entre os olivaes,
Vae-te embora, Evangelista,
Que o Baptista póde mais.

Santo Antonio é a treze,
Por ser o santo mais nobre;
San João a vinte e quatro,
San Pedro a vinte e nove.

San João adormeceu
Debaixo da laranjeira;
Ficou coberto de flores,
San João que bem que cheira.

Sacudi do alto ceu
Nossa capella de flores,
Que n'este ramo queimado
Renasçam por meus amores.

Meia noite já é dada,
Oh meu rico San João;
N'esta noite abençoada,
Ouvi a minha oração.

Uma corôa hei de tecer,
Na noite de San João,
De cheirosa madresilva,
Da verde murta em botão.

Vamos, raparigas todas,
Ao rosmaninho que cheira,
Na noite de San João
A fazer uma fogueira.

Dançae, moças. esta noite,
Se do vosso gosto é;
Cheiram bem todas as hervas
Onde vós pondes o pé.

Na noite de San João
Muita pancada apanhei,
Por causa de uma alcachofra
Que por meu amor queimei.

Eu hei de ir ao San João,
Com viola a com pandeiro,
Se achar as portas fechadas,
Hei de bailar no terreiro.

Já tenho a vista cançada,
De tanto olhar para o limão,
A ver se elle floresce
Na noite de San João.

San João me prometteu
De me dar um bom marido,
Quando está o trigo em grão
E o limoeiro florido.

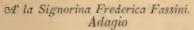
San João e o seu carneiro
Iam ambos pelo caminho;
O carneiro ia dizendo:
— Dae-me uma pinga de vinho.

O San João do Bomfim
Mandou-me agora chamar:
Que tem o seu manto rôto,
Que lh'o fosse remendar.

San João foi ao moinho
E cahiu da ponte abaixo;
Acudi-lhe, raparigas,
Que lá vae rio abaixo.

Na noite de San João
Adormeci descuidada,
Sentindo o cheiro das flores
Entre a herva rociada.

SAN JOÃO

VARIANTE DE EXTREMOZ

No altar de San João
Nascem rosas amarellas:
San João subiu ao ceu
A pedir pelas donzellas.

No altar de San João
Nascem bellas cerejeiras:
San João subiu ao ceu
A pedir pelas solteiras.

No altar de San João
Nascem rosas encarnadas:
San João subiu ao ceu
A pedir pelas casadas.

No altar de San João
Nascem rosas e esp'ranças:
San João subiu ao ceu
A pedir pelas creanças.

No altar de San João
Nascem rosas, nascem uvas:
San João subiu ao ceu
A pedir pelas pelas viuvas.

O altar de San João
E' um jardim de flores,
Enfeitado pelas moças
Com sentido nos amores.

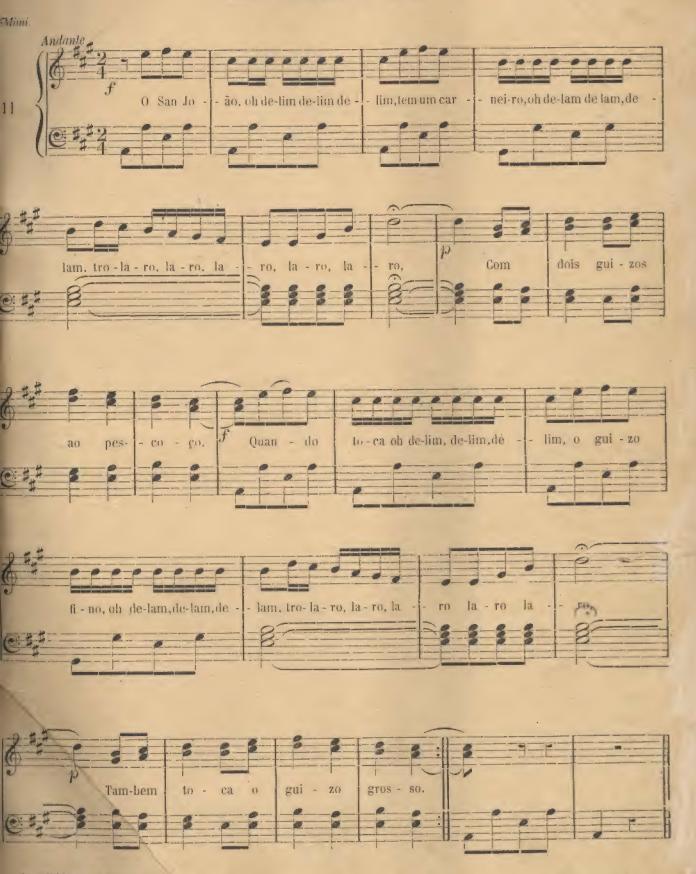
No altar de San João
Ha um vaso de açucenas,
Aonde vão os namorados
Dar alivio ás suas penas.

No altar de San João
Está um tanque d'agua fria,
Onde se lavam os anjos
E mais a Virgem Maria.

A capella do Baptista
E' de rosas encarnadas;
A capella é do santo,
O santo é das casadas.

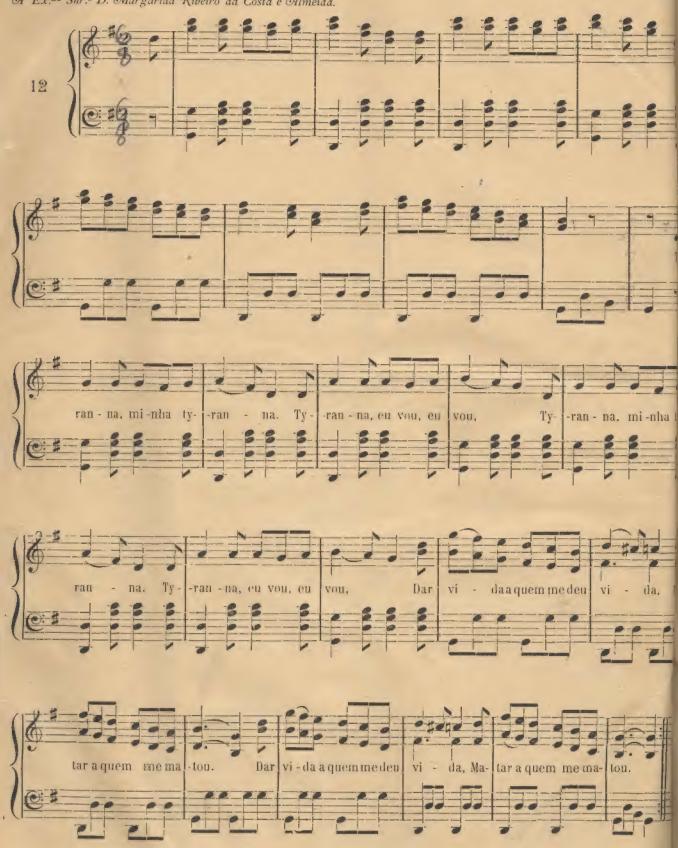
Recolhida pelo Ex.mo Snr. F. P. da Silveira.

SAN JOÃO

VERSÃO LIVRE COM VARIAÇÕES

Recolhida em Amarante.
Esta musica, demasiadamente pittoresca, é resultante das composições variadas das philarmonicas d'aldeia. O povo rude, ap-
andindo taes peças, trauteia e estribilha as variações, por imitação dos instrumentos que as tocam. N'este genero ha innumeros
diculos.

TYRANNA

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Margarida Ribeiro da Costa e Almeida.

Recolhida em Ponte do Lima, em 1891.

Dança. — Formam-se os pares em duas filas frente-a-frente. Sae e cavalheiro da extremidade de uma fila, e a dama, da tremidade da fila opposta; vão uma vez ao meio; em seguida, atravessam; voltam ao meio dando as mãos que erguem a da cabeça; dão duas voltas e tornam para o seu logar. Segue-se o par immediato, etc.

TYRANNA

Tyranna, minha tyranna;
Tyranna, eu vou, eu vou,
Dar vida a quem me deu vida,
Matar a quem me matou.

Tyranna, que, ora me matas,
Ora a vida me vaes dando,
Se me tens alguma aquella,*
Não andes vira-virando.

Ao vêr na areia as pégadas
Que tu deixaste ao passar,
Tive ciumes da onda
Que a praia as veio beijar.

Deixar de te amar não posso,
Tyranna, não posso, não,
Hão de sempre acompanhar-te
Os ais do meu coração.

Já tive dias felizes;
Assim agora os tivera;
Hoje vivo de tristezas,
Já não sou quem dantes era

Foi minha desgraça ver-te,
A primeira vez fallar-te,
Ventura foi conhecer-te,
Triste destino o amar-te.

Tyranna, já te disseram
Que eu, dormindo, suspirava?
Quem t'o disse não mentiu,
Que eu alguns suspiros dava.

Tyranna, cruel tyranna,
Tyranna, eu vi, eu vi,
Conversando á tua porta
O meu rival junto a ti.

Tyranna! com lealdade,
Guardei-te sempre respeito;
Não te mereço a desfeita,
Que fazes ao meu conceito.

Tyranna, hei de te amar,
Corra o perigo que correr
Uma vida só que tenho,
Quero por ti padecer.

Se te enfastia o querer-te,
Se é forçoso o deixar-te,
Ensina-me a aborrecer-te,
Que eu não sei senão amar-te.

Tyranna, de que me servem
Os bens que a fortuna dá?
Sem os bens tambem eu passo,
Mas sem ti quem viverá?

Quando comecei a amar-te,
Deitei sortes á ventura:
Hoje que quero deixar-te,
Já o meu mal não tem cura.

Qualquer pessoa que chegue
A possuir-te ou gosar-te,
Sera mais feliz do que eu,
Mas não é capaz d'amar-te.

* Por amizade.

TYROLANDO

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Lelia Alves Costa Braga.

Esses cabellos na testa
Mettem-te infinita graça,
Parecem meadas d'oiro
Aonde o sol se embaraça.

Fui deitar-me entre as nuvens,
Das estrellas fiz encosto;
Abracei-me a uma d'ellas,
Cuidando que era o teu rosto.

Quem me dera ser o linho
Que na roca vós fiaes;
Quem vos dera tantos beijos
Como vós no linho daes.

Tendes os cabellos louros,
Em meadas ao comprido,
Parecem meadas d'ouro,
Ao martello rebatido.

Os meus olhos, de chorarem,
Já nenhuma graça teem;
Já os tenho reprehendido
Que não chorem por ninguem.

Estes primeiros amores,
Que no mundo toma a gente,
Não sei que doçura teem,
Que duram eternamente.

Recolhida por Armando Nogueira, em 1887.

Esta musica é portugueza, e, se no estribilho da poesia apparece alguma palavra hespanhola, como succede em muitas çÕes da Beira, é provavel que esta invasão de neologismos ou extrangeirismos provenha das coloneas balneares que da Hesp concorrem ás nossas praias.

Dança.—Os pares passeiam em roda, de braço dado, os primeiros oito compassos. Em seguida as damas dão o braço di ao braço direito dos cavalheiros; executam uma volta (quatro compassos) e passam ao cavalheiro immediato, com o qual effect outra volta, seguindo como no principio.

A MANHÃ VAE RINDO

ANDANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Soares da Costa.

Recolhida em Carvalhaes de Gondolim, em 1892.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres:
Quando o sol promette prendas,
Que fará quem tem amores.

Vamos seguindo
Por esses campos fóra,
Que a manhã vae rindo
Nos labios d'aurora.

As estrellas pequeninas
Fazem o ceu bem composto;
Assim são os signaes pretos,
Menina, n'esse teu rosto.

O sol é a caixa d'ouro,
A lua é a fechadura,
As estrellas são as chaves
Que fecham minha ventura.

Se os campos todos fallassem,
Que diriam os rochedos?
Então se descobririam
Nossos primeiros segredos.

Se estas arvores fallassem,
Qualquer d'ellas te diria
Que a cantar por ti chamava,
Que a chorar por ti vivia.

Os corações não se vendem,
São cousas d'alto valor,
Não se vendem por dinheiro,
Rendem-se á força do amor.

Oh rapazes e cachopas,
Vêde lá por onde andaes;
Que a honra é como o vidro,
Se quebra, não pega mais.

Esta musica, cuja fórma é de contradança dividida em duas partes distinctas, sendo a primeira em menor e a segunda no maior, applica-a o povo como marcha. Os cavalheiros dão o braço á dama quando caminham, ou marcham em filas de tres ou quatro pares, unindo-se o mais proximo possivel para que as vozes concertem bem.

FADO DAS SALAS

A' Ex.ma Snr.a D. Maria Caldas.

MOTE

me, ingrata, aqui morrer,
sepultura vae pór
a lettra em cada canto,
M, O, R, amor.

GLOSA

era, detem-te, ingrata,
senceia a minha morte,
e n'este horrivel transporte
meu amor quem me mata.
or é quem desbarata
nha existencia, meu ser;
que podeste accender
já quasi extincta chamma,
o desampares quem ama,
é-me, *ingrata, aqui morrer.*

Quando os olhos se fecharem,
N'esses momentos finaes,
E, quando sombras fataes
Em meu rosto revoarem;
Quando amigos me levarem,
Ao logar de pranto e dôr,
Tu, armada de valor,
Faze o que sempre roguei:
Um signal de que te amei
Na sepultura vae pôr.

Empunha agudo cinzel,
N'aquelle triste logar,
E quando a dôr te dictar,
Escreve com mão fiel;
Mas, se lembrança cruel
Te arrancar amargo pranto,
Não graves na pedra tanto,
Inscripções tão enfadonhas,
Basta, ingrata, que lhe ponhas
Uma lettra em cada canto.

Como ali jaz sepultado
Quem com ternura te amou,
Quem toda a vida penou;
Por merecer teu agrado,
Diga o letreiro gravado
Que ali jaz um amador:
Cause tristeza a quem fôr
Indagar a pedra dura,
E leia na sepultura
A, M, O, R, amor.

MIGUEL ANTONIO DE BARROS

Poeta bracarense do principio d'este seculo.

A musica do fado, já não é hoje, como foi outr'ora, considerada *musica torpe e obscena*, propria só das viellas e dos antros vicio, onde a maruja e a soldadesca embriagada, tangiam brutalmente em banzas immundas, acompanhando-a com indecorosos rsos e batiam com danças lascivas.

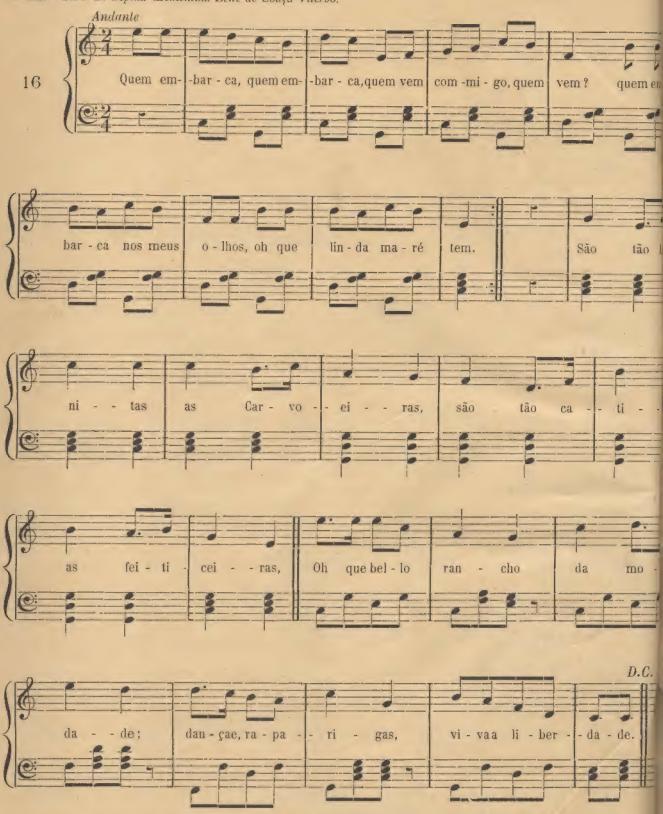
Ha quarenta annos já se faziam fados especiaes, ou para narrar crimes ou algum escandalo amoroso, satyrizar homens celees ou politicos importantes, ou para rebaixar homens altamente collocados, ou para ridicularizar corporações respeitaveis, ou ra descompor qualquer sujeito. Eis um exemplo: o fallecido jornalista e poeta satyrico Urbano Loureiro, comparando um dia, no u jornal a «Lucta», os versos d'um escriptor nosso contemporaneo, aos fados do Marcolino (um pobre musico ambulante, improvisador de fados), este sabendo da comparação, procurou o jornalista n'um estabelecimento da rua de Santo Antonio, que elle stumava frequentar e deixou-lhe o seguinte recado: — «Diga a esse snr. Urbanes Loureiro que se me torna, na sua gazeta, a mparar a esse outro snr. poeta, eu faço-lhe um fado que o... arrazo.»

Purificada na agua lustral da civilisação, a monotona musica dos fados, alegre ou sentimental, ingenua ou luxuriante, já não fende os castos ouvidos do bello sexo, que a perfuma sob seus dedos sem se roborisar de pudor, porque essas simples melodias o maculam as candidas rosas da sua alma pura. E' que a ideia do seu ponto de partida tem sido substituida pela assimilação do cio e pelo sentimento artistico, que despreza a materialidade da sua primitiva applicação e a propria poesia sensualista.

O grande numero de fados, quasi todos variantes uns dos outros, que se improvisam todos os dias, não são mais que uma pecie de *passa-calle, lento,* de musica caracteristicamente portugueza: a muitos d'elles nunca os seus auctores applicaram lettra.

AS CARVOEIRAS

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Sophia Clementina Leite de Souza Viterbo.

Recolhida na Figueira da Foz, em 1891, por F. P. Nogueira.

As Carvoeiras, denominação d'uma philarmonica que, no antigo largo das Carvoeiras, na Figueira da Foz, costuma to… occasião das festas do San João. Um rancho de raparigas e rapazes cantava e dançava alli, em 1891, em um palanque, esta… que se popularisou em todo o paiz. Esta musica não é puramente d'origem popular, mas apropriada.

Dança. — Nos primeiros oito compassos os pares de mãos dadas, em grande roda, giram sobre a direita e repetem, … sobre a esquerda; nos seguintes oito compassos largam as mãos, e damas e cavalheiros, marcham uns atraz dos outros, bat… palmas a tempo; nos ultimos oito compassos os cavalheiros tomam as damas e dançam em passo de polka.

AS CARVOEIRAS

Quem embarca? quem embarca?
Quem vem commigo? quem vem?
Quem embarca nos meus olhos?
Oh que linda maré tem!

São tão bonitas
As Carvoeiras!
São tão catitas
As feiticeiras!
Oh que bello rancho
Da mocidade!
Dançae, raparigas!
Viva a liberdade!

Liberdade, liberdade!
Quem a tem chama-lhe sua:
Eu não tenho liberdade
Nem de pôr os pés na rua.

Para ser bonita e bella,
Não preciso andar ornada;
Basta o marfim dos meus dentes,
Não tenho inveja de nada.

Puz-me a contar as estrellas,
Só a do norte deixei;
Por ser a mais pequenina,
Eu comtigo a comparei.

Liberdade, liberdade!
Quem a tem chama-lhe bella;
Eu não tenho liberdade
Nem de chegar á janella.

Não tenho inveja de nada,
Nem da corôa da rainha:
Não ha no mundo quem tenha
Uma trança egual á minha.

A côr parda é excellente,
E a branca muito fina,
Mas tambem ha muita gente
Que á morêna se inclina.

Tudo o que é verde se secca,
Na maior *zina* do verão;
Tudo que secca renova,
Só a mocidade não.

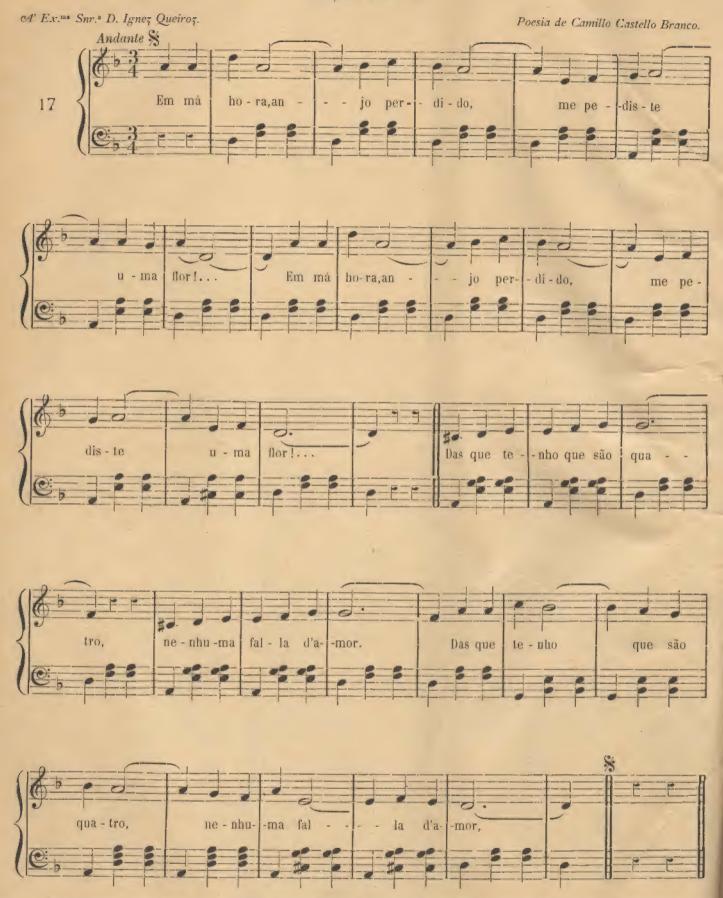
Eu adoro a Deus no ceu,
Os santos, em seu altar,
E ao meu amor, na terra:
Não tenho mais que adorar.

O mar pediu a Deus peixes,
Os peixes, a Deus altura,
Os homens, a liberdade,
As mulheres, a formosura.

QUERES A FLOR?

CANÇÃO DO PORTO

A' Ex.ma Snr.a D. Ignez Queiroz.

Poesia de Camillo Castello Branco.

Esta musica appareceu na dicção popular, immediatamente á publicação da poesia, e tornou-se popularissima. Foram os cegos que a propagaram por todo o paiz, acompanhando-a com rebeca e violão.

QUERES A FLOR?

Em má hora, anjo perdido,
Me pediste uma flôr!. . .
Das que tenho, que são quatro,
Nenhuma falla d'amor.

A primeira é a *saudade*
Cujo espinho atravessou
O coração, que a regara
Com pranto, que ella seccou.

A segunda é um *martyrio*
Qne me deram quando amei. . .
Foi-me caro!. . . é um thesouro
Que por lagrimas comprei.

A terceira é dos sepulchros,
É um *goivo*. . . não t'o dou!. . .
Fui colhel-o ao cemiterio. . .
Entre mortos vegetou!

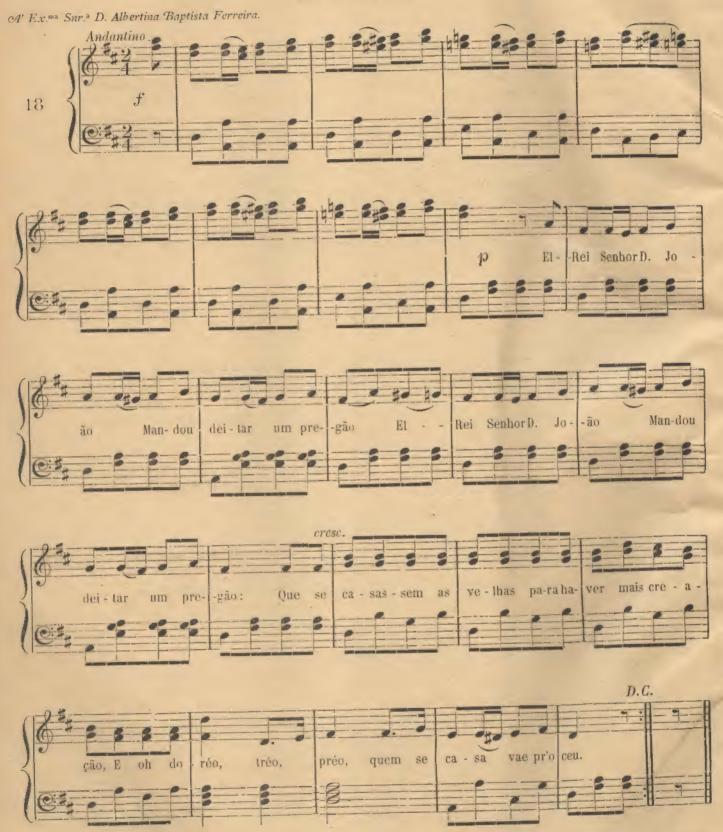
A quarta. . . sim. . . dou-te a quarta,
É uma *rosa*. . . mas olha. . .
Se eu morrer, e tu sentires,
Na minha campa a desfolha. . .

Esta poesia encontra-se no livro de Camillo Castello Branco *Inspirações*, e é datada de 5 d'abril de 1851.

OH DO RÉO, TRÉO, PRÉO!

OU

AH, AH, AH, D. JOSÉ!

CANTIGA DAS RUAS

Esta musica é puramente hespanhola e parece ser trazida para Portugal no tempo da guerra peninsular. Ouvimos, na nossa infancia, tocal-a muitas vezes, da fórma que a deixamos escripta, por grupos de musicos hespanhoes, que então abundavam no nosso paiz.

OH DO RÉO, TRÉO, PRÉO!

El-rei, Senhor D. João,
Mandou deitar um pregão:
Que se casassem as velhas
Para haver mais creação.

Oh do réo, tréo, préo!
Quem se casa vae p'ra o ceu!

As velhas lhe responderam
Nas costas da petição:
—Porque não casaes as novas?!
Terra velha não dá pão.

Oh do réo, tréo, préo!
Quem se casa vae p'ra o ceu!

Com a musica d'esta cantiga, cantava-se, em 1846-1847, a seguinte lettra que tinha allusão aos factos politicos d'aquella epocha:

AH, AH, AH, D. JOSÉ!

O Saldanha quer ser rei:
A mulher quer ser rainha;
Mas hão de ir governar
Nos aloques da Biquinha. (1)

Ah, ah, ah, D. José (Gocé) (2)
Caramba, mire usté!

O Saldanha já mandou
Suas tropas retirar,
Porque tem medo da fome,
E a palha está-se a acabar. (3)

A's portas da capital
Está um chafariz de vidro:
Onde o Cabral vae chorar
Lagrimas de arrependido. (4)

Já lá vem o inglez,
Das portas de Santarem,
De preparar os pasteis,
Mas pasteis não nos convem. (5)

Ah, ah, ah, D. José (Gocé)
Caramba, miré usté!

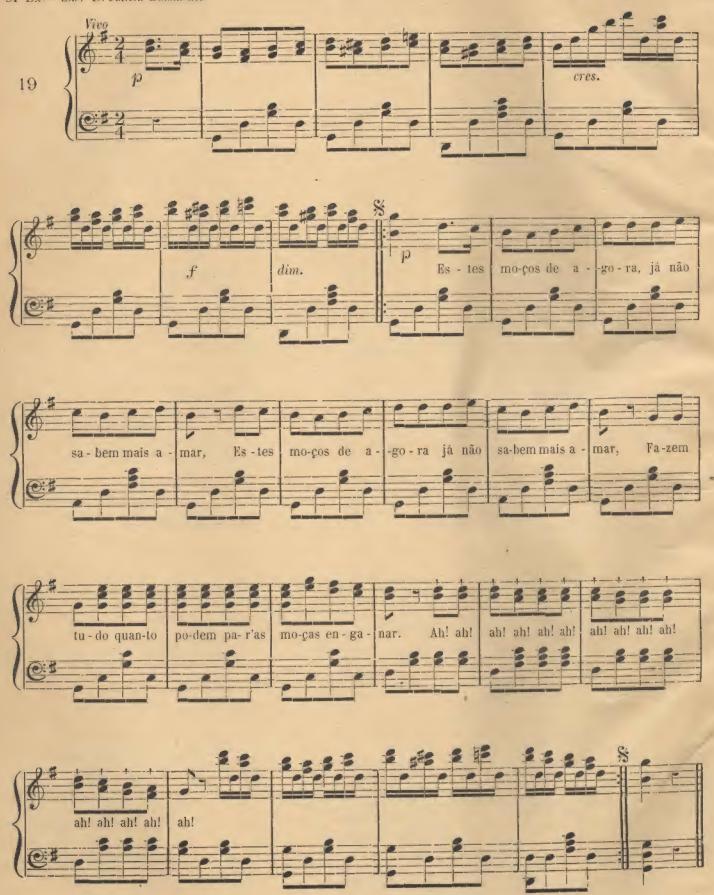
Já lá vae para Hespanha
A divisão do Casal; (6)
Deus a leve em boa hora,
Que não volte a Portugal.

A rainha não conhece
O seu povo verdadeiro,
Só conhece os Cabraes
Que nos roubam o dinheiro.

(1) Aloques eram uns tanques de curtir sola, que ultimamente serviam para depositos das immundicies, na cidade do Porto. na intransitavel rua da Biquinha, com o seu immundo Rio da Villa, hoje substituida pela rua do Mousinho da Silveira.
(2) O generál D. José de la Concha, depois marquez del Duero, commandante da divisão hespanhola que veio a Portugal em 1847.
(3) Ambiguidade pittoresca, que tem relação com a cavallaria.
(4) Refere-se á legação e esquadra ingleza.
(5) Refere-se á intervenção diplomatica ingleza que propunha um ministerio mixto para conciliação das facções politicas em 1847.
(6) O general conde de Cazal que em Dezembro de 1847 atacou Braga.

ESTES MOÇOS DE AGORA

LUNDUM DE PORTO ALEGRE, BRAZIL

A' Ex.ma Snr.a D. Julieta Guimarães.

ESTES MOÇOS DE AGORA

Estes moços de agora
Já não sabem mais amar,
Fazem tudo quanto podem
Par'as moças enganar!

Ah! ah! ah!

Bandalheiros inconstantes,
Só querem pagodiar;
Namoram a todas ellas
Para o seu tempo passar!

Estes moços de agora
Só desejam especular,
Procuram só moças ricas
Para má vida lhes dar!

Estes moços de agora
Só nos querem enganar,
Façamos nós outro tanto
Para a taboa todos dar!

Estes moços de agora
Sentimentos já não tem,
Fazem-nos promessas falsas
Dizendo que querem bem!

Ah! ah! ah!

Estes moços de agora
O seu prazer é mentir,
Fingem tudo quanto podem
Para melhor conseguir!

Estes moços de agora
A vergonha já perderam,
Da ronha e da maldade
Já todo o succo beberam!

Estes moços de agora
Não merecem compaixão,
Uns entes tão abjectos
Devem estar na correção.

OH PRETO, OH PRETA

CANTIGA DAS RUAS

A' Ex.ma Snr.a D. Francellina Campos Pinto.

Allegretto

20

f

Oh pre-to, oh pre - ta, la do Bi - -hé, jo - gas as car - tas co'o chim-pan - zé. Re-al

p

Se - -nhor, eu vou pas - -san - do, En-cos - ta - do á ba - na - -nei - ra; diz o pre-to pa - ra a pre - ta 'stá bo - -ni - ta a brin - ca - dei - ra.

D.C

Oh preto, oh preta, Lá do Bihé, Jogas as cartas C'o chimpanzé.	Oh preto, oh preta, Do Ronhónhó, Jogas as cartas Com teu sinhó.	Oh preto, oh preta, Lá do sertão, Jogas as cartas Com teu patrão.	Oh preto, oh preta, De Moçambique, Tem mão no barco Que vae a pique.

Esta cantiga appareceu em 1890, quando os inglezes tratavam de nos empolgar varios terrenos em Africa.

SÓ HA PAPEL EM PORTUGAL

Quando em 1891 se deu a grande crise monetaria, sendo substituido o metal por cedulas de papel da Camara do Porto, do Banco de Portugal e da Casa da Moeda, o povo improvisou esta cantiga.

DUZENTOS GALLEGOS

AMPHIGURI

Á Ex.ma Snr.a D. Aurelina Guimarães.

Duzentos gallegos
Não fazem um homem,
Tudo o que elles comem
Meu dinheiro teu dinheiro;
Homem trapaceiro
Arriscado anda,
Na sua demanda
Não fez o que o rei mandou;
Já se lhe pagou,
A'quelle tunante;
Se elle é estudante
Alfinetes são amores;

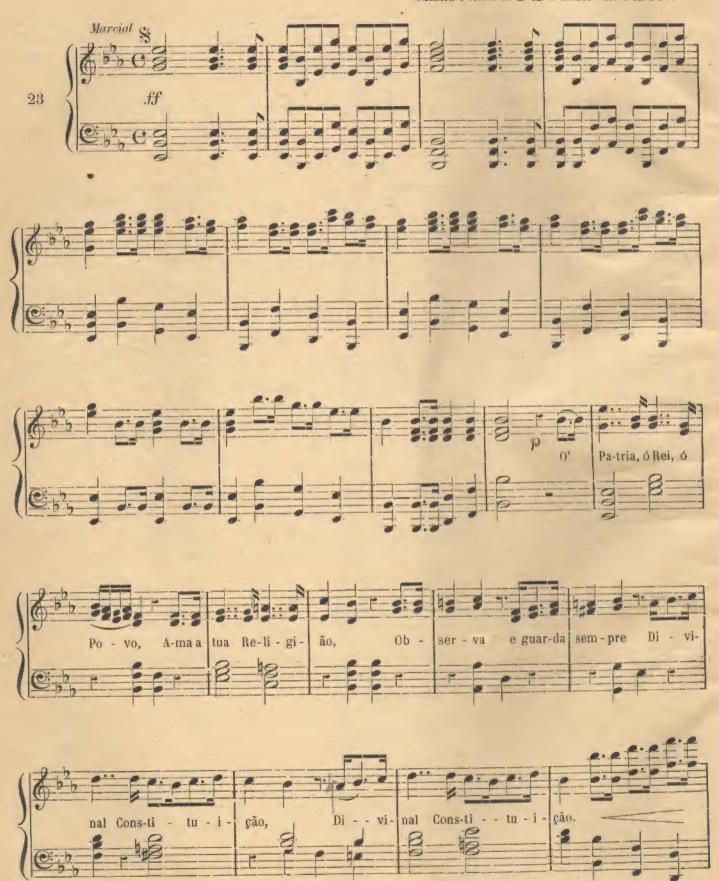
Sinto grandes dôres
De te vêr ausente;
Se tu estás doente
Meio mundo patarata;
Tudo se arremata
Na real fragata;
A preta na praia
Tambem vende mexilhão,
O pinhão, pinhão,
Tambem vende fava rica,
E da sua quica
Faz um mealheiro;

Quem tiver dinheiro
Eu lh'o guardarei;
Grito aqui-del-rei
Não ha quem me accuda;
Meu amor carcunda
Lá vae para o deserto;
Está o ceu aberto
P'ra te vêr, menina,
Ir de sala em sala,
Da sala á cosinha,
E no meio da sala
Dar uma voltinha.

Esta cantiga das ruas appareceu em 1846 a 1847, por occasião das luctas civis do povo com o governo de D. Maria II.

HYMNO NACIONAL

ADOPTADO POR S. M. O SENHOR D. CARLOS I

Musica e lettra de S. M. o Senhor D. Pedro IV.

O' Patria. ó Rei, ó Povo,
Ama a tua Religião,
Observa e guarda sempre
Divinal Constituição.

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

Oh com quanto desafogo,
Na commum agitação,
Dá vigor ás almas todas
Divinal Constituição!

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

Venturosos nós seremos
Em perfeita união,
Tendo sempre em vista todos
Divinal Constituição.

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

A verdade não se offusca,
O Rei não s'engana, não:
Proclamemos, portuguezes,
Divinal Constituição.

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

Possuimos um exemplar da folha volante em que esta poesia foi impressa com o seguinte titulo: *Hymno Imperial Constitucional* da composição do Senhor D. Pedro, em 1822.

Ha varias edições da musica d'este hymno, phantasiadas e com variações horriveis, talvez na intenção de lisongear o author a quem eram dedicadas.

Depois de 1826 denominou-se este hymno vulgarmente: *Hymno da Carta.*

Este hymno foi depois considerado officialmente como *Hymno Nacional*, e por isso obrigatorio em todas as solemnidades publicas.

NA ACCLAMAÇÃO DA RAINHA D. MARIA II

Finda a guerra civil, foi a seguinte poesia cantada com a musica do hymno da Carta.

Quanto, ó Pedro generoso,
Te deve a luza nação!
Por teu valor possuimos
Liberal constituição.

Viva, viva, viva Pedro,
Viva a santa religião,
Viva Maria segunda,
Liberal constituição.

Parabens, ó portuguezes:
Acabou a escravidão;
Só reina, só rege o povo
Liberal constituição.

Dos ferros do captiveiro
Surge altiva uma nação;
Lysia é livre e já proclama
Liberal constituição.

Já na patria libertada
Fluctua novo pendão,
Nossos males só extingue
Liberal constituição.

De verdes laureis c'roado,
Inda ao fogo do canhão,
Gravou Pedro em letras d'ouro
Liberal constituição.

A musica do hymno constitucional serviu para muitas outras poesias e allusões particulares.

CANTIGAS DAS RUAS

com a mesma musica

Venha a peste, fome e guerra,
E alguma excommunhão,
Sobre aquelles que não querem
Liberal constituição.

De um polo a outro polo
Retumbou forte trovão,
Quando Pedro deu aos luzos
Liberal constituição.

D. Pedro subiu ao ceu
Co'um requerimento na mão,
O Senhor lh'o despachou,
Liberal constituição.

Se todos os homens quizessem
Ouvir a nossa razão,
Levariamos ao fim do mundo
Liberal constituição.

Tremeu toda a fradaria,
Deu no Papa uma sezão,
Quando Pedro deu aos luzos
Liberal constituição.

O actual monarcha o Senhor D. Carlos I adoptou tambem para si o hymno da Carta, na vespera da sua acclamação, em consequencia de se ter reconhecido que um hymno que lhe fôra dedicado, e que já estava distribuido pelas bandas marciaes, era uma composição idiota e vil.

Quando S. M. em 1892 visitou o norte do paiz, os alumnos das aulas de musica do lyceu da Ordem do Carmo do Porto, na visita que S. M. fez áquella Veneravel Ordem, entoaram no hymno, á falta de outra melhor, a seguinte lettra que escrevi e que se popularisou n'aquella occasião.

Salvé, ó Rei, Carlos Primeiro!
Tronco egregio de Bragança!
D'este povo que vos ama,
Sois, ó Rei, a nova esperança!

Esse gladio que herdaste
De Affonso Henrique e Aviz:
E' o phanal autonomico
Do nosso querido paiz.

N'este preito de homenagem
Que o povo tributa ao Rei:
Jura amor, fidelidade,
A Deus, á Patria e á Lei...

Viva o Rei, Carlos Primerio,
Viva a Familia Real,
Viva a patria independente,
Viva, viva Portugal!

Cezar das Neves.

MARIA PAULA

DESCANTE

Á Ex.^ma Snr.ª D. Helena Castro de Loureiro.

Oliveira pequenina,
Que azeitona póde dar?
Tambem eu sou pequenina,
Mas sou firme no amar.

Oh Maria Paula,
Olha a Candidinha,
Que se vae embora
E eu fico sósinha.

A oliveira é a paz
Que se dá aos bem casados;
A palma aos sacerdotes,
Alecrim aos namorados.

Amar e saber amar
Qualquer amante faz isso:
Mas amar com lealdade
Só eu nasci para isso.

A oliveira pequena
Tambem dá pequena sombra;
Ainda que eu seja pequena,
Você commigo não zomba.

Amar e saber amar
Isso faz qualquer amante;
Amar depois de offendida
Só eu porque sou constante.

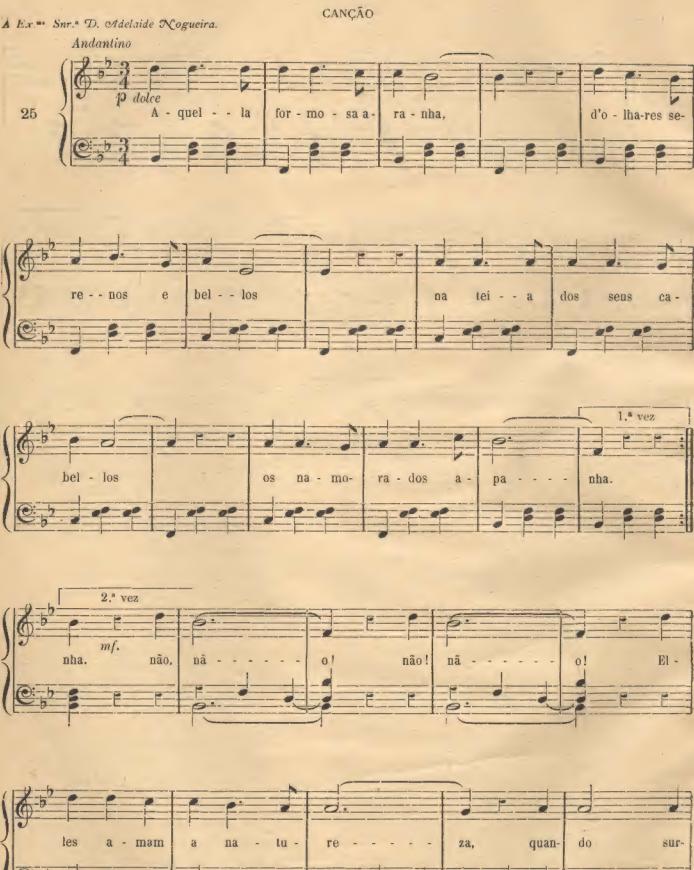
Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Os que amam não têm conta,
Os que sabem são contados.

A folha da oliveira
Deitada no lume, estalla;
Assim é meu coração
Quando comtigo não falla.

Recolhida em Chaves, em 1888, por F. P. Nogueira.

ALVORADA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Adelaide Nogueira.

Recolhida em Leiria, em 1890, por F. Pinto Nogueira.

Aquella formosa «aranha»
De olhares serenos e bellos,
Na teia dos seus cabellos
Os namorados apanha.

Não! Elles amam a natureza
Quando surge embriagada!
Vão a sós para a deveza
Ao *champagne* da alvorada.

E emquanto que elles, os loucos,
Mandam-lhes os ternos cantares,
Nas chammas dos seus olhares
Abraza-os a aranha aos poucos.

E ri-se... dos seus carinhos
E faz-lhe troça... de beijos!
A provocar-lhe os desejos
Com o piscar dos olhinhos!...

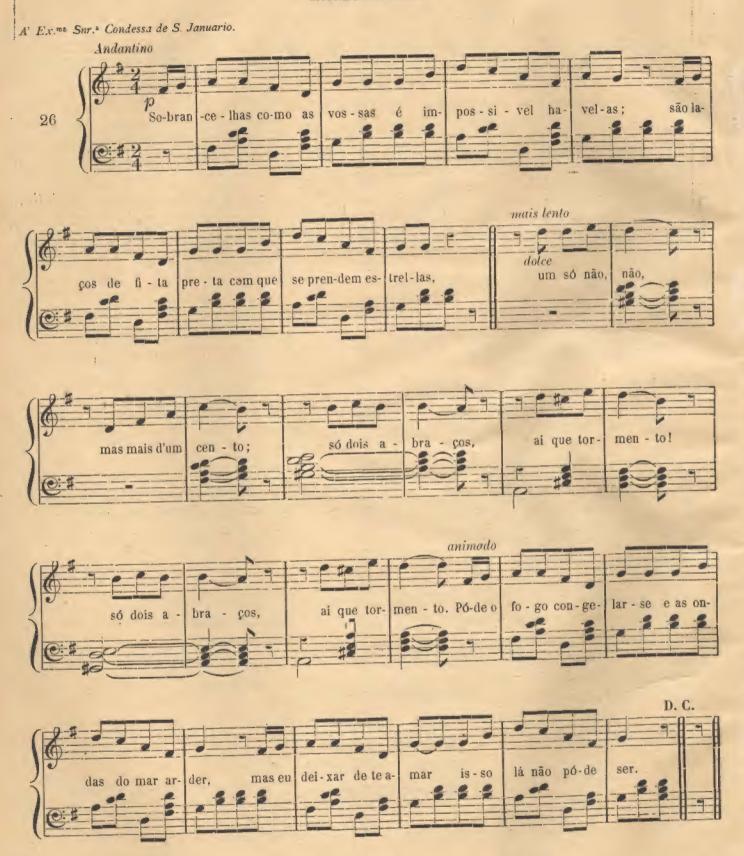
Ás vezes ella desata
Uma rosea flor da trança,
E sorrindo, a pobre, a lança
No branco lago de prata.

Então elles animados
Pelas promessas de amor,
Vão collocar outra flor
Nos cabellos perfumados.

E assim a formosa «aranha»
De olhares serenos e bellos
Na teia dos seus cabellos
Os namorados apanha.

Esta poesia é composição litteraria moderna: parece referir-se *(aquella formosa aranha)* aos primeiros alvores do dia e aos raios do sol, que abrazam os *loucos* que são, certamente, os namorados passarinhos que amam a natureza, etc. Temos pena de não conhecer o author para nos explicar todas estas figuras por meudo.

PODE O FOGO CONGELAR-SE

CHOREOGRAPHICA

Recolhida em Oliveira do Conhedo, em 1880, por F. P. Nogueira.

DANÇA.—Nos primeiros oito compassos os pares giram, formados em grande roda; nos doze compassos seguintes do estribilho, quando dizem *um só não, não*, vira-se o cavalheiro para a sua dama; e quando dizem *mas mais d'um cento*, vira-se para a dama da esquerda; quando dizem *só dois abraços*, abraça a dama; e quando dizem *ai que tormento*, voltam-se para o lado constrangidos. Os ultimos oito compassos são como o *grand chaine*.

PODE O FOGO CONGELAR-SE

Sobrancelhas como as vossas
E' impossivel havel-as,
São laços de fita preta
Com que se prendem estrellas.

Uma só não, não,
Mas mais d'um cento;
Só dois abraços,
Ai que tormento!

Póde o fogo congelar-se,
E as ondas do mar arder;
Mas eu deixar de te amar
Isso lá não póde ser.

Oh que janella tão alta,
Mais alto vae meu intento;
Quem me dera pôr os olhos
Onde tenho o pensamento.

D'aqui onde estou bem vejo
Duas meninas ao sol;
Namorei-me da mais moça
Com licença da maior.

Oh minha bella menina,
Quanto tenho te darei!
Darei-te a vista dos olhos,
Cego por ti andarei.

Fui á fonte beber agua
Debaixo da flor da murta;
Fui só por vêr os teus olhos,
Que a sede não era muita.

Perguntae ao sol se viu,
A' lua se conheceu,
A's estrellas se encontraram
Amor mais firme que o meu.

Quem nos vir sempre juntinhos
Nossa sorte ha de invejar,
Ou inveje ou não inveje,
Eu sem ti não posso estar.

As estrellas do ceu correm
Todas n'uma carreirinha,
Assim os amores correm
Da tua mão para a minha.

Puz-me a contar as estrellas,
Só a do norte deixei;
Por ser a mais pequenina
Eu comtigo a comparei.

Esses teus olhos, menina,
São dois vasos de alegria;
Amal-os 'inda não pude,
Deixal-os 'inda não queria.

Tendes o pé pequenino
Do tamanho d'um vintem:
Podia calçar de prata
Quem tão pequeno pé tem.

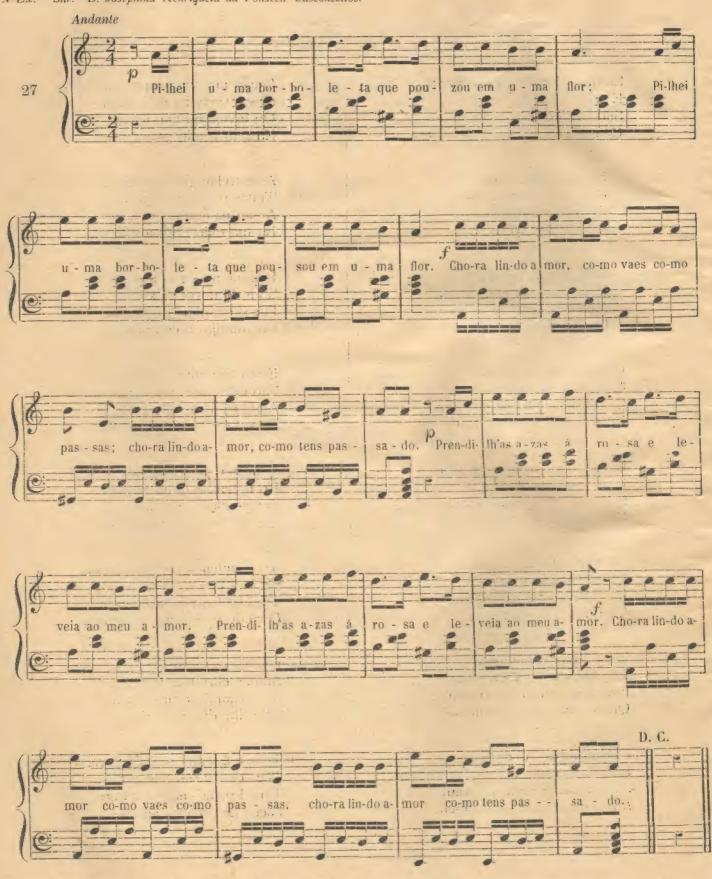
Teus cabellos me prenderam,
Os teus olhos me mataram,
Teus lindos pés me fugiram
Quando morto me deixaram.

Os vossos labios, menina,
Ambos elles tem virtude,
Em beijando a um doente
Logo lhe dão a saude.

Tuas mãos brancas de neve,
Teus dedos são lindas flores,
Teus braços cadeias d'ouro,
Laços de prender amores.

CHORA LINDO AMOR

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Josephina Henriqueta da Fonseca Vasconcellos.

Dança.—Formam os pares em roda, e assim giram; no estribilho *Chora lindo amor*, etc, abraçam-se e continuam dançando

CHORA, LINDO AMOR

Pilhei uma borboleta
Que pousou n'uma flor,
Prendi-lhe as azas á rosa,
E levei-a ao meu amor.

Chora, lindo amor,
Como vaes, como passas;
Chora, lindo amor,
Como tens passado?

Fui ao jardim ás flores
Apanhei quantas eu quiz;
Encontrei os meus amores,
Oh que momento feliz!

Fui ao jardim ás flores
Apanhei quantas havia;
Só me faltou um suspiro
Que por ti dei algum dia.

Fui ao jardim passear,
Não achei o meu amor;
Achei o retrato d'elle
Na mais delicada flor.

Fui ao jardim ás flores,
Achei o jardim fechado;
Até as flores se fecham
Ao mesquinho desgraçado.

Oh rosa, já hoje em dia
Quem mais faz menos merecê;
A terra é quem nos cria,
Deus do ceu quem nos conhece.

Nada tenho que te dar
Do jardim d'este meu peito;
Só uma flor bem bonita
Que se chama amor perfeito.

Já não tenho coração
Que m'o tiraram do peito,
No logar onde elle estava,
Nasceu um amor perfeito.

As flores do meu jardim,
De encarnadas aborrecem,
Não se dão a quem as pede,
Só sim a quem as merece.

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar que estás bem,
Assim fresca e regalada
A' sombra de tua mãe.

Eu fui ao jardim ás flores,
Apanhei d'umas e d'outras;
Encontrei o meu amor:
D'estas venturas ha poucas.

Nem a rosa da roseira,
Nem outra qualquer flor,
Nem a primavera inteira
Vale mais que o meu amor.

Rosa que estás na roseira
Deixa-te estar fechadinha;
Que eu vou para muito longe,
Quando voltar serás minha.

ADELAIDINHA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Armanda Carneiro Peixoto.

28

Já morreu a Adelaidinha,
Já lá vae p'r'a sepultura,
A quem deixaria ella
O cestinho da costura?

O cestinho da costura;
Deixou-o a uma prima minha;
Que lhe rezasse por alma,
Por alma da Adelaidinha.

Já morreu a Adelaidinha,
Já lá vae no seu caixão;
A quem deixaria ella
O seu lenço d'algodão.

O seu lenço d'algodão
Deixou-o a Nossa Senhora
Para que ella lhe valesse
Na sua ultima hora.

Já morreu a Adelaidinha
Já lá vae a enterrar;
A quem deixaria ella
O estojo de bordar?

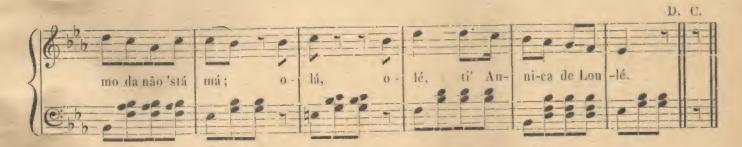
O estojo de bordar
Deixou-o a minha mana,
Para lhe rezar por alma
Uma vez cada semana.

Já morreu a Adelaidinha,
Já lá vae toda bonita;
A quem deixaria ella
O seu vestido de chita?

O seu vestido de chita
Deu-o a uma pobresinha
Para lhe rezar por alma
Mais uma Salve-Rainha.

TIA ANNICA DE LOULÉ

CANTIGA

À Ex. Snr. D. Maria Aurora da Fonseca.

Ti' Annica, ti' Annica,
Ti' Annica de Loulé;
A quem deixaria ella
A barra do cachiné. (1)

Olé olá,
Esta moda não está má;
Olá, olé,
Ti' Annica de Loulé.

Ti' Annica, ti' Annica,
Ti' Annica de Fuseta;
A quem deixaria ella
A barra da saia preta.

Ti' Annica, ti' Annica,
Ti' Annica d'Aljezur;
A quem deixaria ella
A barra da saia azul.

Olé, olá,
Está moda não está má;
Olá, olé,
Ti' Annica de Loulé.

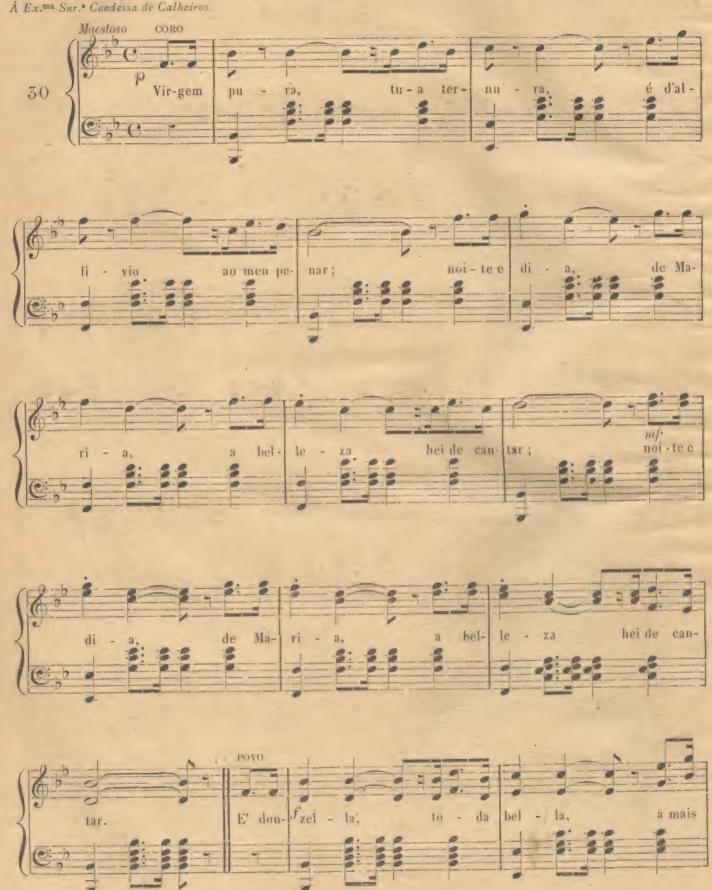
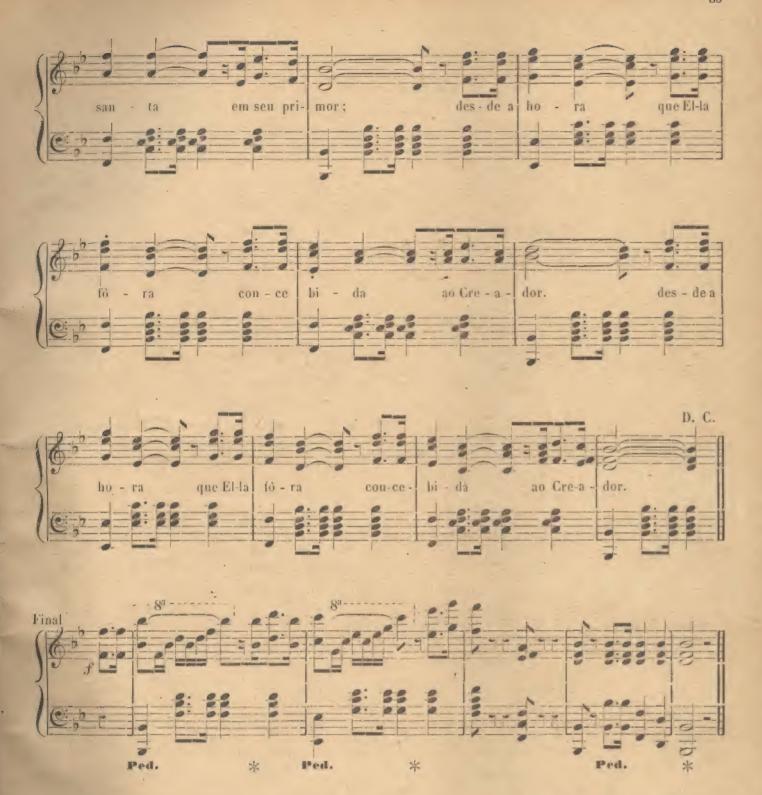
Ti' Annica, ti' Annica,
Ti' Annica d'Alportel;
A quem deixaria ella
A barra do seu mantel.

Recolhida em Loulé, Algarve, pelo dignissimo official do exercito, o Ex.mo Snr. F. F. da Silveira

(1) Corrupção do francez *cache-nez*.

VIRGEM PURA

HYMNO RELIGIOSO

Á Ex.ma Snr.a Condessa de Calheiros.

A musica d'este hymno, e a poesia, são duas producções mimosas, felizmente inspiradas, do que muito se devem orgulhar os seus authores anonymos. Se a concepção é sublime no ideal poetico, a phrase musical, curta e de uma simplicidade candida, a auxilia a elevar nossa alma ao mysticismo contemplativo. E' pena que o povo na sua rudeza lhe dê uma interpretação defeituosa, ligando o tempo forte ao tempo brando no final de cada phrase em logar de destacar o primeiro tempo e syncopar o segundo, como em rigor deve ser.

Este hymno appareceu por occasião das primeiras perigrinações a Lourdes e logo se popularisou por todo o paiz. Actualmente canta-se em todas as egrejas onde se solemnisa o SS Coração de Maria, e por isso o denominam *hymno do Mez de Maria*; em Braga, porém, denominam-o *hymno da Senhora do Sameiro*, porque foi ao cantico d'este hymno, entoado por mais de trinta mil vozes com acompanhamento de instrumentos de sopro, que desfilou de Braga a procissão que conduziu ao monte Sameiro a collossal memoria de granito a Nossa Senhora, em 1879, e que um raio, pouco tempo depois, teve a irreverencia de partir. Fez-se nova memoria e segunda perigrinação ao Sameiro, mas não foi tão imponente como a primeira.

VIRGEM PURA

CORO

Virgem pura—tua ternura
E' d'allivio—ao meu penar;
Noite e dia—de Maria
A belleza—hei de cantar.

POVO

E' donzella—toda bella
A mais santa—em seu primor;
Desde a hora—que ella fôra
Concebida—ao Creador.

CORO

Foi creada—abençoada
Sem peccado—e escravidão;
Foi querida—do Céo, enchida
De mil graças—de benção.

POVO

Da inimiga—serpe antiga
A cabeça—Ella pisou;
Foi sua gloria—sua victoria,
Que seu Filho—lhe alcançou.

CORO

Do divino—seu Menino
Toda a graça—Ella nos dá;
Mãe piedosa—carinhosa
Nos olhando—sempre está.

POVO

Aos pedidos—dos queridos
Abre o terno—coração;
Ao gemido—do afflígido
Ella é toda—compaixão.

CORO

Aos errantes—navegantes
Ella accode—no alto mar;
Peccadores—dos terrores
Ella guia-vos—a esperar.

POVO

Sobre a cama—aonde a chama
A voz perto—de morrer,
Abre o manto—e por encanto
Muda as dôres—em prazer.

CORO

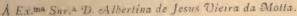
Quando a lida—d'esta vida
Fôr comnosco—terminar;
Mãe piedosa—poderosa,
Vem teus filhos—amparar.

POVO

Saude certa—porta aberta
Para o reino—do Senhor;
Virgem pia—nossa guia,
Serás sempre—nosso amor.

RU-CHU-CHU

CANTIGA DAS RUAS

31

As pombinhas da Cath'rina,
Andaram de mão em mão,
Foram ter á quinta nova,
Ao pombal do D. João.

Ao pombal do D. João,
A' quinta da Rozeirinha;
Andaram de mão em mão,
As pombinhas da Cath'rina.

Quem me chama Ru-chu-chu,(1)
Meu amor, gosto me dá,
Ru-chu-chu, agora, agora,
Ru-chu-chu, agora, já.

Minha mãe mandou-me á fonte,
E eu quebrei a cantarinha;
Oh minha mãe não me bata,
Que eu ainda sou pequenina.

Que eu ainda sou pequenina,
Minha mãe não bata não;
Eu não volto á quinta nova,
Ao pombal do D. João.

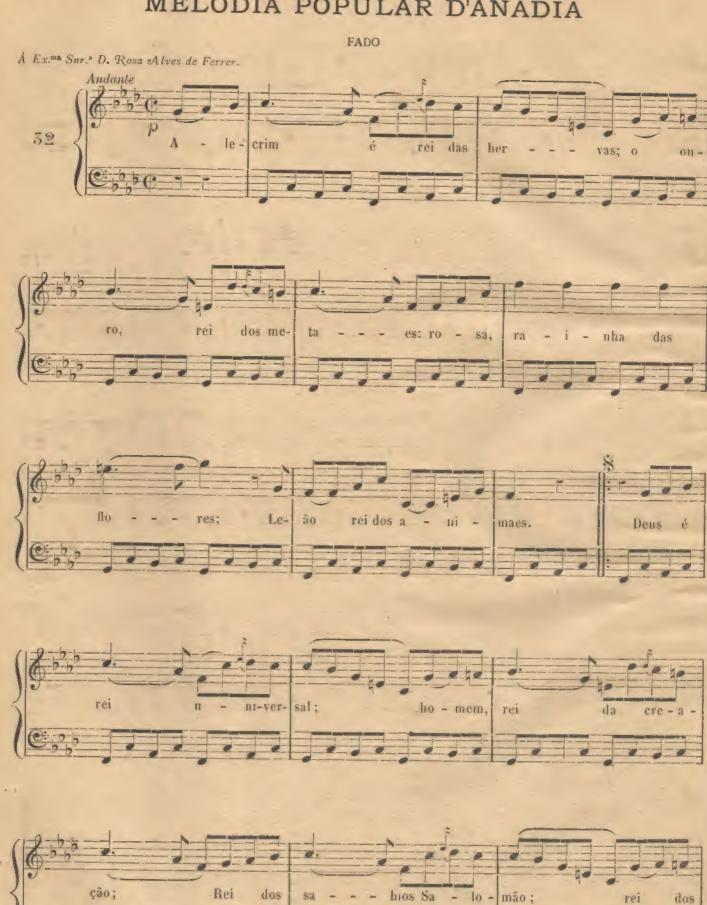
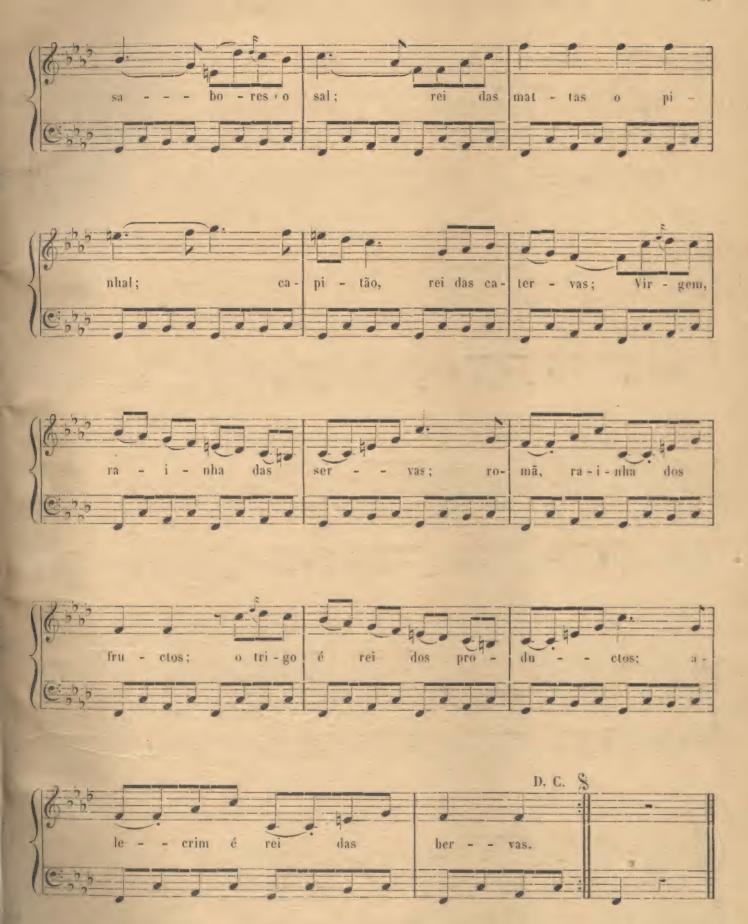
Vós chamaes-me Ru-chu-chu,
Meu amor, não se me dá;
Ru-chu-chu, agora, agora,
Ru-chu-chu, agora, já.

Esta canção appareceu no Porto por occasião das festas do S. João, em 1893.

(1) Ru-chu-chu, significa na linguagem popular, arroladora e meiga como as pombas, tambem se emprega para imitar o arrolar dos pombinhos.

MELODIA POPULAR D'ANADIA

FADO

Á Ex.ma Snr.a D. Rosa Alves de Ferrer.

Esta musica é vulgarmente conhecida pelo nome de *Fado de Anadia*; é uma das musicas no estylo moderno, do genero, mais distincta e não monotona. A poesia que lhe applicamos, por não conhecermos lettra propria, é antiga, mas merece acceitação, por ser conceituosissima.

Mote

Alecrim é rei das hervas;
Ouro, rei dos metaes;
Rosa, rainha das flores;
Leão, rei dos animaes.

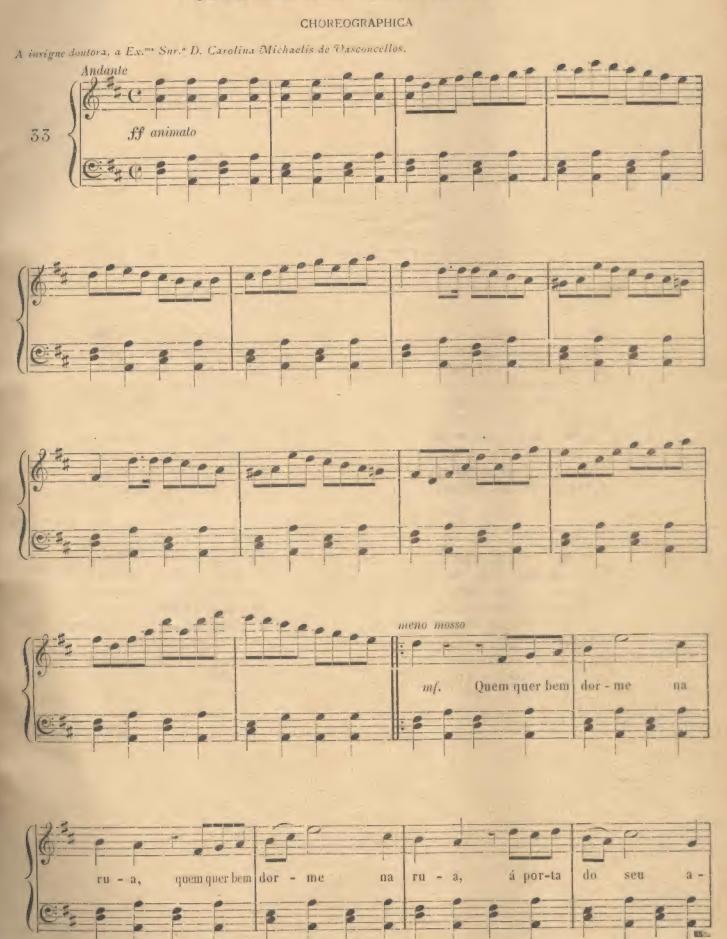
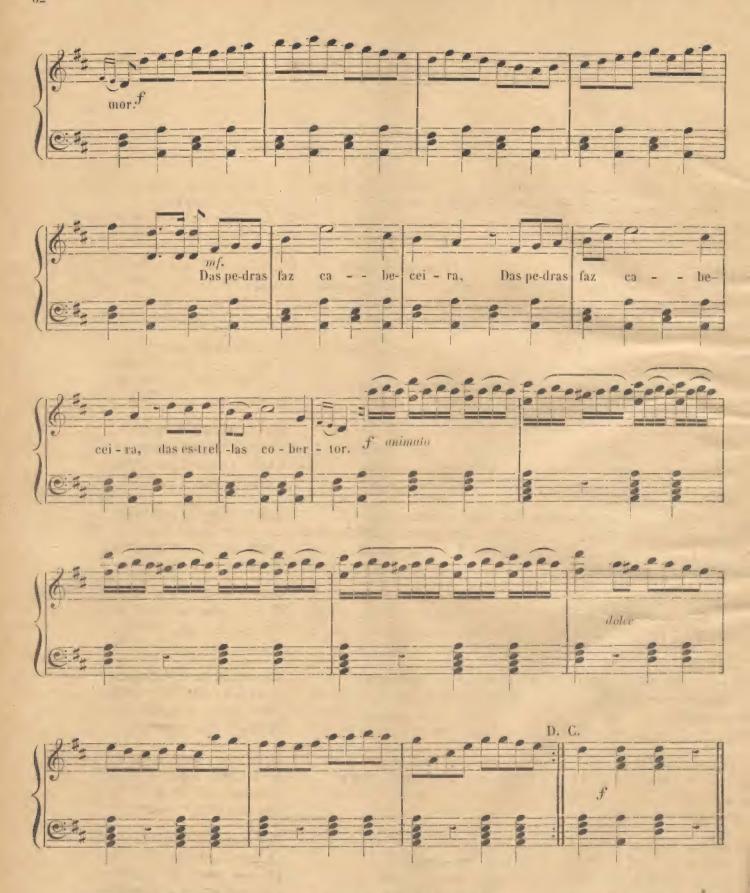
Deus é rei universal;
Homem, rei da creação;
Rei dos sabios, Salomão;
Rei dos sabores o sal;
Rei das mattas o pinhal;
Capitão, rei das catervas;
Virgem, rainha das servas;
Romã, rainha dos frutos;
O trigo e rei dos productos;
Alecrim é rei das hervas.

E' o mar o rei das fontes;
Cruz, das armas é rainha;
Bacho é o rei da vinha;
O Sinae é rei dos montes;
O navio é rei das pontes;
Foi Adão o rei dos paes;
Coral rei dos mineraes;
Rei das amarguras o fel;
Rei dos doces é o mel;
O ouro, rei dos metaes.

Rei da riqueza o trabalho;
Aguia, rainha das aves;
Dó é rei dos sons suaves;
Rei dos martellos o malho;
Rei dos dentes é o alho;
O vinho, rei dos licores;
Cupido, rei dos amores;
Rei dos poetas foi Dante;
Rei das pedras o brilhante;
Rosa, rainha das flores;

Rei dos ventos é o norte;
E' o sol o rei dos astros;
O traquete é rei dos mastros;
Rainha do pranto a morte;
Rei dos dons é o bom porte;
Pena, rainha dos ais;
O ponto, rei dos signaes;
Rei das cannas o alcaçuz;
Rainha das cores, a luz;
Leão, rei dos animaes.

CHULA DE AMARANTE

CHOREOGRAPHICA

A *Chula* é o typo classico da nossa musica popular. O Minho e o Douro são as provincias onde esta musica é melhor representada e n'ellas se conserva como hymno local invariavel no seu thema ou canto; mas que os tocadores habeis sobrecarregam com improvisadas variações e adornos caprichosos.

Em Amarante, os instrumentos que ordinariamente acompanham a chula são rebecas, violões, violas, guitarras, tambor e ferrinhos.

Dança.—Um individuo defronte do outro, com os braços levantados, dando estallos com os dedos, ora afastando-se ora aproximando-se um do outro e girando sempre em circulo, ou sobre os calcanhares, isto é a dança popular; nas salas dança-se de differentes maneiras com marcas mais delicadas.

CHULA DE AMARANTE

Assanhou-se o meu amor,
Não sei que lhe hei de fazer;
Hei de pisar o trovisco,
E dar-lhe o summo a beber.

O feto é feiticeiro,
Juro que me enfeitiçaste,
Eu desejava saber
Porque razão me deixaste.

Como silva me prendeste,
Como feto me enfeitiçaste,
Como giesta me quizeste,
Como sargaço me deixaste.

A' sargacinha do monte
Eu devo-lhe obrigações,
Porque me tem encobrido
Em certas occasiões.

Quem me estorva a mim de ver-te
D'isso me quer por preceito;
Não me estorva o eu trazer-te
Sempre dentro do meu peito.

Oh élo da videirinha,
Que assim te uniste á prisão;
Tambem eu me assujeitei
A amar o teu coração.

Nem o cravo, nem a rosa,
No jardim mais florido,
Só as estrellas do ceu
Tem comparação comtigo.

O A é a primeira lettra
Que no teu peito escrevi;
Se alguem padece no mundo
Sou eu por via de ti.

Fui ao mar por ver as ondas.
Ao jardim por ver as flores.
Ao ceu por ver as estrellas,
Aqui por ver meus amores.

Quem aqui vem de tão longe
Com risco de se perder,
Correndo montes e rios,
Só pelo amor de te ver.

Eu vou deixar de te amar,
Vou deixar de te querer bem,
A quem amas á semana
Ama ao domingo tambem.

Ainda que o lume se apague
Na cinza fica o calor,
Ainda que o amor se auzente
No coração fica a dôr.

Se eu tivesse penna d'ouro,
Formava o papel de prata;
Com o sangue das minhas veias
Escrevia-te uma carta.

Escrevia-te uma carta
Com o sangue das minhas veias
Se não fosse considerar
Sangue meu por mãos alheias.

Meu amor hei de te amar,
Quer tu queiras quer não queiras
Que eu tenho da minha parte
Vinte e cinco feiticeiras.

Os olhos do meu amor
São confeitos, não se vendem,
São ballas com que me atiram,
Cadeias com que me prendem.

A' entrada d'esta rua
Dei um ai, tremeu a terra;
Encontraram-se as estrellas,
Sahiu o sol á janella.

De cada vez que te vejo
Devia-me confessar,
Eu não pecco em te ver,
Pecco em te desejar.

Oh meu amor da minh'alma,
Repara e considera
Que depois do mal estar feito,
Já não vale se eu soubera.

Lindo cerco leva a lua,
Ergue-te, amor, e vem ver;
Não ha sol que chegue á lua
Nem ao nosso bem querer.

Lindos olhos tem José,
Santa Luzia guardai-lh'os;
Se não forem para mim,
Santa Luzia tirai-lh'os.

Adeus villa d'Amarante,
Cercada de lampeões,
Onde o meu amor passeia
Com sapatos á Camões. (1)

Adeus villa d'Amarante,
Largo de Santa Luzia,
Onde o meu amor passeia
A toda a hora do dia.

Adeus ponte d'Amarante,
Onde a agua vangueleia;
Adeus oh Meia Laranja,
Onde o meu amor passeia.

Convento de S. Gonçalo,
Convento das Convertidas,
Onde estão os artilheiros,
Perdição das raparigas.

Eu já não vou a Amarante,
Nem passo a ponte, além;
Que me querem lá prender
Por namorar e querer bem.

Por namorar e querer bem,
Querem-me tirar a vida;
Oh que sorte tão tyranna!
Oh que pena tão sentida!

(1) Por occasião do tricentenario de Camões, o nome do nosso épico foi applicado como reclame a innumeras industrias, desde os pasteis *á Camões*, gravatas *á Camões*, Bosque e restaurante *á Camões*, etc. O povo na sua veia ironica parodiava os especuladores camoneanos, dizendo *á Camões* tudo o que fosse estravagante ou novidade.

MANÉ CHINÉ

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Margarida Rezende Pinto Barrote.

Se os meus tristes ais voassem,
  Oh Mané Chiné;
Daria mil cada hora;
  Vá di banda,
  Di banda é que é;
  Vá di banda,
  Oh Mané Chiné.
Iriam bater no peito,
  Oh Mané Chiné,
De quem me lembrou agora,
  Vá di banda,
  Di banda é que é,
  Vá di banda,
  Oh Mané Chiné.

O amor que em ti puz,
Antes o puzera n'agua;
A agua vae e não volta,
Não deixa penas nem magua.

O tempo em que te amei,
Melhor estivera doente;
Tempo tão mal empregado
Dado de tão boamente.

Vae te embora amor ingrato
Que eu não quero nada teu;
Foste repartir com outro
Um amor que era só meu.

Meu amor em braços d'outro
Como estava divertido;
Deixal-o ter essa gloria
Que a paixão fica commigo.

Anda cá, meu preto, preto,
Meu queimadinho do sol;
Quanto mais preto mais firme,
Quanto mais firme melhor.

Os olhos do meu amor
São cadeias de bom ferro;
De tal modo me prenderam,
Que eu outros amores não quero

A musica d'esta cantiga, que appareceu no Porto, no presente anno de 1893, por occasião das festas ao San João, é no ge nero da dos *batuques* africanos, vulgares nos centros mais civilisados da Africa portugueza. A lettra do estribilho é aproximadament a linguagem de alguns dos nossos pretos que estiveram no Brazil.

CARRASQUINHA

CHOREOGRAPHICA

À Ex.ma Snr.a D. Engracia Moreira de Sa.

Meninas, vamos dançar
Uma moda bonitinha,
Venham todas, gire a roda,
Dancemos a Carrasquinha.

Menina que está á janella,
Com o seu relogio á cinta,
Diga-me que horas são,
Falle verdade, não minta.

Ai, a moda da Carrasquinha
E' uma moda assim ao lado (1)
Quando ponho o joelho em terra (2)
Fica tudo admirado. (3)

Mathilde saccode a saia, (4)
Mathilde levanta o braço, (5)
Mathilde dá-me um beijinho, (6)
Mathilde dá-me um abraço. (7)

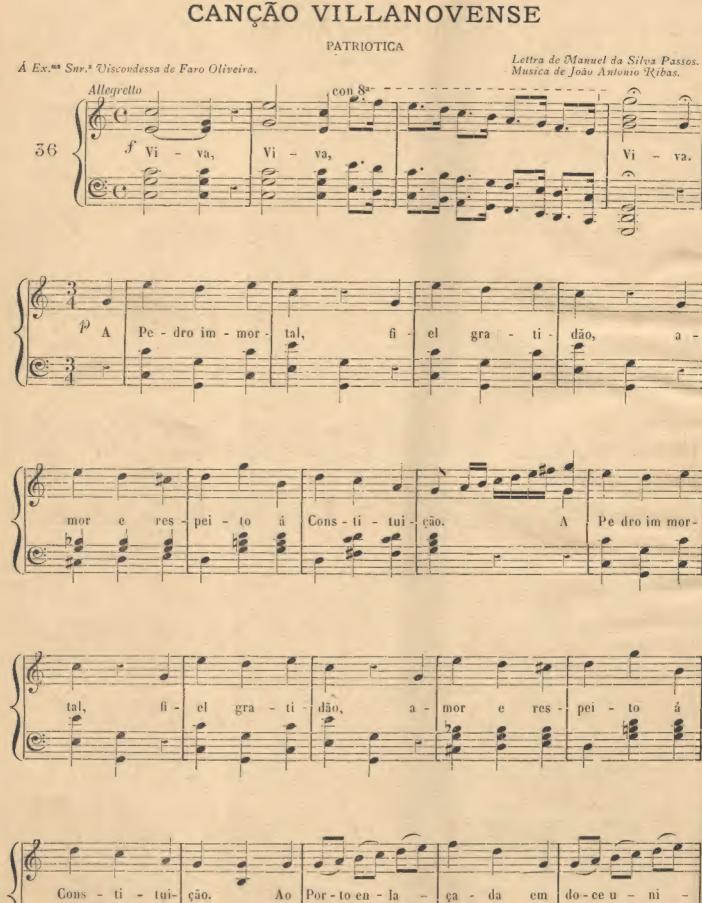
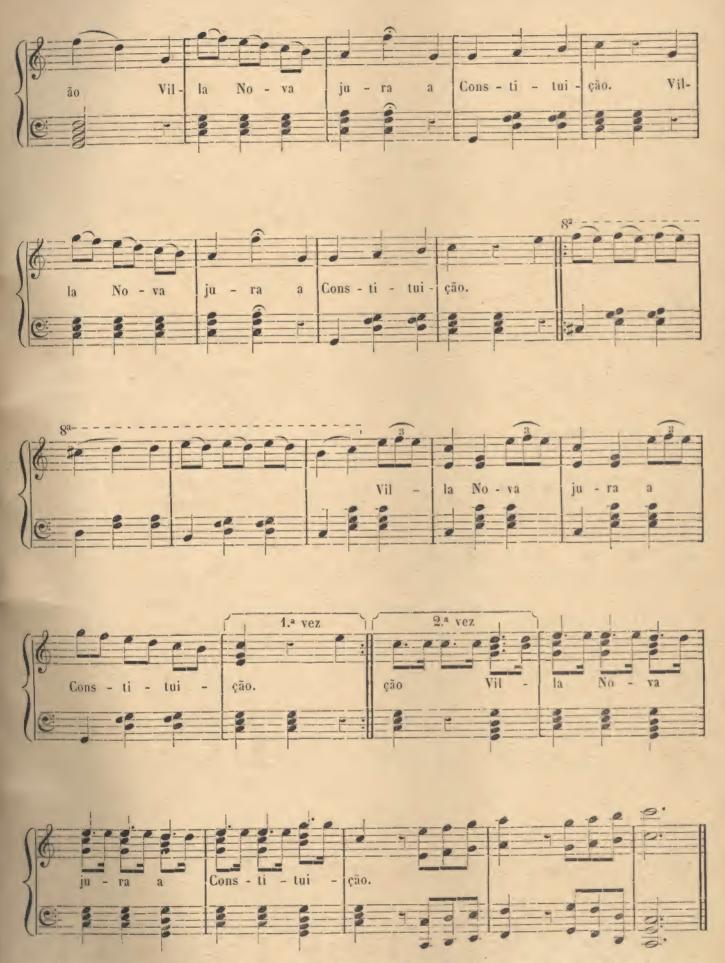
Recolhida no Porto em 1870.

Dança.—De roda em que entram só meninas, de mãos dadas girando sempre, porém ao chegar ao estribilho, soltam as mãos e accompanham com movimentos emitativos cada verso, da forma seguinte: (1) voltam-se com o braço esquerdo dobrado, tendo a mão sobre o peito e o cotovello apontado para o peito da que fica á esquerda; (2) fazem com um joelho menção de ajoelhar; (3) ficam boquiabertas; (4) sacodem a saia, (5) levantam o braço direito; (6) beijam-se; (7) abraçam-se e deitando a mão á cinta uma da outra dão uma volta. Na repetição do estribilho canta-se a quadra de Mathilde.

CANÇÃO VILLANOVENSE

PATRIOTICA

Á Ex.ma Snr.a Viscondessa de Faro Oliveira.

Lettra de Manuel da Silva Passos.
Musica de João Antonio Ribas.

O apontamento original d'esta musica conserva-o o distincto professor o Ex.mo Snr. Nicolau Ribas, como uma das recordações saudosas de seu extremoso pae. Aqui agradecemos a fineza de nol o facultar.

CANÇÃO VILLANOVENSE

Viva, viva, viva,

A Pedro immortal,
Fiel gratidão:
Amor e respeito
A' Constituição.

Ao Porto enlaçada,
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

Viva, viva, viva,

Dos Filhos da Patria
Constante brazão,
Será defender
A Constituição.

Ao Porto enlaçada
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

Viva, viva, viva,

Será venturosa
A lusa Nação,
Guardando e cumprindo
A Constituição.

Ao Porto enlaçada,
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

Viva, viva, viva,

Em quanto um só Luso
Der culto á razão,
Eterna ha de ser
A Constituição.

Ao Porto enlaçada,
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

No original da lettra, que é uma folha volante, vem o seguinte titulo: — Canção Constitucional de Villa Nova de Gaya, que ha de ser cantada por occasião do juramento da Carta Constitucional, dada por El-Rei D. Pedro IV; a lettra é de Manoel da Silva Passos e a musica de João Antonio Ribas, (15 d'Agosto de 1826).

DEIXA-ME FALLAR BAIXINHO

BALLADA

A Ex.ma Snr.a D. Carlota da Resurreição.

Outro dia fui á fonte
Encher o meu cantarinho,
Ao passar alli no monte...
Deixa-me fallar baixinho.

Na fresca relva assentado
Estava o senhor morgadinho,
Ao passar, o malcreado...
Deixa-me fallar baixinho.

Deu-me um puxão pela saia,
Um pouco devagarinho;
Logo fez com que eu caia...
Deixa-me fallar baixinho.

Eu por levantar-me faço,
Já toda n'um desalinho,
Mas apanhei um abraço...
Deixa-me fallar baixinho.

Atraz d'um vieram dois;
Inda por cima um beijinho,
Lá vae o carro e os bois...
Deixa-me fallar baixinho.

Quando me lembra a partida
Lá do senhor morgadinho,
Fico rubra, entumecida,
Deixa-me fallar baixinho.

Recolhida em Castro Daire por F. P. Nogueira, em 1892.

SAN MARTINHO

CANÇÃO

À Ex.ma Snr.a D. Judith das Neves Bravo.

Lettra de L. A. Palmeirim.
Musica de José Doria.

mo é San Mar - ti - nho, co - mo é San Mar - ti - nho. Por is - so as más
bom San Mar - ti - nho, ao bom San Mar - ti - nho. Os San - tos são
lin - guas que na - da res - pei - tam, nem a san - ti - da - de, nem a san - ti -
mui - tos, mas tão po - pu - la - res co - mo é San Mar - ti - nho, co - mo é San Mar-
da - de, na ter - ra não que-rem, no ceu não ac - cei - tam quem be - be bom
ti - nho, com tan -tos fes - tei - ros, com tan-tos al - ta - res, não ha ne - nhum
vi - nho, quem be - be bom vi - nho. E ne - gam, se ne - gam, seu cul - to e a -
san - to, não ha ne - nhum san - to. Nem quem mais me- re - ça sin - ge - los a -
mo - res ao bom San Mar - ti - nho, ao bom San Mar - ti - nho.
mo - res do que é San Mar - ti - nho, do que é San Mar - ti - nho.

Recolhida em Coimbra, em 1889.

SAN MARTINHO

Não ha nenhum santo com tantos devotos
Como é San Martinho.
No ceu não ha santo que tenha mais votos
De nós peccadores
Nem tantos devotos, nem tantos amores,
Como é San Martinho!

Por isso as más linguas que nada respeitam,
Nem a santidade!
Na terra não querem, no ceu não acceitam
Quem bebe bom vinho;
E negam, se negam, seu culto e amores
Ao bom San Martinho!

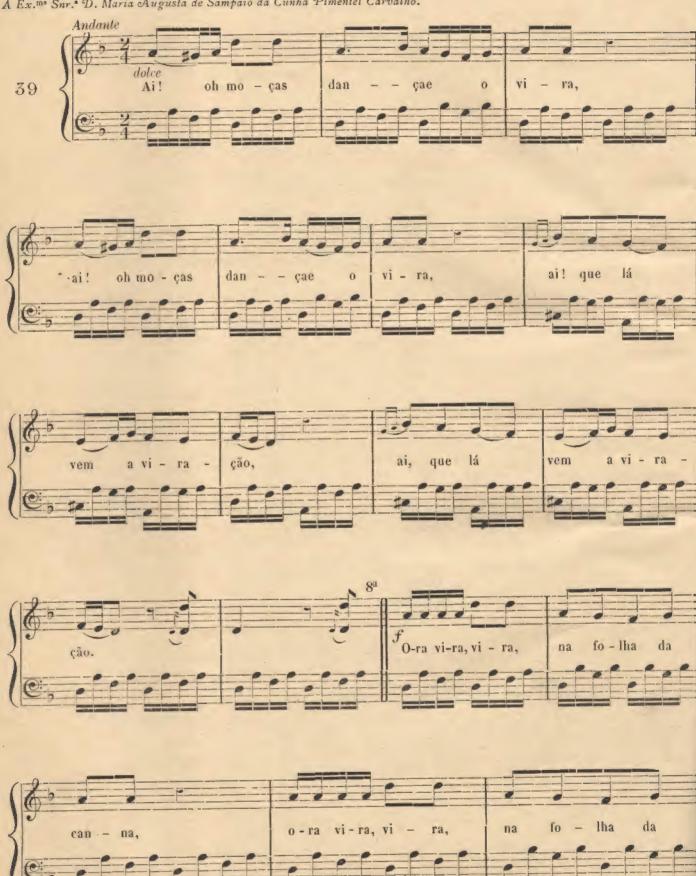
Deixal-os, que o santo não quer, nem precisa
D'um falso carinho:
Da seita só presta quem tenha a divisa
De livre devoto;
Quem beba sem susto, quem dê seus amores
Ao bom San Martinho!

Os santos são muitos; mas tão populares
Como é San Martinho,
Com tantos festeiros, com tantos altares,
Não ha nenhum santo;
Nem quem mais mereça singelos amores
Do que é San Martinho!

No dia da festa do santo mais santo
Da côrte celeste,
Saudemos alegres, aqui n'este canto,
Quem bebe bom vinho;
Jurando devotos eternos amores
Ao bom San Martinho!

TROLHA D'AFIFE

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Augusta de Sampaio da Cunha Pimentel Carvalho.

Recolhida, em 1850, pelo extincto professor de musica e celebre violinista portuense, João Antonio Ribas.

Ai! oh moças,
Dançai o vira,
Ai! que lá vem
A viração.

Ora vira, vira,
Na folha da canna,
Sou um pobre trolha
Venho de Vianna.

Ai! cachopas
Mais vira, vira,
Ai! que chegou
A viração.

Ora vira, vira, etc.

Ai meninas,
Vira que vira,
Já sopra além
A viração.

Ora vira, vira,
Na folha da canna,
Sou um pobre trolha,
Venho de Vianna.

Ai meninas,
Vira revira,
Que já se foi
A viração.

Ora vira, vira, etc.

Dança.—Os pares formam: cavalheiro em frente da dama, e vão girando em roda a compasso, e no estribilho vão dando voltas cada um sobre si á maneira que dizem a palavra *vira*.

PERA VERDE

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Felismina Candida Cerqueira Montenegro.

A laranja, quando nasce,
Logo nasce redondinha,
Tambem tu, quando nasceste,
Logo foi para ser minha.

Tenho uma maçã dourada
Ao canto do meu bahu,
Para dar ao meu amor,
Queira Deus não sejas tu.

Quando te não conhecia
Nada de ti se me dava;
Sem pensamentos dormia,
Sem cuidados acordava.

D'aqui para a minha terra
Tudo é caminho chão,
Tudo são cravos e rosas
Dispostos por minha mão.

Recolhida em Oliveira do Conhedo por F. P. Nogueira, em 1887.

DANÇA.—Em grande roda de mãos dadas os primeiros oito compassos; no estribilho «pera verde», *grand'chaine*; e na repetição — «Você não me ha de enganar», continuam a andar em roda. soltando as mãos e fazendo com o dedo indicador o signal negativo, durante quatro compassos; nos outros quatro dá cada individuo duas voltas sobre si mesmo.

PIROLITO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Portella Sobral.

Tu dizes que não, que não,
Inda has de vir a querer;
Tanto dá a agua na pedra
Que a faz amollecer.

Pirolito que bate que bate.
Pirolito que já bateu;
Quem gosta de mim é ella,
Quem gosta d'ella sou eu.

Meu amor, quem cala vence,
Mais vence quem não diz nada;
Em certas occasiões,
Mais vale bocca calada.

Quem de mim te poz tão longe,
Não teve boa eleição;
Quanto mais longe da vista,
Mais perto do coração.

Muito padece quem ama,
Mais padece quem adora,
Mais padece quem não vê
O seu amor a toda a hora.

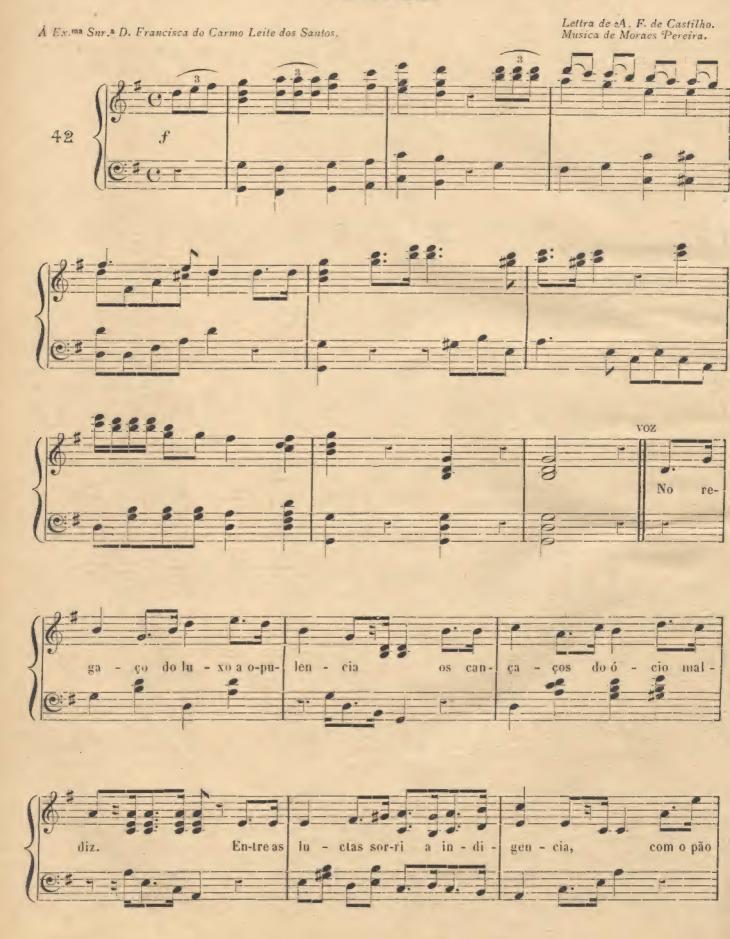
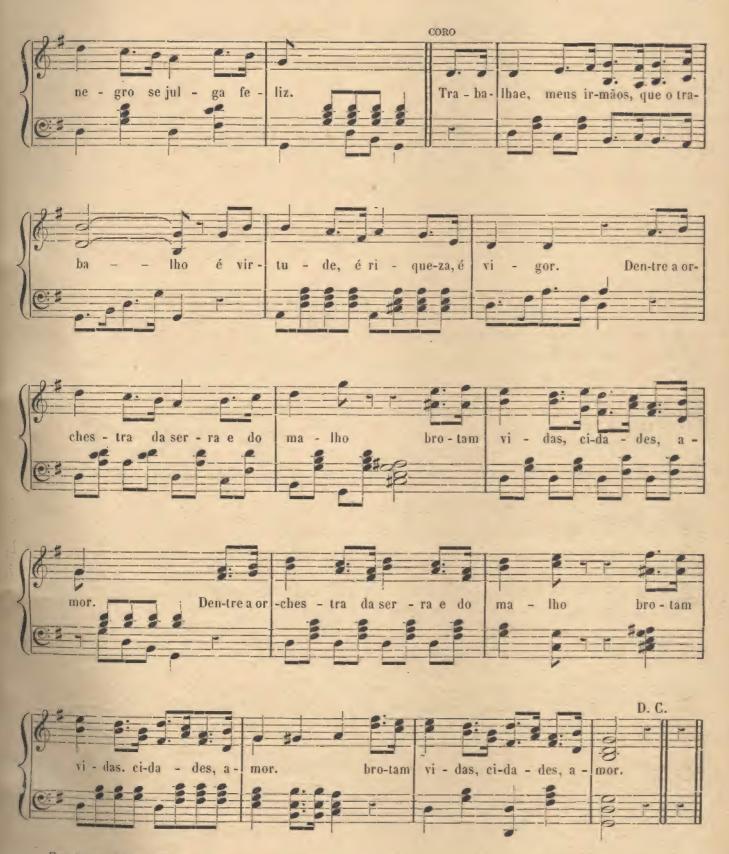
Eu hei de te amar, amar,
Hei de te querer, querer;
Hei de te tirar de casa
Sem teu pae, nem mae saber.

Foi esta uma das musicas com que o Visconde de Castilho fez cantar, nas escolas primarias, em 1850, o seu methodo repentino de leitura.

HYMNO DO TRABALHO

CANTO ESCOLAR

Á Ex.ma Snr.a D. Francisca do Carmo Leite dos Santos.

Lettra de A. F. de Castilho.
Musica de Moraes Pereira.

Este hymno data de 1852.

O author da lettra faz a seguinte advertencia:

«E' incrivel a rapidez com que este hymno se propagou na Ilha de S. Miguel até ao fundo da classe menos litteraria e menos cantante. Em poucas semanas, depois que se estreou na primeira exposição Industrial da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes, cantavam-n'o os operarios nas officinas, os rusticos na lavoira, os descalços pelas ruas, as senhoras nas suas casas de lavor e nas suas salas; cantavam-n'o os barqueiros e pescadores, cantavam-n'o os soldados; cantavam-n'o os presos; todos o cantavam.

A belleza da musica, era a unica explicação d'este phenomeno; tinha dado fortuna á poesia.

Depois que em Portugal se abriram escolas de leitura pelo novo methodo, d'ellas se diffundiu com egual generalidade este cantar, a que eu já quero muito bem, por ter mostrado a experiencia, que ha n'elle realmente certa virtude, que, ao menos emquanto elle soa, e na meia hora que apoz vem, concita os braços e as vontades para o trabalho. N'este sentido atrevo-me a recommendal-o aos donos de fabricas e officinas e ás mães de familia como um bom afugentador de somnolencias nos serões do inverno.»

HYMNO DO TRABALHO

No regaço do luxo, a opulencia
Os cançaços do ócio maldiz;
Ente as lidas, sorri a indigencia;
Co'o pão negro se julga feliz.

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho,
E' riqueza, é virtude, é vigor,
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vidas, cidades, amor.

Deus impondo ao peccado a fadiga,
Té na pena sorriu paternal;
O que vence a perguiça inimiga,
Reconquista o Eden terreal.

Trabalhar, meus irmãos, etc.

Quem dá graças aos Ceus ao sol posto?
Quem lh'as dá vendo a aurora raiar?
E' o obreiro: o suor lhe enche o rosto;
Mas seus dias não turva o pezar.

Trabalhar, meus irmãos, etc.

O que vive na inercia aborrida,
Não sómente é d'irmãos roubador;
E' suicida; é mais vil que o suicida;
E' suicida a quem falta o valor.

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho,
E' riqueza, é trabalho, é vigor,
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vidas, cidades, amor.

Caia opprobrio no vil ocioso,
Que desherda o presente e o porvir!
Só á noite compete o repouso;
Só aos mortos o eterno dormir.

Trabalhar, meus irmãos, etc.

Mar e terra, Ar e Ceu, tudo lida:
Deus a todos poz luz e deu mãos:
Lei suprema o trabalho é na vida;
Trabalhar, trabalhar, meus irmãos!

Trabalhar, meus irmãos, etc.

JÁ NÃO QUERO SER CASADO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Arminda da Gloria Lima.

Ter um botão despregado,
A camisa por coser,
E mil voltas p'ra fazer,
Sem nada ter arranjado;
Quem me dera ser casado.

Acordar sobresaltado
Ao chorar d'algum néné,
Perguntar quem está, quem é,
Julgando que está roubado...
Já não quero ser casado.

Ver-se um homem obrigado,
A recolher quando as gallinhas,
Ir p'ra casa, ouvir zanguinhas
Ser da esposa seringado;
Já não quero ser casado.

A sopeira e o creado,
Recostados na cosinha,
Ambos a comer gallinha,
E o patrão peixe salgado;
Quem me dera ser casado.

De manhã ser obrigado,
A largar algum dinheiro,
P'r'a leiteira e p'r'o padeiro,
Que não dão nada fiado;
Já não quero ser casado.

Já não quero ser casado,
Quem me dera dormir só,
Se filhos tiver um dia,
Dou a creal-os á avó.
Dou a creal-os á avó.

Recolhida em Fafe em 1888 por F. P. Nogueira.

SOU MARINHEIRO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Amelia Mollarinho Ramos.

Recolhida em Penacova por F. P. Nogueira, em 1889.

Dança.—Os primeiros oito compassos dançam-se de roda girando as damas sempre voltadas para os cavalheiros; os outros oito compassos dançam-se em passo de valsa, prefazendo dois giros cada par.

SOU MARINHEIRO

Escrevi teu lindo nome
Na branca areia do mar,
Vieram as tristes ondas
C'o teu nome navegar.

Sou marinheiro,
Nasci no mar;
Quando as ondas
Me vem beijar,
Digo altivo,
Rindo tambem:
—Beijos das ondas
São beijos de mãe.

Eu fui ao mar buscar lume,
Embarquei n'uma faisca;
Namorei-me dos teus olhos
Logo á primeira vista.

Os peixes viver não podem
Separados da agua fria;
Eu tambem viver não posso
Sem a tua companhia.

Oh castello não te rendas
Deita bandeira se queres;
No combate dos amores
Quem vence são as mulheres.

Atirei ao verde verde,
Atirei ao verde mar,
Atirei com meus sentidos
Onde puderam chegar.

Coitadinho de quem tem
Seu amor além do rio;
Quer-lhe fallar e não póde,
Do coração faz navio.

Se eu soubera ler no mar,
Lêra no teu interior;
Via no teu coração
Se ainda me tens amor.

Sou marinheiro,
Olé que eu sou,
Que é da barquinha
Que se afundou?
Que se afundou,
Aonde andará?
Lá no mar alto
Se encontrará.

Oh menina tenha allento
Como as areias do mar;
Que estes rapazes de agora
De nada se vão gabar.

Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabello...
Agora posso dizer
Que passei o mar sem medo.

Pelo cantar da sereia
Se perdem os navegantes;
Perdem-se as mães pelos filhos,
As damas pelos amantes.

Já passei o mar a nado,
A nado como uma enguia;
Mais vale não ter amores,
Do que passar por agua fria.

Corri todo o mar á roda,
Co'uma vela branca accesa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.

DÁ-ME OS TEUS BRAÇOS

CHOREOGRAPHICA

Ex.ma Snr.a D. Leopoldina d'Abreu Magalhães.

Amei e fui infeliz,
Jurei nunca mais amar;
Os teus olhos me fizeram
Meu juramento quebrar.

Essa tua mão de neve,
Quando na minha pegou,
Devéras tinha feitiços,
Que logo me enfeitiçou.

Dá-me os teus braços,
Sem ser loucura;
Oh que delirio,
Oh que ventura.

Fechei na mão um sorriso
Da tua bocca formosa,
Quando fui a abrir a mão
Tinha-a toda côr de rosa.

O meu coração é um pobre,
Um pobresinho sem lar:
Dá-lhe tu que és rica e nobre,
A esmola do teu olhar.

Dá-me os teus braços, etc.

Aos olhos da minha fronte
Vinde os cantaros encher;
Não ha assim segunda fonte
Com duas bicas a correr.

Vou a encher a bilha e trago-a,
Vazia como a levei:
Mondego, que é da tua agua?
Qu'é dos prantos que eu chorei?

Dá-me os teus braços,
Sem ser loucura;
Oh que delirio,
Oh que ventura.

Eu gosto de te encontrar,
E tremo quando te vejo;
Por não te poder fallar
Como era meu desejo.

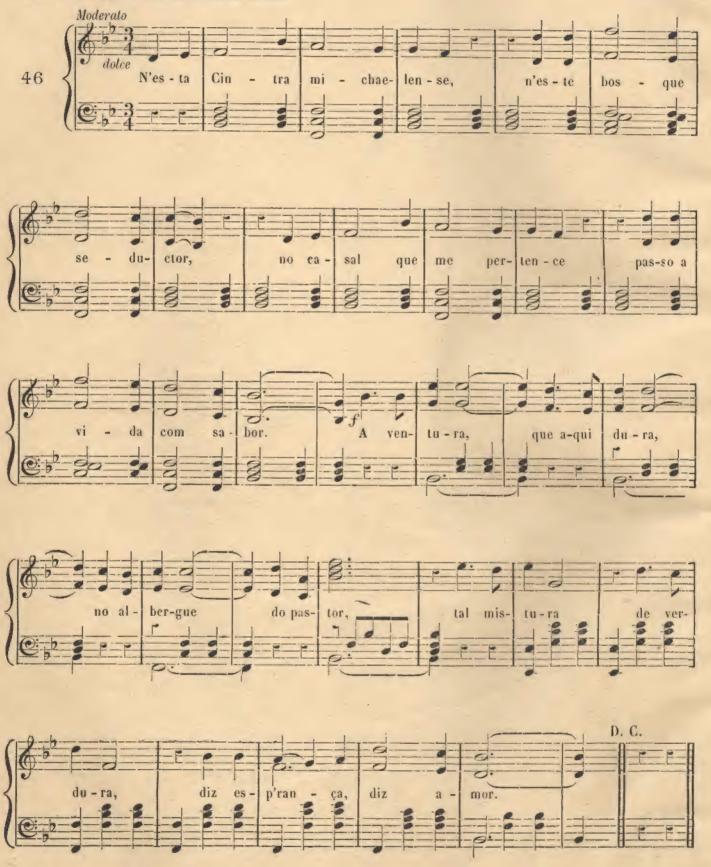
Nos jardins de Salamanca,
Nas margens do rio Tormes,
Colhi uma rosa branca,
Eras tu, anjo que dormes.

Dá-me os teus braços, etc.

DANÇA. — Os pares passeiam em circulo durante dezeseis compassos sobre a direita e outros dezeseis sobre a esquerda. No estribilho, muda-se para passo de valsa e abraçam-se.
Recolhida em Villa Real por F. P. Nogueira.

A DESPEDIDA

CANÇAO DAS FURNAS

À Ex.ma Snr.a D. Maria Thereza Soares da Cunha.

Recolhida nos Açores pelo Rev.mo padre Manuel d'Azevedo Cunha.

A DESPEDIDA

N'esta Cintra michaelense,
N'este bosque seductor,
No casal que me pertence
Passo a vida com sabor.

A ventura,
Que aqui dura
No albergue do pastor,
Co'a mistura
De verdura
Diz esperança, diz amor!

Mui brilhantes distracções
Tem a vida na cidade:
Mas aqui os corações
Batem com mais liberdade.

A ventura, etc.

Este val é minha terra,
E' minha terra natal;
E as bellezas que encerra
No mundo não tem rival.

A ventura, etc.

Adeus bosques innocentes,
Adeus tristes salgueiraes,
Adeus aguas das correntes,
Talvez para nunca mais.

A ventura,
Que aqui dura
No albergue do pastor,
Co'a mistura
De verdura
Diz esperança, diz amor!

Sôa a hora da partida,
Hora cruel e fatal,
Tão desejada e temida
Como não ha outra egual.

A ventura, etc.

Adeus, Furnas, vou deixar-te,
Por lei do fado cruel;
Para sempre abandonar-te
Linda flor de S. Miguel.

A ventura, etc.

OH SENHOR LADRÃO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Augusta Marianna da Silva Tamegão.

Moderato

47

A' entrada d'Elvas
Estão duas cadeiras,
Uma p'r'as casadas
Outra p'r'as solteiras.

Outra p'r'as solteiras,
Oh verde limão,
Rapaz que é janota
Rouba que é ladrão.

Oh senhor ladrão,
Ande ligeirinho,
Não queira ficar
Na roda sósinho.

Na roda sosinho,
Não hei de ficar,
A's bellas madamas
Me hei de abraçar.

Este ladrão novo
Que agora entrou,
Deixal-o roubar,
Qu'inda não roubou.

Se fôres a Elvas,
Eu tambem lá vou,
Buscar uma rosa
Que me lá ficou.

A' entrada d'Elvas
Achei um dedal
Com lettras que dizem,
Viva Portugal.

A' entrada d'Elvas
Eu achei achei,
Lettrinhas que dizem,
Viva o nosso rei.

Oh Elvas, oh Elvas,
Badajoz á vista,
Ja não faz milagres
S. João Baptista.

Se fôres a Elvas,
Vae á Piedade,
Qu'é a melhor coisa
Que tem a cidade.

A' entrada d'Elvas
Achei um annel
Com lettras que dizem,
Viva D. Miguel.

Se fôres a Elvas,
Segue direitinho,
Olha não tropeces,
Qu'é mau o caminho.

Recolhida em Almaça, concelho de Penacova, em 1882, por F. P. Nogueira. Esta musica data do principio d'este seculo e é muito vulgar em todo o paiz.

DANÇA. — Grande roda, todos os pares de mãos dadas, e um cavalheiro no meio, giram sobre a direita, durante a primeira quadra; ao findar a segunda quadra os pares soltam as mãos e o cavalheiro que estava só procura tomar uma dama; o que fica sem par faz o mesmo; e aquelle que fica sem dama vae para o meio.

HYMNO PATRIOTICO

DA

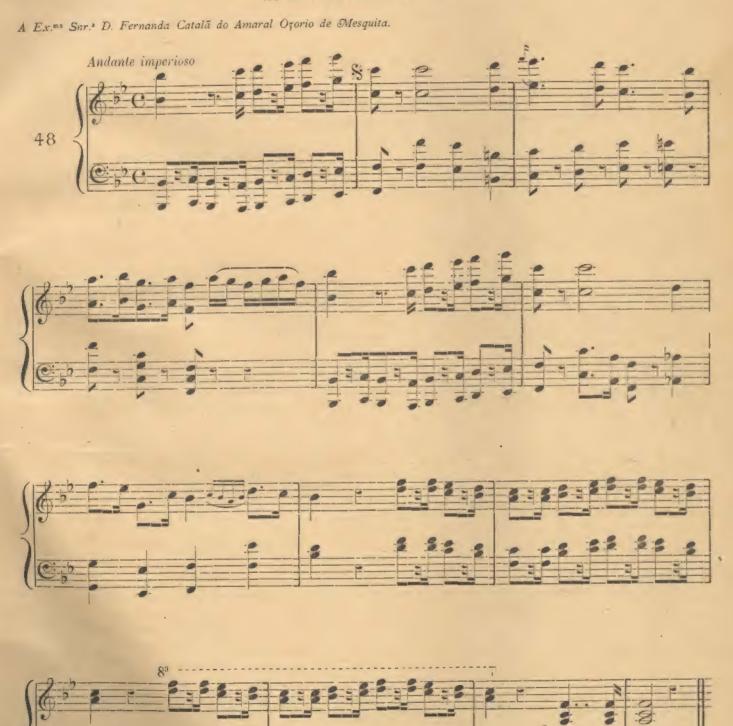
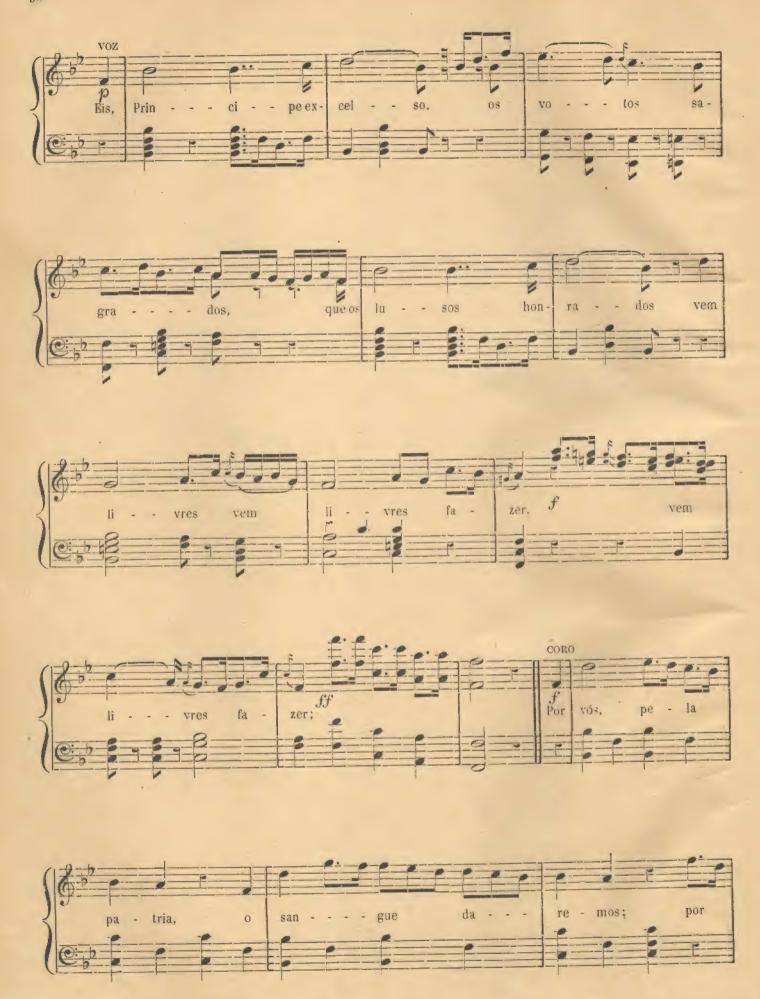
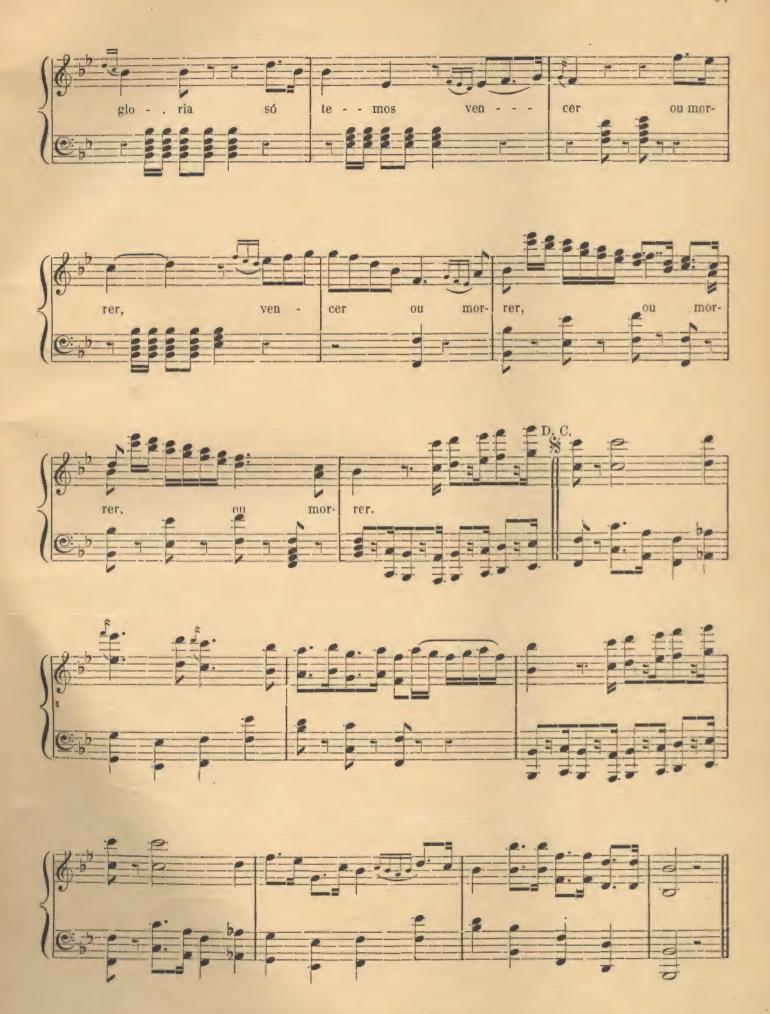
NAÇÃO PORTUGUEZA

COMPOSTO E OFFERECIDO POR MARCOS ANTONIO PORTUGAL

AO PRINCIPE REGENTE D. JOAO

Á Ex.ma Snr.a D. Fernanda Catalã do Amaral Ozorio de Mesquita.

VOZ
p
Eis, Prin - - - ci - - pe ex- cel - - - so, os vo - - - tos sa -
gra - - - - - dos, que os lu - - - sos hon - ra - - dos vem
li - - vres vem li - - vres fa - zer. f vem
li - - - vres fa - zer; ff
CORO
f
Por vós, pe - la
pa - tria, o san - - - - gue da - - - re - mos; por

glo - . ria só
te - - mos ven - - -
cer ou mor-
rer, ven -
cer ou mor-
rer, ou mor-
rer, ou mor-
rer.
D. C.

HYMNO PATRIOTICO DA NAÇÃO PORTUGUEZA

Eis, principe excelso,
Os votos sagrados,
Que os Lusos honrados,
Vem livres fazer.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos:
Vencer ou morrer.

Cruel inimigo
Debalde se avança;
De Affonso a herança
Eterna ha-de ser.

Por vós, etc.

Da guerra os horrores,
As perdas, os damnos,
Fieis lusitanos
Não sabem temer.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos:
Vencer ou morrer.

Aos mares vos déstes,
A bem dos vassallos,
Julgando livral-os
De impio poder.

Por vós, etc.

Mal grado o tyranno,
Em breve vireis,
Os Lusos fieis,
Vós mesmo reger.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos:
Vencer ou morrer.

Um Deus vos escude,
Oh Principe Caro:
Deus é nosso amparo,
Não ha que temer.

Por vós, etc.

Nota.—Marcos Antonio Portugal escreveu a musica d'este hymno, dedicado ao principe regente (D. João VI), quando este monarcha se retirou para o Brazil, por causa da invasão franceza.

O exemplar que possuimos têm só quatro estrophes; a 2.ª e 3.ª encontramol-as na *Muza das Revoluções* do snr. Alberto Pimentel.

Possuimos uma variante d'esta poesia, impressa em folheto, tendo um preambulo e sete estrophes, que em seguida trasladamos. Vê-se que este folheto fôra mandado imprimir por uma companhia dramatica, quando D. João já era rei.

HYMNO NACIONAL

«A poesia do Hymno Patriotico, cuja musica foi composta pelo insigne professor *Marcos Antonio Portugal*, era toda filha das circumstancias do tempo da sua organisação; vindo por este motivo a formar simplesmente uma Canção particular e não generica e Nacional; no entanto agradou, e agrada pela expressão marcial, com que aquellas duas Artes, de mãos dadas, souberam grangear justiceiros applausos, estimulando ao mesmo passo os valorosos animos portuguezes, e convidando-os á continuação de heroicas acções: cumpriu por tanto, para ser favorecido este bem entendido gosto e para alongar a duração do Hymno, approprial-o mais ao estado actual das coisas, e generalisal-o quanto fosse compativel; por cuja razão, approveitando-se o éssencial, se lhe fez (medeando o genio hostil) a alteração, que ao diante se segue, e que a Companhia Nacional, mandando imprimir, julgou a proposito ter a honra de offerecer aos sabios, e respeitaveis expectadores, cuja protecção generosa a ennobrece, e felicita.»

HYMNO

1.º

Eis, oh Rei Excelso,
Os votos sagrados,
Que os Lusos honrados
Vem livres fazer.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer ou morrer.

2.º

A Lysia salvando,
Aos mares te lanças,
Do Monstro as esperanças
Fazendo perder.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer, ou morrer.

3.º

Quanto as Nações Grandes
Obraram d'Espanto,
No lance outro tanto
Podeste fazer.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer, ou morrer.

4.º

Dous mundos unindo,
Um reino formaste,
Politica obraste,
Cresceu-te o poder.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer, ou morrer.

5.º

Quem tem como Tu
Imperio nas almas,
Sem custo vê palmas,
Vê louros crescer.

Por Ti, pela Patria, etc.

6.º

Será Portugal
Eterno, e ditoso,
Quem é virtuoso
Não lhe acaba o ser.

Por Ti, pela Patria, etc.

7.º

Um Deus te defende
Monarcha potente;
Ourique não mente,
Não ha que temer.

Por Ti, pela Patria, etc.

Porto: Typograf. á Praça de S. Thereza, (não tem data)—*com Licença.*

AO MENINO DEUS

LOAS PASTORIS

Á Ex.ma Snr.a D. Izabel Maria de Carvalho.

Entrae, entrae, pastorinhos,
Por este portal sagrado;
Vinde ver o Deus Menino,
N'umas palhinhas deitado.

As palhinhas deitam lirios;
Menino, sois meus allivios.
As palhinhas deitam cravos;
Menino, sois meus cuidados.

Vimos dar as boas-festas
A estes nobres senhores.
Que é nascido o Deus Menino,
Em Belem entre os pastores.

Já a redempção humana
Chegou ao praso marcado;
Em Belem nasceu, ha dias,
O Messias desejado.

—Oh meu menino Jesus,
Que é da vossa cabelleira?
—Deixei-a em Santa Clara,
No regaço d'uma freira!

—Oh meu menino Jesus,
Oh minha mimosa flôr:
Fizeste-vos tão pequenino,
Sendo tão grande Senhor!

—Oh meu menino Jesus,
Boquinha de marmellada,
Quem vol-a comêra toda,
Sem lhe deixar ficar nada!

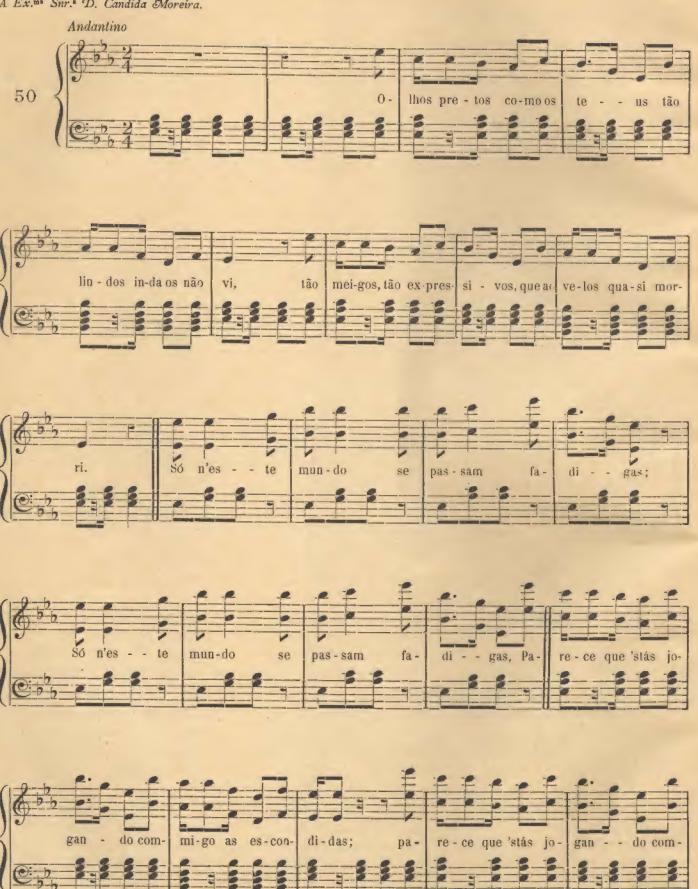
—Oh meu menino Jesus
Que estaes sobre o altar,
Quando fôr missa acabada,
Quem irá sem vos beijar?

Já se ouve a gaita de folle,
Já nasceu o Deus Menino,
Gloria do ceu e da terra,
Seu thesouro peregrino.

Esta musica é do seculo XVIII.

CARINHOSA

CHOREOGRAPHICA

À Ex.ma Snr.a D. Candida Moreira.

Esta noite sonhei eu
Que dois negros me matavam;
Mas eram esses teus olhos
Que de noite me fitavam.

Só n'este mundo
Se passam fadigas...
Parece que estás jogando
Commigo as escondidas...

O' carinhosa, minha carinhosa;
Comtigo me hei de abraçar,
O' cara de neve,
O' cara de rosa.

Lindos olhos de matar,
Sobrancelhas de sorrir;
Tendes a côr demudada;
Isso é de não dormir.

Eu defronte e vós á vista,
Eu fallo, vós não fallaes:
Dae-me um aceno com os olhos,
Já que não póde ser mais.

Volve a mim teus lindos olhos,
Que olhar só não é defeito;
D'este modo vae nascendo
Terno amor dentro do peito.

Dois olhos que tens no rosto
Parecem-me dois ladrões;
Elles póstos n'uma estrada
Podem roubar corações.

Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os
Nem já sei quaes são os meus.

Olhos pretos vão á fonte
Não sei que lá vão buscar;
Não sei se vão buscar agua,
Se penas para nos dar.

Se os teus olhos são brilhantes
Que prendem meu coração,
Se os teus braços são cadeias
Amor, me entrego á prisão.

O teu peito é um altar,
Com vellas e castiçaes;
Os santos que lhe eu adoro
São teus olhos, nada mais.

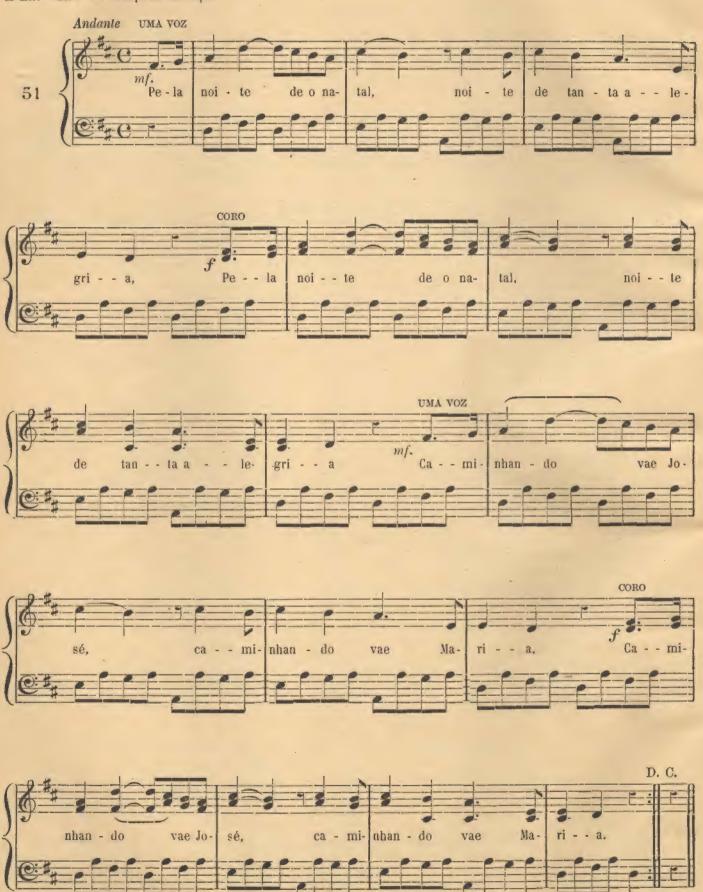
No dia em que tu nasceste,
Nasceram todos os soes,
E na pia do baptismo
Cantaram os rouxinoes.

Recolhida em Penacova por F. P. Nogueira.

Dança:—Formam grande roda e dançam, girando sobre a direita, emquanto cantam a 1.ª quadra. Quando dizem a primeira vez:—*Só n'este mundo se passam fadigas*, voltam-se os cavalheiros para as suas damas fazendo gestos de lamentação; na segunda vez, voltam-se para as damas contrarias, repetindo o mesmo. Quando dizem (1.ª vez): —*Parece que estás jogando*, etc., etc., os cavalheiros voltam as costas para as damas e unidos de costas, fazem meiguices uns aos outros. Na segunda vez, repetem com as damas contrarias. Quando dizem:—*O' carinhosa, minha carinhosa*, 1.ª vez, dançam os cavalheiros com as suas damas, dando estalos com os dedos. Na repetição, fazem o mesmo com as damas contrarias. Os ultimos compassos dançam em passo de polka.

NOITE DE NATAL

LENDA RELIGIOSA

Á Ex.ma Snr.a D. Adozinda Barboza.

NOITE DE NATAL.

Pela noite de natal,
Noite de tanta alegria,
Caminhando vae Josè,
Caminhando vae Maria.

Ambos os dois p'ra Belem,
Mais de noite que de dia,
E chegaram a Belem,
Já toda a gente dormia.

Porteiro, abri a porta,
Porteiro da portaria.
A porta não quiz abrir
A gente que não conhecia.

Dilatem-se ahi, senhores,
Até que rompa o dia.
Não encontrando pouzada,
Foram p'ra uma estrebaria.

S. José foi buscar lume,
Porque a noite estava fria;
E do ceu veio uma estrella
Que todo o mundo alumia.

Quando S. José voltou,
Já viu a Virgem Maria,
Com o Deus Menino nos braços
Que no seu veu envolvia.

E veio um Anjo do Ceu,
Cantando — Avé-Maria;
E Deus-Padre perguntou
Como ficára Maria.

A Maria ficou boa,
Lá em uma estrebaria,
Entre um boi e uma mula,
E S. José por companhia.

Gloria seja a Deus-Padre,
E a Jesus Christo tambem;
Gloria seja ao Espirito-Santo,
Para todo o sempre. Amen.

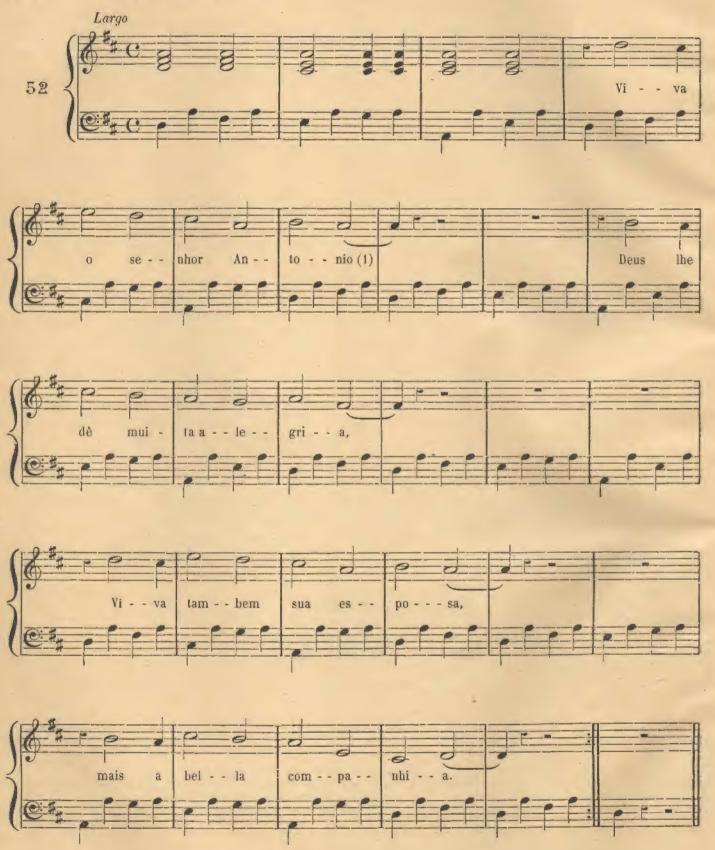
Com esta musica cantam-se tambem as Janeiras. E' nas noites de 31 de Dezembro e 1.º de Janeiro, costume antiquissimo o darem-se as boas-festas por meio de descantes, a gente do povo, e para isso reune-se um grupo de homens e mulheres, (4, 5 ou 6 individuos, ás vezes mais) e vão á porta das pessoas das suas relações cantar as Janeiras. Depois das cantigas que tem relação com o nascimento de Jesus, seguem-se outras cantigas, a que chamam *Vivas* e são dirigidas ás pessoas da casa; a musica dos *Vivas* é quasi sempre a da chula local ou a da *Canna-verde*, porém n'um andamento muito lento, e com compassos de espera de verso a verso, talvez para se entender bem a lettra, e para dar tempo ao cantor a improvisar o verso.

No fim o dono da casa manda dar uma esportula ou um beberete.

Os grupos phylarmonicos que improvisam estes descantes, compõe-se variavelmente da seguinte fórma, pela ordem indispensavel das vozes e instrumentos: uma ou duas sopranos, ou um tenor, para solos. Os córos são cantados por quasi todos os que tocam; o instrumental é formado por viola, ferrinhos, violão, rebeca, flauta, guitarra, bandolim e violoncello, e algumas vezes, pandeiro e castanholas.

JANEIRAS

VIVAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Gloria Vasconcellos.

(1) Por exemplo:
Principiam sempre pelo nome do chefe ou dona da casa e vão descendo pela ordem de parentesco ou da respeitabilidade dos comensaes.

AS JANEIRAS

As janeiras não se cantam
Nem aos reis, nem aos coroados;
Mas nós vimol-as cantar,
Por ser annos melhorados.

Gosae, sim, senhor, sempre,
Mil prazeres venturosos;
Que os bons annos principiem
A fazer-vos mais ditosos.

Os bons annos só se cantam
A quem contra o tempo rude,
Como vós, numera os passos,
Pelos passos da virtude.

Bons annos, felizes annos,
Aqui vos vimos cantar;
Se o ceu cumprir nossos votos,
Muitos haveis de contar.

Viva o senhor Antonio,
Deus lhe dê muita alegria;
Viva tambem sua esposa,
A senhora D. Maria.

Viva a menina mais velha,
A snr.ª D. Emilia,
Por ser a mais linda flôr
Que ha em toda a familia.

Assim proseguem as cantigas, improvisadas, ás principaes pessoas da casa.
Ha outra fórma de *vivas* mais pittorescos e são esses os que os rapazes adoptam :

Viva o snr. F.
Quando põe o seu chapeu,
No meio da sua sala,
Parece um anjo do ceu.

Viva o senhor F.
Raminho de salsa crua;
Quando está á sua janella,
Allumia toda a rua.

Viva o senhor F.
Raminho de perfeição;
Quando está á sua janella,
Parece um manjaricão.

Estas cantigas applicam-se sempre e improvisam-se outras, conforme as circumstancias o permittem.

Viva a senhora...
Vestidinha de cambraia;
Quando se põe á janella,
Allumia toda a praia.

Viva a senhora...
Raminho de rosmaninho;
No meio da sua casa,
Parece mesmo um anjinho.

Viva a senhora...
Raminho de salsa branca;
O seu corpinho é nevè,
A sua alminha é santa.

Viva a senhora...
Raminho de perfeição;
Se ha de pôr os pés na rua,
Ponha-os no meu coração.

Viva a senhora...
Os annos que ella deseja;
Depois d'elles acabados,
Na gloria do ceu se veja.

Viva o senhor...
Quando veste o seu collete,
No meio da sua sala
Parece um ramalhete.

Viva o senhor...
Os annos que elle deseja;
Viva tambem uma rosa
Que elle levou á egreja.

Viva o senhor...
Os annos que elle quizer;
Viva tambem uma rosa
Que Deus lhe deu por mulher.

Viva o senhor...
A sua cara é um sol,
Cercado de diamantes,
Com aljofres ao redor.

Tambem viva, p'ra que viva,
Viva a Senhora da Hora;
Vivam moços e creados,
Para não ficarem de fóra.

Tambem viva, p'ra que viva,
Viva a folha do codeço,
Vivam os outros senhores
Que por nome não conheço.

Tambem viva, p'ra que viva,
Os compadres e parentes;
Vivam todos os da casa
E mais os que estão auzentes.

Depois d'estas cantigas se a esportula se demora, cantam as seguintes com a musica da *Canna verde*, ou outra qualquer em movimento vivo:

Vimos dar as boas-festas,
Nós tambem alegres vimos,
Mandem-nos o que poderem,
Bem sabeis p'ra quem pedimos.

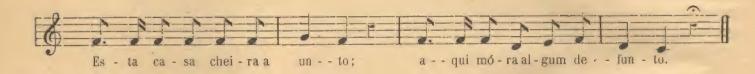
Ora venha, se ha-de vir,
Não nos 'steja a delatar:
Que somos de muito longe,
Temos muito que andar.

Esta casa é bem alta,
Forrada de papellão;
Os senhores que n'ella moram
Mandem-nos dar um capão.

Esta casa é bem alta,
Forrada de pau de pinho:
Os senhores que n'ella moram
Mandem-nos dar um quartinho.

Ora venha, se ha-de vir,
Venha com desembaraço;
Aqui está á sua porta
O nosso moço do sacco.

Quer a deis, quer a não deis,
Sempre com Jesus fiqueis;
Quer a daes, quer a não daes,
Sempre com os Anjos ficaes.

Se os donos da casa não mandam dar alguma cousa então aquella gente entoa-lhe á porta a seguinte cantiga, em cantochão funebre:

Dizem que esta cantiga tem por origem a seguinte anedocta:

«Um aldeão velhaco e avarento fez, ás escondidas, uma boa ceia na noite de festa, mas um gracioso que lh'a presentiu pelo cheiro, introduziu-se-lhe, embrulhado em um lençol, pela chaminé e improvisou o canto que os bandos ou os esturdias applicam n'esta noite a quem lhe não dá nada. Conta-se que a surpreza fizera o effeito desejado, porque o avarento ao vêr a avantesma fugiu espavorido, deixando ficar a ceia que depois foi comida por uma sucia de trocistas».

Os rapazes menores, tambem formam grupos, para ir cantar as Janeiras com a mesma lettra; a musica, porém, é variante conforme os limites das vozes infantis. O *instrumental* de que se servem é extravagante; compõe-se de ferrinhos ou qualquer objecto de ferro que imite o som do triangulo, castanholas ou conchas, campainhas e tambores feitos de pequenas barricas, ou panellas velhas tapadas com pelle de carneiro. Esta horrivel *phylarmonica* vae dar as boas-festas á porta das pessoas que conhece, para obter algum vintem ou uma mão cheia de figos. Se, porém, não lhe dão alguma cousa, em vez de cantarem os *vivas*, cantam a seguinte lettra, com o rythmo dos tambores, em Allegro vivace

Depois tudo parte a fugir com receio d'alguma baldada d'agua ou d'outra qualquer judiaria.

A VIDA DO MARUJO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Alice d'Azevedo Motta.

Andar á chuva e aos ventos,
Quer de verão, quer de inverno;
Parecem o proprio inferno
As tempestades!
Don, don.

As nossas necessidades
Nos obriga a navegar,
A passar tempos no mar,
E aguaceiros.
Don, don.

Passam-se dias inteiros
Sem se poder cosinhar;
Nem tão pouco mal assar
Nossa comida.
Don, don.

Arrenego de tal vida,
Que nos dá tanta canceira!
Sem a nossa bebedeira
Nós não passamos!
Don, don.

Quando socegados estamos
No rancho a descançar,
Então é que ouço gritar:
Oh! leva arriba!
Don, don.

O mestre logo se estriba,
Bradando d'esta maneira:
Moços, ferra a cevadeira
E o joanete.
Don, don.

Tambem dá o seu falsete
Não podendo mais gritar:
Cada qual ao seu logar
Até ver isto.
Don, don.

Mais me valera ser visto
A' porta d'um botequim,
Do que ver agora o fim
Da minha vida.
Don, don.

Quando parece cumprida
A noite p'ra descançar
Então é que ouço tocar
Certa matraca.
Don, don.

O somno logo se atraca
Meu coração logo treme
Em cuidar que hei de ir ao leme
Estar duas horas.
Don, don.

Lembram-me certas senhoras
Com quem eu tratei em terra,
Que me estão fazendo guerra
Ao meu dinheiro.
Don, don.

Foi um velho marinheiro
Que inventou esta cantiga,
Embarcado toda a vida
Sem ter dinheiro.
Don, don.

Esta canção é muito antiga. Foi recolhida no drama—*Probidade* do actor Cesar de Lacerda.

A VIDA DO FRADE

VARIANTE DA CANÇÃO DO MARUJO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Magdalena de Jesus e Souza.

54

Preciso ter paciencia
P'ra o nosso noviciado,
D'estar um anno encerrado
Eu não sabia.

Logo disse não queria
Ser frade n'este convento,
Porque tão grande tormento
Experimentei.

A' força eu professei
Por meu pae assim querer;
Sou defunto sem morrer
Amortalhado.

Vivo n'um fogo abrasado
Com este burel vestido,
Quando me vejo despido
Estou contente.

Quando me vejo doente,
Mettido na enfermaria,
E' quando tenho alegria
Pelo descanço.

Se alguma licença alcanço
Que a meus paes vou visitar,
Se vão outros passear
Eu tambem vou.

Logo que o canto voltou
O meu bello companheiro
Procura a rua primeiro
De seus amores.

Se é doente, não tem dores
Logo que solto se vê;
Ainda que a gotta lhe dê
Não é tão forte.

Cuido ir buscar a morte
Quando subo esta ladeira,
Quando desço é de carreira
A toda a pressa.

De missas, uma remessa
O guardeão sempre tem;
Ganhar o frade um vintem
Ora essa é boa.

Se morre alguma pessoa
Que officio vamos resar,
Todos juntos a cantar
Eu quero velas.

De noite ás portas das cellas
Certas matracas tocando,
Vamo-nos alevantando
Orar para o côro.

Eu com isso quasi morro;
A's vezes somnanbulindo,
Se estou resando ou dormindo,
Tambem não sei.

Quando cuido dormirei
Toca o sino d'agonia
Vamos para a enfermaria
Versos cantar.

O frade quasi a expirar,
Sem acabar de morrer,
Havemos de amanhecer:
Ao côro vamos.

Toda a vida jejuamos,
Sempre estando a jejuar,
Passando sem almoçar,
Sem ter dormido.

Ja morreu arrependido
O nosso frade doente,
Ponha-se tudo patente
Que officio temos.

Graças a Deus, já resamos;
Vamos para o refeitorio
Tomar um bom vomitorio
De arroz cosido.

Se algum meu conhecido
A frade se queira metter
Digo logo: vá beber
De arrosalgar.

Porque em vida tal
Ninguem se venha metter,
Antes se exponha a morrer
Do que ser frade.

Do mesmo se queixa a madre
Por acompanhar o frade,
Por não ter a liberdade...
E nada mais.

A VIDA DA FREIRA

CANTA-SE COM A MUSICA DA VIDA DO FRADE

Não sei para que nasci
De tão bello parecer;
Formosa, gentil mulher,
E tão bonita.

Metteram-me a capuchinha
Cá n'este pobre mosteiro,
Onde pago por inteiro,
Os meus peccados.

Nunca me faltam enfados
Em cuidar em tal clausura,
Pois se me faz noite escura
Ao meio dia.

Nunca terei alegria,
Nem no mundo a póde haver,
Em cuidar que hei de comer
Em refeitorio.

Lá junto ao dormitorio
Onde dormem as mais madres,
Suspiram por seculares
Cá entre nós.

Em ver que dormimos sós
Me causa grande agonia,
Pois lá pela noite fria
Já me alevanto.

Agora faço o meu pranto,
Já me desvaneço em chôro,
Em cuidar que hei de ir ao côro
Rezar matinas.

Rezando as horas divinas,
Lá por esses corredores,
Me lembram os meus amores,
Por quem eu morro.

Toda a minha cella corro,
Indo-me ver ao espelho;
Meu rosto já vejo velho,
Sem que eu queira.

E a abbadessa ligeira,
Como malvada leôa,
Manda que tanjam a Nôa
E a disciplina.

Triste, coitada, mofina,
Que está mettida entre redes,
Entre tão fortes paredes,
Em casa escura.

A meu pae, eu torno a culpa,
E a meus irmãos tambem;
Podendo casar-me bem
Me desterraram.

A meu pae aconselharam
Que me não désse o meu dote;
Porque era melhor sorte
O ser eu freira.

Avisaram a porteira,
Tambem a madre abbadessa,
Que me mettesse em cabeça
Que casaria.

Eu como menina, cria,
Cuidando que era verdade,
Que qualquer freira ou frade
Casar podia.

Toda a gente me dizia
Que fosse sem arreceio,
Que havia aqui mais recreio,
Divertimento.

Agora que estou cá dentro,
Que ainda casar podia,
Eu vejo-me noite e dia
Aqui fechada.

Mais valêra ser casada,
De noite embalar meninos,
Do que andar a tocar sinos
No campanario.

Quando tudo é solitario
E estão todas a dormir,
Ainda estou a carpir
Magua tamanha.

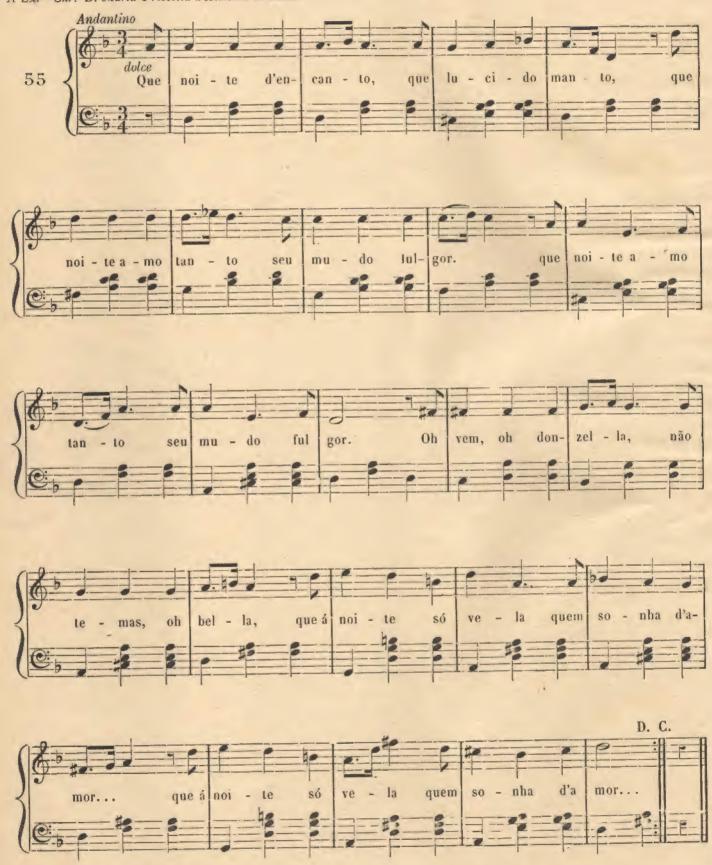
Minha mãe, que Deus a tenha,
Deus lhe dê contentamento,
Deixou no seu testamento
Que me casassem.

E se bem não me espozassem,
Que me botem d'aqui fóra,
E da casa arrenegasse
Que não tem homem.

Esta lettra é muito antiga.

NOITE D'ENCANTO

CANÇAO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Priscilla d'Almeida Brandão.

Esta canção, muito popularisada no Porto, data de 1854.

NOITE D'ENCANTO

Que noite d'encanto!
Que lucido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, oh donzella,
Não temas, oh bella,
Que á noite só vela
Quem sonha d'amor.

A luz infinita
Dos astros, crepita,
Arqueja e palpita,
Serena a brilhar:
Assim o teu seio,
De casto receio,
D'amor e d'enleio,
Costuma pulsar.

A lua, qual chamma,
Que os seios inflama,
Fanal de quem ama
Desponta nos ceus;
E a nitida fronte
Retrata na fonte,
E estende no monte
Seus candidos veus.

E a fonte murmura
Por entre a verdura,
E ao longe d'altura
Lá desce a gemer:
Que sons, que folguedos!
Parece aos rochedos
Dizer mil segredos
D'amor e prazer.

Silencio! o trinado
Lá solta enlevado,
Das noites o amado,
Da selva o cantor;
E o hymno que entôa
No bosque resôa,
E ao longe revôa
Gemendo d'amor.

O facho da lua
Co'a sombra fluctúa,
Avança e recúa
No chão do jardim;
Nas azas da aragem,
Que agita a folhagem,
Recende a bafagem
Da rosa e jasmin.

Que noite d'encanto!
Que lucido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, oh donzella;
Não temas, oh bella,
Que á noite só vela
Quem sonha d'amor.

A RAPTADA

OU

O CARAVELLEIRO DO MONDEGO

Á Ex.ma Snr.a D. Thomasia Miranda.

Barra fóra, barra dentro,
Sobre a tolda do navio:
Jurei-te, serei só teu...
Porque sou homem de brio.

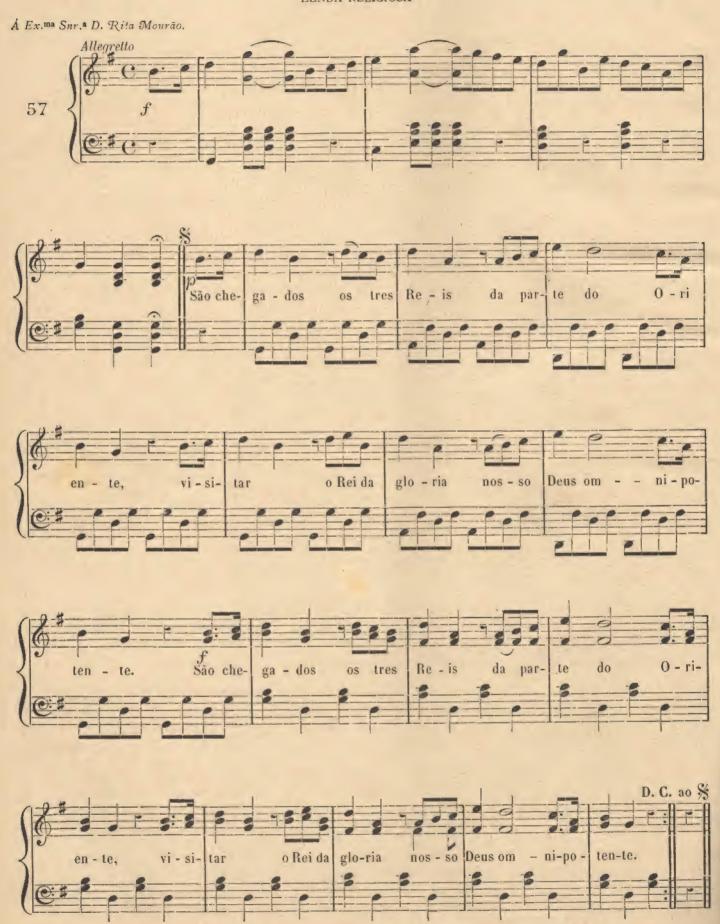
Oh homem da caravella! ...
Que é lá?
Volta atraz que vaes perdido!
Porque?

Essa mulher que ahi levas,
Que tem?!
E' casada, tem marido!
Irra!!!

Vou mar fóra, vem comigo;
Oh que rica viajada! ...
Que importa digam na terra
Essa mulher vae roubada.

Recolhida em Coimbra, em 1850.

SANTOS REIS

LENDA RELIGIOSA

SANTOS REIS

São chegados os tres Reis
Da parte do Oriente,
Visitar o Rei da gloria
Nosso Deus Omnipotente.

O caminho de um anno
Fizeram-no em treze dias,
Por favor muito soberano
Do Infante Rei Messias.

Guiados por uma estrella
Que a todo o mundo dá luz,
Buscar vão outra mais bella
Que é o Menino Jesus.

Herodes como malvado,
Como perverso e damninho,
Determinou ensinar-lhes
A's avessas o caminho.

Mas Deus que tudo sabe
Usou de tal maravilha;
Poz uma estrella no ceu
Para ser a sua guia.

A estrella se escondeu
Chegando a uma cabana,
Todos tres se ajoelharam
A Jesus neto de Anna.

A cabana era pequena
Não cabiam todos tres,
Adoraram a Jesus
Cada um por sua vez.

Offereceram-lhe ouro fino
Como Rei universal,
Incenso como divino
E myrrha como mortal.

Uma fragata divina
Nove mezes navegou,
Achando o mar em bonança
Em Belem descarregou.

Ella faz-se que vem pobre
Traz fazenda excellente;
Traz o Menino Jesus
Nosso Deus Omnipotente.

Patriarcha S. José
Accendeu o fogareiro;
Pois nos dizem que é nado
O bom Jesus verdadeiro.

Os anjos com alegria
Musica estão a cantar,
Porque o Rei dos altôs ceus
Para a terra vem reinar.

Cantam-se estas duas quadras com a musica das Loas:

Entrae, pastores, entrae,
Por esse portal sagrado;
Vinde ver o Deus menino
N'umas palhinhas deitado.

Porta aberta, meza posta,
Cantemos com alegria,
Nado é o Rei da Gloria
Filho da Virgem Maria.

Cantam-se com a musica dos vivas das Janeiras:

Oh senhor dono da casa,
Raminho de bella aurora,
Deus vos dê muita saude
E a vossos filhos e senhora.

Oh senhor dono da casa
Já o sino está tocando,
Bem nos quereis perdoar,
São horas, vamos andando.

VARIANTE

Escutae, oh nobre gente,
Escutae e ouvireis,
Que da parte do Oriente
São chegados os tres Reis.

São chegados os tres Reis
Da parte do Oriente,
Visitar o Deus-Menino,
Alto Deus Omnipotente.

Foram a casa d'Herodes
Por ser o maior reinado,
Que lhes ensinasse o caminho
Onde Jesus era nado.

Herodes como malvado,
Como perverso maligno,
Aos Santos Reis ensinou
A's avessas o caminho.

Os tres Reis como eram santos
Uma estrella os guiou,
Em cima d'uma cabana
A estrella se pousou.

A cabana era pequena
Não cabiam todos tres:
Adoraram o Deus-Menino
Cada um por sua vez.

Todos tres lhe offereceram
Ouro, myrra e incenso,
Não lhe offereceram mais
Porque era o Deus immenso.

Ouro como summos reis,
Myrrha como mortaes,
Incenso como Divino,
Menino que quereis mais?

Os santos Reis adoraram
A Jesus recem-nascido,
Em memoria d'este dia
Todo o festejo é devido.

Santos Reis, santos coroados
Vinde ver quem vos coroou,
Foi o Menino Jesus
Que Deus ao mundo mandou.

Já a redempção humana
Chegou ao praso marcado,
Em Belem nasceu ha dias
O Messias desejado.

Gloria seja a Deus-Padre,
E a Jesus Christo tambem;
Gloria seja ao Espirito Santo,
Para todo o sempre. Amen.

OH SENHOR CADETE

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Lucinda Aurora das Neves Carvalho.

Quando esta musica se cantar a uma voz ou em unisono, deve ser com a notação inferior.
Esta cantiga é muito antiga e está vulgarisada em todo o paiz, ilhas e Brazil.

Com esta mesma musica tambem se canta a seguinte lettra:

Pelo mar abaixo
Vae uma cabaça,
Se ella leva vinho,
  Oh tre-lan-tan-tan,
Tem a sua graça.
  Oh tre-lin-tin-tin,
  Oh tre-lan-tan-tan,
  Oh tre-lin-tin-tin,
  Oh do Mantangui!

Alli mais abaixo,
Alli mais além,
Se vende aguardente,
  Oh do rum-tum-tum,
Copos a vintem.
  Oh laré cantando,
  Flandim, flandim,
  Oh laré dançando,
  Para o seu bem.

Recolhida nos Açores pelo rev.mo padre Manuel d'Azevedo Cunha.

OH SENHOR CADETE

Oh senhor cadete
Não coma pão quente,
Que é comida forte
Do ki-ri-ki-ki,
Faz rangel-o dente.
Do ku-ru-ku-ku,
Do Maritangueiro,
Do ki-ri-ki-ki,
O gallo cantou.

Se o gallo cantou
Deixal-o cantar,
Minha rica prima,
Do ki-ri-ki-ki,
Vamos passear.
Do ku-ru-ku-ku,
Do Maritangueiro,
Do ki-ri-ki-ki,
O gallo cantou.

Oh senhor cadete
Da gola amarella,
Não namore a moça,
Do ki-ri-ki-ki,
Que ella é donzella.
Do ku-ru-ku-ku,
Do Maritangueiro,
Do ki-ri-ki-ki,
O gallo cantou.

Se o gallo canta,
Canta a seu favor,
Minha rica prima,
Do ki-ri-ki-ki,
E's o meu amor.
Do ku-ru-ku-ku,
Do Maritangueiro,
Mo ki-ri-ki-ki,
O gallo cantou.

Oh senhor cadete
Da banda d'além,
Não namore a moça
Que ella é o meu bem.

Se o seu gallo canta,
Canta como d'antes,
Minha rica prima
Eu vou para Abrantes.

Oh senhor cadete,
Lá da Bandeirinha,
Não namore a moça
Que ella é já minha.

Se o seu gallo canta,
Canta cantadinho,
Minha rica prima
Eu vou para o Minho.

Oh senhor cadete
Que vem do Pará,
Não namore a moça
Que ella é minha já.

Se o seu gallo canta,
Meia noite é dada;
Minha rica prima
Eu vou para Almada.

Oh senhor cadete
Que vem da parada,
Não namore a moça
Que ella é casada.

Se o seu gallo canta,
Canta no poleiro,
Minha rica prima
Eu vou para Aveiro.

Oh senhor cadete
Não bula na tenda,
Não namore a moça
Que está de encommenda.

Se o seu gallo canta,
Deixal-o cantar,
Minha rica prima
Vamo-nos deitar.

HYMNO DA COROAÇÃO

DE S. M. F. O SENHOR D JOÃO. VI

Á Ex.ma Snr.a D. Olivia Corrêa Gonçalves. *Musica de A. S. Leite.*

Seu sceptro respeitem,
As nações da terra,
Na paz seja Numa,
Scipião na guerra.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Piedade e justiça,
Lhe escoltem o lado,
Seja a edade d'ouro,
Seu feliz reinado.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Seu nome eternise
O clarim da historia,
E subam seus feitos
Ao templo da gloria.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Virtudes e graças
A esposa lhe adornem,
E os dons da ternura
Sobre ella se entornem.

Cantemos, oh Lusos, etc.

De prole de heroes
O ceo o enriqueça,
Por quem nossa gloria
Prospere e floreça.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Mil votos d'amor
Fieis e rendidos,
Tributem-lhe sempre
Os reinos unidos.

Cantemos, oh Lusos, etc.

NOTA.—Transcripção do «Hymno patriotico a grande orchestra, cantado no Real Theatro de S. João da cidade do Porto, no dia em que se festejou a Coroação de S. M. F. o Senhor D. João VI, Rey do Reino unido de Portugal, Brazil e Algarve. Offerecida á Magestade Augusta do mesmo Real Senhor e composto por seu humilde vassalo Antonio da Silva Leite, mestre de Capella da Cathedral da mesma Cidade (Anno 1820).» (Copia do frontespicio do hymno).

RAMALDEIRA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Thereza de Jesus Malta Pauperio.

No momento da partida
Meu coração te entreguei,
Quando me vem á lembrança,
Como não morro, não sei:

Quando comecei a amar-te
Talvez não soube o que fiz;
Quem só a paixão consulta
Raras vezes é feliz.

Eu subi á amendoeira
Sem me lembrar do descer:
Desprezado dos teus olhos,
Quem me ha de agora querer?

Trago dentro do meu peito
Uma parede formada
De penas e de cuidados,
Aqui não disfarça nada.

Trago dentro do meu peito
Chegadas ao coração,
Duas letrinhas que dizem:
Morrer, sim; deixar-te, não.

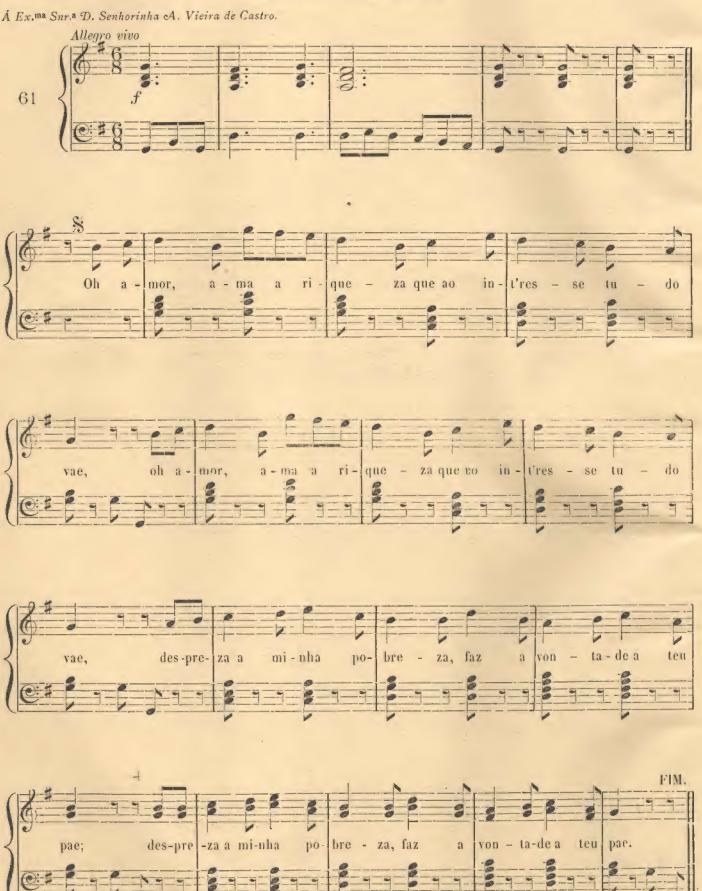
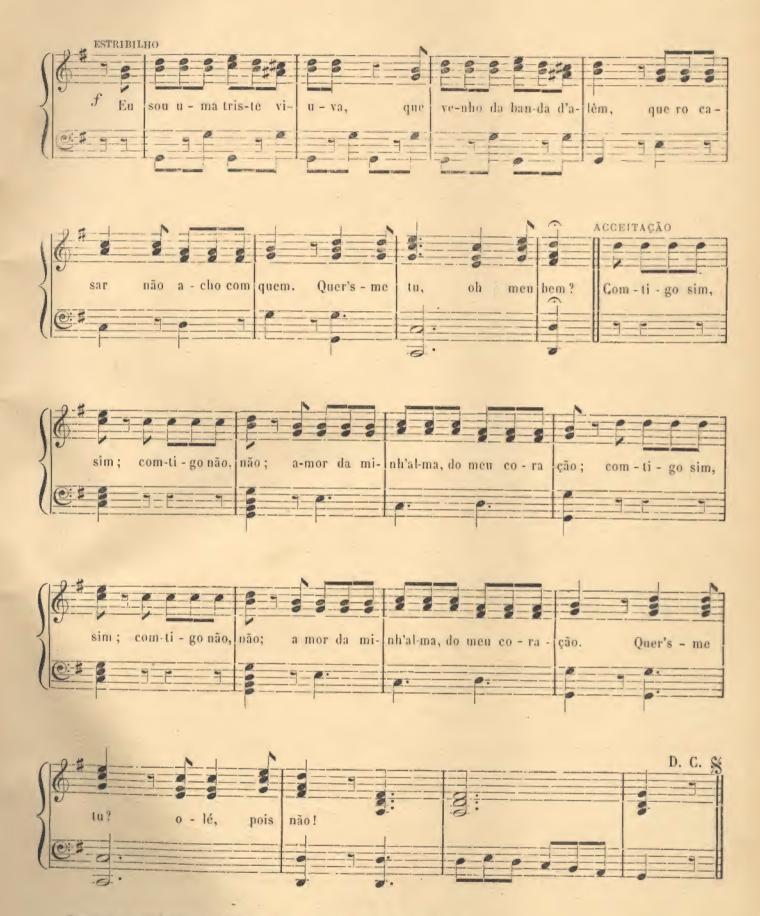
Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões;
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

Esta chula é do concelho de Bouças, da importante freguezia de Ramalde, d'onde deriva o nome. Já no principio d'este seculo era conhecida.

Dança.—Os cavalheiros de um lado e as damas do outro vão duas vezes ao centro, depois dão uma reviravolta de 4 em quatro compassos e trocam de logar, repetindo o mesmo até que tornam a voltar ao seu logar; segue-se a mesma evolução por outro par; e assim por deante até que por fim dança tudo simultaneamente.

A VIUVINHA

CHOREOGRAPHICA ALEMTEJANA

Á Ex.ma Snr.a D. Senhorinha A. Vieira de Castro.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Rev.mo Prior Joaquim José da Rocha Espanca.
Quando é uma voz só que canta, deve cantar as notas superiores.
Dança.—No meio da roda, formada pelos pares, está a viuvinha que, no fim do estribilho, indica, por uma inclinação de cabeça, o seu escolhido; se este acceita, canta logo a *acceitação* e no fim deixa a roda e passa para o centro d'ella; se regeita canta a *repulsa*, isto é, volta então ao principio. (*Da capo*) com a quadra; (Toma lá este cabaço,) e a viuvinha tem de proclamar outro no fim do estribilho.

A VIUVINHA

Oh amor, ama a riqueza
Que ao int'resse tudo vae:
Despreza a minha pobreza,
Faz a vontade a teu pae.

Eu sou uma triste viuva,
Que venho da banda d'além.

Quero casar
Não acho com quem.
Queres-me tu,
Oh meu bem?

ACCEITAÇÃO:

Comtigo, sim, sim;
Comtigo, não, não;
Amor da minh'alma
Do meu coração.

REPULSA: (veja-se a explicação da dança).

Toma lá este cabaço
Leva-o lá de tiracol:
Se te não agrada este,
Levarás outro maior.

Desprezaste-me por outra,
Levas isso em brasão,
Acharás outra mais rica,
Mas, mais leal, isso não.

Oh meu amor de tão longe,
Chega-te cá para o perto;
Já me doe o coração
De te ver n'esse deserto.

Agora que eu me arranjei
Tiram-me o meu rapaz;
Em logar de um vem dois,
Olha a falta que me faz!

Eu já fui a Olivença,
Subi a ladeira d'Alter,
Presumpção e agua benta
Cada qual toma a que quer.

Vou-te dar os parabens
D'este teu novo namoro;
Queira Deus que esse teu rir
Não te venha a dar em choro.

Mandei fazer uma torre
De pedra, cal e areia,
P'ra avistar os tristes campos
Onde o meu amor passeia.

A torre do Alandroal
Outra mais alta não vi;
Inda tu dizes, ingrato,
Que me não morro por ti.

A minha terra é Poiares
Por toda a ribeira arriba,
Oh! minha mãe, quem me dera
De lá uma rapariga.

Poz-se-me o sol ao baldio,
O ar de dia á Ribeira;
Já venho a tremer com frio,
A roupa está em Ferreira:

Não me falles á hespanhola
Que não entendo a tua falla,
Sem teres táto na bola
No *cante* quer's fazer gala.

Em se acabando o entrudo
Já se comem as filhozes,
Já não é tanto a miudo
Que se ouvem as tuas vozes.

Da palmeira nasce a palma,
A palma nasce do chão,
O querer bem nasce da alma,
Querer-te bem, do coração.

Rua grande, rua grande,
Comprida, que não tem fim,
Querem que eu perca a amisade
A quem não m'a perde a mim.

Ingrato reconhecido,
Que te custava dizer
Amor busca a tua alma,
De ti não quero saber?

O' falso, tres vezes falso,
O' falso, que me enganaste,
O' falso, que não cumpriste
O que commigo trataste.

Não sei se te diga adeus,
Se te diga vou-me embora,
O amor é uma saudade,
Quando abala sempre chora.

Ingrato, porque razão
Não fallas ao teu amor,
Tendo tu obrigação
De fallar seja a quem fôr?

Dão ao alecrim na tapada
A altura que elle queria;
Os olhos da minha amada
São pedras de cantaria.

Já ouvi cantar a c'ruja
Nas margens do Guadiana,
Quem tiver medo, que fuja,
Que eu sou maltez de cabana.

A maior parte d'estas quadras foram recolhidas no Alemtejo pelo Ex.mo Snr. Antonio T. Pires.

REU, REU, PUM!

CANTIGA DAS RUAS

A Mlle Léontine Brissac.

Uma velha, muito velha,
Pum!
Mais velha que o meu chapeu,
Pum, catapum,
Agora, agora,
Reu, reu, pum!
Fallaram-lhe em casamento,
Pum!
Ergueu as mãos para o ceu!
Pum, catapum,
Agora, agora,
Reu, reu, pum!

Uma velha, muito velha,
Pum!
Mais velha que a saragoça
Pum, catapum,
Agora, agora,
Reu, reu, pum!
Fallaram-lhe em casamento.
Pum!
De velha tornou-se moça
Pum, catapum,
Agora, agora,
Reu, reu, pum!

Esta cantiga já era conhecida no principio do presente seculo.

MANOEL TÃO LINDAS MOÇAS

CHOREOGRAPHICA

À Ex.ma Snr.a D. Germana Alexandrina Bastos.

Muito antiga e muito em uso no districto do Porto.

Dança. — Os pares, dando o braço, marcham em grande roda, (16 compassos). Depois cada par roda sobre si mesmo (4 compassos para o lado esquerdo, e 4 para o lado direito), passando o cavalheiro, em seguida, o braço á dama do par immediato. E assim vae continuando até voltar á sua primeira dama.

MANOEL TÃO LINDAS MOÇAS

CANTIGA DO MINHO

Quando te eu peguei a amar,
Manoel!
Deitei sortes á ventura;
Manoel!
Quando me eu quiz retirar,
Manoel!
Já meu mal não tinha cura.
Manoel, tão lindas moças,
Manoel, tão lindas são:
Manoel, quero-te muito,
Manoel, do coração!

Manoel é um perdido,
Que perdeu a sua dama,
Olha, Manoel, não percas
O travesseiro da cama.

Manoel, vamos dançar,
Que nos importam fadigas,
Parece que estás brincando
Commigo, ás escondidas!

Trago dentro do meu peito
Um cravo roxo dourado,
Regado com aguas finas,
Que eu por ti tenho chorado.

Para que quero eu olhos,
Senhora Santa Luzia!
Se elles não vêem a Deus
A toda a hora do dia!

Já lá vae quem eu amava,
Já lá vae quem eu queria,
Já está debaixo do chão,
Já o come a terra fria.

Eu p'ra ti sempre a olhar,
E tu sem nunca me veres;
Olha, amor, vê a differença
Que ha entre os nossos quereres.

Por mais que de ti me apartem,
Mais, amor, eu te hei de querer,
Que o meu coração é vara
Que ninguem pode torcer.

De encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

Se o meu amor te amofina
A culpa é do coração,
Se eu a ti nunca te vira
Nunca tivera paixão.

Papagaio, penna verde,
Empresta-me o teu vestido;
O teu vestido são pennas,
Em penas ando mettido.

Triste sou, triste me vejo,
Sem a tua companhia,
Tão triste que nem me lembro
Se alegre fui algum dia.

Ai de mim que já não posso
Cantar como já cantei,
Bebi a grama ao tojo
Até a falla mudei.

Semeei cravos na areia,
Diz, amor, se nascerão;
Dize-me se estão seguros,
Segredos na tua mão.

Eu defronte e vós á vista
Nem te vejo nem me vedes,
Oh mal haja os pedreiros
Que fizeram taes paredes.

Oh meus cuidados de noite!
Oh minha estada ao luar!
Minhas ovelhas perdidas
Onde vos irei achar?!!

Que tendes no pucarinho,
Menina, que tão bem cheira?
São as lagrimas do amor
Que se vae segunda-feira.

Fiz a cama na amoreira
Com tenção de madrugar,
Veio a noite embalou-me,
Eu dormi, deixei-me estar.

Estrellas do ceu baixai,
Fique o ceu sem esplendor,
Fiquem os campos sem luz,
Já que eu fiquei sem amor.

Não ha cousa n'este mundo
Como viver ao desdem,
Mostrar carinhos a todos
E não querer bem a ninguem.

Amar como eu, ninguem,
Mas sou mal afortunado,
Onde ponho o meu sentido
Acho o logar occupado.

Não ha machado que corte
A raiz ao pensamento,
Nem ha lettrado que diga
O que tenho no intento.

Tres dias antes que eu morra
Hei de ir passear ao adro;
Para ver a sepultura
Onde hei de ser enterrado.

Passarinho só tu podes
Com pennas andar cantando;
Pois eu cá não sou assim,
Com penas ando chorando.

Meu amor diz que me ama
Inda além da sepultura;
Tanto bem não é p'ra mim,
Não tenho tanta ventura.

O ATROADOR

MELODIA

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Adelaide Alves Cerdeira.

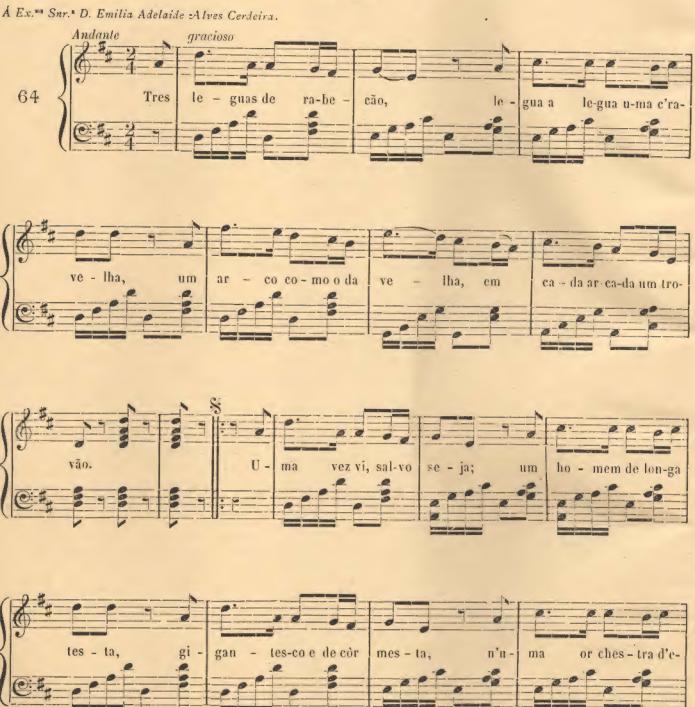
Andante gracioso

64

Tres le - guas de ra-be - cão, le - gua a le-gua u-ma c'ra-

ve - lha, um ar - co co - mo o da ve - lha, em ca - da ar-ca-da um tro-

vão. U - ma vez vi, sal-vo se - ja; um ho - mem de lon-ga

tes - ta, gi - gan - tes-co e de côr mes - ta, n'u - ma or ches - tra d'e-

Tres leguas de rabecão,
Legua a legua uma caravelha,
Um arco como o da velha,
Em cada arcada um trovão.

Uma vez vi, salvo seja,
Um homem de longa testa,
Gigantesco e de côr mesta,
N'uma orchestra de igreja.
Qualquer outro que o veja
Comsigo se admira então,
Pois na famosa extensão
Com que, de pé, mais assoma,
Subjuga, abarca, e doma,
Tres leguas de rabecão.

Confesso que um leve instante
Fiquei absorto e mudo,
Quando vi tão grande tudo,
O instrumento e o gigante.
Eis senão quando, na estante,
Lhe vejo pôr solfa velha,
No nariz oc'los; e a celha
Pouco a pouco carregava,
Quando com força puxava,
Legua a legua, uma caravelha.

Eu, que tudo analysava,
Com grande admiração,
Vi que afinava co'a mão
E que do arco não usava.
Quando menos o pensava,
A tomal-o se apparelha,
E, posto de meia esguelha,
Quando eu menos o suppunha,
Baixa a mão, sem custo empunha
Um arco como o da velha!

Então disse, de medroso:
Se tudo fôr d'esta sorte,
Que fará, roçando forte,
No grosso bordão asqueroso?!
Quiz sahir, mas já forçoso
Esperar-me era então.
Tudo guardava attenção!
Eis que rompe a symphonia,
E me agacho, quando ouvia
Em cada arcada um trovão.

Esta cantiga, assim como quasi todas as suas congeneres, da nova musa popular dos fados, não tem lettra propria. Applicam-lhe diversas poesias; nós dámos preferencia á presente, não só por estar mais em relação com o titulo e rythmo da musica, mas ainda por ser uma engraçada hyperbole, excellentemente glosada. E' vagamente conhecida, apesar de ser antiga.

O NOIVADO DO SEPULCHRO

BALLADA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Emilia Kendall.

Lettra de Soares de Passos.

Largo

65

p lento

p

Vae al - ta a lu - a, na man-ção da mor - te, já mei - a noi - te com va-gar so - ou. que paz tran-quil - la dos vai - vens da sor - te só tem des-can-ço quem a - li bai - xou. que paz tran-quil - la dos vai - vens da sor - te, só tem des-can-ço quem a-li bai- xou.

D. C. FINAL

O NOIVADO DO SEPULCHRO

Vae alta a lua! na mansão da morte
Já meia noite, com vagar, soou:
Que paz tranquilla! dos vaivens da sorte,
Só tem descanço quem alli baixou.

Que paz tranquilla!... mas ao longe, ao longe,
Funérea campa com fragor rangeu:
Branco phantasma, semelhando um monge,
D'entre os sepulchros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se, na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz:
O vento geme no feral cypreste,
O môcho pia na marmorea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se, com sombrio espanto,
Olhou em roda... não achou ninguem...
Por entre as campas, arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto d'uma cruz alçada,
Que entre os cyprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se, e com voz maguada
Os eccos tristes accordou assim:

«Mulher formosa, que adorei na vida,
«E que na tumba não cessei d'amar;
«Porque atraiçôas desleal, mentida,
«O amor eterno que te ouvi jurar?

«Amor! engano, que na campa finda,
«Que a morte despe d'illusão fallaz;
«Quem d'entre os vivos se lembrara ainda
«Do pobre morto que na terra jaz?

«Abandonado n'este chão repousa;
«Ha já tres dias, e não vens aqui...
«Ai! quão pesada me tem sido a lousa
«Sobre este peito que bateu por ti!

«Ai! quão pesada me tem sido!» e em meio,
A fronte exhausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

«Talvez que, rindo dos protestos nossos,
«Gozes com outro d'infernal prazer;
«E o olvido cobrirá meus ossos
«Na fria terra, sem vingança ter!

— «Oh! nunca, nunca!» de saudade infinda
Responde um ecco suspirando além...
«Oh! nunca, nunca!» repetiu ainda
Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as fórmas divinaes, airosas,
Longas roupagens de nevada côr;
Singela c'rôa de virgineas rosas,
Lhe cerca a fronte d'um mortal pallôr.

«Não, não perdeste meu amor jurado:
«Vês este peito? reina a morte aqui...
«E já sem forças, ai de mim, gelado,
«Mas ainda pulsa com amor por ti.

«Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
«Da sepultura, succumbindo á dor;
«Deixei a vida... que importava o mundo,
«O mundo em trevas sem a luz do amor?

«Saudoso ao longe vês no ceu a lua?
— «Oh! vejo, sim... recordação fatal!
— «Foi á luz d'ella que jurei ser tua,
— «Durante a vida, e na mansão final.

«Oh! vem! se nunca te cingi ao peito,
«Hoje o sepulchro nos reune emfim...
«Quero o repouso do teu frio leito.
«Quero-te unido para sempre a mim!»

E ao som dos pios do cantor funereo,
E á luz da lua de sinistro alvor,
Junto ao cruzeiro, sepulchral mysterio,
Foi celebrado, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já d'esse drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral, vasia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém, mais tarde, quando foi volvido,
Das sepulturas o gelado pó,
Dous esqueletos um ou outro unido,
Foram achados n'um sepulchro só.

PARODIA AO NOIVADO DO SEPULCHRO

Vae alta a noite na mansão do estudo,
Triste relogio duas horas dá!
Oh! que saudade do folgar das ferias
Soffre o que em livros sepultado está!

Oh! que saudades... mas não ha remedio
Que já do exame o cruel mez volveu:
Um pobre cabula esfregando os olhos
Por entre livros a cabeça ergueu!

Ergueu-se, ergueu-se, sobre a vasta meza
Onde um candieiro reflecte a luz;
Um leito fôfo que se ostenta proximo
Ao meigo somno tentador seduz!

Ergueu-se, ergueu-se, com tristonho rosto
Olhou em roda, não abriu nenhum
D'entre esses livros que a vista tremula
Par'cia, a custo, procurar algum.

Vendo, porém, uma brochura verde
Que entre as outras assomava ao fim
Parou, sentou-se, bocejando muito,
Tristes palavras arrancou assim:

«Cruel compendio que não vi nas aulas,
Mas que estes dias não cessei de ler,
Porque me negas da sciencia o premio
Que do estudo prometteste ser?

«Sciencia!... engano que no exame finda,
E que nas ferias não tem uso algum;
Qual d'entre os lentes vae depois lembrar-se
De quem brilhou no acto final?... nenhum.

«Junto dos livros sem dormir, coitado,
Ha já tres noites, inda nada sei;
Ai, que pesado me tem sido o estudo
Desde que alfim de cabular deixei!

«Ai quão pesado me tem sido...» e em meio
Com o somno os olhos a final cerrou,
Entre bocejos á brochura verde
Com dois espirros assim lhe fallou:

«Talvez que rindo d'este estudo insano
Asnos approvem por empenhos só,
E um R, um R, me darão do exame
No amphitheatro sem de mim ter dó.

—«Oh nunca, nunca!...» lhe responde o livro
Com voz rouquenha que ninguem ouviu:
«Oh nunca, nunca!...» repetiu ainda
O tal compendio que o estudo abriu.

Cobrem-lhe as folhas de papel d'imprensa
A capa verde, amarrotada já,
O simples titulo de—*Lições de Chimica*
No frontespicio em lettra gorda está!

«Não! não perdeste o promettido premio!
Vês estas folhas? reina a sciencia aqui:
Durante as aulas foram pouco lidas,
Mas não esmoreças, tem confiança em mim.

«Feliz que pude escapulir-me um dia
Que me quizeste, maganão, rasgar!
Durante um anno só me abriste as folhas,
Sem nem aos lentes attenção prestar.

«Vês do candieiro esse clarão tão pallido?
—«Oh! vejo, sim, recordação fatal!»
—«Foi á luz d'elle que juraste a cabula
Sem te lembrar a approvação final.

«Mas muito embora, se jámais as paginas
Durante as aulas me quizestes ler,
Rouba commigo esta noite ao leito
E lá no exame approvação vaes ter!»

E ao som dos carros apanhando o lixo,
E á luz do azeite que esmorece alfim,
Perdeu a noite decorando o triste,
Folhas e folhas que não tinham fim.

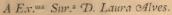
Quando o relogio fez ouvir oito horas,
Já d'este quadro não restava mais
Que um estudante preparado a exame
Fazendo figas á *extracção dos saes!*

Porém mais tarde quando ao quarto aos moveis
Veio a creada sacudir o pó,
Achou no chão aos pontapés a *Chimica*
De que restavam duas folhas só.

Ha trinta annos que possuimos, em um nosso album, esta parodia, que todas as gerações academicas, até á presente tem transmittido umas ás outras successivamente, conservando-se o seu author no anonymo.

O acolhimento que teve esta poesia tão despretenciosa e satyrica sobre um assumpto sympathico á mocidade estudiosa, despertou em muitos versejadores a mania de parodiar a mesma ballada em assumptos diversos, mas foram todas as parodias tão infelizes que apenas obtiveram uma existencia obscura e quasi ephemera.

OH SOLIDÃO!

CANTIGA DAS RUAS

Se fôres ao cemiterio,
Oh! solidão, solidão!
No dia do meu enterro,
Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai!
Pede á terra que não coma,
Oh! solidão, solidão!
As tranças do meu cabello,
Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai!

Escreve com tua mão
Sobre a minha sepultura:
—Aqui jaz quem sempre teve
Muito amor, pouca ventura.

Meus males, minhas desditas
Remedio não podem ter;
Só deixarei de ser triste
Quando deixar de viver.

Quando vou por meu caminho,
A chamar pela ventura;
Não acho melhor descanço
Do que a paz da sepultura.

Eu hei de morrer... morrer...
Não sei a hora nem quando;
Terra que me has de comer
Podes-te ir apparelhando.

Recolhida no Porto, no verão de 1889.

O PADRE CURA

DIALOGO

Á Ex.ma Snr.a D. Eliza Penha Osorio.

Esta musica tem mais de vinte annos. Devemos ao Rev.mo Padre Sebastião de Vasconcellos a acquisição da melodia e versos, cujo author foi o celebre jesuita, padre Carlos Rademaker.

O PADRE CURA

DIALOGO ENTRE O PADRE CURA E A CAMPONEZA

—Muito boas tardes,
Senhor padre Cura;
Vae dar seu passeio?
Deus lhe dê ventura.

«Não vou dar passeio
Que faz muita calma:
Vou ver um doente
P'ra cuidar-lhe n'alma.

—Ha já tanto tempo
Que ninguem o via...
Diga, Senhor Cura,
Onde se mettia?

«Pois de casa eu saio
A cada momento,
Ora a um enterro,
Ora a um casamento.

—Senhor Padre Cura,
Tem muito dinheiro;
Não lhe cabe o trigo
Já no seu celleiro.

«Se tenho dinheiro,
O que me consola,
E' que Deus m'o deu
P'ra fazer esmola.

—Sei que no passal
Não lhe falta nada;
Mas vel-o comnosco
Sempre nos agrada.

«No passal ha tudo
Para os pobresinhos;
Triste do mendigo
Que anda aos bocadinhos.

—Diga, Senhor Cura,
Quando é o dia
Da festa do Orago
Cá da freguezia?

«A festa do Orago
Já não tarda nada;
Tem o sachristão
Toda a Egreja armada.

—E' que tenho feito
Um vestido novo
Que ha de ser gabado
Pelo nosso povo.

«Quem á festa vae
Só para figurar,
Melhor era em casa
Deixar-se ficar.

—E' que, Senhor Cura,
Prometti tal dia
D'ir com outras moças
A uma Romaria.

«Vae antes á Egreja
Fazer oração
Que tem indulgencias
A nossa funcção.

—Perdão, Senhor Cura,
Porque não me explico;
Só ao fim da festa
Vou ao bailarico.

«Isso, minha tonta,
São os teus cuidados;
Logo ao fim da festa
Fazer mais peccados.

—Senhor Padre Cura,
Sempre é muito austero;
Não ralhe commigo
Isso é que eu não quero.

«Não ralho comtigo,
Mas te dou o ensino,
Vós, moças, andaes
Sempre em desatino.

—Somos ignorantes,
Eu bem o conheço,
Mas pela Quaresma
Vamos ao confesso.

«E não calles nada
Do mal que tens feito,
Pois callar peccados
Isso não tem geito.

—Senhor Padre Cura,
Sempre vou com mêdo,
Mas entrego tudo,
Tudo ao seu segredo.

«Filha, fazes bem,
E assim é preciso
Se quizeres entrar
Lá no Paraiso.

—Senhor Padre Cura,
Vae com tanta pressa...
Queria dizer-lhe,
Ai que não me esqueça.

«O que dizer queres
Estou advinhando,
Pois mudas de rosto,
Vejo estás corando.

—Queria dizer-lhe,
Queira apregoar-me,
Porque decidido
Tenho já casar-me.

«Pois Deus te abençôe
E a quem te deseja;
Domingo teu nome
Eu direi na egreja.

—Uma boa benção
Quero n'esse dia,
Que ha de ser por certo
Todo d'alegria.

«Guarda-te, innocente,
E vae procural-a
Ao arco cruzeiro
Onde eu hei de dal-a.

—E se algum filhinho
Deus me tiver dado
Eu hei de leval-o
A ser baptisado.

«Assim Deus permitta,
E seja com ventura,
Que hei de baptisal-o,
Sou teu Padre Cura.

—Senhor Padre Cura,
Não se vá embora,
Sempre está com pressa,
Nunca se demora.

«E' porque vou ver
Uma doentinha,
Péde a Deus por ella,
Pobre coitadinha!...

—E quando eu morrer,
Senhor Padre Cura,
Tambem irá ver-me
Para eu ir segura?

«Irei, sim, filhinha
Do meu coração,
Para consolar-te
Com a Extrema Uncção.

—E depois de morta,
Senhor Padre Cura,
Irá então rezar-me
Sobre a sepultura?

«Irei, sim, de certo,
Digo-t'o mui serio:
Rezando responsos
Té ao cemiterio.

—Senhor Padre Cura,
E' já tão velhinho,
Tudo n'este mundo
Leva seu caminho.

«Já vou caminhando,
Mas vou consolado,
Pois o bem de todos
Tenho procurado.

—Ah! se nos faltar,
Senhor Padre Cura,
Todos choraremos
Nossa desventura.

«Quando acabar,
Se vol-o mereço,
Pedi a Deus por mim,
Isso é o que eu vos peço.

A JUDIA

BARCAROLLA

A Ex.ma Snr.a D. Anna Adelaide Leite Bastos. *Poesia de Thomaz Ribeiro.*

—« Dormes? eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi;
Dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
Dorme, querida, que eu descanto aqui!

Dorme! eu descanto a acalentar-te os sonhos,
Virgens, risonhos, que te vem dos ceus!
Dorme! e não vejas o martyrio, as maguas,
Que eu digo ás aguas e não conto a Deus!

Anjo sem patria, branca fada errante,
Perto ou distante que de mim tu vás,
Ha de seguir-te uma saudade infinda,
Hebrea linda, que dormindo estás!

Onde nasceste? onde brincaste, oh bella?
Rosa singela que não tens jardim?
Em Jafa? em Malta? em Nazareth? no Egypto?
Mundo infinito, e tu sem berço?! oh! sim.

Folha que o vento da fortuna impelle!
Victima imbelle que um tufão roubou!
Flor que n'um vaso se alimenta, cresce,
Ri, desaparece, e nunca mais voltou!

Filha d'um povo perseguido e nobre,
Que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê!
Sempre Ashevero a percorrer a esphera!
Desgraça austera! inabalavel fé!

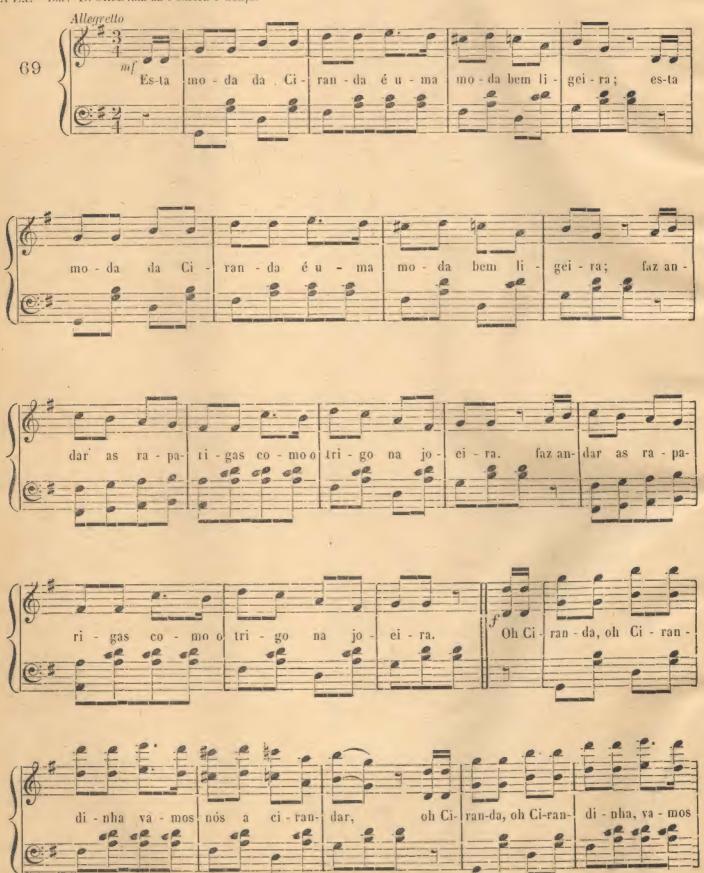
Porque ha de o lume de teus olhos bellos
Mostrar-me anhelos d'infinito ardor?
Porque esta chamma a consumir-me o seio?...
Deus de permeio nos maldiz o amor!...

Peito! meu peito, porque anceias tanto?
Pranto! meu pranto, basta já, não mais!
E' sina, é sina; remador, voltemos;
Não n'a acordemos... para quê, meus ais?...

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi;
Dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
Dorme, querida, que eu não volto aqui!

CIRANDA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Albertina da Fonseca e Souza.

Esta moda da Ciranda
E' uma moda bem ligeira;
Faz andar as raparigas
Como o trigo na joeira.

> Oh Ciranda, oh Cirandinha,
> Vamos nós a cirandar,
> Vamos a dar meia volta,
> Meia volta vamos dar;
> Vamos a dar outra meia,
> Outra meia e troca o par.

Gosto muito da Ciranda
Só pelo andar á roda:
Lá dará contas a Deus
Quem inventou esta moda.

Oh Ciranda, oh Cirandinha,
Eu hei de ir ao teu serão,
Fiar uma maçaroca
Do mais fino algodão.

A Ciranda por ter frio
Bebe por uma cabaça;
O diabo da Ciranda
Até no beber tem graça.

A Ciranda por castigo
Bebe por um assobio:
O diabo da Ciranda
Até no beber tem brio.

A Cirandinha me disse
Que eu havia de ir com ella:
Vae-te embora, Cirandinha,
Que eu vou para a minha terra.

> Oh Ciranda, oh Cirandinha,
> Vamos nós a cirandar,
> Vamos a dar meia volta,
> Meia volta vamos dar;
> Vamos dar a volta inteira,
> Quem 'stá bem deixa-se estar.

Quem está bem deixa-se estar;
Eu não posso estar melhor;
Estou ao pé do meu bemzinho,
Não ha regalo maior.

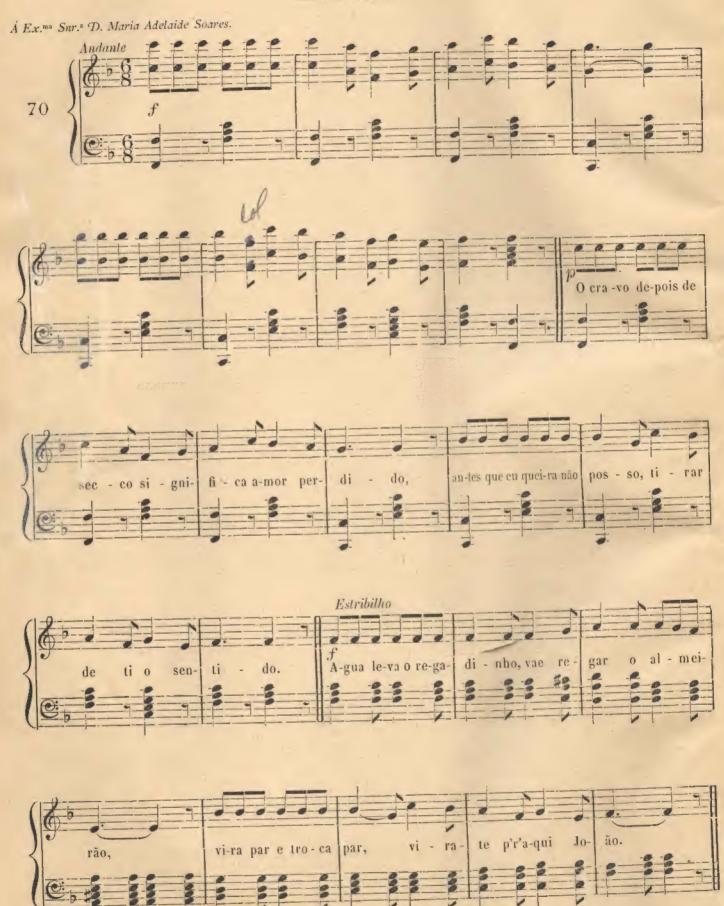
Não ha regalo maior,
Não o ha, nem pode haver,
Estou ao pé do meu bemzinho,
Estou ao pé do meu bem querer.

Esta *moda*, propria das eiras, vulgarissima em todo o paiz, e no Brazil, é talvez contemporanea da primitiva alfaia agricola, a *Ciranda*, que serve para joeirar os cereaes; é d'ella que lhe provem o nome, e a ella são allusivas todas as cantigas e se referem os ditos, como *beber por uma cabaça* ou *assobio*, que é o receptor dos grãos.

Dança.—As proprias cantigas d'esta moda indicam a maneira de a dançar. Os pares de braço dado, marcham em grande roda durante a primeira cantiga (16 compassos). O estribilho é com a mesma musica; durante 8 compassos segue a mesma roda, depois o cavalheiro dá a mão direita á direita da dama, e dão meia volta sobre o lado direito, em seguida dando as mãos esquerdas dão meia volta sobre o lado esquerdo, e repetem as mesmas voltas, salvo quando é para acabar, que como se diz na cantiga, dão volta inteira, e fica cada um com o seu par, terminando por marcharem de braço dado, improvisando qualquer cantiga desgarrada.

REGADINHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelaide Soares.

REGADINHO

O cravo depois de secco
Significa (1) amor perdido:
Antes que eu queira não posso
Tirar de ti o sentido.

Agua leva o regadinho,
Vae regar o alecrim;
Vira par e troca par.,
Vira-te p'ra aqui Joaquim.

Quando a rosa é mais bonita
Tantos mais espinhos tem:
Teus feitiços tem-me preso,
Só a ti eu quero bem.

Agua leva o regadinho;
Vae regar o almeirão;
Vira par e troca par,
Vira-te p'ra aqui João.

Nós já somos conhecidos
Como antigos namorados:
Tu és uma feiticeira,
Tu tens sido os meus peccados.

Agua leva o regadinho;
Vae regar o arcipreste;
Vira par e troca par,
Vira-te pr'a aqui Silvestre.

O nosso cura zangado,
Minha mãe já reprehendeu;
Isto não é vida assim,
Tir-te lá, arrenego-te eu. (2)

Agua leva o regadinho;
Vae regar o moscatel;
Vira par e troca par,
Vira-te p'ra aqui Manoel. (3)

(1) *Senífica* diz a gente do campo.
(2) *Tira-te,* etc.
(3) *Manel,* na fórmr popular.

DANÇA.—Os cavalheiros dão o braço ás damas e marcham em grande roda emquanto a cantadeira entôa a cantiga, chegados ao estribilho as damas dão o braço direito ao cavalheiro, e viram, e em seguida passam o braço esquerdo ao cavalheiro do par immediato.

Cada dama e cada cavalheiro deve cantar uma cantiga.

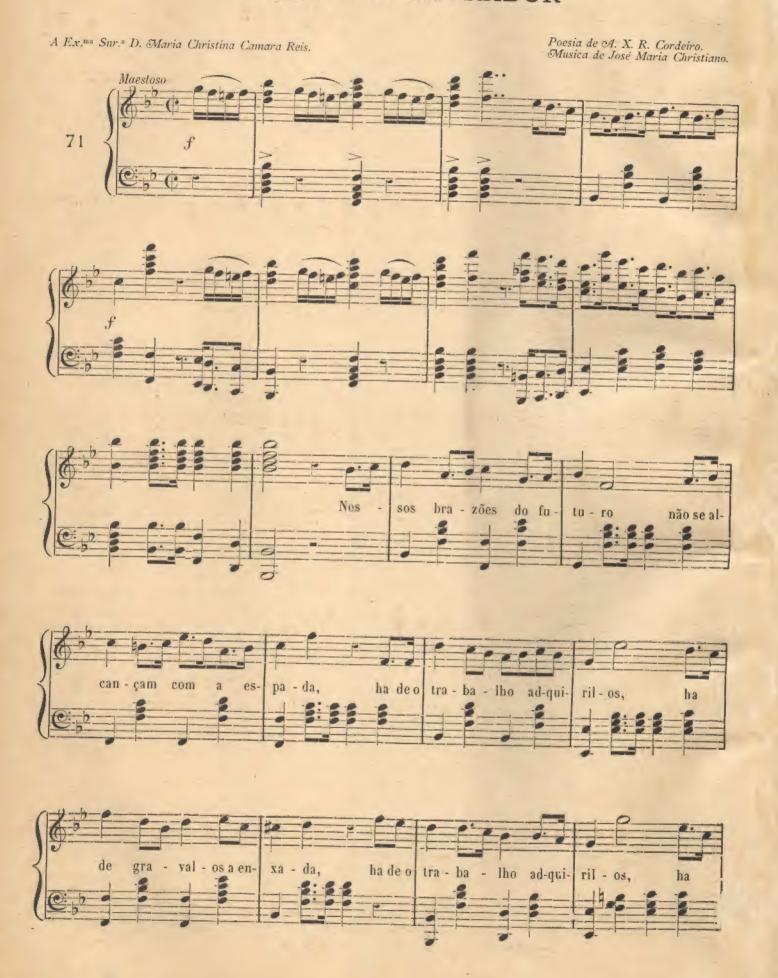
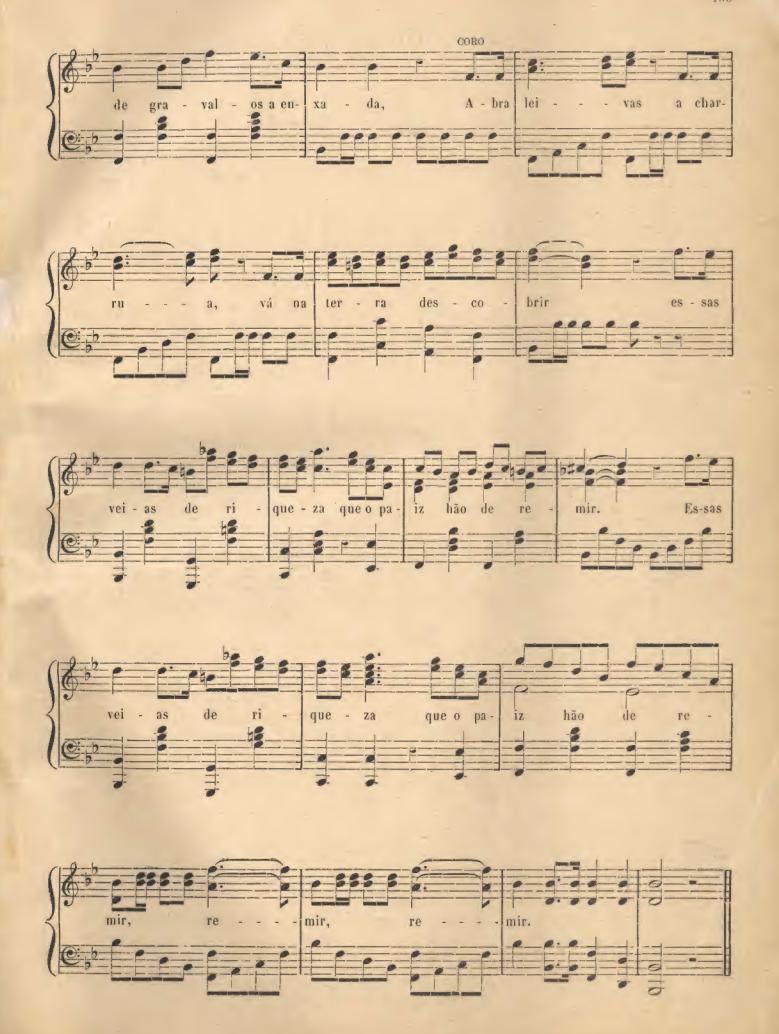
Esta cantiga é de S. Mamede de Infesta, freguezia suburbana do Porto; é uma das mais caracteristicamente portuguezas.

Canta-se tambem com esta musica em outras freguezias, as cantigas desgarradas com o estribilho de—*Oh Belem, oh Belemzinho.*

HYMNO DO LAVRADOR

A Ex.ma Snr.a D. Maria Christina Camara Reis.

Poesia de A. X. R. Cordeiro.
Musica de José Maria Christiano.

CORO
de gra - val - os a en - xa - da, A - bra lei - - - vas a char-
ru - - - a, vá na ter - ra des - co - brir es - sas
vei - as de ri - que - za que o pa - iz hão de re - mir. Es-sas
vei - as de ri - que - za que o pa - iz hão de re -
mir, re - - - mir, re - - - mir.

HYMNO DO LAVRADOR

Nossos brazões do futuro
Não se alcançam com a espada,
Ha de o trabalho adquiril-os,
Ha de graval-os a enxada.

CÒRO

Abra leivas a charrua,
Vá na terra descobrir,
Essas veias de riqueza
Que o paiz hão de remir.

Chora o ebrio na cidade,
Sente tristeza o vadio;
Canta alegre o lavrador
Quando arrotêa o baldio.

Abra leivas a charrua, etc.

No campo vive a innocencia
Com a riqueza abraçada,
Mora no campo a alegria
Com a cultura ganhada.

Abra leivas a charrua, etc.

A terra é fonte de gosos,
E' encanto a agricultura;
O suor que o rosto alaga
E' a mais certa ventura.

Abra leivas a charrua, etc.

Trabalhemos, que o trabalho
E' a lei da Providencia,
Imposta ao homem na terra
Por preço da independencia.

Abra leivas a charrua, etc.

Este hymno foi escripto para solemnisar a exposição agricola que houve em Lisboa, em 1852; e dedicado por seus authores ao Ex.mo Snr. Ayres de Sá Nogueira. Tornou-se muito popular em todo o paiz, porém, actualmente, poucas pessoas o conhecem.

MARIA CACHUCHA

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina Ehlers Murat.

Maria Cachucha,
Quem te cachuchou?
—Foi um frade Loyo
Que aqui passou.

Maria Cachucha,
Que vida é a tua?
—Comer e beber,
Passear na rua.

Maria Cachucha,
Não vás ao Rocio;
Toma lá dinheiro,
Sustenta o teu brio.

Maria Cachucha,
Não vás ao quintal,
Em saínha branca,
Que parece mal.

Maria Cachucha,
Com quem dormes tu?
—Eu durmo sósinha
Sem medo nenhum.

Maria Cachucha,
Se fôres passeiar,
Vae pelas beirinhas,
Pódes-te molhar.

Recolhida em Lisboa. Cantam-se com esta musica muitos versos licenciosos que o decoro não nos permitte publicar.

Esta musica, vulgarissima em Portugal, é puramente hespanhola; pertence ao genero dos *fandangos*: é um thema como os das nossas chulas, sujeito ás infinitas variações que a phantasia dos tocadores lhe addiciona. Antigamente tambem se dançava como os *boleros*.

A VAREIRA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Francisca Agueda da Silva Martins (filha).

Poesia de A. Pinheiro Caldas.
Musica de Anthero Pinto Nogueira.

Nascida entre as finas areias douradas,
Que as margens guarnecem das praias d'Ovar,
Vagando nas ribas, d'espuma banhadas,
Risonha ventura me vem afagar.

Aqui n'estes ermos,
E' doce viver;
Bem longe do mundo
Só góso prazer.

E quando serenas se agitam as vagas,
Qual peito de virgem que anceia d'amor,
E lá quando o vento descanta nas fragas
Um hymno sentido que envia o Senhor:

Então no meu barco,
Vou, leda, saltar,
E as velas desfraldo,
Voando no mar.

Voando, voando no dorso agitado
Da branca mareta bordada d'azul,
Qual vóa nos lagos o cysne nevado,
Por tardes calmosas, boiando taful.

E as fisgas e redes
Eu lanço no mar.
Que vida tão grata!
Que bello folgar!

A's vezes, de noite, por serras d'areia,
Caminho, sósinha, cantando ao luar;
Eu vou á cidade, que ao longe campeia,
Vender os productos das pescas do mar.

Com doces fadigas
Sustento meus paes;
Oh Ente Supremo,
Bemdito sejaes!

Nos imos do peito da humilde Vareira
Não calam os sonhos de negra ambição;
As ondas, as rochas, a brisa ligeira,
O limo das fragas, a areia do chão...

Os gosos são estes
Dos ermos d'aqui;
Com elles me quero,
Com elles nasci.

Nos dias de festa—que trajo engraçado!
Eu visto um collete de fino carmim,
Um cinto verdinho, chapeu desabado,
—Que coisas tão lindas, tão gratas p'ra mim.

E saia curtinha,
Com fitas d'anil,
Descobre os contornos
Da perna gentil!

E quando os mancebos seus olhos fitando
Nos meus tão escuros, me fallam... d'amor...
Eu sinto nos labios o riso pairando,
Nas faces morenas eu sinto o rubor;

Mas ai! que depressa
Se gela meu rir,
Que eu temo, medrosa,
Me queiram trahir.

Ai! serras, fraguedos, ai! vastas areias,
Ai! terras da patria, quão gratas que são!
Ha laços mais fortes, mais doces cadeias?
P'ra filha das praias, por certo que não.

Que eu vivo gostosa
Nas terras d'Ovar,
Vagando nos ermos
A' beira do mar.

Esta canção está muito vulgarisada em todo o norte do paiz.

BALLADA DOS ESTUDANTES

Á Ex.ma Sur.a D. Elizabeth Fillippina Lorjó Tavares d'Oliveira.

Poesia do Dr. Alberto d'Oliveira.
Musica do Dr. João Antunes.

CORO
f
São nos - sos pran - tos, são nos - sos can - tos, co - mo per - pe - tu-as so-bre u-ma
co - - va. A - deus, Co - im - - bra, ter - ra d'en - can - - tos, Flor do Mon -
cres.
de - - go, lá diz a tro - va...
VOZ
p
A - deus pe - que - nas com quem dan -
ça - mos pe - las fo - guei - ras do San Jo - ão; Quem sa - be a -
té se lá não dei - xa - mos, des - fei-to em cin - zas, o co - ra -

ção! Com vos - sos o - lhos fa - zei os ra - mos pa - ra co -
brir - des o meu cai - xão!
CORO
Ai que o - lhos ne - gros, jun - tos aos
pa - res, flo - rin - do as cin - zas do co - ra - ção...
A - deus Co -
im - bra, to - da em can - ta - res, em des - gar - ra - das ao San Jo -
cres.
ão!
1.ª vez
FINAL
i - zo, ff

BALLADA DOS ESTUDANTES

VOZ

Adeus Coimbra, terra de encantos,
Flôr do Mondego, lá diz a trova...
Flôr tão bonita, que os proprios Santos,
Por teu aroma, fogem da cova,
E veem ás noites, com alvos mantos
Comer com beijos a Lua nova!

CÔRO:

São nossos prantos, são nossos cantos,
Como perpetuas sobre uma cova;
Adeus Coimbra, terra de encantos,
Flôr do Mondego, lá diz a trova...

VOZ:

Adeus pequenas com quem dançamos
Pelas fogueiras do San João:
Quem sabe até se lá não deixamos,
Desfeito em cinzas, o coração?
Com vossos olhos, fazei os ramos
Para cobrirdes o meu caixão!

CÔRO:

Ai que olhos negros, juntos aos pares,
Florindo as cinzas do coração...
Adeus Coimbra, toda em cantares,
Em desgarradas ao San João!

VOZ:

Em sendo mortos, com negra sina
Já terminada no Mundo breve,
Lá das estrellas, nossa Alma deve
Ver no Passado (castello em ruina)
A negra capa mail-a batina,
Brancas de neve, brancas de neve!

CÔRO:

E choraremos o tempo de antes,
Faremos côro com os Poetas:
Adeus Coimbra dos estudantes,
Das raparigas como violetas!

VOZ:

Ai tu não davas, com teus licores,
Para matar uma sêde de agua,
Rio Mondego falto de côres,
E tão sequinho que fazes magua...
E, emtanto, os olhos dos meus Amores
São como duas nascentes de agua!

CÔRO:

Dá de beber ao pobre do rio
Pelos teus olhos, como em Bethleem,
Duas fontinhas, correndo em fio
Aos lavadoiros da Virgem-Mãe!

VOZ:

Alvas de prata! Poentes de oiro!
Choupos tecidos por mãos de fadas!
Aguas do rio correndo, em choro,
Dos olhos negros das Namoradas!
E as folhas seccas, cantando em côro,
Avè-Marias em sendo dadas...

CÔRO:

Teus Jardins são como campos santos,
Campas de freiras, quem sabe? eu pizo...
Adeus Coimbra, terra de encantos,
Adeus até ao dia de Juizo!

Esta *Ballada* foi cantada em Coimbra, a primeira vez, em 1892, no theatro de D. Luiz, pelo curso do quinto anno juridico de 1891-92. Os versos foram escriptos pelo poeta Dr. Alberto d'Oliveira e a musica pelo Dr. João Antunes, ambos, ao tempo, quintanistas de Direito. Hoje acha-se bastante popularisada em varios pontos do paiz.

FOLIA DOS BISCOUTOS DA CALHETA

ILHA DE S. JORGE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Ursula do Carvalhal.

Oh Divino Esp'rito Santo,
Esp'rito consolador;
Consolae vós a minh'alma
Quando d'este mundo fôr.

Pela manhã, ao darem a alvorada ao mordomo, isto é, ao que tem em sua casa a corôa do Espirito Santo, cantam o seguinte:

Oh senhor Imperador,
A vossa festa é chegada;
Em louvor do Esp'rito Santo
Acceitae nossa alvorada.

O gallo bateu as azas,
Quando o Salvador nasceu,
Os anjos todos cantaram:
A gloria no ceu se deu.

Ao sahirem com a corôa para a egreja:

Sahi vós, Esp'rito Santo,
Sahi vós, mais quem vos leva,
Quando vós sahis a campo
Todo o mundo fica alegre.

Oh Divino Esp'rito Santo,
Vós sois o rei d'alegria,
Daes a todos de jantar,
Em pinos do meio dia.

Vamos ver a barca nova,
Que do ceu se deita ao mar;
Nossa Senhora vae n'ella,
Os anjinhos a remar.

Leva vinte e quatro remos,
Outros tantos remadores,
Jesus! que tambem lhe fica
Nossa Senhora das Dores!

Ao entrarem na egreja:

Oh Virgem Nossa Senhora,
Oh Fonte de graça cheia,
Soccorrei-nos a noss'alma,
Morremos na terra alheia.

Oh Virgem Nossa Senhora,
Vós onde estaes bem nos vêdes;
Cortae os mastros aos moiros
Que roubam os portuguezes.

Recolhei-vos, pomba branca,
Anda caçador em terra;
Atira com ballas d'oiro,
Aonde faz ponto não erra.

Ao sahirem da egreja:

Vamo-nos embora
Com o Esp'rito Santo,
Estão á espera
Por todo esse campo.

Quem me dera ser dos anjos,
P'ra com os anjos cantar,
Que do ceu vira sahir
Um estandarte real.

Deixae vós vir a bandeira
Pela rua das fomosas;
Que ella vem resplandecente,
E vem cheirando a rosas.

Oh Divino Esp'rito Santo,
Que daes a quem vos vem ver?
—Aos solteiros, boa sorte;
Aos casados, bom viver.

Oh Divino Esp'rito Santo
Esp'rito Santo Divino;
Do ceu caia sobre nós,
Excelso amor mais fino.

O Divino Esp'rito Santo
Elle aqui vae a correr,
Vae ajudar os mordomos
Que teem muito que fazer.

O Divino Esp'rito Santo
Elle aqui vae á *Relvinha* (1)
Vae ajudar os mordomos
A peneirar a farinha.

Ao distribuir as esmolas:

Lá está o ceu aberto,
As portas de par em par,
Para receber as esmolas
Que vós tendes para dar.

Dae vós as vossas esmolas,
Dae-as de bom coração,
Pois lá á meza da gloria
Achareis o galardão.

Dae vós as vossas esmolas,
Ali estão os pobres juntos,
No ceu são apresentadas
Por alma de vossos defuntos.

Em casa do mordomo ao jantar:

Entrae cavalleiros,
Meninos fidalgos,
Entrae cavalleiros
Pr'a o vosso logar,
P'ra ver os anjinhos
Que estão no altar.
Entrae cavalleiros,
Meninos mimosos,
Entrae cavalleiros
Para os vossos postos.

A' meza:

A—espiga—é segredo,
Traz o grão escondido,
Favorecei-me, senhor,
Que venho desfavorecido.

Que rica sôpa de vacca,
Manda o nosso imperador,
Assentae-vos, comei d'ella,
No prato tem bella côr.

A cada prato que vem para a meza os foliões levantam-se e cantam uma quadra alusoria. No final do jantar:

Deus vol-o pague, Senhor,
A mercê mais o favor;
O Senhor Esp'rito Santo
Ha de ser o pagador.

A quem nos a nós fez isto,
A quem nos a nós fez tanto,
Pague-lo Deus, Deus lo pague,
Pague-lo o Esp'rito Santo.

Agradecimento ao dono da casa e á mudança da corôa para a casa do imperador do domingo seguinte:

Nobre imperador,
Vos peço perdão.
Se vos não servimos
De bom galardão.

Em duas palavras,
Vos quero dizer:
Toda a fidalguia
Manda agradecer.

Manda agradecer,
Folhinha de cravo
Ao nobre mordomo
Ficamos obrigado.

Meu nobre senhor
A carta está lida,
Os nossos foliões
Dão-na despedida.

Vamos nós embora,
C'uma *baja* d'oiro;
Vae acompanhar-nos,
Cabeça de peloiro (2).

Toda a fidalguia
Que esteve ao jantar,
Façam-no favor
De nos acompanhar.

Vamo-nos embora
Com o Esp'rito Santo,
Estão á espera
Por todo esse campo.

A nobre mordoma
Tem a roupa armada,
Esperando uma prenda
Que é tão desejada.

A nobre familia
Brinca no terreiro,
Esperando uma prenda
Que é Deus verdadeiro.

Ao entrarem em casa da nova mordoma:

Senhora nobre mordoma
Já póde estar descançada,
Que já tem na sua posse
A prenda bem desejada.

(1) Relvinha é um sitio d'esta freguezia.
(2) Cabeça de peloiro é o mordomo para a festa seguinte.

Recolhida pelo Rev.[mo] padre Manuel d'Azevedo Cunha, que nos diz que esta musica é dos velhos *foliões* (dos quaes actualmente ainda existem tres).

Todos os versos de redondilha menor, são entoados com um rythmo adequado.

A festa do Espirito Santo, é, no archipelago açoriano, de todas a mais popular; a Fé e a Caridade, reunem-se para tributar graças a Deus, ainda que com um misto de paganismo. O terror pelos terramotos excitou nos primeiros povoadores das ilhas a devoção pelo Divino Espirito Santo, e como consequencia organisaram confrarias ou devoções ao Paracleto com o nome de *Imperios;* e estes tinham por fim solemnisar o dia do padroeiro, dar bodo aos pobres e jantar aos membros da confraria.

Esta solemnidade, que tem logar desde o Pentecostes até ao dia de S. Pedro, foi sempre muito dispendiosa para os mordomos e especialmente para o *imperador* e *imperatriz*, que assim se denominam o juiz e a juiza da festa, e que são quasi sempre duas creanças de familias ricas.

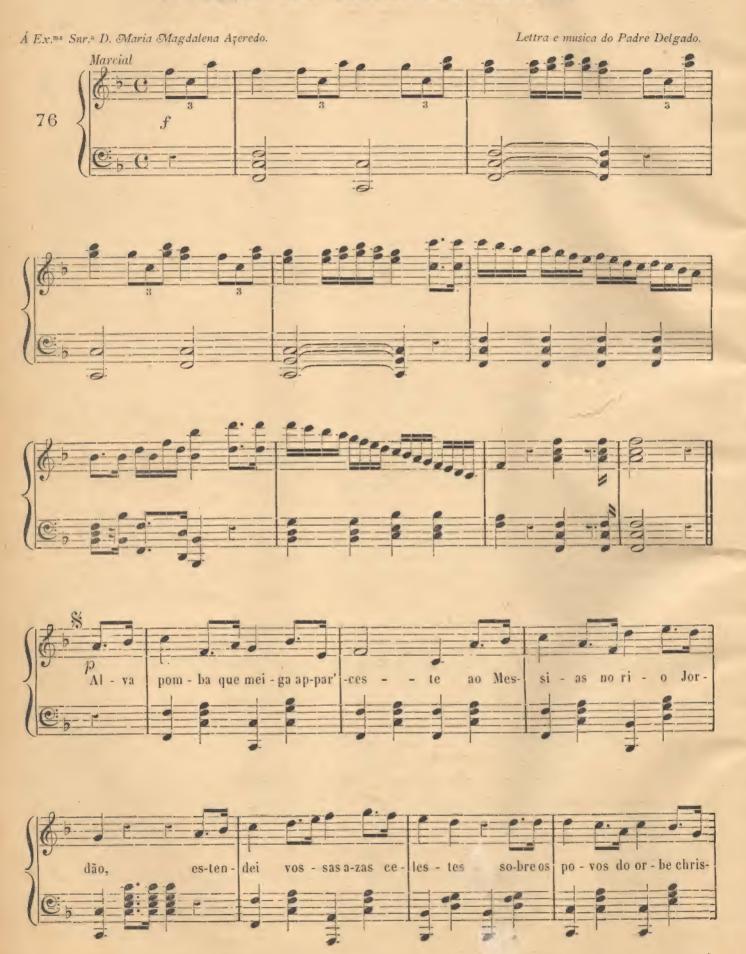
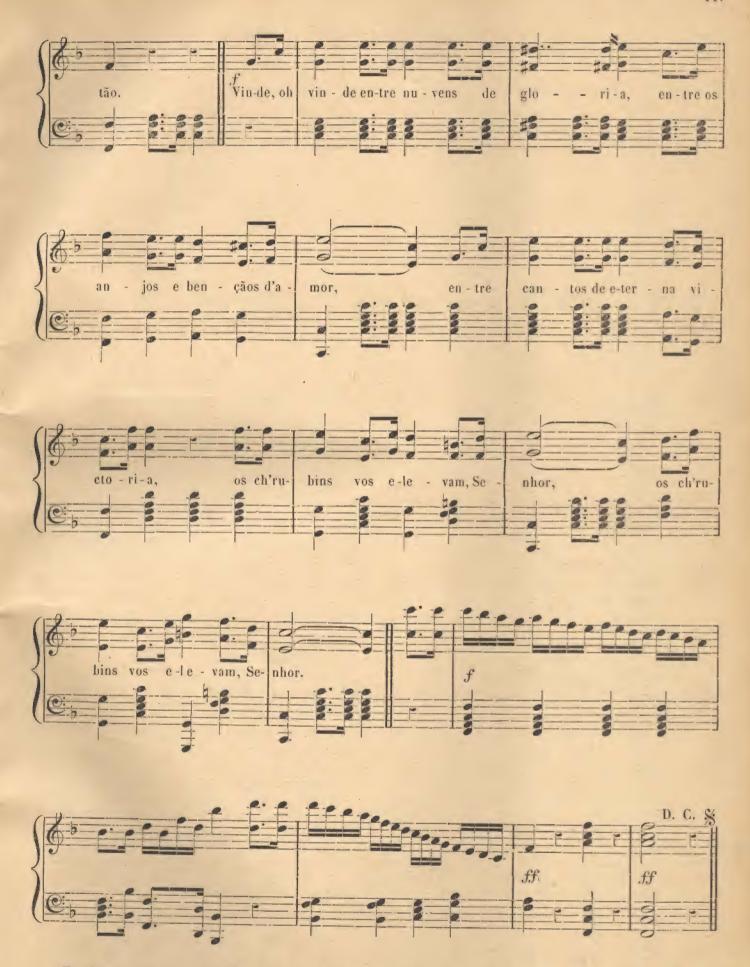
Actualmente formam-se em differentes ruas *Imperios* (ou commissões de ruas) que tem por fim dar aos pobres pão, carne e vinho, etc. Os mordomos vão buscar a coroa e o sceptro a casa do mordomo que a tem para coroar o novo *imperador* e então vão á egreja e são acompanhados pelo parocho. O *imperador* tem por seu turno de ir coroar a *imperatriz* a quem tem tambem de dar uma prenda. Depois da assistencia á missa segue-se a distribuição do bodo aos pobres e o jantar que o *imperador* dá a todo o *imperio.*

Os *foliões* são uns cantadores que se acompanham com qualquer instrumento de corda ou de percussão (ou cantam a secco) e fazem parte do prestito, assistem aos jantares, cantando a pretexto de qualquer coisa as tradicionaes cantigas, e organisam bailados.

O Ex.[mo] Snr. Dr. Theophilo Braga, no seu livro *O povo portuguez* resume o que se tem escripto sobre esta funcção que tambem se celebra ainda em algumas localidades do continente de Portugal e no Brazil.

HYMNO DO ESPIRITO SANTO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Magdalena Azeredo.

Lettra e musica do Padre Delgado.

Este hymno, cujo author é da Ilha de S. Miguel, foi escripto para ser cantado nas festas do Espirito Santo, n'esta ilha, mas vulgarisou-se rapidamente e hoje toda a gente o canta nos Açores.

HYMNO DO ESPIRITO SANTO

Alva pomba, que meiga appareceste
Ao Messias, no rio Jordão;
Estendei vossas azas celestes
Sobre os povos do orbe christão.

CÔRO:

Vinde, oh! vinde, entre nuvens de gloria,
Entre os anjos e bençãos d'amor,
Entre os cantos d'eterna victoria
Que os ch'rubins vos elevam, Senhor.

Quem aos pobres seus braços estende,
Quem lhes veste seus hombros tão nús,
Achará que tudo isso só tende
Para a gloria e honra da Cruz.

Vinde, oh! vinde, etc.

Offertae as mais bellas offerendas,
Offertae-as em nome de Deus,
Colhereis, lá um dia, mil prendas
Quando entrardes no reino dos ceus.

Vinde, oh! vinde, etc.

Semeando vosso oiro entre os pobres
A colheita no ceu a fareis!
O triumpho de esforços tão nobres
Só no seio de Deus achareis.

CÔRO:

Vinde, oh! vinde, entre nuvens de gloria,
Entre os anjos e bençãos d'amor,
Entre os cantos de eterna victoria
Que os ch'rubins vos elevam, Senhor.

Vinde, irmãos, vinde todos contrictos,
Uma esmola d'amor offertar!
E' dever consolar os afflictos
E a fome do pobre matar!

Vinde, oh! vinde, etc.

Traga rosas e ramos de loiro
Quem esmola melhor não tiver;
Assim mesmo offerece um thesoiro!
Ganhará o brazão de esmoler!

Vinde, oh! vinde, etc.

LOUVORES DO ESPIRITO SANTO

HYMNO RELIGIOSO

A Ex.ma Snr.a D. Mafalda Mathieu Driscoll.

Vinde, Santo Espirito
Dos ceus ajudae-nos;
E da vossa luz
Um raio mandae-nos.

Vinde, pae dos pobres,
Que os dons repartis;
Luz dos corações,
Que aos cegos luzis.

Sois consolador,
Benigno excellente;
Sois de nossas almas
Hospede decente.

Doce refrigerio,
Que abrandaes a calma;
Com que o apetite
Nos abraza a alma.

Oh Luz gloriosa,
Que encher vos digneis
Os intimos peitos
Dos vossos fieis.

No trabalho sois
Descanço seguro;
Allivio no pranto,
Ao coração puro.

Lavae o que está
Sordido e manchado;
Regae o que tem
A culpa seccado.

Dobrae o que é rijo,
Que o frio aquentaes,
Para nosso desvio
Vós bem nos guiaes.

Sem vosso poder
Nada é innocente;
Nada tem o homem
Que é pobre e doente.

Os vossos fieis
Em vós se esperancem;
Dae-lhe os sete dons
Que os ceus lhes alcancem.

Dae-lhes da virtude
O merecimento,
Dae-lhes de vos verem
O contentamento.

Vinde, Santo Espirito
Dos ceus ajadae-nos:
E da vossa luz
Um raio mandae-nos.

Cada estrophe é repetida em côro.
Recolhido nos Açores, pelo Rev.mo padre M. d'Azevedo e Cunha.
A traducção d'este hymno da egreja é obra do padre Radmaker, já fallecido. Canta-se nas casas onde está a corôa do Espirito Santo, e em seguida ao Terço do Rosario, que é sempre cantado durante os oito dias da permanencia ahi da corôa. A epocha d'estas festas vae do domingo da Paschoa ao domingo da Trindade.

AS PENEIRAS

CANTIGA

Á Ex.ma Snr.a D. Ludovina Tenreiro.

Esta musica já tem mais de quarenta annos. Foi então recolhida pelo fallecido professor de musica João A. Ribas, com as primeiras quatro quadras seguintes, e o estribilho que parece ser uma addição popular, procedente de Vizeu.

As peneiras nos olhos tem sido
Sempre olhadas com riso e desdem,
Pois dos homens o mais entendido
Tem peneiras nos olhos tambem.

Ai! quem me dá de prenda
Um riso assim!
Ai! que me matas! que morres!
Não morras por mim.

O amante mais terno e mavioso,
Mil carinhos fazendo ao seu bem,
Quando julga que é só o ditoso,
E' peneiras nos olhos que tem.

Ai! quem me dá, etc.

O janota que em manta se abafa,
A fingir que tem frio e não tem:
E' patéta, e bem póde gabar-se
Ter peneira nos olhos tambem.

Ai! quem me dá de prenda
Um riso assim!
Ai que me matas! que morres!
Não morras por mim.

Se um velhote, por falta de tino,
Aos oitenta casar ainda vem,
Só depois de ser pàe de meninos
Reconhece a peneira que tem.

Ai! quem me dá, etc.

AS PENEIRAS

O *borlista* que muita mesura
Faz aqui, faz ali, faz além,
Se não julga que o povo o censura,
Que peneiras nos olhos não tem!

E, quando entra na casa do nobre,
Se pergunta se está lá alguem,
Com receio de achar *outro pobre,*
Tem peneiras nos olhos tambem.

E, tornando-se humilde *capacho,*
Em serviços que não lhe convéem,
Sem vergonha descendo tão baixo,
São peneiras nos olhos que teem!

E, soffrendo sem dar o cavaco
Os insultos que aos centos lhe véem,
P'ra comer sem gastar um pataco,
Tem peneiras nos olhos tambem.

E, se á mesa não vê o creado
Quando já não lhe falta ninguem,
Ir servil-o, porém de mau grado,
Mil peneiras nos olhos só tem.

Quando a dama acompanha na rua,
Na distancia que ao moço convem,
Affagando o setim que flutua,
Tem peneiras nos olhos tambem.

E, seguindo a brutal cadeirinha,
Ao gallego a fallar com desdem,
Se vê n'este uma vida mesquinha
Nos seus olhos peneiras só tem.

Quando ao pé d'um barão repimpado,
Vae as ruas correndo n'um trem,
Se imagina ser mais respeitado,
Tem peneiras nos olhos tambem.

Se nos bailes do tom apparece,
Onde vae a pedido d'alguem,
Sem a todos julgar que aborrece,
Tem peneiras de certo, oh se tem!

E, se diz pertencer á nobreza,
Sem na bolsa tinir-lhe um vintem,
Quando falla na tia marqueza,
Tem peneiras nos olhos tambem.

Se dizendo em francez mil asneiras,
Affectando instrucção que não tem,
Cuida pôr-nos nos olhos peneiras,
Tem peneiras, e mais que ninguem!

Se na terra só tem pecegueiros,
Cujo fructo vender-se aqui vem,
Quando finge ter mundos inteiros,
Tem peneiras nos olhos tambem.

E, se a terra deixou das cavacas,
Cujas fórmas na cara já tem,
P'ra correr sempre ao som das matracas,
Tem peneiras, mas come, e faz bem.

Se filado n'um pobre assignante,
No theatro não gasta um vintem,
E as trombas não vê, cada instante,
Tem peneiras nos olhos tambem.

E, se ufano percorre a plateia,
Onde n'um intervallo só vem,
E p'ra ter um namoro se arreia,
E' peneira nos olhos que tem.

E o maluco, patau *fidalgote*
Que paciente o *borlista* mantem,
Se o não manda zurzir c'um chicote,
Tem peneiras nos olhos tambem.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Esta poesia appareceu no semanario portuense *Bico de Gaz*. publicação ephemera que Camillo Castello Branco redigiu em 1854. E' uma satyra vibrada a um famigerado parasita, assiduo papa-jantares e implacavel *borlista* frequentador de theatros e de todas as reuniões, em casas nobres, onde se apresentava sempre, mesmo sem ser convidado. Era descendente d'uma familia d'Amarante que se dizia de antiga linhagem, e desempenhava um modesto emprego publico. De fato coçado, no ultimo fio, mas sempre escovado e correcto, mesureiro e prestando pequenos serviços, attencioso para com as damas, era infallivel em todas as diversões e espectaculos. Os seus expedientes *borlistas* eram infinitos; até conseguia viajar de graça nos vapores, demorando-se no lugar mais escuso, e fingindo-se muito contrariado, quando o vapor levantava ferro.

A carapuça, talhada por mão de mestre, póde, porém encaixar-se em innumeras cabeças.

Poesia e musica vulgarisaram-se em todo o paiz e no Brazil. Sobre o thema *São peneiras nos olhos que tem* composeram-se posteriormente outras poesias que foram cantadas nos theatros, como cançonetas.

HIJA DEL GUADALQUIVIR

FADO NOCTURNO

Á Ex.ma Snr.a D. Idalina Barboza.

MOTE

Se eu podesse em noite escura,
Por ti ser agasalhado,
No açafate da costura
Dormia, mesmo enroscado.

GLOSA

Hija del Guadalquivir!
Oh formosa sevilhana!
Descerra a tua *ventana*,
Vem minhas trovas ouvir;
Não percas tempo em dormir,
Que el Manolo te procura,
Por mi madre buena e pura,
Pepita, quanto te quiero!
Yo te quitaba el salero,
Se eu podesse, em noite escura.

El lunar que te vigia,
Caramba, por Dios, condeno!
Maldito seja o sereno
Que ronda a *calle* sombria.
Quando elle principia
A bradar: *el sol és nado,*
Eu corro, fujo assustado,
Por essas *callitas* fóra,
Podiendo en aquella hora
Por ti ser agasalhado.

Desde Sevilha a Granada,
Ninguem te vê que não peque;
Porque fere mais teu leque
Que o gume da fina espada:
Se tu me deras pousada
Em tua alcobita escura,
Verias com que ternura
Eu dormia enroscadinho,
Mais meigo que um gatinho,
No açafate da costura.

Salero como en ti, hija,
Não ha nas terras de Hespanha,
Desde as margens que o Tormes banha
Até á côrte de Madrid;
Tu alma mi alma pide,
Chiquita, por Dios louvado;
Se eu me pilhara deitado
No teu leitinho de alvura,
Com tua mantilha escura
Dormia mesmo enroscado.

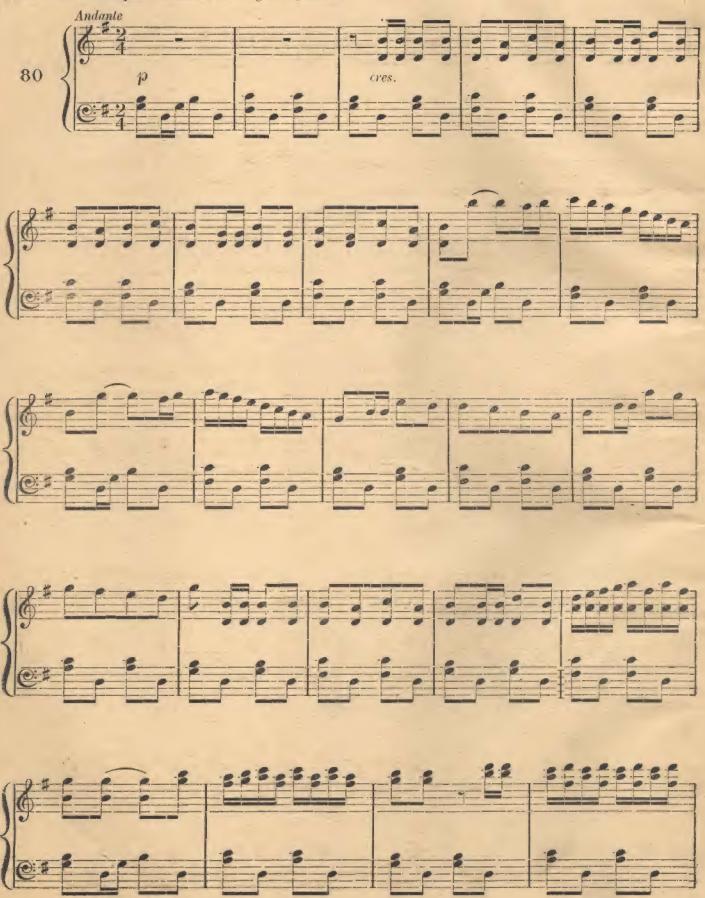
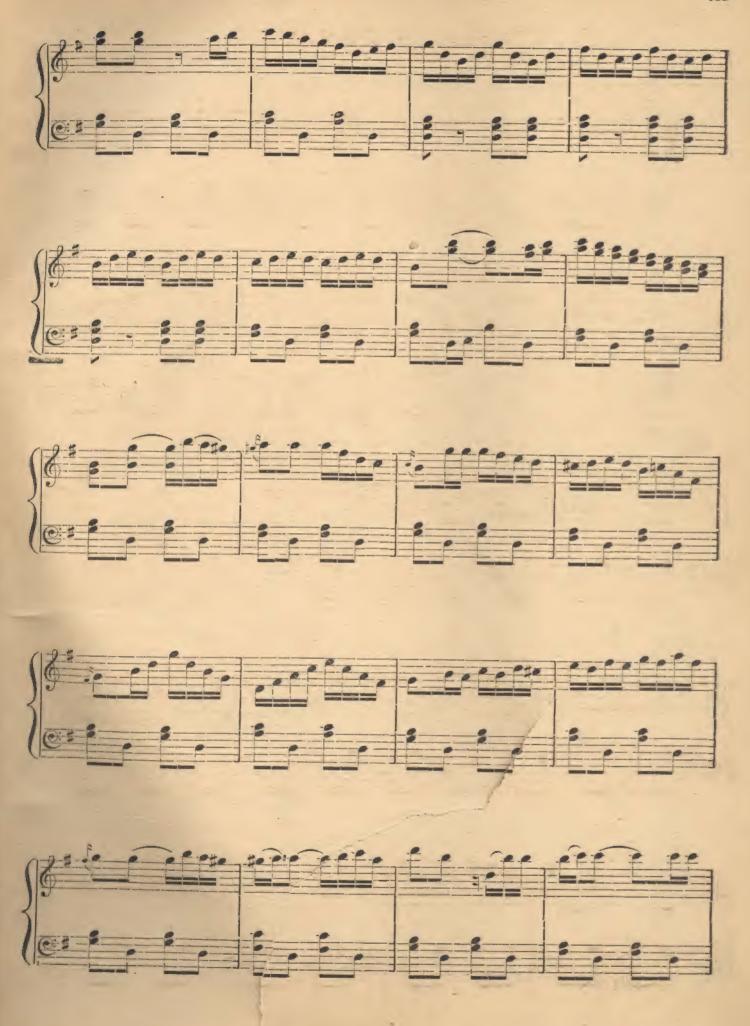
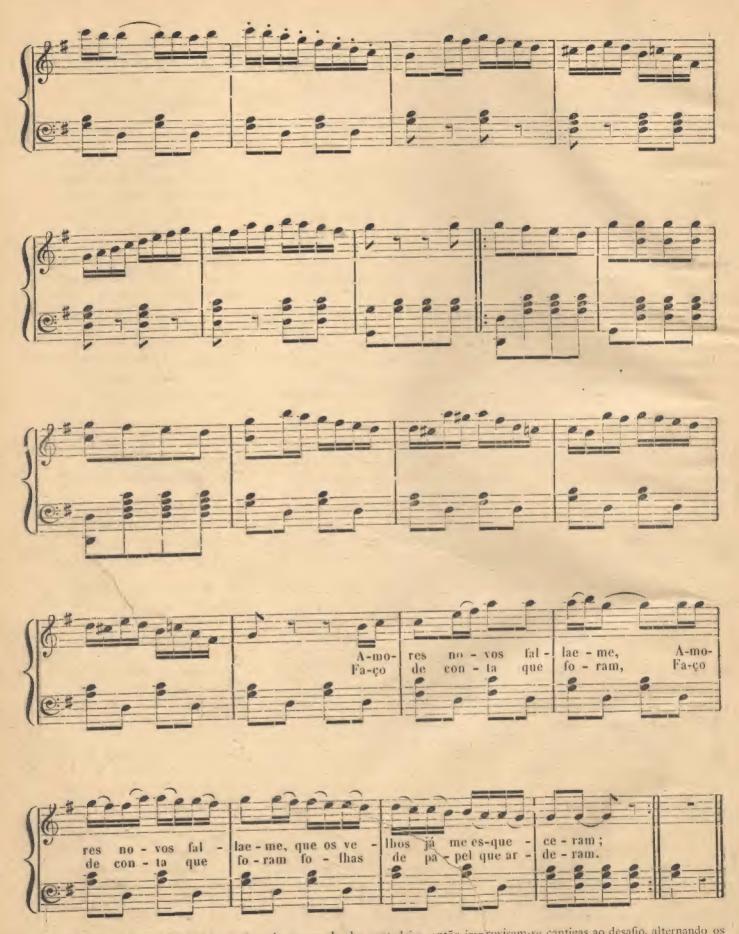
Recolhida em Alcobaça, em 1885, por F. Pinto Nogueira.

Os *fados novos* teem actualmente a designação de *Nocturnos*.

Esta melodia tem a suavidade germanica. Parece que a musica teutonica inspirara o melodista, que não temos o gosto de saber quem é. Tambem não conhecemos o author da poesia que, sobre um antigo mote portuguez, glosou essê gracioso mixto das linguas hespanhola e portugueza, em doce união iberica.

Esta melodia está muito divulgada em todo o paiz porém com innumeras variantes.

CHULA DE PENAFIEL

À Ex.ma Snr.a D. Joaquina Santos Lima Arriaga e Nunes.

O cantador descanta em falsete. Quando no rancho ha cantadeira, então improvisam-se cantigas ao desafio, alternando os dois: isto entremeado de interminaveis variações.

O instrumental na aldeia compõe-se de rebecas, violas, violões, e outros instrumentos de corda, ferrinhos e um tambor, e algumas vezes flauta e clarinete.

CHULA DE PENAFIEL

Amores novos, fallae-me,
Que os velhos já me esqueceram;
Faço de conta que foram
Folhas de papel que arderam.

Semeei o meu faval
Já tenho muitas favinhas;
Já tomei novos amores,
Os velhos que torçam linhas.

Eu amo a tres amores,
Dois de manhã, um de tarde:
Trago a dois enganados,
Só a um fallo verdade.

Já te quiz e bem, na vida,
Isso quiz, que eu não o nego;
Fizeste-me uma traição,
Agora nem ver-te quero.

Cala-te, meu coração,
Tu nada queiras dizer;
Quem se cala vence tudo,
Tambem tu has de vencer.

Eu amar *hei-te* amar,
Foi palavra que te dei;
Por fim *hei-te* deixar,
Como tu fazes tambem.

Hei de amar a pedra dura,
E ao teu coração não;
Que a pedra dura não queima,
E tu queimas sem razão.

Sois agua, não mataes sede,
Sois pimenta, não queimaes,
Sois uns e pintae-vos *oitros*
Quando commigo fallaes.

Domingo, se fôres á missa,
Bem sabes onde eu me ponho;
Dá-me um aceno c'os olhos,
Que eu co' isso me componho.

Dizes que me queres bem,
Eu por obra o quero ver;
O dizer quero-te bem.
Quem quer o póde dizer.

Se eu soubesse quem tu eras,
E qual é teu coração,
Uma falla que te dei
Ou t'a daria ou não.

Se eu soubesse quem tu eras,
Ou quem tu vinhas a ser;
Mandava vir da botica
Remedio para morrer.

O amor de homem casado
Quem me dera sequer um;
Para *couços* de panella,
Que ainda não tenho nenhum.

O amor de homem casado
Quem o quer? quem o cobiça?
E' como o cant'ro quebrado,
Com a rolha de cortiça.

O amor de homem casado
Quem o ha de pretender?
E' como o vinho botado,
Que se não póde beber.

Hei de escrever uma carta
Ao rigor d'esse teu corpo;
Juro que não chegará
Quanto papel tem o Porto.

Deste-me um ar do teu riso,
Quando por ti fui passando;
Empiscaste-me os teus olhos,
Eu logo me fui chegando.

Amores ao pé da porta,
Quem m'os dera a todo o risco;
Ainda que a bocca não falle,
Os olhos sempre lhe empisco.

Aos olhos do meu amor,
Hei-lhes atirar um tiro;
Já que elles por bem não querem
Deixar de fallar commigo.

Os olhos requerem olhos,
Os corações, corações;
Tambem as boas palavras
Requerem as boas acções.

Os olhos requerem olhos,
Tudo requer o que é seu;
Eu requeiro o meu amor,
E por justiça que é meu.

O amor quando se encontra
Causa pena e causa gosto;
Sobresalta o coração,
Faz subir a côr ao rosto.

Hei de subir ao teu peito
Por alta escada de vidro,
Com fechaduras de prata
Para me fechar comtigo.

O sol quando quer nascer
A' minha porta vem dar,
Vem pedir obediencia
Dos raios que ha de deitar.

O sol para todos nasce,
Só para mim escurece;
Desgraçada rapariga
Que até o sol aborrece.

Eu fui a que disse ao sol
Que era escusado nascer;
A' vista d'esses teus olhos,
Que vem o sol cá fazer?

Oh meu cravinho vermelho,
Salpicado na botica,
Adeus que me vou embora,
Meu coração cá te fica.

Dizes que te vaes embora,
E já te estás preparando;
Quem me fôra livre minha,
Que te fôra acompanhando.

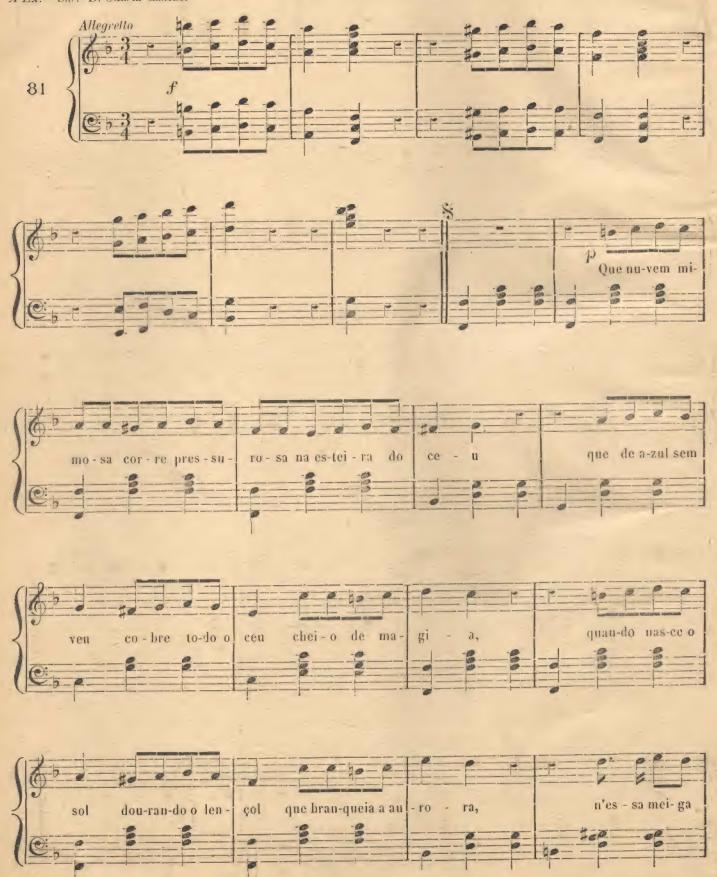
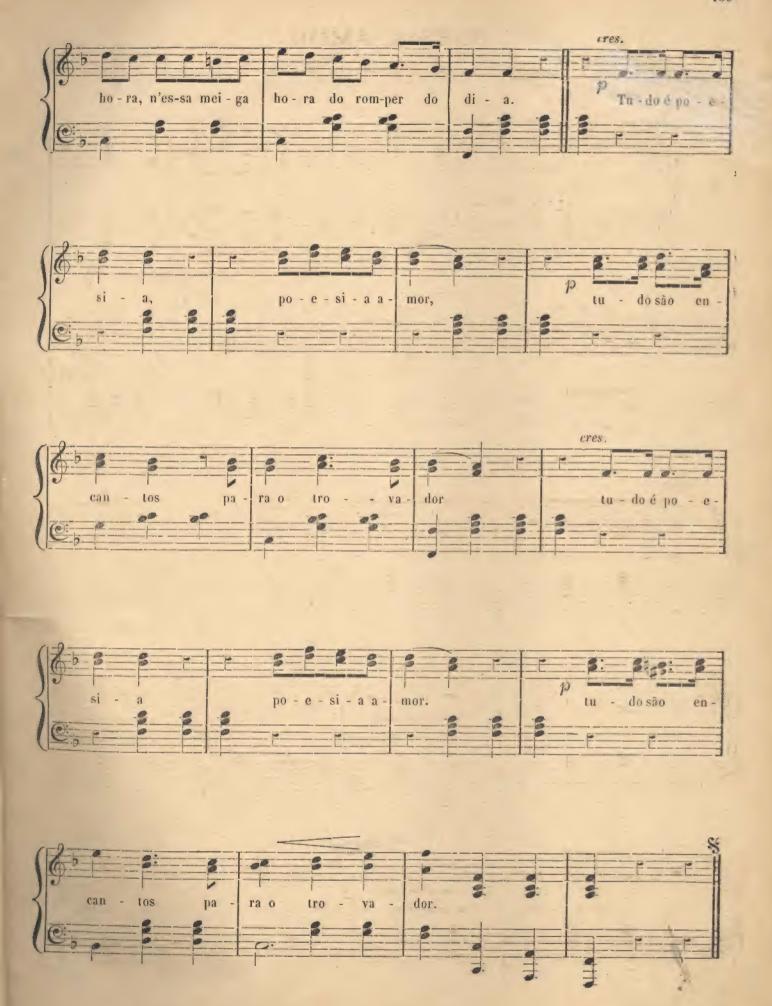
Agora é que vou morrer,
Vou passar o meu martyrio,
Vou morrer sem acabar,
Padecer sem ter allivio.

Já lá vae o sol abaixo,
Já não nasce onde nascia,
Já não dou as minhas fallas
A quem as dava algum dia.

POESIA, AMOR

BALLADA

A Ex.ma Snr.a D. Maria Canedo.

cres.
ho - ra, n'es-sa mei - ga
ho - ra do rom-per do
di - a.
p
Tu - do é po - e -
si - a,
po - e - si - a a - mor,
p
tu - do são en -
cres.
can - tos pa - ra o tro - - va - dor
tu - do é po - e -
si - a
po - e - si - a a - mor.
p
tu - do são en -
can - tos pa - ra o tro - va - dor.

POESIA, AMOR

Que nuvem mimosa
Corre pressurosa
Na esteira do ceu,
Que de azul sem veu
Cobre todo o ceu
Cheio de magia;
Quando nasce o sol
Dourando o lençol
Que branqueia a aurora,
N'essa meiga hora,
N'essa meiga hora
Do romper do dia.

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

Oh! que linda moça,
Sae d'aquella choça,
Mimosa, engraçada:
Traz arregaçada
A saia encarnada
De chita grosseira;
Vae cantarolando,
Vae gentil guiando
Seu mimoso gado,
Seu enamorado,
Seu rebanho amado
Da cançada feira!

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

Desabrocham flores,
Das mais lindas cores,
Na verde campina,
Que mais se illumina
Co'a luz matutina
De bellezas mil.
Como esmaltado
Lá se ostenta o prado,
As cores mimosas,
Boninas e rosas
Qual das mais formosas
Das rivaes gentil.

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

Por detraz do monte
Lá se esconde a fonte
Dos montes rainha,
Corre, coitadinha,
Toda apressadinha.
Com que agonia,
A modesta lua,
Corre leda e nua!
Como vae correndo,
Empallidecendo,
De susto tremendo,
Ao nascer do dia!

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

FEIJOADA, AMOR

PARODIA

Oh! que feijoada,
Tão engordurada,
Tão cheia de brêdos,
Que me atóla os dedos
De limões azedos,
Pimentão ardente.
Oh! que bello vinho,
Que negro toucinho
Que na meza bole!
Para ficar molle
Só lhe falta o golle
Da bella aguardente.

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

Que pretos tisnados
Correm apressados
Aqui nos Brazis;
Que negras gentis,
Bonitas e feias,
Vestidas de tanga,
Vendendo pitanga,
Laranjas e manga,
No campo da feira,
Tudo é bebedeira,
Tudo é bandalheira
Que nos causa zanga.

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

Quanta moça tola,
Que come cebola
Da Inglaterra,
Com medo da guerra
Que ha n'esta terra
De Napoleão.
Que porcos mimosos,
Carneiros cheirosos,
Cabras berradeiras,
Gallinhas pódeiras
A's segundas-feiras
Vão p'ra correição.

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

Quanta moça feia,
De meiguice cheia,
Nas suas janellas;
Mas quantas mazellas,
Quantas erysipellas
Encobre o balcão!
Quantos impostores
Formados doutores,
Da rapaziada,
Andam á cabeçada!
Pela namorada,
Só a cachação!

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

Esta musica e lettra é brazileira, mas está tambem muito vulgarisada em Portugal. Não conhecemos os authores porque a recolhemos na tradição.

A PASTORINHA DA LAPA

XACARA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Alzira Candida Gomes Martins.

Inda agora vim da Lapa,
Quem me dera lá tornar,

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Só por vêr a pastorinha
Que lá ficava assentada;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Co'uma roquinha á cintura,
E uma cestinha á ilharga;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Foram dizer ao marido
Que ella andava namorada;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Co'um sacerdote de missa,
E elle missa não dizia;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

—Confessa-te, mulher minha,
Que hoje te tiro a vida;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

«Quer m'a tires,quer m'a deixes,
Essa tenção era minha;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Peço-te, marido meu,
Que me enterres na ermida;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Lá acima ao altar mór,
Aos pés de Santa Cath'rina.»

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Lá no fim de nove mezes
Um lindo *cante* se ouvia;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Quer por dentro, quer por fóra,
A ermida retinia;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Foram dizer ao marido,
Menina que era nascida;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

San José a baptisava,
Nossa Senhora era a madrinha;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

«Aqui tens, marido meu,
A vida em que eu andava;

Ai, Jesus, valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Quem a Virgem serve bem
Sempre lhe dá boa paga;

Ai, Jesus, valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Amen.

Esta xacara é antiquissima. Foi recolhida em Elvas, a musica pelo rev.ᵐᵒ Snr. Padre Philipe Nery de Souza Penalva, e a lettra pelo Ex.ᵐᵒ Snr. Antonio Thomaz Pires.

A VIVANDEIRA

CANÇÃO MARCIAL

Á Ex.ma Snr.a D. Angelica Maria Carneiro Martins.

Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve rufar o tambor;
Quem não canta na força da guerra:
Ai amor! ai amor! ai amor!

Quem a vida quizer verdadeira,
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida esta vida que eu passo
Com tão lindo, gentil mocetão:
Se eu depois da batalha o abraço,
Ai que vida p'r'o meu coração!

Que ternura cantando ao tambor:
Ai amor! ai amor! ai amor!

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim;
E depois, só depois da batalha,
Vel-o salvo, cantando-me assim:

Em t'as marchas fazendo trigueira,
Mais t'eu amo gentil vivandeira.

Não me assustam trabalhos da lida,
Nem n'as balas me fazem chorar;
Ai que vida, que vida, que vida,
Esta vida passada a cantar.

Que eu lá sinto no campo o tambor
A fallar-me meiguices d'amor.

Só na guerra se matam saudades,
Só na guerra se sente o viver,
Só na guerra se acabam vaidades,
Só na guerra não custa o morrer.

Ai que vida, que vida, que vida,
Ai que sorte tão bem escolhida!

Mas deixemos os cantos sentidos,
Estes cantos do meu coração:
Mas prestemos attentos ouvidos
Ai taplão, rataplão, rataplão.

Ao taplão, rataplão, que o tambor
Vae cadente fallando d'amor.

Ai que vida que passa na guerra,
Quem pequena na guerra viveu:
Quem sósinha passando na terra,
Nem o pae, nem a mãe conheceu.

Quem a vida quizer verdadeira
E' fazer-se uma vez vivandeira;

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM.

Esta poesia appareceu por volta de 1850, e com ella a musica.

O RECRUTA

RATAPLÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Izaura Mattos.

O RECRUTA

Cá me fizeram soldado,
Amor do meu coração,
Não te esqueças de mim, não,
Por andar longe, coitado!

Ai! amor,
O tambor
Que já berra;
Rataplão,
Adeus, minha terra,
Rataplão,
Eu vou para a guerra.

Vou á guerra, e tu Maria,
Na aldeia o que farás?
Se esses olhos guardarás
Para m'os dares um dia?!

Ai! amor, etc.

Bem sabes como perdidos
São meus olhos pelos teus,
Que não sei quaes são os meus
Quando se olham confundidos.

Ai! amor, etc.

Pergunta, bem perguntado,
Se eu te quero bem ou não,
A's pedras do teu balcão,
A's telhas do teu telhado!

Ai! amor, etc.

Fui pobre folha cahida
Que na cheia amor levou
E n'um remanso deixou
A' tua porta detida.

Ai! amor, etc.

Ao sol dizia, no monte,
Que não tornasse a nascer,
Que vinha o sol cá fazer,
Se te tinha ali defronte?

Ai amor, etc.

A' noite, quando fiavas,
Dizia ao ver-te fiar:
Fosse eu linho! por te dar
Os beijos que tu lhe davas!

Ai! amor, etc.

Agora, ás costas a farda,
Agora á esquerda volver,
Agora, marchar e ter
Só por amante a espingarda!

Ai! amor, etc.

Agora, sangue e batalha,
Matar ou morrer por lá,
E o corpo á valla me irá
Sem ter ao menos mortalha.

Ai! amor, etc.

Mas se eu voltar que te veja
Logo de longe acenar,
Vae depois, vae-me esperar,
Com um padre, ao pé da egreja.

Ai! amor, etc.

E se na guerra, Maria,
Uma bala me dér fim,
Resa cá, resa por mim,
Resa uma vez cada dia.

Ai! amor, etc.

MALHÃO

CHOREORAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Megre Restier.

Oh Malhão, triste Malhão,
Oh Malhão, triste coitado!
Por tua causa, Malhão,
Ando roto, esfarrapado.

Oh Malhão, triste Malhão,
Triste vida eu te hei de dar:
Eão hei de casar comtigo,
Nem te hei de deixar casar.

Oh Malhão, triste Malhão,
Oh Malhão endiabrado,
Por tua causa, Malhão,
Hei de morrer estafado.

Oh Malhão, triste Malhão,
Oh Malhão, sem ter rival,
E's da terra do bom vinho,
E's do Porto natural.

Oh Malhão, triste Malhão,
Triste ha de ser o teu fim;
Has de acabar os teus dias
A' porta d'um botequim.

Oh Malhão, triste Malhão,
O que foste e o que és!
Oh Malhão que estás virado
Co'a cabeça para os pés.

O Malhão é dança campestre do districlo do Porto. O nome provém-lhe talvez de algum instrumento agricola, anterior ao mangoal. A dança na aldeia é simples: as damas e os cavalheiros formam-se em fila, frente a frente; e, ora se approximam, ora se affastam, batendo com os pés o rythmo indicado na introducção d'esta musica. Por fim fecha a roda e todos dançam pulado.

Transportada para a cidade, esta dança tomou um caracter lubrico e foi adoptada nas orgias e bacchanaes do povo rude. Parece que foi esta musica que deu origem ao fado, pela semilhança da dança. Dois individuos frente a frente, affastam-se e approximam-se em requebros e tregeitos dando, ameudadas vezes, pançadas e sapateados em rythmo binario. Tal se dança na cidade.

As cantigas, na aldeia, são desgarradas; porém, na cidade, addicionaram-lhe muitas outras, das quaes, a maior parte são licenciosas.

A BARQUINHA

SERENATA

Á Ex.ma Snr.a D. Lydia Leite Borges de Faria.

Vem, meu anjo, que eu não posso
Viver n'este ermo sem ti!...
Vem, meu anjo, senão vôas,
Cuidarei que te perdi.

Que noite serena!
Que lindo luar!
Que linda barquinha
Que vejo no mar!
Vem, vem, oh meu anjo,
Fujamos d'aqui
Que a noite está bella
O amor nos sorri!

Tu já sabes quantas maguas
Uma saudade contém...
Ah! são muitas... sinto-as todas...
Vem, meu anjo, corre... vem!

Aqui, n'esta soledade,
Cada flôr é tua imagem,
Cada murmurio um suspiro,
Cada gemido uma aragem!

Vejo em tudo a tua sombra...
Mas eu chamo-te, e não fallas!
Vem, meu anjo de ternura,
Que estas flores são tuas galas.

Vem, rainha d'estes prados,
Que o teu throno tens aqui!
Deixa as turbas d'esse mundo,
Que não é mundo p'ra ti...

Tens um ermo aonde a vida
E' tranquilla em singeleza,
Onde o Eterno ostenta as pompas
Da formosa natureza.

Tens no alvor da madrugada
As canções do rouxinol,
Que festeja os frouxos raios,
Que lhe dá benigno sol.

Tens, á tarde, os horisontes
Purpurinos, d'além-mar,
Que nos fazem sentir n'alma
Sensações d'um vago amar.

Tens, á noite, este silencio
De saudade e de tristeza,
Quando a alma vela tanto,
E adormece a natureza.

Tens a cada instante, um ente,
Que te diz, em voz da terra,
Mil celestes pensamentos
Que no coração encerra.

Vem, meu anjo, que eu não posso
Viver n'este ermo sem ti!
Vem, meu anjo, se não vôas
Pensarei que te perdi...

A musica d'esta serenata é attribuida a J. Doria. As quadras são de Camillo Castello Branco (1850); porém o estribilho é d'outro poeta que não conhecemos.

A GEREZIANA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Aurora d'Almeida.

Tenho dentro do meu peito,
Duas escadas de flôres,
Por uma descem suspiros,
Por outra sobem amores.

Tanta libra e eu tão livre d'ellas
Amar ellas, são de cavallinho,
São lindas, são delicadas,
São leaes ao seu bemzinho;
São leaes ao seu bemzinho,
São leaes ao seu amor,
Vá de roda, vá de roda,
Vá de raminho em flôr.

Viva quem aqui chegou,
Por ora não digo quem;
Chegaram aqui dois olhos
Aos quaes os meus querem bem.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Os que amam não tem conta,
Saber amar são contados.

Oh alta serra de neve
Tende de mim piedade!
Que me vejo sem amores
Na *felor* da minha edade.

Oh Senhora do Sameiro,
Eu queria ser vossa nora,
Se me dereis o menino
Que está no altar de fóra.

Semear e não colher,
E' o que atraza o lavrador;
Tambem eu estou atrazada
Em contas com o meu amor.

Limoeiro tem pé d'ouro
Tambem tem rama de prata;
Tomar amores não custa
Deixal-os é o que mata.

Auzentaste-te de mim
Sem teres razão de queixa,
Quem se auzenta sem ter causa
Nem leva penas nem deixa.

Quando eramos amigos
Eu andava no teu monte;
Agora que o não somos,
Vou beber a outra fonte.

Adeus, Caldas do Gerez,
Adeus, oh fonte da Bica,
Vim cá buscar a saude,
O meu dinheiro ahi fica.

Recolhida nas Caldas do Gerez em 1888 pelo Ex.mo Snr. Dr. Ricardo Jorge, que a baptisou de *Gereziana*, por ser n'esta serra que pela primeira vez a ouviu.

Esta musica foi levada áquellas altitudes por um bando de raparigas que trabalhavam nas estradas, segundo refere o mesmo illustre clinico e nosso respeitavel amigo, n'um primoroso artigo que a este respeito foi publicado no *Jornal da Manhã*.

Investigando nós a procedencia d'esta musica, soubemos que ella é do districto de Coimbra, d'onde a haviam importado com algumas modificações, applicando-lhe uma poesia local.

Dança.—E' simplesmente de roda.

A CORADINHA

CHOREOGRAPHICA

À Ex.ma Snr.a D. Maria Carmina d'Almeida Cunha.

O beijinho que me déste
Sem meu pae nem mãe saber,
Toma-o lá, torna a acceital-o,
Que já lh'o foram dizer.

Coradinha, feiticeira,
Encanto dos meus amores,
Os teus labios côr de rosa
Dão beijinhos matadores.

Coradinha, olé, oh linda!
Coradinha, olé, meu bem.

Dá-me um beijo, dou-te dois,
A minha paga é dobrada;
Porque é brio dos amores
Pagar e não dever nada.

Coradinha, etc.

Oh meu amor, quem me déra,
Quem me déra sempre dar-te,
Beijinhos até morrer.
Abraços até matar-te.

Coradinha, etc.

Meu amor se te arrependes
D'algum bem que me fizeste,
Dá-me os beijos que eu te dei
Pelos que tu já me déste.

Coradinha, etc.

Dá-me os beijos que te dei,
Que já lá tens mais de mil,
Dá-me os que te agora peço,
Os outros deixal-os ir,

Coradinha, etc.

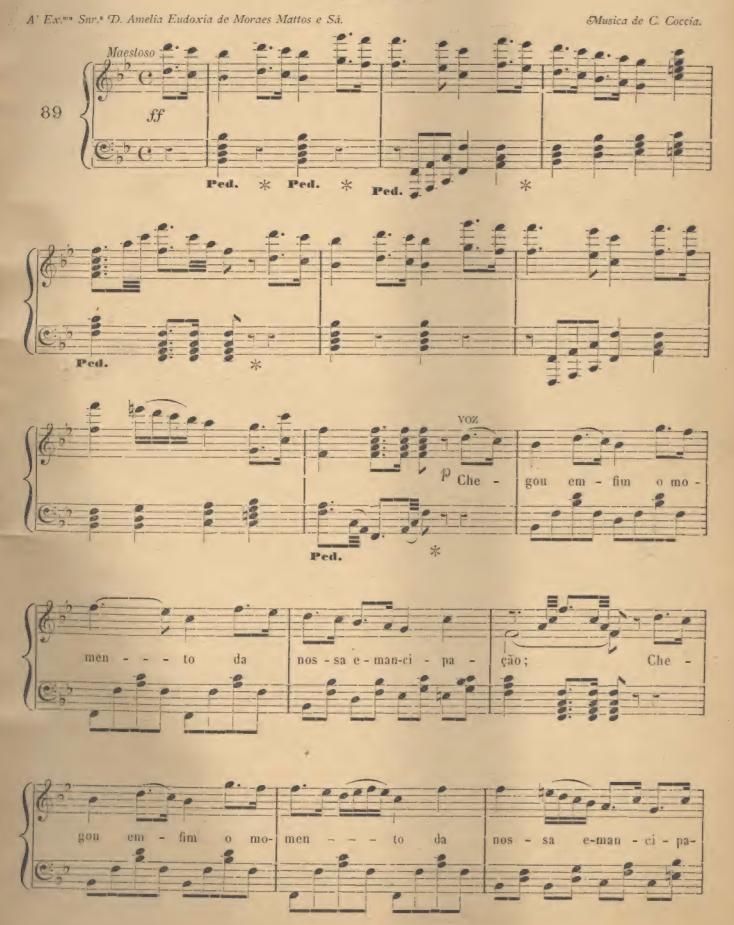
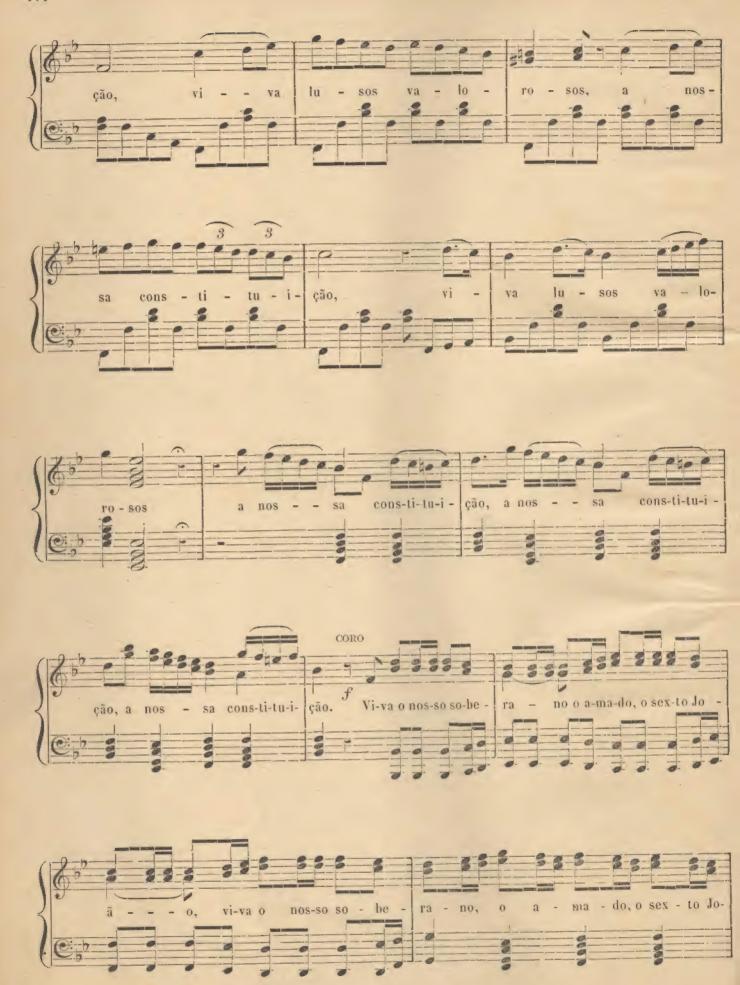
Recolhida em S. Pedro d'Alva por F. P. Nogueira.
A repetição dos primeiros oito compassos é feita no fim de cada quadra com o estribilho: — *Coradinha, feiticeira*, etc.
Os pares formam grande roda e giram sobre a direita emquanto cantam a primeira quadra. No primeiro estribilho: *Coradinha, feiticeira*, largam as mãos e giram voltados para os seus pares, fazendo *balancé* e dando estalos com os dedos. Quando dizem: *Coradinha olé oh linda*, dançam de roda em passo de valsa.

HYMNO CONSTITUCIONAL DE 1820

CANÇÃO MARCIAL

A' Ex.ma Snr.a D. Amelia Eudoxia de Moraes Mattos e Sá.

Musica de C. Coccia.

ção, vi - - va lu - sos va - lo - ro - sos, a nos -
sa cons - ti - tu - i - ção, vi - va lu - sos va - lo-
ro - sos a nos - - sa cons-ti-tu-i - ção, a nos - - sa cons-ti-tu-i -
ção, a nos - sa cons-ti-tu-i- ção. Vi-va o nos-so so-be - ra - no o a-ma-do, o sex-to Jo -
CORO
f
ã - - - o, vi-va o nos-so so - be - ra - no, o a - ma - do, o sex - to Jo-

Chegou, emfim, o momento
Da nossa emancipação;
Viva, lusos valorosos,
A nossa Constituição.

Viva o nosso soberano,
O amado, o sexto João,
Que ha de sellar com seu nome
A nossa Constituição.

Reunam-se as lusas côrtes,
E com sacra inspiração
Façam que brilhe no mundo
A nossa Constituição.

Oh tu de um Deus emanada!
Oh santa religião!
Diffunde com tuas azas
A nossa Constituição.

Viva o nosso soberano,
O amado, o sexto João,
Que ha de sellar com seu nome
A nossa Constituição.

Já pouco tarda o momento
Da nossa consolação,
Em que ha de baixar dos ceus
A nossa Constituição.

Composeram-se por esta occasião outros hymnos, para solemnisar a nossa primeira constituição, porém não lograram tanta popularidade como o presente.

ADORAÇÃO DA CRUZ

CANTICO

Lettra de José Ignacio Roquete
Conego que foi da Sé Patriarchal.
Musica do Padre José Sebastião Netto
Hoje Em.^mo Patriarcha de Lisboa.

A' Ex.^ma Snr.^a D. Quiteria Vieira Brandão.

Este cantico, recolhido pelo Rev.^mo Prior de San João d'Almancil, é muito vulgar no Algarve.

ADORAÇÃO DA CRUZ

Da bemdita Cruz
Ao lenho sagrado,
Em que o bom Jesus
Foi por nós pregado.

Christãos cantemos
Em altas vozes:
Viva Jesus,
Viva a sua Cruz.

Todos tributemos
Respeito profundo,
Porque n'elle temos
Redempção do mundo.

Christãos, etc.

E se em Portugal
Algum cego peito,
Por seu grande mal
Te nega respeito;

Christãos, etc.

Serve de terceira,
Oh crux adorada,
Para tal cegueira
Ser allumiada.

Christãos cantemos
Em altas vozes:
Viva Jesus,
Viva a sua Cruz.

Padre, Filho e Amor,
A vós seja dado,
Rendido louvor
Por todo o creado.

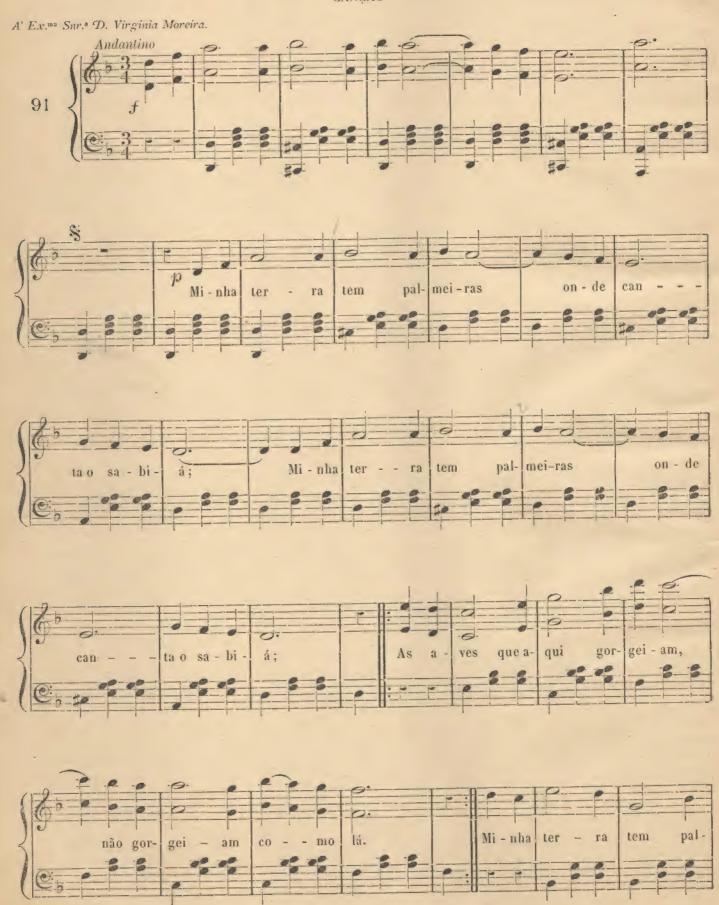
Christãos, etc.

E pois que na Cruz
Nos déstes victoria;
Dai-nos vêr Jesus
Na celeste gloria.

Christãos, etc.

O EXILIO

CANÇÃO

A' Ex.ma Snr.a D. Virginia Moreira.

Esta canção é brazileira mas está muito vulgarisada em Portugal.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeiam
Não gorgeiam como lá.

Nosso ceu tem mais estrellas,
As nossas varzeas mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sósinho, á noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá:
Sem que disfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem que inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

Antonio Gonçalves Dias.

A esta mimosa poesia do celebre poeta brasileiro, respondeu-lhe um portuguez com outra imitativa, não menos repassada de sentimento nostalgico. Eil-a:

Minha terra tem collinas,
Onde canta o rouxinol;
Minha terra é mais amena,
Mais saudoso o pôr do sol.

As flores tem mais perfumes
Nossos fructos mais sabores
Tem mais mimo a natureza,
Mais paixão nossos amores.

Mais prazer encontro eu lá
Em scismar ao pôr do sol;
Minha terra tem collinas
Onde canta o rouxinol.

E' mais linda a primavera
Mais jucundo o nosso estio;
Mais fertil o nosso outomno,
Mais saudoso o inverno frio:

E assim uma após outra,
Alternando as estações,
Ha mais viço nas ideias
Ha mais fogo nas paixões.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que veja o seu pharol,
Suas tão bellas campinas,
Seu tão doce pôr do sol;
Sem que pise inda as collinas
Onde canta o rouxinol.

Estevão d'Araujo V. Pereira e Alvim.
(De Cabeceiras, mas residente no Rio de Janeiro).

A seguinte imitação é tambem muito conhecida:

Minha terra tem loureiros
Onde canta o rouxinol,
Canta triste, solitario,
De manhã e ao pôr do sol,

Quem me dera ouvir de novo,
N'essa terra que eu deixei,
O canto do rouxinol,
Se o seu canto tanto amei!

Minha terra tem campinas
Que tapizam lindas flores,
Trinam lá melhor as aves,
Sabem mais cantar amores.

Quem me dera ouvir de novo
O cantar do rouxinol,
N'essa terra que amo tanto,
Se eu amei tanto o seu sol.

Nem permitta Deus que eu morra
Dos annos no arrebol,
Sem que veja o sitio ameno
Onde canta o rouxinol.

Que o prazer que hoje me cerca
E' cruel — cruel bem sei,
Quero vêr esses loureiros
Que lá na patria deixei.

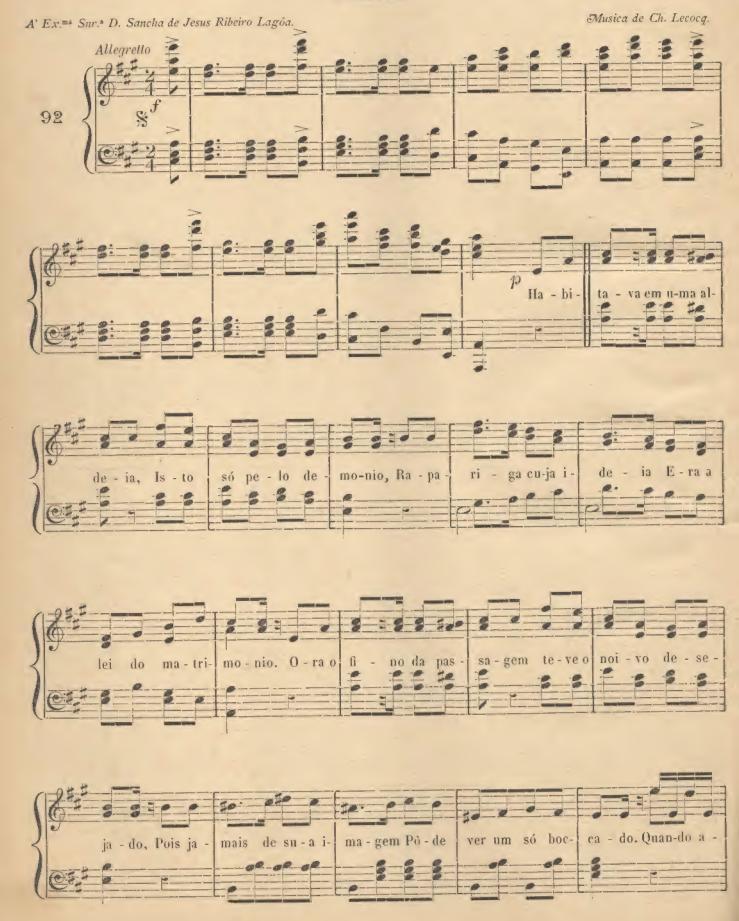
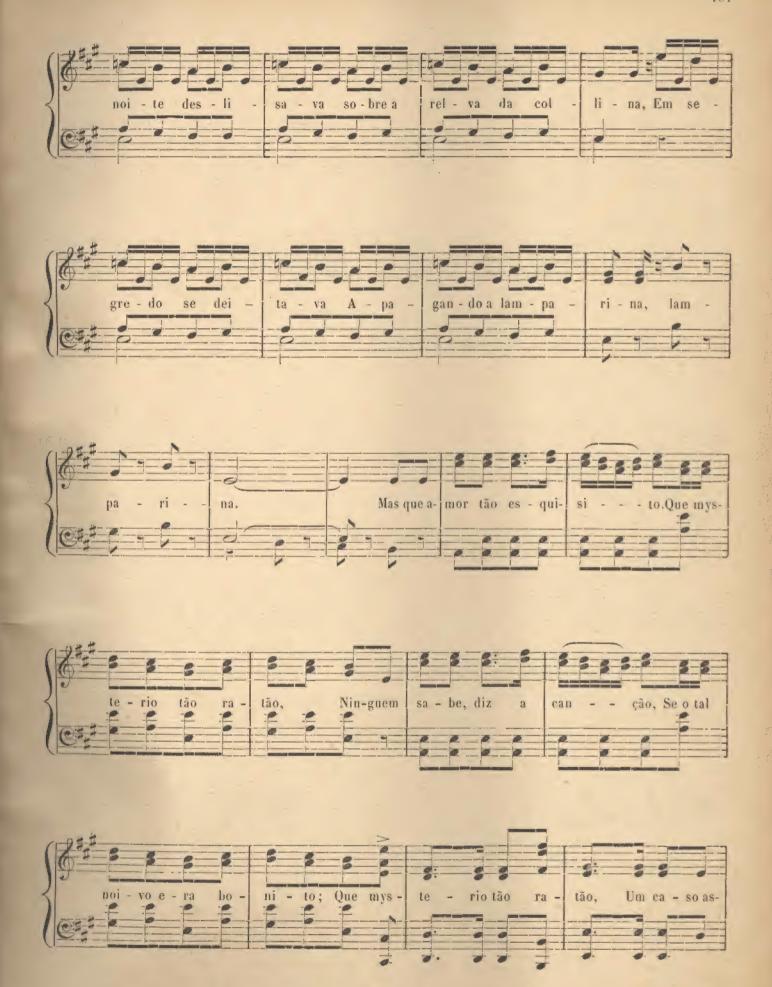
Além d'esta ha muitas outras imitações.

CANÇÃO DE UMA LOIRA

ROMANESCA

A' Ex.ma Snr.a D. Sancha de Jesus Ribeiro Lagôa.

Musica de Ch. Lecocq.

noi - te des - li - sa - va so - bre a rel - va da col - li - na, Em se -
gre - do se dei - ta - va A - pa - gan - do a lam - pa - ri - na, lam -
pa - ri - na. Mas que a - mor tão es - qui - si - to. Que mys -
te - rio tão ra - tão, Nin-guem sa - be, diz a can - ção, Se o tal
noi - vo e - ra bo - ni - to; Que mys - te - rio tão ra - tão, Um ca - so as-

E' esta uma das canções estrangeiras que passou do theatro para o dominio publico, talvez pela jovialidade da composição poetica, porque o estylo d'esta musica franceza é improprio a enxertar-se no nosso sentimentalismo nacional.

CANÇÃO DE UMA LOIRA

Habitava em uma aldeia,
Isto só pelo demonio!
Rapariga, cuja ideia
Era a lei do matrimonio.

Ora o fino da passagem
Teve o noivo desejado,
Pois jámais de sua imagem,
Pôde vêr um só boccado.

Quando a noite deslisava
Sobre a relva da collina,
Em segredo se deitava
Apagando a lamparina.

Lam . . .
pa . . .
ri . . .
na! . . .

Mas que amor tão exquisito! . . .
Que mysterio tão ratão!
Ninguem sabe, diz a canção,
Se o tal noivo era bonito! . . .

Que mysterio tão ratão! . . .
Um caso assim, original . . .
Não iam mal n'esta canção . . .
Não, não, não iam mal!

Era bem feliz a esposa,
E o marido era perfeito,
Mas tambem, sendo curiosa,
Vêr quiz o marido a geito.

«Sou feliz, — dizia a bella; —
Com a vida sem desdoiro;
Mas não sei se meu marido
E' trigueiro, branco ou loiro! . . .

E a dôr que meu peito mina
Não doura do amor a chamma:
Eu quando o pilho na cama,
Vou dar luz á lamparina . . . »

Lam . . .
pa . . .
ri . . .
na! . . .

Mas que amor tão exquisito! . . .
Que mysterio tão ratão! . . .
Ninguem sabe, diz a canção,
Se o tal noivo era bonito! . . .

Que mysterio tão ratão! . . .
Um caso assim, original! . . .
Não iam mal n'esta canção . . .
Não, não, não iam mal!

E quando o pilhou roncando,
Emfim a luz accendeu,
Finalmente reparando
No noivo que Deus lhe deu.

Mas de golpe levantou-se
O marido singular,
E rosnou: «Filha, acabou-se,
Jámais me verás voltar!»

E p'ra logo dando á perna,
Nem adeus disse ao seu bem,
E a pobre esposa terna
Ficou só, sem mais ninguem!

Sem . . .
mais . . .
nin . . .
guem! . . .

Mas que amor tão exquisito! . . .
Que mysterio tão ratão! . . .
Ninguem sabe, diz a canção . . .
Se o tal noivo era bonito! . . .

Que mysterio tão ratão! . . .
Um caso assim, original . . .
Não iam mal n'esta canção . . .
Não, não, não iam mal!

ANTONIO CRUZ.

GUALDINO DE CAMPOS.

A PADEIRINHA

DANÇA DE RODA

A' Ex.ma Snr.a D. Carlota Champalimaud.

93

Oh que lindos olhos,
Tem a padeirinha,
São mal empregados,
Andar á farinha.

Bate padeirinha,
Bate o pé no chão,
Bate no meu peito,
No meu coração.

No meu coração,
Padeirinha agora,
Dá meia voltinha,
Vamos-nos embora.

Com esta mesma musica que é antiga tambem se canta a seguinte lettra:

Oh senhora mãe,
Deixe-me ir á festa,
Que não ha nenhuma
Mais linda do que esta.

Arcos, fogo e musica
Arraial tão lindo!...
E moços e moças
Conversando e rindo.

Ir lá tambem posso:
Já não sou pequena,
Sou da mesma idade
Da Rita Morena.

Já sei molinhar
Como um bom moleiro,
No moinho do milho
E mais no alveiro.

Quem fôr d'estas coisas
Já não é criança;
Já póde ir ás festas,
Já canta e já dança.

Dê-me o chapeu fino
E a roupa aceiada
Que eu ir lá não devo
Toda enfarinhada.

Hei de ir de chinellas,
De meias de linha,
Camiza mui branca...
Mas não de farinha.

Não quero se ria
De mim todo o povo;
Dê-me a saia verde
Mais o gibão novo.

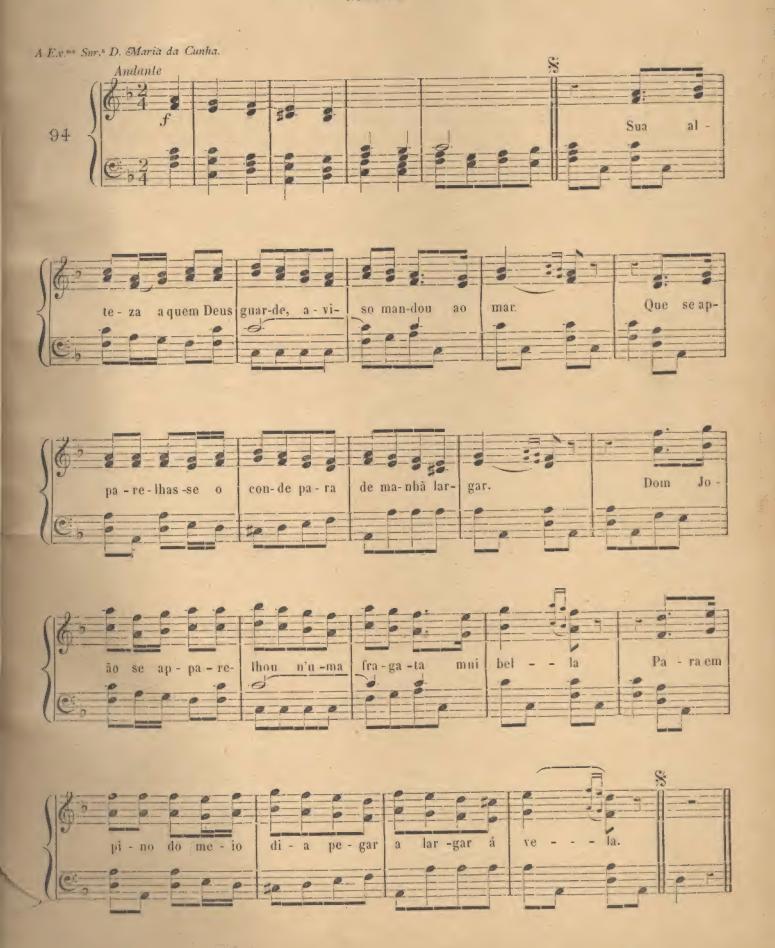
Eu quero mostrar-me
No largo da egreja,
E mordam-se as outras,
Embora, de inveja.

E se perguntarem
Quem é a gaiteira,
Saibam que é a filha
Da Thereza moleira.

HENRIQUE AUGUSTO.

Recolhida em Lufrei em 1886, por F. P. Nogueira.

D. JOÃO DA ARMADA

ROMANCE

D. JOÃO DA ARMADA

Sua alteza, a quem Deus guarde,
Aviso mandou ao mar,
Que se apparelhasse o Conde
Para de manhã largar.
Dom João se apparelhou
N'uma fragata muito bella,
Para em pino do meio dia
Pegar a largar á vela.

Em pinos do meio dia
Deitou a peça de leva,
P'ra a companha se ajuntar
Que queria dar á vela.
Uns a saltarem p'ra bordo,
Outros no caes a chorar,
Com as saudades da terra
Não ouzavam embarcar.

—Deixae-vos ficar em terra
Homens de maior edade,
Deixae ir a mancebia
Que vae para o mar brigar.—
A' partida da galera
Houve grandes clamores;
Capitão e commandantes
Todos se encheram de dores.

Entrando pelo mar dentro
Ouviram grandes terrores:
Eram mestres, contra-mestres
Amostrando os seus valores.
Indo mais pelo mar fóra
Ouviu-se apitos de prata:
Oh que rico commandante
Leva esta real fragata.

Indo mais pelo mar fóra
Onde terras se não via
Mandou acima gageiro
A vêr o que descobria.
O gageiro subiu logo
A vêr o que descobria
E lá do topo do mastro
Em altas vozes dizia:

—Gageiros da nossa nau
Aprromptem a artilheria
Que aqui para a nossa armada
Vem uma combataria.
«Safa, safa, D. João,
Safa a tua artilheria,
Que são tantos os navios
Que o sol e a lua encobria.»

—Dize-me alferes da bitante:
Que navios traz Turquia?
«Se me perdoas a morte,
D. João, eu t'o diria:
Nove centas e oitenta
Galeras que traz Turquia;
Fóra doze naus de linha
Que trazem a fidalguia.»

(Era este um renegado
Que na mesma armada ia;
Empenhando as suas barbas
D. João lh'o pagaria!)
D. João que tal ouvira
De tristeza se cobria;
Pega em Jesus nos seus braços
De pôpa á prôa corria:

—Sondes neto de Santa Anna
Filho da Virgem Maria;
Não permittaes vós, Senhor,
De eu acabar em Turquia!
Não permittaes que os mouros
Se encham de phantazia:
Não queiraes que os vossos filhos
Se encham de cobardia!

Chegou a armada uma a outro
Em pinos do meio dia;
As ballas que elles botavam
Tornam-se em mosqueteria
As que D. João atirava
Eram de grande valia
Mas a que mouro botava
Nem matava nem feria.

A fumaria era tanta,
Nem uns nem outros se via;
As cabeças pelos ares
A luz do sol encobria.
A sangreira era tanta
Que pelos embornaes corria,
Era tanta a gente morta
Que os navios empecia.

Pelas duas horas da tarde
Cessava a mosqueteria;
No mar o sangue era tanto
Que nenhuma agua se via.
— Acima, acima gageiro —
A vêr o que succedia,
O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia:

Alviçaras, senhor, alviçaras,
Alviçaras com alegria!
De novecentas e oitenta
Só uma galera via,
Com os seus mastros quebrados,
A pôpa rendido havia;
Leva a bandeira de rastos
P'ra desprezo da Turquia.

Leva novas ao rei turco,
Contar-lhe o que succedia,
Que da sua grande armada
Só ella escapado havia
Com suas velas rasgadas
O casco com avaria,
Mas da gente que trouxera
Nenhuma já existia.

O alferes da bitante,
Que a galera conduzia,
Ao chegar á sua terra
Ancorou em francaria,
O seu rei, que o ouvira,
Pergunta o que succedia,
Sabendo a triste nova
D'esta sorte respondia:

—«Não se me dá dos navios,
Eu outros melhores faria;
Dá-se-me da minha gente,
Que era a flôr da Turquia.
Quem venceu esta batalha,
Que era de tanta valia?
«Foi o D. João da Armada,
Que era o rei da valentia.

Ainda a nau mal aproara
Para a barra de Lisboa:
Já lá vem D. João da Armada,
Traz o sceptro e a corôa.
Capitão e commandantes
Vamo-nos para a Turquia
Vamos fazer um rei novo
D'esta nossa fidalguia.

Este romance anda dividido em muitas variantes, tanto no continente como nas ilhas; recolhendo os fragmentos que andam dispersos na tradição popular, podémos reconstituil-o, parece-nos que sem omissões.

Deu a origem a este romance um dos successos mais estrondosos do seculo XVI, a batalha de Lepanto, em que os christãos venceram a armada turca. O snr. dr. Theophilo Braga, narra o facto no seguinte resumo:

«No anno de 1571, D. João d'Austria, filho de Carlos V e irmão do terrivel Filippe II, commandava as forças navaes de Hespanha, Veneza, Genova e do Papa D. João d'Austria não obedeceu ás instrucções secretas que recebera, e atacou no golpho de Lepanto a armada ottomana, inconsiderado, com o desejo irresistivel da gloria. André Doria oppoz-se ao plano de attaque e conservou-se immovel na acção. O enthusiasmo da liga christã deu-lhe a victoria; D. João d'Austria tornou-se o typo mais popular e admirado do tempo; isto lhe conquistou o rancor do Demonio do Meio Dia, que o Desterrou para os Paizes Baixos a pretexto de abafar varias conjurações. Não lhe dando soldados para a empreza de que o encarregava, submetteu-o a uma vigilancia de espiões, que o informavam de todos os seus movimentos.

Como se espalhou na tradição popular portugueza o successo da batalha de Lepanto?..

Talvez D. João viesse a Lisboa contratar marinheiros e depois da batalha voltasse á nossa capital, e então a narrativa d'aquelles homens inspirasse algum poeta popular assim como succedeu com summidades poeticas de Portugal, Hespanha e Italia.

Com a mesma musica cantou-se a seguinte poesia, quando D. João VI voltou do Brasil:

DESPEDIDA DE D. JOÃO VI DO BRASIL

A despedida que deu
No Rio o nosso sob'rano:
Mandou avisar o povo
P'ra lhe dar o desengano.

— Sabei, filhos, eu vos digo,
Já não posso estar aqui,
A' força me hei de ir chegando
Ao paiz onde nasci.

Quero ir á minha patria
Para lhe dar providencia,
Accudir ao desarranjo
Que tem feito a minha auzencia.

Eu pouca falta vos faço,
Bem o sabeis na certeza,
Pois eu tambem sei que sois
Assistidos da riqueza.

—Sabei, ó alto soberano
Podeis viver na certeza,
Queremos Vossa Magestade,
Perca-se nossa riqueza.

—Aqui vos fica o meu filho,
Cá vos fica em meu logar;
Se o amardes como a mim,
Elle vos ha de estimar.

Passar o mar bem me custa,
Isto são peccados meus;
Sabei que assim me é preciso,
Adeus, meus filhos, adeus...

Logo chegando ao embarque
Muito depressa entraram,
Largaram velas ao vento,
Velozmente se safaram.

A alegria de Lisboa
Na entrada do seu rei,
Eu agora, em *tom suave*,
Eu tambem a cantarei:

Chorae, vós, ó brasileiros,
Usae da vossa prudencia,
Sabei que o monarcha é nosso,
Tende santa paciencia.

Meus amados habitantes
Lá do Rio de Janeiro,
A paixão que em vós existe
Já por cá passou primeiro.

E os mesmos passarinhos
No ar suspensos estão,
Só em ouvir os festejos
Do nosso rei D. João.

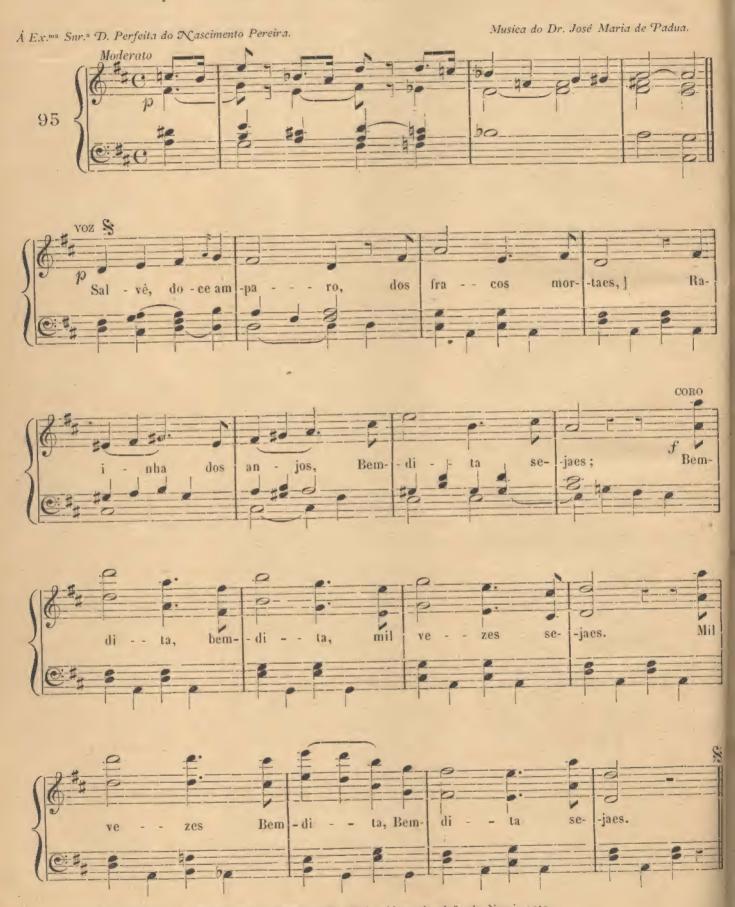
Entrae, senhor, entrae,
Com todo o contentamento
Gozar o reino que é vosso
Desde o vosso nascimento.

Recolhida pelo Rv.mo Padre Manuel d'Azevedo da Cunha.

SALVÈ, RAINHA

CANTICO

Á Ex.ma Snr.a D. Perfeita do Nascimento Pereira.

Musica do Dr. José Maria de Padua.

Recolhida no Algarve, pelo Rev.mo Prior d'Almancil, Padre Alexandre João do Nascimento.

SALVÈ, RAINHA

VOZ

Salvê, doce amparo
Dos fracos mortaes;
Rainha dos Anjos
Bemdita sejaes.

CÔRO

Bemdita, Bemdita,
Mil vezes sejaes;
Mil vezes Bemdita,
Bemdita sejaes.

Dai-nos vossa benção,
Pois mãe vos chamaes
De Misericordia,
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Sois vida, doçura
Dos filhos que amaes;
Esperança nossa,
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

A esses de gloria,
Montes eternaes,
Chegue o nosso salvé:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Nós a Vós bradamos,
Ouvi nossos ais:
Ah! sim ouvi-os:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Não, Senhora, não
Auxilio negaes
Aos filhos de Eva:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

A Deus, e a Vós,
Se bem desleaes,
Por Vós Suspiramos
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Andamos afflictos,
(Vós não o ignoraes)
Gemendo e chorando:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

N'este valle horrendo
De penas fataes,
Tristes vos cantamos
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Mas lá, onde as nossas
Lagrimas limpaes,
Alegres diremos:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Cá, e lá benigna,
Vós nos consolaes,
Eia, pois, por isto
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Tanto é vosso amor,
Que ser vos dignaes
Advogada nossa,
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Esses vossos olhos,
Que não tem iguaes,
Em nós os ponde:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Misericordiosos,
Como costumaes,
A nós os volvei:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Ah quão favoraveis
Vós nol-os lançaes!
Agora e depois
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc,

Vós d'este desterro
Nos alliviaes
Os duros trabalhos:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Aos que d'aqui formos
Para onde estaes
Mostrae a Jesus:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Mostrae-nos a esse,
A quem tanto amaes,
Vosso Bento Fructo;
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Mostrae-nos os muitos
Que Vós nos guardaes,
Bens do Vosso Ventre:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Que nós os percamos,
Jámais permittaes,
Oh Virgem Clemente,
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdtta, etc.

Oh Mãe pia, oh doce,
De Vós não queiraes
Que ausentes vivamos:
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

Sempre, Virgem bella,
Applausos geraes
Vos dêem ceus e terra.
Bemdita sejaes.

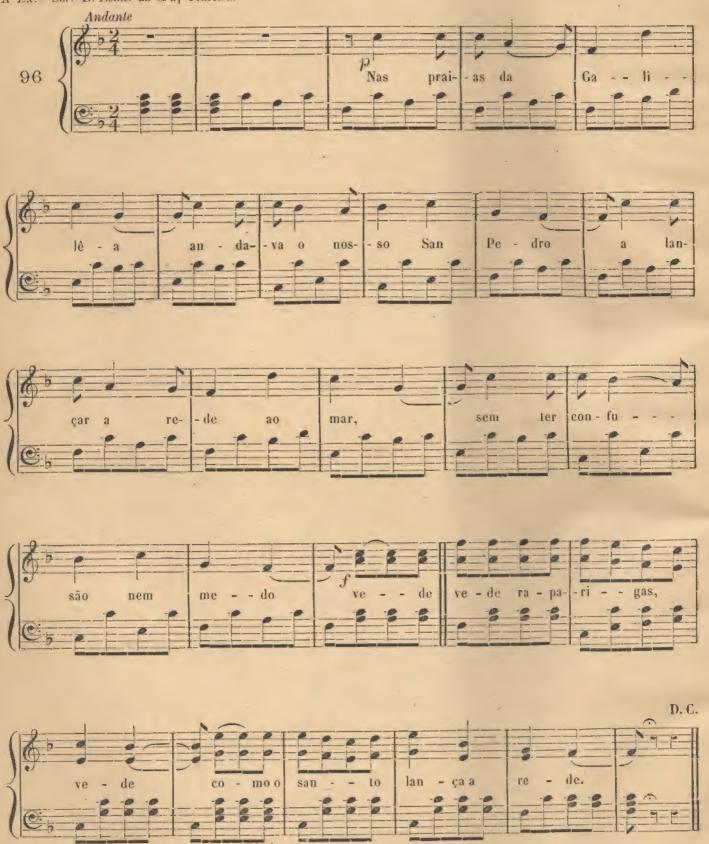
Bemdita, Bemdita, etc.

Bemdita, Bemdita,
Mil vezes sejaes,
Oh Santa Maria,
Bemdita sejaes.

Bemdita, Bemdita, etc.

SAN PEDRO

CANTIGA DA BEIRA MAR

A' Ex.ma Snr.a D. Esther da Cruz Teixeira.

Recolhida na Povoa de Varzim em 1870.

SAN PEDRO

Nas praias da Galiléa
Andava o nosso San Pedro
A lançar a rede ao mar,
Sem ter confusão nem medo.
Vêde, raparigas, vêde
Como o Santo lança a rede.

Andava o nosso San Pedro
E os mais da companhia,
Já meio descoroçoados
Pela pouca pescaria.
O peixe que a rede dava
Nem só p'ra elles chegava.

Appareceu o Senhor
A'quella sociedade,
Mandou-lhes deitar a rede
A' direita de Deus Padre.
A' mão direita a lançaram
E muito peixe caçaram.

Foram-se a alar as redes,
E tanto peixe malhou,
Que só metade da rede
O barquinho carregou.
Torce rede, eia, safar,
E a terra descarregar.

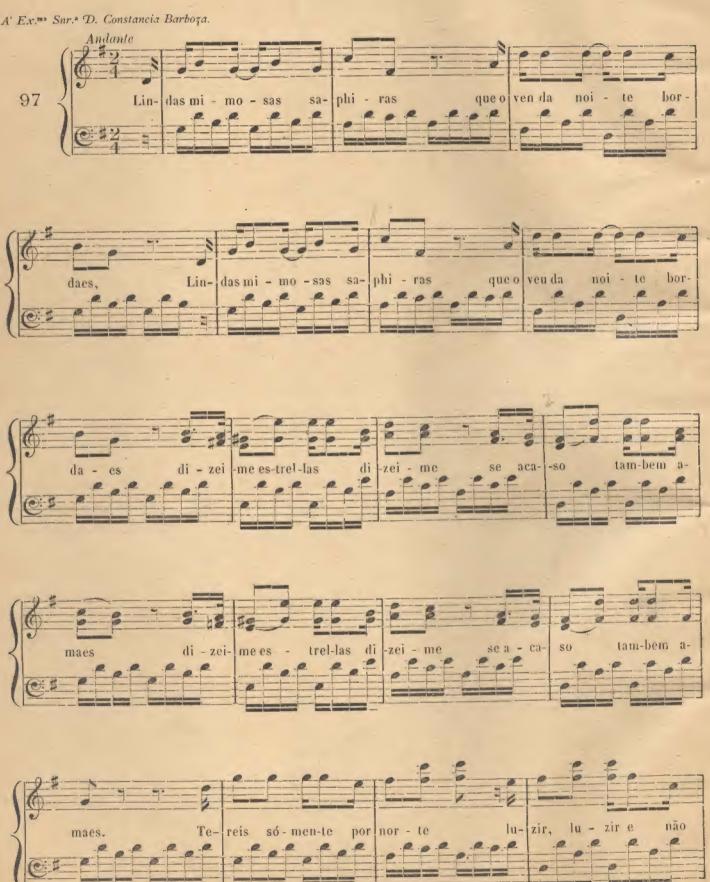
San Pedro desde pequeno
Foi marinheiro do mar,
E agora já tem as chaves
Do paraizo real.
Torce rede, eia, safar,
E a terra descarregar.

A quem daremos as chaves
Da nossa embarcação?
Dál-as-hemos a San Pedro
Que nol-as traga na mão.
Festejemos com alegria
A San Pedro n'este dia.

Recolhidas pelo malogrado clinico e distincto escriptor, José Augusto Vieira, no *Minho Pittoresco*.

A'S ESTRELLAS

NOCTURNO

A' Ex.ma Snr.a D. Constancia Barboza.

Lindas, mimosas saphyras
Que o veu da noite bordaes,
Dizei-me, estrellas, dizei-me,
Se acaso tambem amaes.

Tereis sómente por norte
Luzir, luzir e não mais?
Não creio, estrellas, não creio,
Sois tão formosas, amaes.

Canta-se tambem a seguinte lettra:

A'S ESTRELLAS

Vós, estrellas tão formosas,
Que a terra de luz banhaes,
Dizei-me, oh astros da noite,
Porque tão bellos brilhaes.
Suspensas lá n'esse espaço,
Creadas pelo Senhor,
Vós, estrellas, daes á noite
Melancholico fulgor.

O velho, que vê dispersas
Da infancia as saudosas flores,
Ao vêr-vos inda se lembra
Do tempo dos seus amores.
A virgem sorri mimosa
A' vossa luz que estremece,
E o atheu um Deus eterno
Ao fitar-vos reconhece.

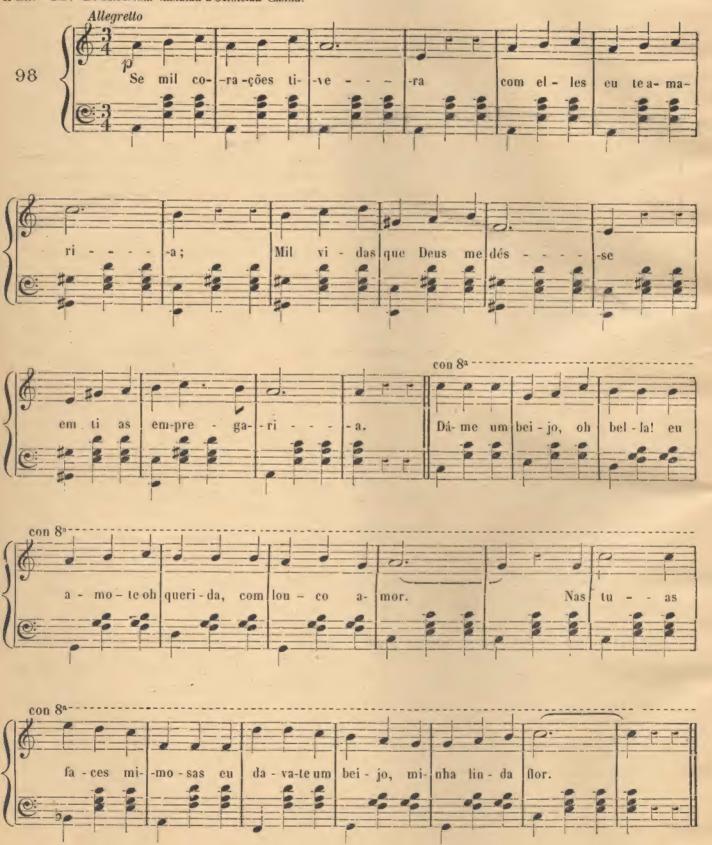
Estrellas, vós sois um livro
Que aos mortaes abrem os ceus,
Sois a pagina brilhante
Onde leio amor e Deus.

J. M. B. Carneiro.

Recolhida em Coimbra em 1890, pelo Ex.mo Snr. Dr. Manuel Maria de Castro Corte Real.

DA'-ME UM BEIJO

DANÇA DE RODA

A Ex.ma Snr.a D. Albertina Candida d'Almeida Cunha.

Recolhida em Oliveira do Conhedo, em 1892, por F. P. Nogueira.

DÁ-ME UM BEIJO

Se mil corações tivera,
Com elles eu te amaria;
Mil vidas que Deus me desse,
Em ti as empregaria.
Dá-me um beijo, oh bella,
Eu amo-te, oh querida,
Com louco amor!
Nas tuas faces mimosas,
Eu dava-te um beijo,
Minha linda flôr.

Quando Deus creou a rosa,
E fez a luz do luar,
Entre as coisas mais formosas,
Fez a luz do teu olhar.

Nas ondas do teu cabello,
Vou-me deitar a afogar,
Eu quero que o mundo saiba,
Que ha ondas sem ser no mar.

Os teus olhos não são olhos,
São sanefas de velludo;
Oh quem me dera lograr,
Olhos, sanefas e tudo.

Pergunta a quem sabe amar,
Qual dos males é mais nocivo,
Se auzencia com remedio,
Se o ciume com motivo.

Se te fores, heide armar
Laços á tua partida,
Que eu quero mais aos teus olhos,
Do que á minha propria vida.

Quem me dera em teu peito,
Minha face recostar,
P'ra podermos dizer todos,
A lei de Deus manda amar.

Meu amor se vires cahir
Folhas verdes na varanda,
Olha que são saudades
Que o meu coração te manda.

Juro que ainda não tive
Um amor firme a ninguem;
Para ti jogo se abriram
As portas do querer bem.

Quero ter-te sobre o peito
Onde bate o coração;
Mas não digas a ninguem
Os suspiros porque são.

Quem me dera ser retroz,
Ou linha de toda a côr,
Para andar junto a teu peito,
Servindo de atacador.

Quando digo que te adoro,
Menina, dizes que minto;
As magoas que por ti soffro
Deus as sabe e eu as sinto.

Se eu te não quero bem
Deus do céo me não escute;
As estrellas me não vejam,
A terra me não sepulte.

Ter amor é muito bom,
Quando ha correspondencia;
Mas amar sem ser amado
Faz perder a paciencia.

Oh, meu amor, não descubras
Tuas penas a ninguem;
Se o dizes a uma amiga,
Essa amiga outra tem.

Tenho dentro do meu peito,
Bem chegado ao coração,
Duas lettrinhas que dizem:
Morrer sim, deixar-te não.

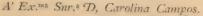
Quando meus olhos te viram
Meu coração te adorou;
Na cadeia de teus braços
Minha alma presa ficou.

Quem me dera já lograr
D'esses teus olhos as luzes;
Mais de quatro ficariam
Na bocca fazendo cruzes.

Se te não amo falleço,
E se amo ha quem me mate;
De todas as sortes morro,
Quero morrer a adorar-te.

Quebrem-me estas cadeias,
Tirem-me d'esta prisão:
Que eu não vivo muito tempo
Na tua separação.

CAVACO DO RIO

CHOREOGRAPHICA

Ai, eu sou cavaco do rio,
Ai, veio a cheia levou-me,
Ai, á tua porta menina
Fez um remanso e deixou-me.

Aqui mais abaixo,
Aqui mais além,
Fugiu-me o meu par,
Vou vêr se elle vem.

Cheguei á borda do rio,
Aos olhos dei liberdade,
Bem tolinho estava eu
Quando te fiz a vontade.

Ai, este rio lindo é
E d'umas aguas bem puras,
Ai, assim fossem as lagrimas
Do amor que tu me juras.

Fui despedir-me do rio,
Das pedrinhas de lavar,
Só de ti, meu querido bem,
Eu me não posso apartar.

Muitas voltas dá o rio
Ao redor do amieiro;
Mais voltas dá o amor,
Sendo leal, verdadeiro.

Recolhida em Coimbra em 1882.

Dança:—Os primeiros oito compassos em roda; os outros quatro trocam-se os pares; e nos ultimos dois, meia volta cada um com o seu par.

OH MENINAS BRINQUEM, BRINQUEM

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Sar.a D. Albertina Neves d'Almeida.

100

O coração não se vende,
E' prenda d'alto valor;
Nem se vende, nem se dá,
Troca-se só por amor.

O seguinte estribilho canta-se com a mesma musica:

Oh meninas, brinquem, brinquem,
Oh meninas, brinquem bem,
Oh amor troca o teu par,
Já cá está, meu doce bem.

Em qualquer pocinha d'agua
Bebe a cobra e nada o peixe;
Por mil enredos que hajam,
Não receies que te deixe.

Largos dias tem cem annos,
Meu amor deixa-te estar (andar)
Ainda te has de arrepender,
Sem te valer o chorar.

Minha mãe me chamou Rosa,
Minha sina é desgraçada;
Pois não ha nenhuma rosa
Que não morra desfolhada.

Todo o logar é jardim
Onde os suspiros se dão;
Quer seja no povoado,
Quer seja na solidão.

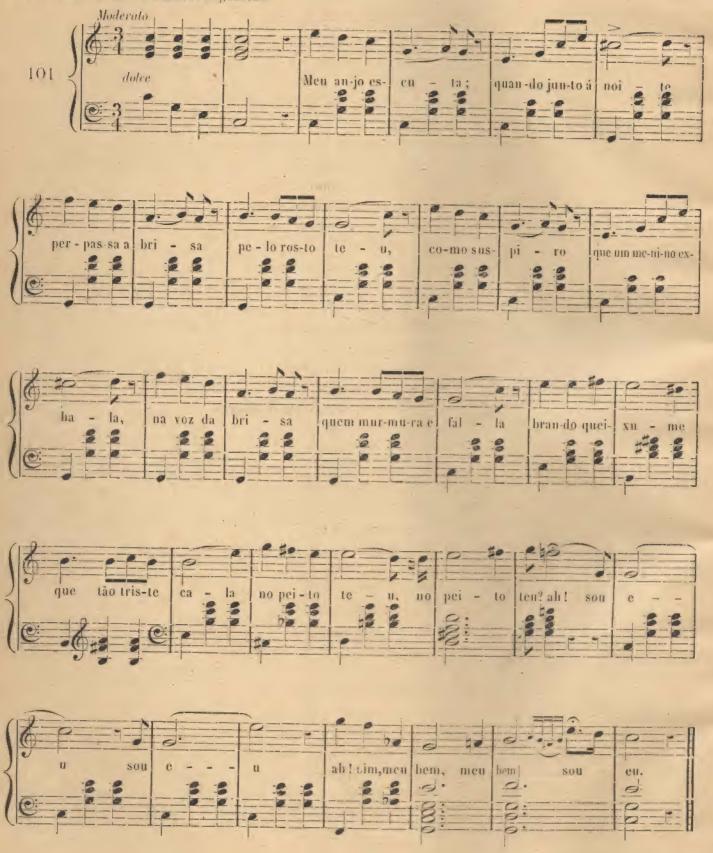
Recolhida em Coimbra, em 1885, por F. P. Nogueira.

DANÇA — Formam grande roda e seguem sobre a direita de mãos dadas, durante a primeira quadra.

Quando cantam os dois primeiros versos do estribilho, seguem sobre a esquerda, batendo palmas. Em chegando ao terceiro verso abraçam-se, dando uma volta e no ultimo verso trocam-se as damas.

MEU ANJO, ESCUTA

CANÇÃO

À Ex.ma Snr.a D. Corina d'Oliveira Figueiredo.

Esta canção é brazileira, mas está muito vulgarisada em Portugal.

MEU ANJO ESCUTA

Meu anjo, escuta: quando junto á noite
Perpassa a brisa pelo rosto teu,
Como suspiro que um menino exhala;
Na voz da brisa quem murmura e falla
Brando queixume, que tão triste cala
No peito teu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

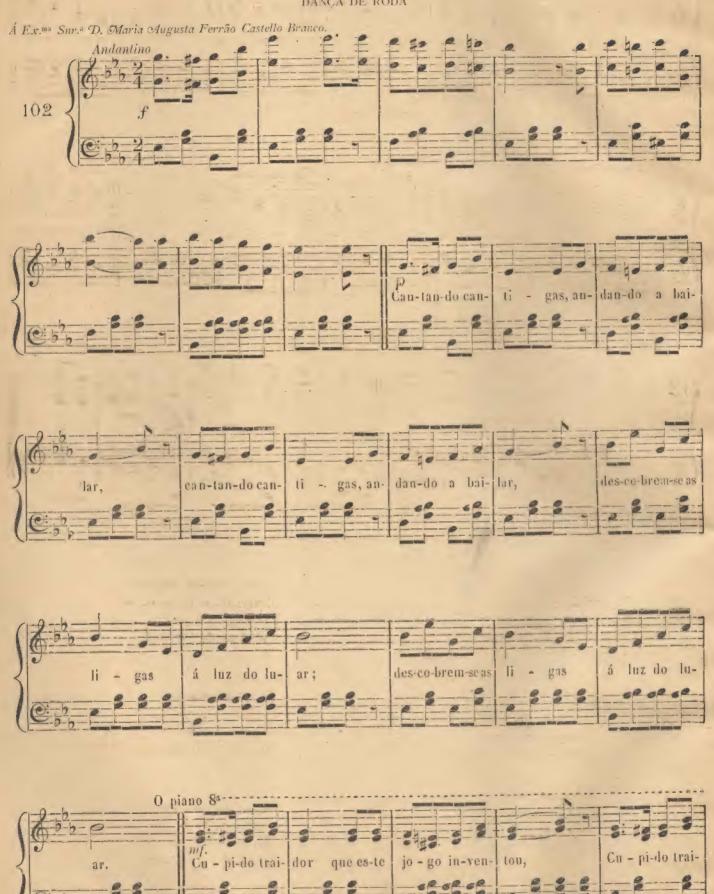
Quando tu sentes luctuosa imagem
D'afflicto pranto com sombrio veu,
Rasgado o peito por acerbas dôres;
Quem murcha as flores
Do brando sonho? — Quem te pinta amores
D'um puro ceu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguem te accorda do celeste arroubo,
Na serenidade do silencio teu,
Quando tua alma n'outros mundos erra,
Se alguem descerra,
Ao lado teu
Fraco suspiro que no peito encerra;
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguem se afflige de te vêr chorosa,
Se alguem se alegra co'um sorriso teu,
Se alguem suspira de te vêr formosa
O mar e a terra a enamorar e o ceu;
Se alguem definha
Por amor teu,
Sou eu, sou eu, sou eu!

GONÇALVES DIAS.

CUPIDO TRAIDOR

DANÇA DE RODA

Cantando cantigas,
Andando a bailar,
Descobrem-se as ligas,
A' luz do luar.

Cupido traidor,
Que este jogo inventou;
Ternos corações
De veneno trespassou.

Fujamos das settas,
D'esse tal sujeito,
Fazendo barreiras
De peito a peito.

Se eu quizera amores
Tinha mais d'um cento,
Raparigas novas,
Cabeças de vento.

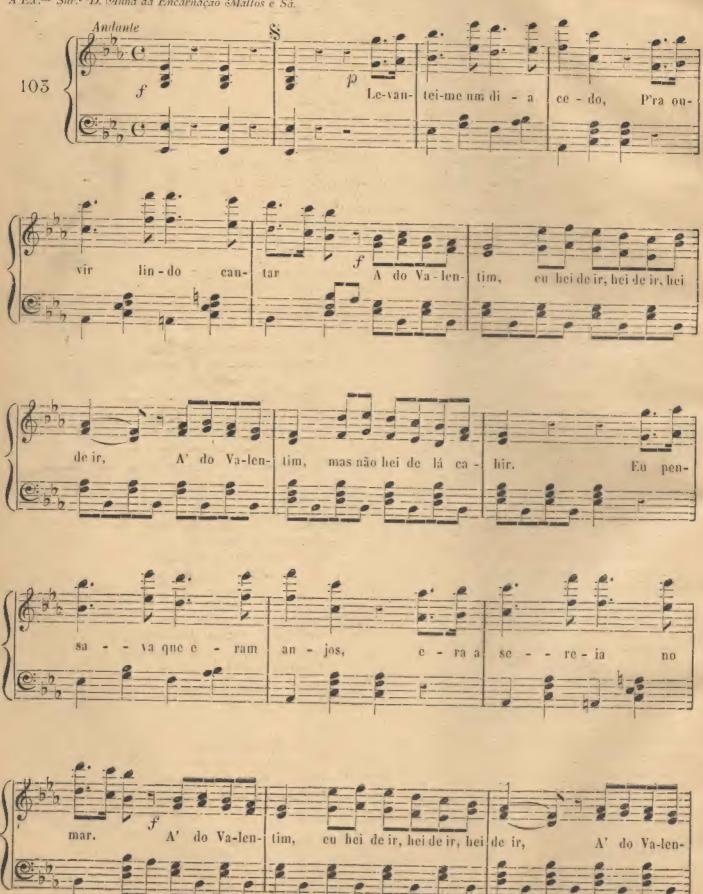
Amores, amores,
Como eu tenho tido!
Agora já não,
Que me tem morrido.

Se eu quizera amores
Tinha mais de mil,
Rapazinhos novos,
Que vem do Brazil.

Recolhida em Almaça, em 1886, por F. P. Nogueira.

A' DO VALENTIM

DANÇA DE RODA

A Ex.ma Snr.a D. Anna da Encarnação Mattos e Sá.

Levantei-me um dia cedo,
P'ra ouvir doce cantar
A' do Valentim,
Eu hei de ir, hei de ir, hei de ir!
A' do Valentim,
Mas não hei de lá cahir!
Eu pensava que eram anjos,
Era a sereia no mar.
A' do Valentim, etc.

Lá no mar anda a sereia,
Correndo como a perdiz:
Não te gabes de deixar-me,
Pois fui eu que te não quiz.

A sereia anda no mar,
Anda á roda, torce, torce:
Ainda está para nascer
Quem de mim tomará posse.

Meu amor não vivas triste,
Alegra teu coração;
Que algum dia será teu
O que agora te não dão.

Oh meu amor dá-me fitas,
Dá-m'as brancas, se puderes,
A' do Valentim, etc.
Que a mentira está nos homens
E a verdade nas mulheres
A' do Valentim, etc.
Passa, já passou, oh linda flòr,
Meia volta ao par, aqui está o teu amor!

Oh coração, oh pombinha,
Oh coração primavera,
Quem me déra advinhar
Teu coração de quem era.

Não ha no mundo dois mundos,
Nem no ceu ha dois senhores;
Tambem não póde existir
N'um coração dois amores.

Da minha janella á tua
E' o salto d'uma cobra;
Tu já pódes ir chamando
A' minha mãe tua sogra.

Recolhida em Villa Viçosa, pelo rev.mo prior Joaquim José da Rocha Espanca.

DEVE, DEVE

RECITATIVO E CORO

Á Ex.ma Snr.a D. Claudina Augusta da Conceição Pimenta.

104

Andante

p

SOLO

p To-da a noi-va de-ve, de - ve,

ir mais bran-ca do que a ne - ve.

CORO

pp De-ve, de - ve, ir mais bran-ca do que a

ne - ve

SOLO

p Mas que a boc-ca se-ja,

VOZ E CORO

se - ja

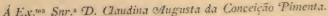
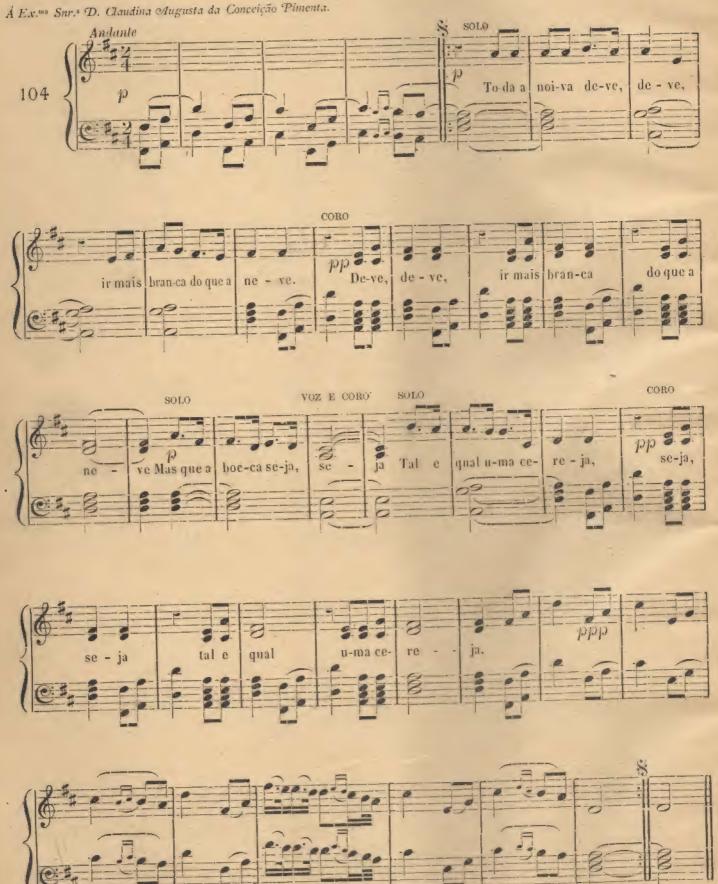
SOLO

Tal e qual u-ma ce-re - ja,

CORO

pp se-ja,

se - ja tal e qual u-ma ce-re - - ja.

ppp

DEVE, DEVE

Toda a noiva deve, deve...
ir mais branca do que a neve.
Deve, deve
ir mais branca
do que a neve.

Mas que a bôcca seja, seja
tal e qual uma cereja.
Seja, seja
tal e qual
uma cereja.

As palpebras deve tel-as
como nuvens sobre estrellas.
Deve, deve
como nuvens
côr de neve.

E os olhos sempre no meio
do valle, que tem no seio.
Deve, deve
seio, seio
côr de neve.

A cama deve compôl-a
como o ninho d'uma rôla.
Deve, deve
de uma rôla
côr de neve.

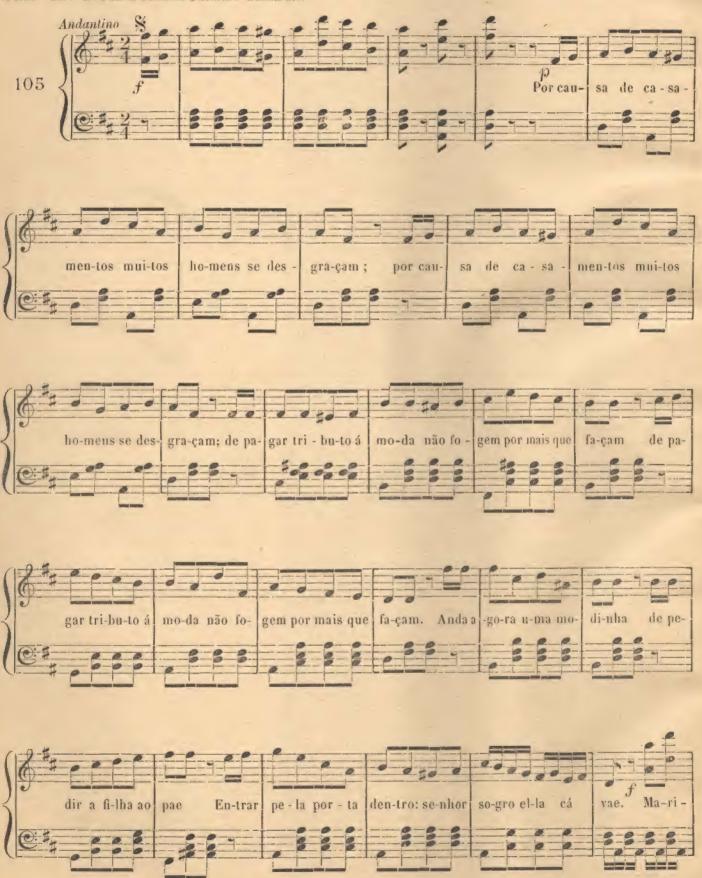
Que nem um raio da lua
vá lá dentro vêl-a nua.
Deve, deve
nua, nua,
côr de neve.

FERNANDO CALDEIRA.

Esta canção acha-se recolhida na comedia *A Madrugada*. Muito popularisada no sul do paiz, especialmente em Lisboa

MARIQUINHAS, MEU AMOR

DESCANTE

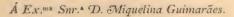
Á Ex.ma Snr.a D. Maria Antonia Monteiro Guimarães.

Por causa de casamentos
Muitos homens se desgraçam;
De pagar tributo á moda
Não fogem por mais que façam.
Anda agora uma modinha
De pedir a filha ao pae:
Entrar pela porta dentro,
—Senhor sogro ella cá vae.
Mariquinhas, meu amor,
Bem feliz poderas ser.
Se, commigo, p'ra cidade
Tu quizesses ir viver.
Mariquinhas, meu amor,
Queres ser minha?
Não senhor.

Tenho visto tanta cousa
Que me faz arripiar,
De ficar defeituoso,
Se cahir em me casar.
Mesmo que verdade seja,
Não me devo acabrunhar;
Por um barco se ir ao fundo
Ninguem deixa de embarcar.
Mariquinhas meu amor,
Bem feliz poderas ser,
Se, commigo, p'ra cidade
Tu quizesses ir viver.
Mariquinhas, meu amor,
Queres ser minha?
Não senhor.

Se tu és rainha aqui,
Rainha da formusura,
Vem sêl-o lá na cidade,
Verdade é como escriptura.
Em logar d'essas roupinhas,
De setim terás vestidos,
Luvas, leques e sombrinhas,
Ricos chailes bem tecidos.
Mariquinhas etc.

Recolhida em Arouca em 1860.

CANÇÃO DA NOITE

SERENATA

Musica de Reynaldo Varella.
Lettra de Braulio Caldas.

Murmura, rio, murmura,
E' doce o teu murmurar;
Que tristeza, que ternura,
Tu tens no teu soluçar!

Pela calada da noite,
Em quanto não surge a aurora,
Qu'esta minh'alma se affoite,
Suspira, guitarra, chora!

Voga, barco, mansamente,
Pelas aguas prateadas,
Leva este canto dolente,
Aos peitos das namoradas!

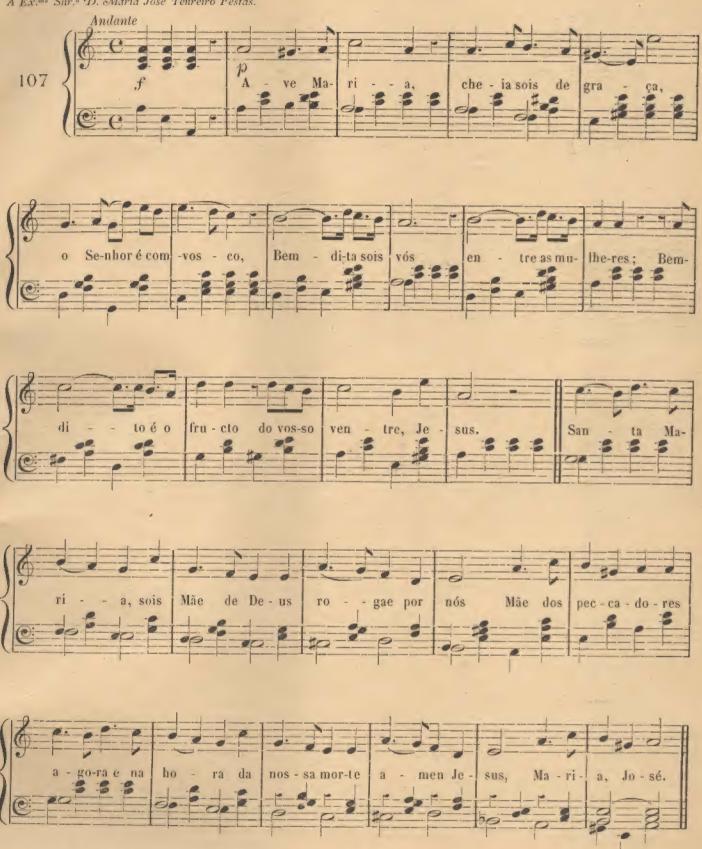
Cada nota tão sentida,
Que a minha guitarra envia,
E' uma canção dolorida,
D'amor e melancholia.

E estas canções eu trago-as
Prezas nas azas da briza,
Para espalhar sobre as aguas,
Em quanto o barco desliza!...

Esta serenata é vulgarmente conhecida pela denominação de *Fado das tres horas*, nome com que seu auctor primeiro a baptisara por ser áquella hora da noite que elle a improvisou. E' a musica, d'este genero, de mais actualidade.

AVÈ MARIA

RELIGIOSA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria José Tenreiro Festas.

Recolhida em Oliveira de Cunhedo. O povo cantava esta Avè Maria na egreja, durante os exercicios espirituaes. E' um specimen do estylo moderno popular nas festas religiosas.

NOITE DE PRIMAVERA

CANÇÃO

A Ex.ma Snr.a D. Theodora de Jesus Lima.

Musica de Frederico de Sillos.
Lettra de Ernesto Rebello.

Accorda, desperta, não ouves trementes
As ondas sonoras nas praias do mar?
Oh filha dos anjos vem dar-me ridentes
Teus labios ardentes na luz do luar.

Eu sigo cançado no vasto deserto,
Sem ver madrugada d'encantos surgir,
Ai! não me abandones nas trevas incerto,
Eu quero bem perto um novo porvir.

A vida é tão breve, não deixes, querida,
Sumir-se qual sombra, sem trovas d'amor,
A rola que geme no peito ferida,
Quer doce guarida, oh palida flôr.

Se tudo definha, se tudo fenece,
Na triste voragem de turbidos veus,
Vem tu ser estrella que ao mundo apparece,
Ensina-me a prece que dizes a Deus.

Tão nova e tão triste, sorrisos d'esp'rança
Porque tu não logras na terra fruir?
Acaso deixaste, qual meiga creança,
Alguma lembrança nos ceus ao partir?

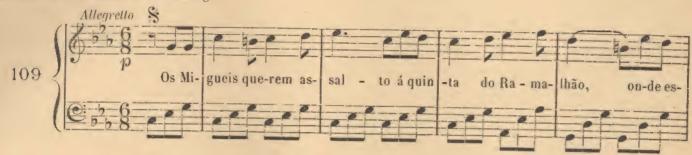
Vem leda contar-me, n'um fervido laço,
Teus sonhos ligeiros, oh pallida flôr!
Não temas da noite viver no regaço,
Vem dar-me um abraço em troca d'amor!

Recolhida em Coimbra em 1892.

A QUINTA DO RAMALHÃO

CANTIGA POLITICA

Á Ex.ma Sur.a D. Isolina Teixeira Braga.

109

Os Migueis querem assalto
A' quinta do Ramalhão:
Onde está preza a rainha
Como falsa á nação.

Eia, avança caçadores,
Eia, avança batalhão,
Vamos salvar a rainha
A' quinta do Ramalhão.

Para a frente caçadores,
A' quinta do Ramalhão:
Aos caipiras insolentes
E' preciso dar lição.

A quinta do Ramalhão
Ditosa se ha de chamar:
Escondeu-se dentro d'ella
Uma pessoa real.

———

A nossa rainha mãe
Fugiu para o Ramalhão
Por não querer assignar
A nossa constituição.

—Os deputados não fallam,
Só de vós é que eu me queixo,
Assignaste o decreto,
Por isso é que eu vos deixo.

—Dizes bem esposa minha
Eu chorando o assignei.
Sei o que tenho passado
Não sei o que passarei.

No meio d'estes malvados
Não sei o que soffrerei,
Aqui faço o que me mandam,
Sou João, não sou rei.

—Eu assignar não assigno,
Inda que torne ao degredo:
Que eu tenho meu irmão rei,
Tenho meu filho D. Pedro.

Grande magua vae commigo,
Entre suspiros e ais,
Vou cumprir o meu degredo,
Vós no degredo ficaes.

Recolhida em Vizeu, por A. José Ferreira da Silva.

Quando as côrtes de 1820 apresentaram á sanção da familia real a constituição do paiz, a rainha D. Carlota Joaquina, esposa de D. João VI, oppôz-se e não quiz assignar, e de accordo com seu filho D. Miguel chegaram a tentar coagir o timido monarcha a que não acceitasse a constituição decretada pelas cortes. O governo, em vista d'isto ordenou que a rainha fosse encerrada na quinta do Ramalhão por ser contraria á vontade do paiz. Foi então que D. Miguel, tambem avesso á constituição, ou por indole propria ou por suggestão materna, organisou um pequeno exercito, para combater as tropas do governo de seu pae, que proclamavam a nova forma politica; foi este successo que deu origem á formação do partido Miguelista.

O facto da prisão da rainha deu logar ás presentes cantigas. Na segunda columna está representado um dialogo entre a rainha e o rei.

HYMNO CONSTITUCIONAL DE 1826

Á Ex.ma Snr.a D. Catharina Lopes Martins.

Lettra de J. Nogueira Gandra.
Musica de A. Joaquim Nunes.

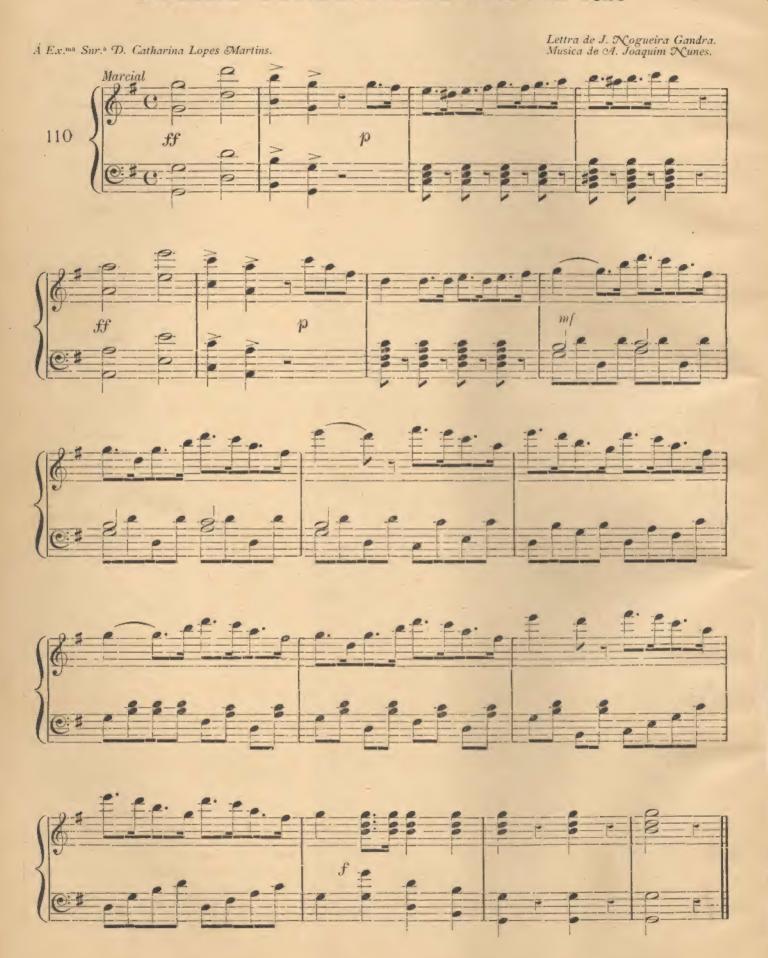
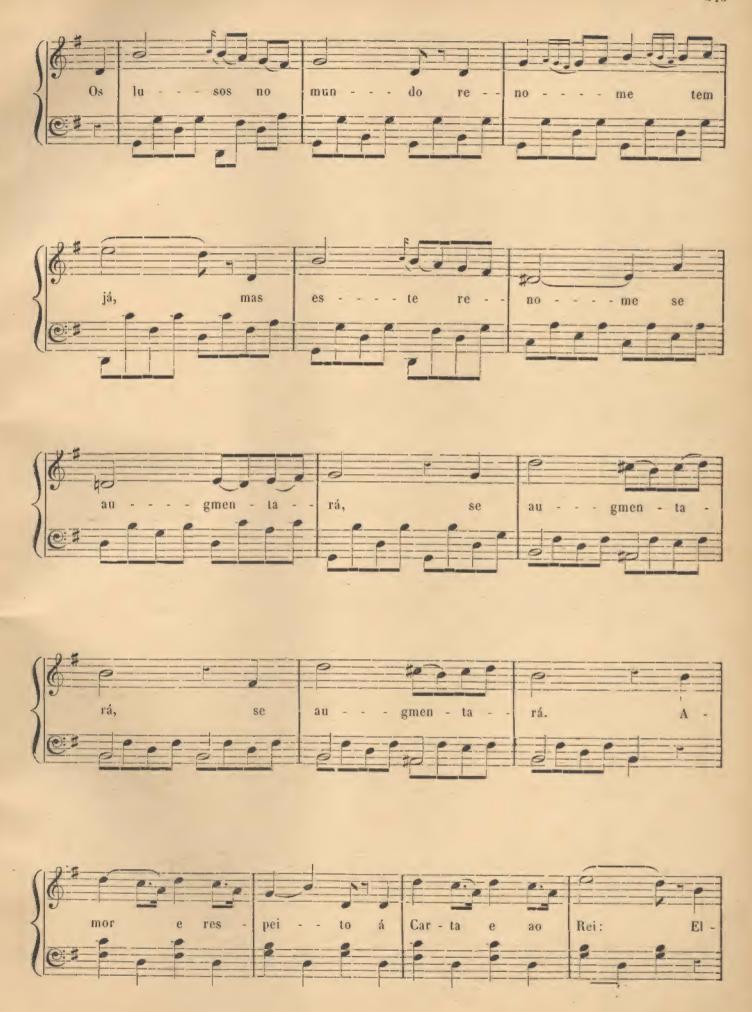
Os lu - - - sos no mun - - - do re - - no - - - - - me tem
já, mas es - - - - - te re - - no - - - - me se
au - - - - gmen - ta - - rá, se au - - - gmen - ta -
rá, se au - - - gmen - ta - - rá. A -
mor e res - pei - - to á Car - ta e ao Rei: El -

le é nos - so
Pae, nos - sa
Mãe a
Lei; El -
le é nos - so
Pae, nos - - sa

Mãe a
Lei,
nos - sa Mãe a

Lei,
nos - sa Mãe a
Lei, nos - sa

Mãe a
Lei, nos - sa
Mãe, nos-sa Mãe a
Lei.
p

cres.
f
p
cres.
f
1.ª vez
2.ª vez
f
ff

HYMNO CONSTITUCIONAL DE 1826

Os lusos no mundo
Renome tem já,
Mas este renome
Se augmentará.

Amor e respeito
A' Carta e ao Rei:
Elle é nosso Pae,
Nossa Mãe a Lei,

A gloria de Lisia
Não mais morrerá,
O nome de Pedro
Eterno será.

Amor e respeito, etc.

A patria d'Affonso
Se engrandecerá:
Maria Segunda
Ditosa a fará.

Amor e respeito, etc.

Do throno em defeza
A nação está:
A Constituição
Escudo lhe dá.

Amor e respeito
A' Carta e ao Rei:
Elle é nosso Pae,
Nossa Mãe a Lei.

Concordia, amizade,
Em nós haverá:
A nossa ventura
Assombro dará.

Amor e respeito, etc.

Prevendo as vantagens
Que o tempo trará;
Em vivas de gosto
Quem não romperá?

Amor e respeito, etc.

Este hymno foi cantado pela primeira vez no Real Theatro de S. João, no Porto, em 14 de Julho de 1826. A lettra é de Joaquim Nogueira Gandra e a musica de Antonio Joaquim Nunes.
Com esta mesma musica e algumas variantes, foi dedicado ao Marechal Saldanha com a seguinte poesia:

Da patria, das leis,
Leal defensor
Foi sempre Salanha
Dos lusos amor.

Da patria, Saldanha
E' firme campeão,
E' livre por elle
A lusa nação.

Saldanha o teu brado
Salvou Portugal,
Da patria adorada
Serás Marechal!

Só sabe Saldanha,
Invicto sem par,
Dos lusos heroes
A gloria imitar.

FADO CHORADINHO

CANÇÃO DA DESGRAÇADA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Amelia d'Aguilar Almeida Pinto.

Fui encontrar a desgraça
Onde os mais acham prazer
Amor que dá vida a tantos,
Só a mim me faz morrer.

Oh Cidra, consid'ra oh cidra,
Oh Cidra, consid'ra (1)bem:
Depois da cidra partida,
Cidra, que remedio tem?. . .

Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minha mãe,
Todas tem a quem se cheguem,
Só eu não tenho ninguem.

Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto?
Hei de parar e mostrar-lhe
Que de vêl-a não me espanto.

Eu quero bem á desgraça,
Que sempre me acompanhou,
Não posso amar a ventura
Que bem cedo me deixou.

Quem tiver filhas no mundo
Não falle das malfadadas;
Porque as filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

Das filhas da desventura
Devemos ter compaixão,
São mulheres como as mais
Filhas de Eva e de Adão.

Debaixo do frio chão
Onde o sol não tem entrada
Abre-se uma sepultura
Finda o fado á desgraçada.

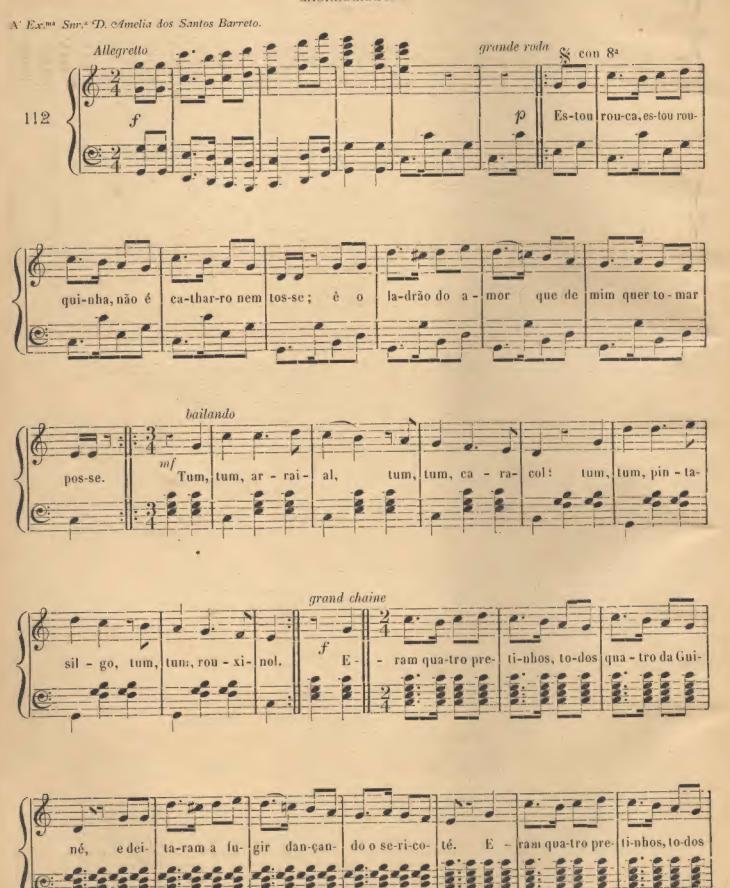
E Deus, que tudo perdoa,
E a Virgem Nossa Senhora
Hão de ouvir a alma que implora
Salvação á peccadora.

(1) *Conid'ra* por considéra.

Recolhido em Lisboa, em 1850. Este é um dos fados propriamente ditos, e dos mais antigos, por onde se moldaram outros muitos que posteriormente appareceram.

SERICOTÉ

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Amelia dos Santos Barreto.

Estou rouca, estou rouquinha,
Não é catharro nem tosse:
E' o ladrão do amor.
Que de mim quer tomar posse.

Tum, tum, arraial,
Tum, tum, caracol,
Tum, tum, pintasilgo,
Tum, tum, rouxinol.

Eram quatro pretinhos,
Todos quatro da Guiné,
E deitaram a fugir,
Dançando sericoté.
Sericoté, sericoté,
Vieram de San Thomé.

O melro canta na faya,
Escutae o que elle diz:
Quem fez o mal que o pague,
Menos eu que o não fiz.

Não me atires com pedrinhas
Que pódes quebrar a louça;
Atira-me ao coração,
Devagar, que ninguem ouça.

Oh minha menina bella,
Ponha o seu amor só n'um;
Não traga tantos á trella,
Póde ficar sem nenhum.

Atirei ao verde verde,
Atirei ao verde mar,
Atirei com meus sentidos
Onde pudera chegar.

Atirei e não matei,
Oh mal empregado tiro!
Oh mal empregado tempo
Que eu andei n'amores comtigo.

Recolhida na Torreira, pelo Ex.mo Snr. Dr. Manuel Maria de Castro Corte Real.

DANÇA.—E' esta uma dança de sala muito em voga na provincia. Os pares dão a mão, formando roda, e andam assim para um lado, emquanto se canta a quadra, (8 compassos) e repetem andando para o outro lado; em seguida emquanto se canta o estribilho *tum, tum, arraial*, pára a roda, e dança cada individuo para um e para outro lado, dando estallos com os dedos, voltando-se cada cavalheiro ora para o seu par ora para a dama que lhe fica ao lado; e o mesmo fazem as damas. No estribilho immediato faz-se *grand chaine*, que se repete ao contrario, os ultimos compassos *(sericoté)* são dançados em passo de polka.

DON SOLIDON

DANÇA DE RODA

A' Ex.ma Snr.a D. Marianna Soares Dias.

Ai a menina,
Don solidon
Como vae airosa!
Ponha a mão na trança,
Don solidon
Não lhe cáia a rosa.

Ai a menina,
Don solidon
Como vae contente!
Ponha a mão na trança,
Don solidon
Não lhe cáia o pente.

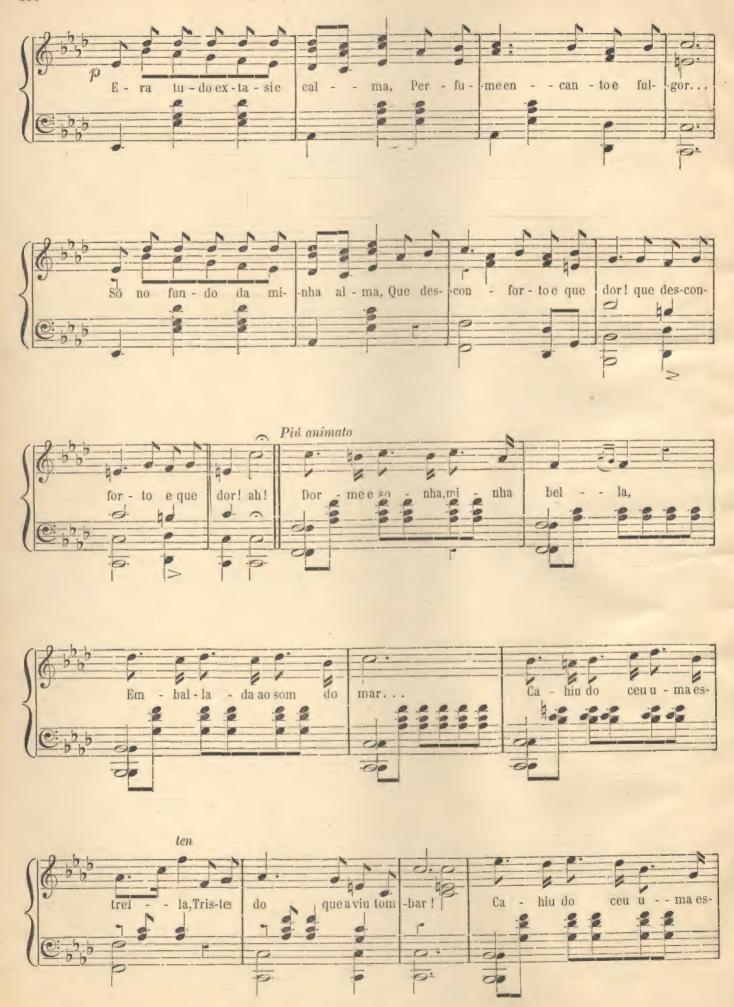
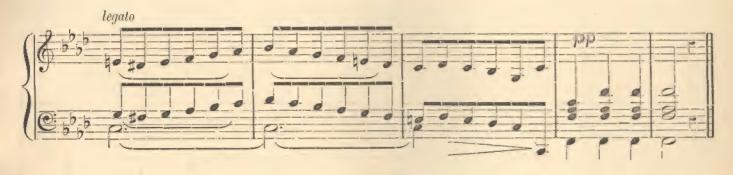
Ai a menina,
Don solidon
Como vae bonita!
Ponha a mão na trança,
Don solidon
Não lhe cáia a fita.

Ai a menina,
Don solidon
Bem a vi estar,
A' borda do rio,
Don solidon
A ensaboar.

Recolhida em Lisboa em 1891, mas é muito mais antiga.

SERENATA

CANÇÃO AÇORIANA

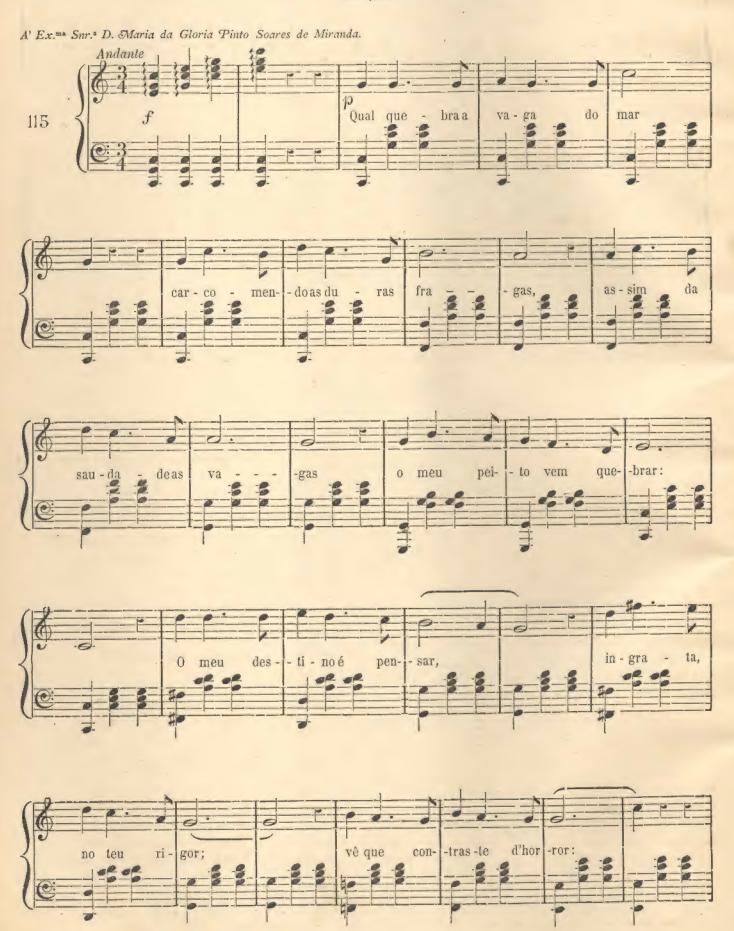
p
E - ra tu - do ex - ta - sie cal - - ma, Per - fu - me en - - can - to e ful - gor...
Só no fun - do da mi - nha al - ma, Que des - con - for - to e que dor! que des-con-
for - to e que dor! ah!
Piú animato
Dor - me e so - nha, mi - nha bel - - la,
Em - bal - la - da ao som do mar...
Ca - hiu do ceu u - ma es-
ten
trel - - la, Tris-te do que a viu tom - bar!
Ca - hiu do ceu u - - ma es-

Cahiu do ceu uma estrella,
Ai que eu bem a vi tombar!
Era a noite pura e bella,
Murmurava ao longe o mar;
Era tudo extasi e calma,
Perfume, encanto e fulgor...
Só no fundo da minha alma,
Que desconforto e que dôr!
Dorme e sonha, minha bella,
Emballada ao som do mar«..
Cahiu do ceu uma estrella,
Triste do que a viu tombar!

Era uma estrella cahida,
Uma entre tantas, não mais!
Era uma illusão perdida,
Um só ai entre mil ais!
E has de viver torturado
Louco, incerto coração,
Só por um astro apagado,
Por uma morta illusão?
Dorme e sonha, minha bella,
Como chora ao longe o mar!
Cahiu do ceu uma estrella,
Ai de mim que a vi tombar!

Anthero de Quental.

Ao nosso presado amigo, distincto poeta e nosso consul em Genova, o ex.mo snr. Joaguim de Araujo, devemos o ter adquirido esta maviosa composição, cuja historia Anthero de Quental resumiu em uma eloquente carta ao ex.mo snr. dr. Wilhelm Storck, impressa primeiramente nas *Cadencias Vagas*, d'onde passou para os *Raios de extincta luz*.

LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

CANÇÃO

Qual quebra a vaga do mar,
Carcomendo as duras fragas,
Assim da saudade as vagas
O meu peito vem quebrar.
O meu destino é pensar,
Ingrata, no teu rigor.
Vê que contraste de horror:
Tu, na minh'alma gravada,
Da tua mente apagada
Lembranças do nosso amor.

Se o sol desponta, eu lamento;
Se o sol se despede, eu choro;
Se a briza passa, eu imploro
Compaixão p'r'o meu tormento.
Como não gozo um momento
Do somno o dôce favor,
Alta noite, com fervor,
Em ti minh'alma se inspira.
Canto ao som da minha lyra
Lembranças do nosso amor.

Mulher, a lei do meu fado
E' o destino em que vivo,
Depois de ficar captivo
D'um gesto, d'um teu agrado.
Sinto meu corpo vergado
Ao peso do dissabor;
Vai-me fugindo o calor...
Ai que me matam, querida,
Saudades da nossa vida,
Lembranças do nosso amor.

O anjo da morte pousa
Na minha fronte já fria;
Vai passear algum dia
Onde o meu corpo repousa:
Da sepultura—na lousa
Que ha de abafar minha dôr—
Por piedade, por favor,
Planta um goivo, uma saudade,
Signal da nossa amizade,
Lembranças do nosso amor.

RESPOSTA

Se os sentimentos de outr'ora
Inda existem no teu peito,
D'esse passado desfeito
Não posso lembrar-me agora:
Meu coração outro adora,
Hoje não tenho-te amor;
Se é fraqueza, ou se é rigor,
Perdão imploro clemente,
Não posso guardar na mente
Lembranças do nosso amor.

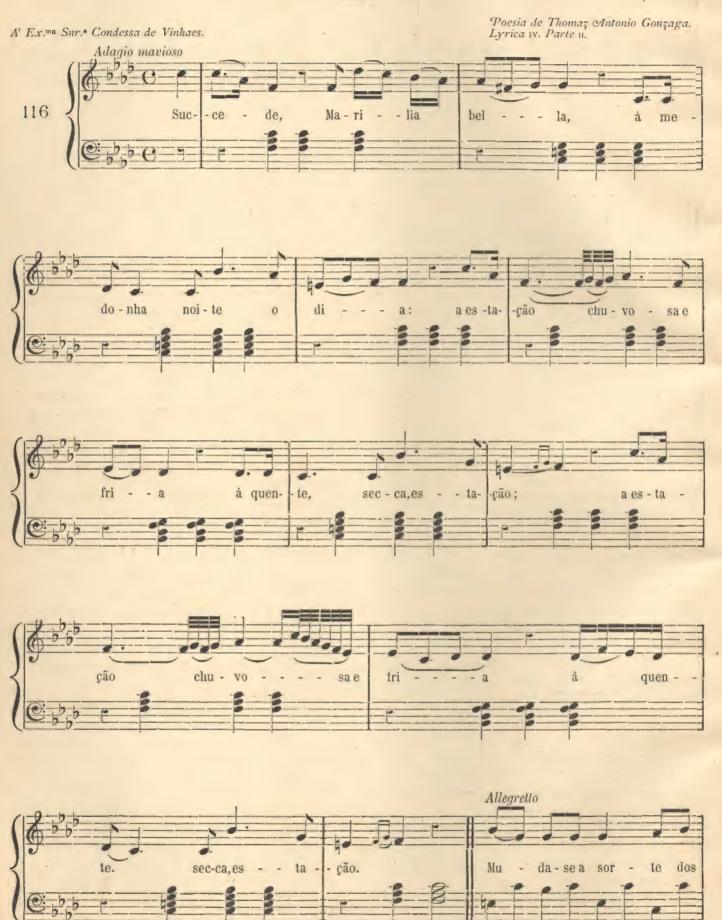
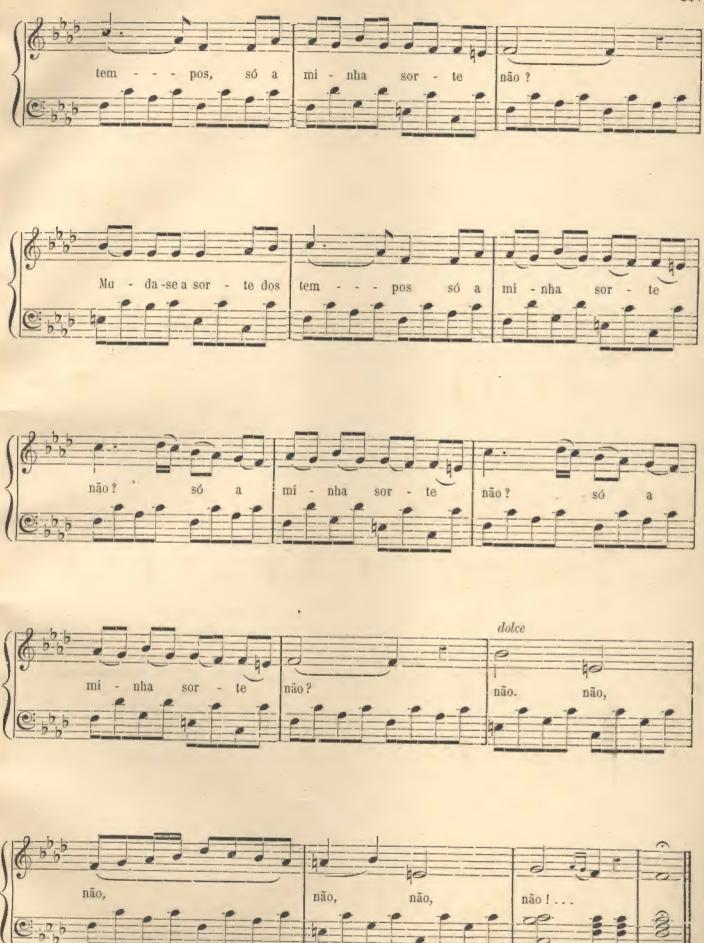
Este peito não é meu,
Já o dei a outro amante;
Porque buscas, inconstante,
O que não póde ser teu?
Jurei-lhe á face do ceu
Amal-o com firme ardor.
Vê o contraste de horror:
De minha mente exclui,
E nem me restam de ti
Lembranças do nosso amor.

O tempo desfaz a magua,
Destroe humana grandza,
Da vida, gloria e riqueza
Até a esperança se apaga;
Talvez que o tempo te traga
Remedio p'ra a tua dôr;
Só eu mereço um favor,
Se inda me tens amizade,
Não conserves, por piedade,
Lembranças do nosso amor.

Não suspires e não chores,
Não me magôes est'alma,
Vai amar outra—e acalma
Teu soffrer n'estes amores;
Quando cadaver já fôres,
Não me pedes, trovador,
Que vá plantar uma flor?...
Pois ella deve morrer,
E nunca mais ha de ter
Lembranças do nosso amor.

Esta canção é brazileira, mas está muito vulgarisada em Portugal. Não conhecemos o author.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA

Esta musica foi muito cantada nos concertos em familia, e popularisou-se em Portugal e no Brasil.

MARILIA DE DIRCEU

Succede, Marilia bella,
A' medonha noite o dia:
A estação medonha e fria
A' quente, secca, estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos nas primaveras
Brotam em flores viçosos;
Nos invernos escabrosos
Largam as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortam
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos deuses moveram
Soberbos gigantes guerra;
No mais tempo ceu e terra
Lhes tributa adoração.
Muda-se a sorte dos deuses;
Só a minha sorte não?

Ha de, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, oh bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O veu rompe com que encobre
A' verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou. verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha,
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.

Devemos á amabilidade do nosso respeitavel amigo e distincto professor do lyceu do Porto, o ex.^mo^ snr. Augusto Luso da Silva, a collecção de arias de sala sobre as lyricas de Thomaz Antonio Gonzaga, que hoje principiamos a publicar.

E' lythographado em caracteres manuscriptos o exemplar d'onde transcrevemos a musica e não traz o nome do author d'ella. Vem escripta toda na clave de soprano, com acompanhamento de viola e guitarra, como era uso ainda nos fins do seculo passado e principio do presente.

CANTATA A D. MIGUEL I

E' Miguel anjo de paz
Que Deus tem por general;
E' Miguel, no throno luso,
Novo Rei de Portugal.

Viva El-Rei Miguel primeiro,
Viva Carlota immortal;
Viva o Deus d'Affonso Henriques,
E a tropa firme e leal.

Se Miguel nos vastos ceus
Anjos maus fez confundir;
E' Miguel, no throno luso,
Que os *mações* (1) vem destruir.

Viva El-Rei Miguel primeiro,
Viva Carlota immortal;
Viva o Deus d'Affonso Henriques,
E a tropa firme e leal.

D. Miguel fôra mandado sahir de Portugal, por conveniencia politica, em 1824; porém foi chamado por seu irmão D. Pedro em 1826 para vir occupar a regencia do throno portuguez, constitucionalmente, com o contracto de casar com a rainha D. Maria da Gloria, sua sobrinha, logo que ella chegasse á maior edade. D. Miguel que estava em Vienna d'Austria acceitou a proposta. Logo que isto se soube em Lisboa, explodiu tudo em enthusiasmo; a camara, o senado, o clero, a nobreza e todas as classes da sociedade rejubilaram, preparando festejos, por toda a parte, ergueram-se arcos triumphaes; no Terreiro do Paço levantou-se um pavilhão do municipio para a ceremonia da entrega das chaves; e grande numero de cavalheiros e damas de distincção constituiram uma sociedade coral para cantarem a presente cantata no mesmo local.

As damas tinham, geralmente, pelo principe uma sympathia louca; elle tambem era conquistador: Tinha magnifica plastica, e montava bem; sympathico de feições, boa presença, affavel para com todos e com especialidade de uma delicadeza extrema para com as senhoras, ensinuava-se amavelmente no coração de todos, e eis porque a todos fanatisava. Decorreram quasi dous annos sem que o Rei tão querido e desejado apparecesse; porém a 22 de fevereiro de 1828 aproou á barra a fragata *Perola*, como diz a trova, e desembarcou na praia de Belem. Foi uma decepção geral, pois tudo estava preparado para o receber no Terreiro do Paço. Intrigas politicas a que D. Carlota não era estranha motivaram esta sensaboria.

A cantata não teve logar, e, passando para o dominio publico, transformou-se na canção das ruas.

O REI CHEGOU

D. Miguel chegou á barra,
Sua mãe lhe deu a mão;
Anda cá, meu querido filho,
Não queiras constituição.

Rei chegou!
Rei chegou!
Em Belem
Desembarcou.

Pedro quarto, não podendo
Mandar o seu coração,
Mandou joia de egual preço,
D. Miguel seu querido irmão.

Rei chegou, etc.

Entre Pedro e Miguel
Ninguem metta o seu nariz,
Pois se D. Miguel é Rei,
Foi D. Pedro que o quiz.

Rei chegou, etc.

E' certo, e mais que certo,
D. Miguel ser nosso Rei;
E' certo, e mais que certo,
Que assim é que manda a lei,

Rei chegou, etc.

D. Miguel chegou á barra,
Já o seu signal içou;
E' certo e mais que certo,
Que já D. Miguel chegou.

Rei chegou, etc.

(1) Os partidarios do absolutismo apodavam de *maçonicos* e *pedreiros-livres* os constitucionaes; tambem lhe chamavam *malhados*.

CANTATA A D. MIGUEL I

Maestoso

117

f

f

voz

p

E' Mi - guel an - jo de paz Que Deus tem por ge - ne - ral; E' Mi - guel, no thro - no lu - so, no - vo Rei de Por - tu - gal.

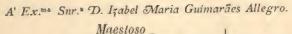
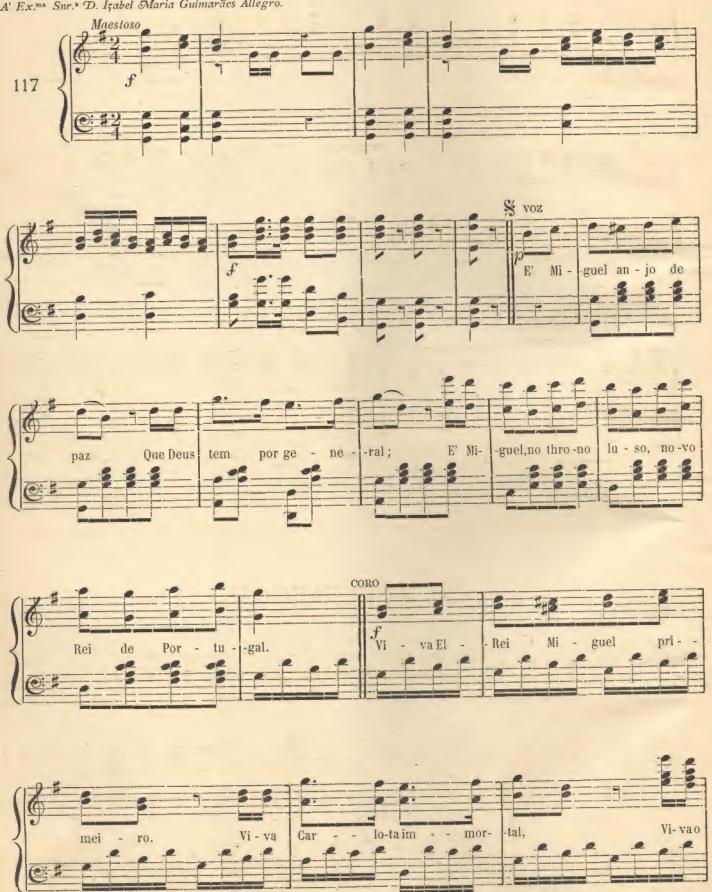
CORO

f

Vi - va El - Rei Mi - guel pri - mei - ro. Vi - va Car - lo - ta im - mor - tal, Vi - va o

Deus d'Af - fon-so Hen - ri - ques, A tro - - pa fir- me e le - - al *ff* Vi - - - va! Vi - - -

va! *mf.* Vi - va El- -Rei Mi - guel pri - *ff* -mei-ro Vi - -va! Vi - *mf.* -va! Vi - va

Car - - lo - ta im - mor - tal. *ff.*

Foi d'esta cantata que sahiu a celebre canção das ruas que deu origem a muita cacetada entre constitucionaes e realistas

O REI CHEGOU

D. Miguel é nosso Rei,
Elle é rei d'esta nação;
Defensor e general
Da santa religião.

Rei chegou, etc.

D. Miguel é delgadinho,
Bonitinho e bem feito;
Prometteu aos realistas,
A sua effigie p'ra o peito.

Rei chegou, etc.

A nau fragata *Perola*
E a marinha fiel,
Trouxe a porto e salvamento,
El-Rei senhor D. Miguel.

Rei chegou, etc.

Os *malhados* não queriam
D. Miguel p'ra general,
Mas agora ahi o tendes,
Para Rei de Portugal.

Rei chegou, etc.

Os *maçöes* o desterraram,
Enganando o augusto pae;
Ora vêde, reparae
Como elles se enganaram.

Rei chegou!
Rei chegou!
E o papel
Não assignou.

Os miguelistas, enthusiasmados com a presença do seu Rei, cresciam cada vez mais em doestos e ameaças aos adversarios, como se vê nas seguintes quadras:

Venha cá, oh sôr malhado,
Sente-se n'esta cadeira,
Diga: Viva D. Miguel,
Senão parto-lhe a caveira,

Venha cá, oh sôr malhado,
Tire já esse barrete,
Diga: Viva D. Miguel,
Senão leva com um cacete.

Venha cá, oh sôr malhado,
Metta a mão n'esta gaveta,
Diga: Viva D. Miguel,
Senão vae para a calceta.

Os constitucionaes respondiam atrevidamente, com insultos, obscenidades e allusões de toda a especie. Aberto o campo da descompostura, serviu de vehiculo de toda a casta de insulto, de parte a parte, a musica do Rei chegou.

Para espalhar a fome
Uma moda se inventou.
Qnanto mais a fome aperta
Mais se canta o rei chegou.

Fóra patife,
Fóra malhado,
Fóra caipira (1)
Desavergonhado.

O fanatismo politico e pessoal por D. Miguel tocou as raias do delirio. Na egreja de Santo Antonio, da cidade do Porto, os frades collocavam, nos dias de festa, no meio do throno, onde estava exposto o Sacramento, o retrato de D. Miguel com o seguinte distico:

Viva D. Miguel primeiro
D'este convento o padroeiro.

O mesmo succedia em Santo Antonio dos Congregados

Nas missas de festa era de rigor que o numero da *Gloria*: *Quoniam tu solus sanctus, tu solus Dominus, tu solus altissimus, etc.* fosse cantado com a musica do Rei chegou.

Esta musica teve o prestigio de poder ser interprete de sentimentos tão oppostos e de paixões politicas tão encarniçadamente inimigas, sendo apenas a differença na fórma expressiva: o respeito e enthusiasmo d'uns, e a expressão ridicula d'outros.

(1) *Caipira*, palavra brazileira que significa raça despresivel. Os dois partidos dirigiam-se mutuamente a mesma injuria.

ESTÁ NA EDADE DE CASAR

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Izabel Maria Peres do Rego Barreto.

Vae-te embora amor ingrato.
Já não quero nada teu,
Porque foste dar a outro
Coração que já foi meu.

ESTRIBILHO

A menina (Francisquinha),
Está na edade,
Está na edade de casar,
Por isso aqui na roda
Escolha par,
Escolha par que lhe agradar.

RESPOSTA

Não te quero... Não me serves...
Não é a ti,
Não é a ti que eu hei de amar.

Não te quero... Não me serves...
Só a ti,
Só a ti é que hei de amar.

Do mel puro dos teus labios
Dá-me a esmola d'uma gotta;
Tenho febre, tenho sede,
Tenho amarga a minha bocca.

O meu peito solitario
E' um ninho de cantigas;
Ali dormem, ali vivem,
Esperando as raparigas.

Ao passar por este sitio
Não te ponhas tão córada:
Este sitio não tem lingua,
A ninguem contará nada.

O diabo leve os homens,
Menos tres que eu conheço,
E' meu pae e meu padrinho,
E o amor por quem padeço.

Se eu lavasse uma camisa,
Cá de certas raparigas,
Iria pol-a a córar
Sobre a rama das ortigas.

Recolhida no Marco de Canavezes por F. P. Nogueira.

Dança.—Forma-se a roda e no meio fica uma pessoa. A roda gira cantando-se uma quadra desgarrada. No estribilho soltam-se as mãos e viram-se todos para a pessoa que está no meio, dizendo-lhe o nome, por exemplo: A menina Izabelinha (se é senhora) ou o snr. Adriano Mendes (se é homem) *está na edade, está na edade de casar*, etc. Depois a pessoa que está no meio, canta a *resposta*, percorrendo a roda, e repellindo, por accionado, um e outro par, á maneira que vae dizendo *Não te quero... Não me serves*, etc. até que diz *Só a ti é que hei de amar*; então abraça essa pessoa e dança em passo de valsa; e todos os pares fazem o mesmo. O par da pessoa abraçada, como fica só, é que vae para o meio, e repete-se a mesma dança. A pessoa que já esteve no meio não deve tornar a ser escolhida; por isso este jogo deve ser dançado tantas vezes quantas sejam as pessoas que formem a roda.

D. SILVANA

ROMANCE

A' Ex.ᵐᵃ Snr.ᵃ D. Eugenia do Souto Alves.

Indo Dona Silvana
Pelo corredor acima,
Tocando n'uma guitarra
Que grande estrondo fazia,
Acordou seu pae da cama,
Do somno em que elle dormia.
—Que tens tu, D. Silvana,
Que tens tu, ó filha minha?
—Tres manas que nós eramos,
São casadas, teem familia;
E eu, por ser a mais formosa,
Para o canto ficaria.
—Só se fôr com Conde Alberto:
E' casado, tem familia...
—Mande-o, meu pae, chamar,
Da sua parte e da minha.

Palavras não eram ditas,
Já Conde á porta batia.

—Que quer Vossa Magestade?
Que quer Vossa Senhoria?
—Quero que mates Condessa
P'ra casar com minha filha.
—Eu Condessa não a mato,
Que ella a morte não mer'cia.
—Mata, Conde, mata Conde;
Senão... eu tiro-te a vida.
E mandarás a cabeça
N'esta doirada bacia.

Foi Conde para palacio,
Pensando no que faria;
Mandou fechar seu palacio,
Coisa que nunca fazia;
Mandou vestir seus creados
De lucto, á maravilha;
Mandou pôr a sua mesa,
Para fingir que comia!
As lagrimas eram tantas,
Que pela mesa corriam!
Deitou-se na sua cama,
Para fingir que dormia:
Os suspiros eram tantos,
Que até palacio tremia.

—Tu que tens, ó Conde Alberto?
Tu que tens, ó vida minha?
Conta-me a tua tristeza,
Que eu conto minha alegria.
—Mandou o Rei que te mate
P'ra casar com sua filha.
—Escuta, Conde, escuta, Conde,
Que isso remedio teria:
Metterás-me n'um convento,
Serei freira recolhida;
Me darás o pão por onça,
E a agua por medida,
Darás sardinha salgada,
Que me acabes com a vida.
—Quer que te mande a cabeça
N'essa maldita bacia.
—Deixa-me dar um passeio,
Da sala para a cozinha:
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite de paixão,
«A'manhã por estas horas
«Está tua mãe no caixão;
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite de pezar,
«A'manhã por estas horas
«Está tua mãe a enterrar;
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite de amargura,
«A'manhã por estas horas
«Está tua mãe na sepultura;
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite derramado,
«Que ámanhã por estas horas
«Está meu corpo sepultado.»

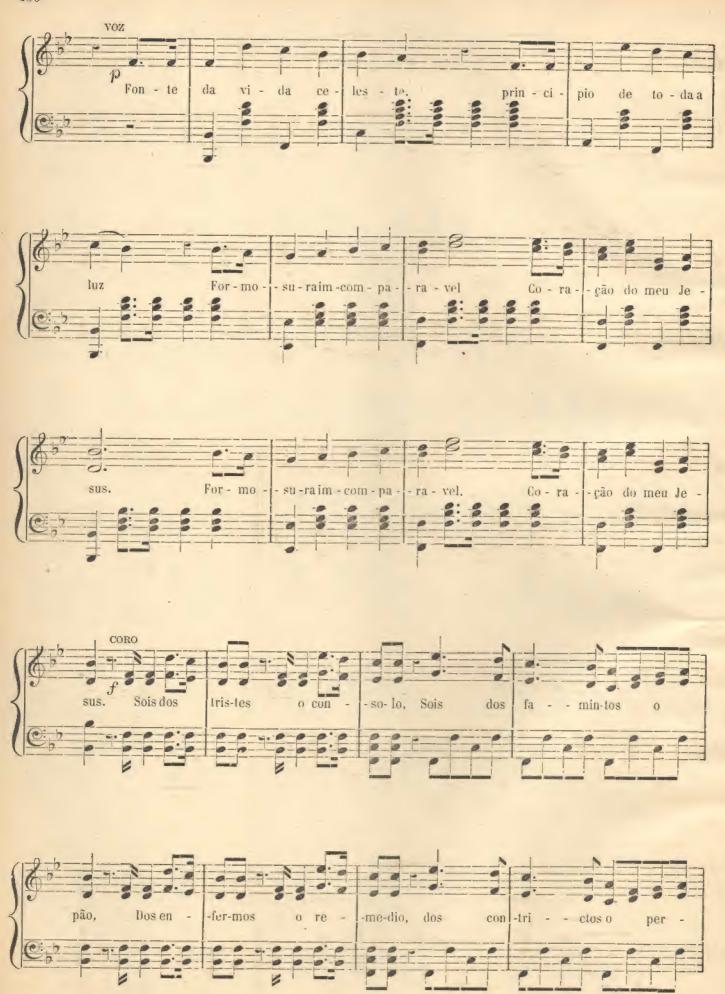
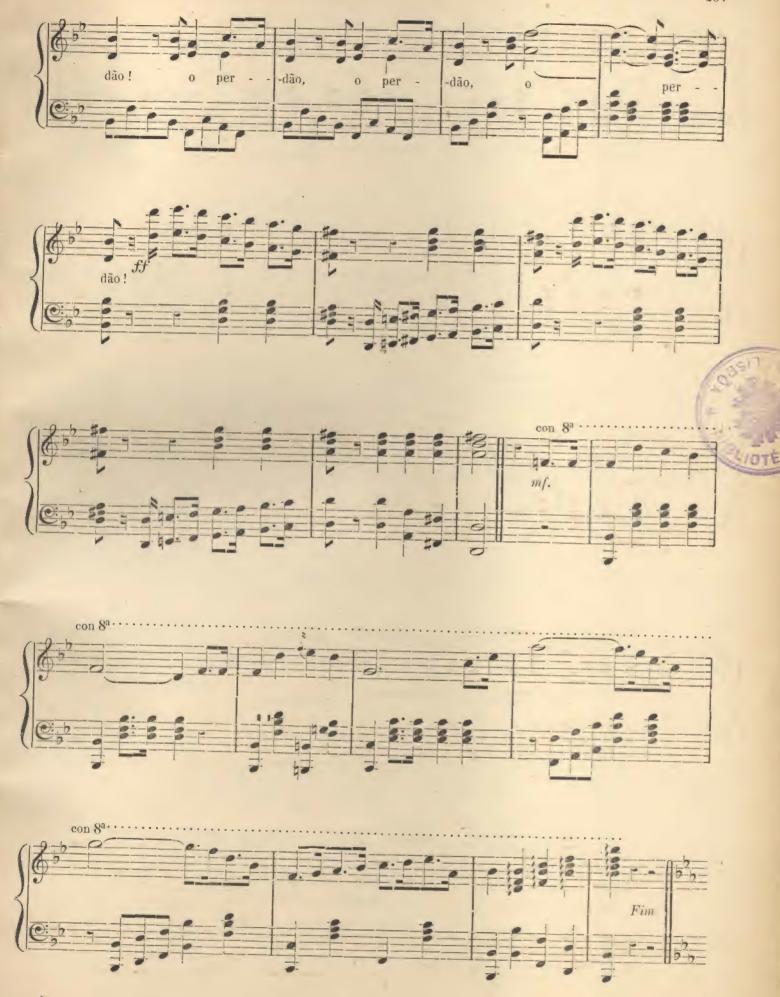
Estando o menino ao peito
(Inda nem um mez teria!)
Tocam sinos em palacio:
—Minha mãe, quem morreria?
—Morreu a filha d'El-Rei
Pela traição que fazia:
Apartar os bem casados,
Coisa que Deus não queria.
Venham condes e marquezes,
Para o jardim de alegria!

Recolhida no Porto. Antigamente, nas escolas de instrucção primaria do sexo feminino, as creanças, nas horas de recreio, cantavam romances e xacaras antigas. A D. Silvana era um d'esses cantos. Tambem se divertiam com as danças de roda nacionaes; hoje poucas *mestras* conservam este costume.

AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

MARCHA E CANTICO PROCESSIONAL

VOZ
p
Fon - te da vi - da ce - les - te, prin - ci - pio de to - da a
luz For - mo - su - raim - com - pa - ra - vel Co - ra - ção do meu Je -
sus. For - mo - su - raim - com - pa - ra - vel. Co - ra - ção do meu Je -
CORO
f
sus. Sois dos tris-tes o con - so- lo, Sois dos fa - min-tos o
pão, Dos en - fer-mos o re - me-dio, dos con - tri - ctos o per -

dão! o per- -dão, o per- -dão, o per-
dão!
ff
con 8a
mf.
con 8a
con 8a
Fim

Em quasi todas as nossas provincias é costume, nas procissões, o povo cantar os hymnos religiosos acompanhado de bandas marciaes. A presente marcha é de Bragança, (1888) onde se solemnisa pomposamente o SS. Coração de Jesus, devoção antiquissima espalhada por todo o paiz.

Devemos á dedicação do nosso estimavel amigo o distincto official do exercito o ex.mo snr. F. P. da Silveira a aquisição da partitura d'onde transcrevemos esta marcha.

AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

Fonte da vida celeste,
Principio de toda a luz,
Formosura incomparavel,
Coração do meu Jesus.

CORO

Sois dos tristes o consolo,
Sois dos famintos o pão,
Dos enfermos o remedio,
Dos contrictos o perdão!

Sois dos justos o enlevo,
Sois dos anjos a alegria,
Dos seraphins o encanto
Dos coros a melodia!

Sois dos martyres a corôa,
Coragem dos confessores,
Sois das virgens a candura,
Esperança dos peccadores!

Sois dos tristes o consolo,
Sois dos famintos o pão,
Dos enfermos o remedio,
Dos contrictos o perdão!

A Vós, pois, nós recorremos,
N'estes dias d'afflicção,
Com certeza na victoria,
Oh Divino Coração!

Coração Santo
Tu reinarás,
Tu nosso encanto
Sempre serás.

Como soldado
Vela a seu rei,
Assim meu sangue
Por Ti darei.

Se o mundo iniquo
Me combater,
Sempre a Teu lado
Hei de vencer.

Anjos, Archanjos,
Santos do ceu,
Comnosco velam
Ao Throno Teu.

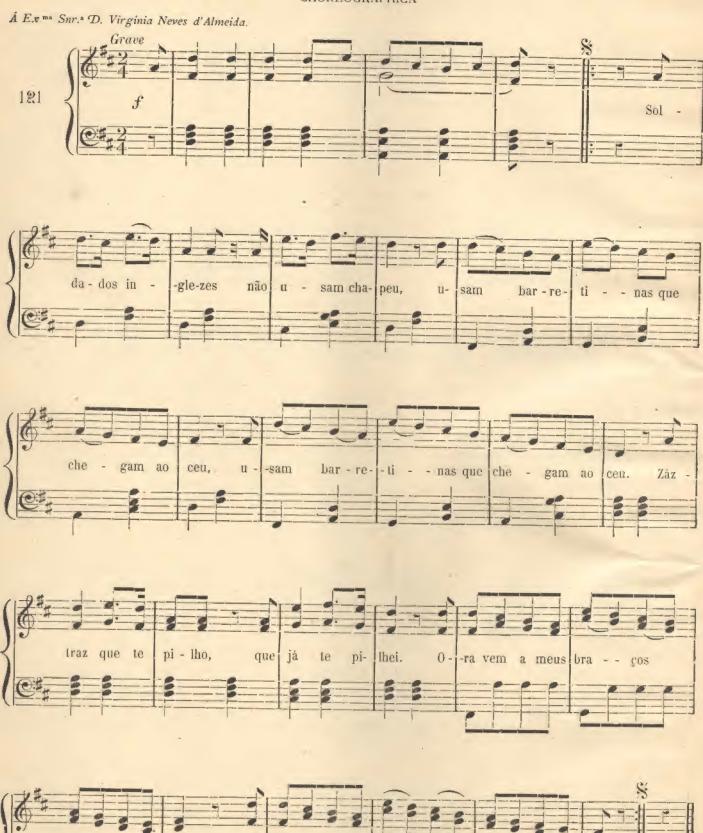
No mundo a Igreja
Soffre por Ti;
Na guerra ajuda-me
Tambem a mim.

Dá-me o triumpho
Na salvação,
P'ra louvar sempre
Teu Coração.

Estes versos cantam-se tambem nas igrejas do Porto, e em muitas da provincia, durante o mez do Coração de Jesus.

ZAZ-TRAZ QUE TE PILHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Virginia Neves d'Almeida.

ZAZ-TRAZ QUE TE PILHO

C Soldados inglezes
Não usam chapeu;
D Usam barretinas
Que chegam ao ceu.

C Záz-traz que te pilho,
D E eu já te pilhei,
C e **D** Ora vem a mens braços,
Meu amor, meu bem.

C Soldados inglezes
Trajam d'algodão;
D Eu trajo de linho,
Que é fresco p'ra o v'rão.

Záz-traz, etc.

C Soldados inglezes
Trajam de encarnado
D Eu trajo d'azul,
Que é mais engraçado.

Záz-traz, etc.

Dança.—Formam-se os pares em duas filas: as damas de um lado e os cavalheiros do outro. Avançam todos e recuam duas vezes, depois atravessam e tornam aos seus logares, emquanto se canta a quadra. No estribilho, a fila dos cavalheiros marcha até ao meio, accionando caracteristicamente ás damas, cantando *Zás-traz que te pilho*, e dando meia volta á direita, voltam-lhe as costas e tornam ao seu lugar; no entanto as damas marcham em seguida até tocar com a mão no hombro do cavalheiro, cantando *Eu já te pilhei*; e voltando-lhes as costas tornam ao seu logar, mas os cavalheiros que já se teem voltado, seguem as damas cantando *Ora vem a meus braços*, etc. e as damas ao chegarem ao seu logar, voltam-se, abraçam o cavalheiro repetindo os versos *Ora vem*, etc. dando uma volta e tornam aos seus logares.

A musica deve ser cantada alternadamente, por damas e por cavalheiros como vae indicado com as iniciaes *C* (cavalheiros) *D* (damas).

A musica d'esta dança, bem como a propria dança, é inglezada, e parece datar do principio seculo XIX.

DESPEDIDA DE COIMBRA

BARCAROLA

Á Ex.ma Snr.a D. Marianna d'Oliveira Peniche.

122

Já não ouço de Coimbra
Os alegres, doces cantos:
E' silencio tudo agora,
Deixo riso, vejo prantos.

Deixa, deixa, oh barqueiro,
Ir o barco lentamente,
Deixa, pára, que a saudade,
Ir mais longe não consente.

Já se avista ao longe a lua
Que de brilho nos cercou.
Vem com ella mais lembrança
D'esse tempo que passou,

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

Já não vejo altas colinas,
Que dofronte alli gosei:
Nem dos prados as boninas
Que ditoso contemplei!

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

Já não vejo os meus amores
Lá n'essas serras d'alem;
Só me restam as saudades
Do tempo que já não vem.

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

Já não vejo a tricana
Pelos montes a correr;
Já não ouço os seus cantares
Tenho magua por prazer.

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

Recolhida em Coimbra em 1892 pelo Rev.mo Snr. Padre Cunha.

CONSELHO MATERNO

CANÇÃO

A' Ex.ma Snr.a D. Zelia Ayres.

Minha mãe tão pobresinha,
Coitadinha!
Não tem nada p'ra me dar;
Cada hora dá-me um beijo,
E depois fica a chorar.

Minha mãe deu-me um thesouro,
Não é d'ouro,
Que ella é pobre e nada tem;
Mas um conselho materno,
E' um thesouro tambem.

Escuta, filha querida,
Minha vida!
Cada dia ella me diz;
Ouve a lição que te ensino,
Que não serás infeliz:

Da mulher toda a riqueza
E' a pureza!
Oh filha, confia em Deus!
Sê casta e boa que os anjos
Hão-de coroar-te nos ceus.

Tua mãe tão pobresinha,
Coitadinha!
Não tem nada p'ra te dar;
Dá-te a lição da virtude,
Que te repete a chorar.

Recolhida no Porto em 1892. Não conhemos os authores d'esta canção.

ESTA CALÇADINHA

DANÇA DE RODA

A' Ex.ma Snr.a D. Elisa Ernestina Guimarães Allegro.

Recolhida em Coimbra em 1870.

Muito custa uma ausencia
A quem a sabe sentir;
Mais custa uma presença
De vêr e não possuir.

Esta calçadinha
Vae para o Ramal,
Vae fazer as pazes
Com quem anda mal.
Com quem andou mal
Anda agora bem;
Esta calçadinha
Vae ter a Belem.

Triste sou, triste me vejo,
Sem a tua companhia;
Triste sou, que nem me lembra
Se alegre fui algum dia.

Anda cá, meu amor morto,
Dize la quem te matou:
Se te matou minha ausencia,
Resuscita, eu aqui estou

Ausente de um bem que adoro,
Meu amor não faz mudança:
Quanto mais ausente vivo
Mais o trago na lembrança.

Ausente do bem que adoro,
Nada me pode agradar;
Eu não vivo para o mundo
Vivo só para o amar.

Eu dei um ai sobre os montes,
Accudiram-me as montanhas;
Ai de mim que já não posso
Soffrer ausencias tamanhas.

Não ha coisa que mais cheire
Do que a laranjeira em flor:
Não ha coisa que mais custe
Do que a ausencia do amor.

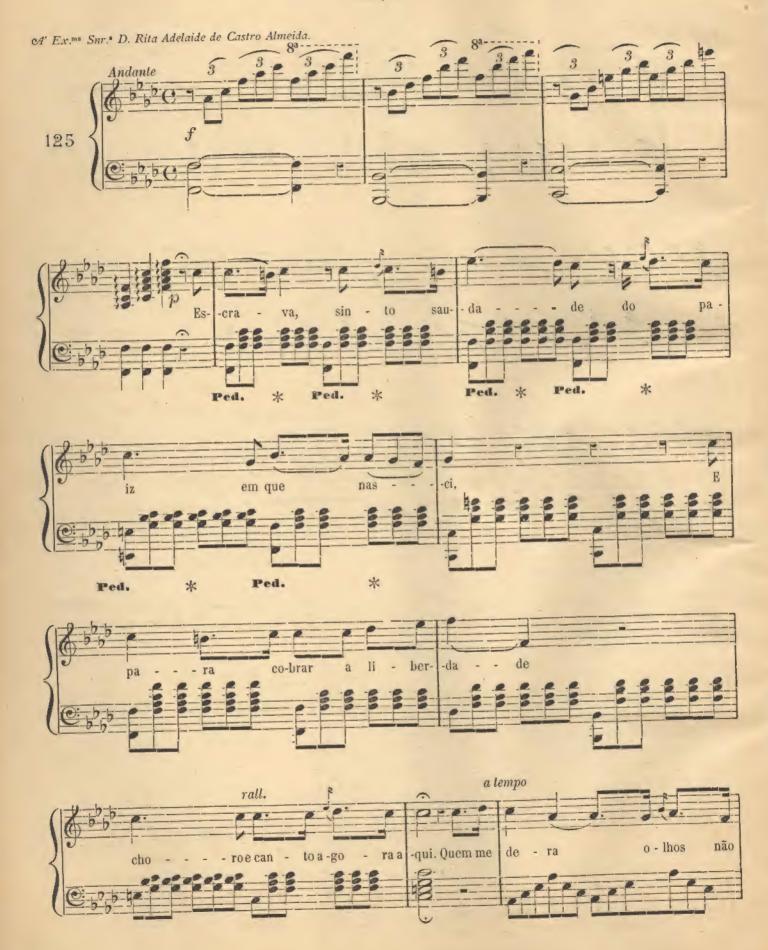
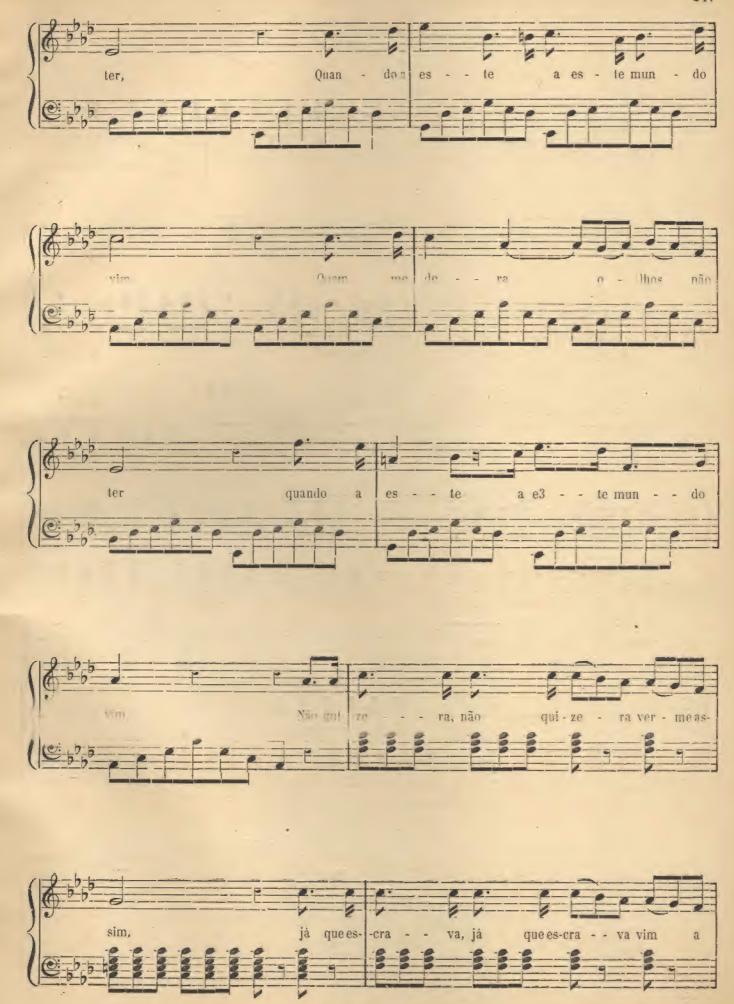
Esta calçadinha
Vae ter á deveza,
Vae tomar amores
Co'uma camponeza.
Co'uma camponeza,
Oh que lindo amor:
Esta calçadinha
Vae p'ra Villa Flor.

Este estribilho pode ter sempre rythmas e alluzões diversas, improvisadas na occasião da dança.

A ESCRAVA

CANÇÃO

A' Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Rita Adelaide de Castro Almeida.

ter, Quan - do a es - - te a es - te mun - do
vim Quem me de - - ra o - lhos não
ter quando a es - - te a e3 - - te mun - - do
vim, Não qui ze - - - ra, não qui - ze - ra ver - me as-
sim, já que es- -cra - - va, já que es-cra - - va vim a

Escrava sinto a saudade
Do paiz em que nasci;
E, para cobrar a liberdade,
Choro e canto agora aqui.

Quem me dera olhos não ter
Quando a este mundo vim.
Não quizera vêr-me assim
Já que escrava vim a ser.
Deixae-me ir p'ra minha terra,
Deixae-me ir lá morrer.

HYMNO DA AMELIA

(VULGO, DE D. PEDRO IV)

A' Ex.ma Snr.a D. Belmira Rosa da Silva Guimarães

Lettra e musica de D. Pedro IV.

for - ço que a hon - ra di - - ri - ge, vae de Ly - sia des - gra - ça a - ca -

bar; No-bre es - for - ço que a hon- ra di - - ri - ge vae de Ly- sia des-gra-ça a-ca -

bar, a - - ca - - bar, a - - ca - - bar

ff
Fo - ge,

ten-tes fer - reo sce - ptro mais tem - po sus - - ter, fer - - reo

sce - ptro mais tem - po sus- -ter, Que nas a - - ras da Pa - tria ju -
ra - - - - - mos vi - ver li - vres ou li - vres mor - -rer; Que nas
a - ras da Pa - tria ju- -ra - mos vi - - ver li - vres ou li - vres mor-
rer. Que nas a - ras da Pa - tria ju- -ra - mos vi - ver li - vres ou li - vres mor-
rer; mor - -rer; mor - -rer.

HYMNO DA AMELIA

Da Rainha e da Carta o pendão
Já nos mares se vê a tremular,
Nobre esforço que a honra dirige,
Vae de Lysia a desgraça acabar.

Foge, foge, ó tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster
Que nas aras da Patria juramos
Viver livres, ou livres morrer.

Forte esquadra que os lusos transporta,
Já com sôpro galerno marêa,
Porque arvóre o tropheo bicolor
Sobre os muros da afflicta Ulissêa.

Foge, foge, etc.

Cara Lysia em gemido implora
Que as algemas lhe vamos quebrar;
Já nas praias as mães lacrimosas
Pelos filhos se escutam bradar.

Foge, foge, ó tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster;
Que nas aras da Patria juramos
Viver livres, ou livres morrer.

Nossos votos são Carta e Rainha;
Nosso guia quem ambas nos deu;
Defendemos a causa do mundo;
E' por nós a justiça do ceu.

Foge, foge, etc.

Nota.—*Hymno da Amelia;* foi assim que o author, D. Pedro IV, o denominou por o ter composto a bordo da corveta *Amelia* na sua viagem para Portugal, para animar e enthusiasmar os 7.500 expedicciónarios que o acompanhavam.

Na primitiva o hymno só tinha as quatro quadras e coro que acima transcrevemos e que se julga serem tambem da lavra de D. Pedro, porém depois foram lhe addiccionadas outras, cujo author desconhecemos. e que collocaram a seguir á primeira. São as seguintes:

Contra o Tejo se a fida cohorte
Voga affouta com animo hostil,
Não, não é porque as aguas lhe turve
Rubra mancha da guerra civil.

Foge, foge, o tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster;
Deixa a Patria que escrava tornaste
Livre agora teu nome esquecer.

Nosso brio é de um throno usurpado
Esmagar a prejura oppressão,
Restaurar de Maria os direitos,
Libertar a trahida nação.

Foge, foge, etc.

Quem da gloria aos altares saudosos
Nos conduz denodado e prudente,
Chefe augusto que a purpura ornara,
E' o pae da rainha innocente.

Foge, foge, etc.

D'entre a noite do carcere horrendo,
Resurgidos ao dia fatal,
Inda vertem heroes portuguezes
No patibulo o sangue leal.

Foge, foge, ó tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster;
Deixa a Patria que escrava tornaste
Livre agora teu nome esquecer.

Nas entranhas de escura masmorra,
Onde reina da morte o terror,
Outros mil inda esperam constantes
Igual sorte com o mesmo valor.

Foge, foge, etc.

Mas eis regio santelmo apparece!
Lá descóra o cobarde furor,
Cae a c'rôa da fronte á perfidia,
Treme o ferro nas mãos do traidor.

Foge, foge, etc.

Este hymno é actualmente denominado de D. Pedro IV, e tocam-o as bandas marciaes em todas as solemnidades festivas ou funebres, que tenham relação com aquelle monarcha.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA II

A' Ex.ma Snr.a D. Julia de Souza Magalhães Figueiredo.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga. Lyrica V. Parte II.

Já, já me vae, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa;
Este mesmo, que alveja, vae cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando;
Vae fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vae mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;
As forças dos meus hombros já se gastam;
Vou dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés, e arrastam.

Se algum dia me vires d'esta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos;
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se;
Voltar a côr ao rosto.

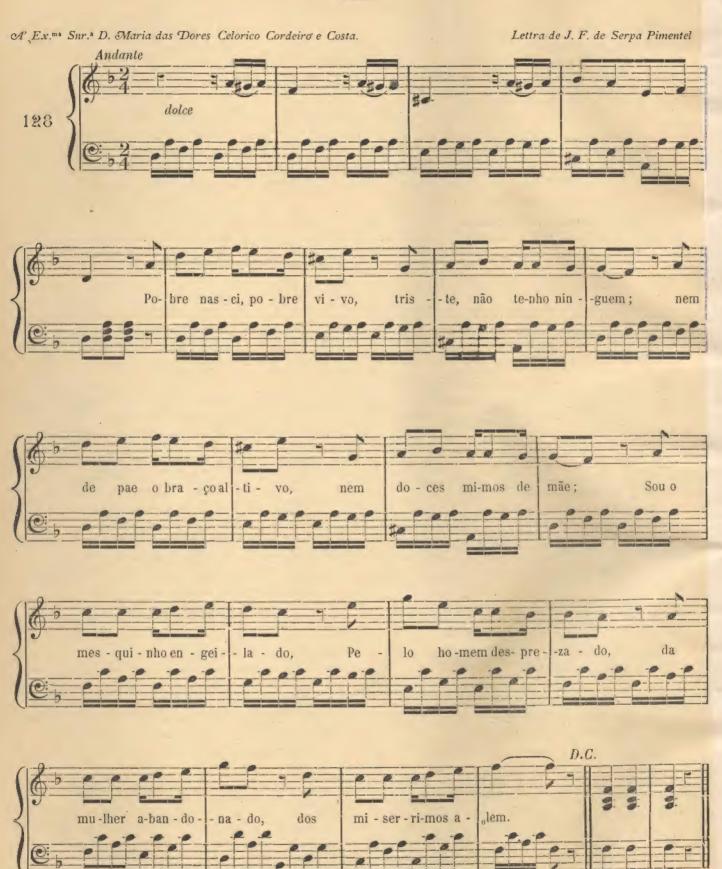
No calmoso verão as plantas seccam;
Na primavera que aos mortaes encanta,
Apenas cae do céo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença fez seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual planta,
No meio da desgraça, que me altera;
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos astros luz, e vida ás flores,
Que effeitos não farão, em quem por elles
Sempre morreu de amores?

O ENGEITADO

FADO

Recolhida em Vizella em 1892, por F. P. Nogueira.

O ENGEITADO

Pobre nasci, pobre vivo,
Triste, não tenho ninguem,
Nem de pae o braço altivo,
Nem doces mimos de mãe;
Sou o mesquinho engeitado,
Pelo homem despresado,
Da mulher abandonado,
Dos miserrimos além.

A nudez, o frio, a fome
Meu pobre berço embalaram;
Ao fraco infante sem nome
Que dôres crucificaram!
Nunca uma lagrima, um pranto,
Nunca da meiguice o encanto
No infeliz que soffre tanto,
Duros mortaes derramaram.

Nunca provei as ternuras
D'um osculo maternal;
Nem imaginei doçuras
Da amisade fraternal;
Não concebe a minha mente
As idéas de—parente,
—De familia—de ascendente,
—De berço ou terra natal.

Mas cresci, medrei; no mundo
Vela eterna a Providencia;
O seu instincto profundo
Falla em minha consciencia.
Quem dá vida á flôr do prado?
Movimento ao mar salgado?
Sustento ao pobre engeitado?
E' de Deus a omnipotencia.

Que por mim passem altivos,
Ricos de sua vaidade,
Esses, que olhando-me esquivos
Riem da minha orphandade.
Que importa a minha pobreza,
Compensou-me a natureza,
Dando-lhe a elles—riqueza.
Dando-me a mim—liberdade.

Eu sou livre; não me prendem
Laços alguns, cá na terra;
Eu sou livre; se me offendem,
Ninguem meu furor encerra.
Eu sou livre como o vento,
Livre como o entendimento,
Mais livre que o pensamento,
Mais que a coragem na guerra.

Eu sou livre;—só no mundo
Póde prender-me um condão:
Só o amor póde bem fundo
Afferrar minha isempção.
Toda a passada tristura,
Da vida toda a negrura,
Torna-se então em doçura
N'este virgem coração.

Porque é livre o meu amor,
Por isso têrmos não tem;
Apoz vida de amargor,
Quanto não vale este bem!
Oh! eu amo e sou amado,
Que importa ser engeitado!
Sou livre, e sou adorado;
Oh! não me chore ninguem.

MEIA VOLTA AO AR

DANÇA DE RODA

A' Ex.ma Snr.a D. Izabel Megre Restier.

Oh rapaz agarotado,
Quem te deu a rapariga?
  Meia volta ao ar,
  Se a tu sabes dar?
  A ti, meu bemzinho,
  Não te hei de eu deixar.
Roubei-a hontem á noite,
Arrisquei a minha vida.
  Meia volta ao ar, etc.

Oh ladrão que me enganaste,
Sendo eu tão rapariga;
O inferno tens-l'o certo,
Cadeia p'ra toda a vida.

Aqui venho por te ver
Por te ver aqui cheguei:
Para que saibas, amor,
Prometti-te e não faltei.

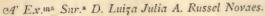
Façamos, meu bem, as pazes,
Como foi da outra vez:
Quem quer bem sempre perdôa,
Uma, duas, até tres.

Não quero fazer as pazes,
Como foi da outra vez:
Quem quer bem nunca offende,
Nem uma quanto mais tres.

Recolhida em Faião, concelho de Chaves, pelo Ex.mo Snr. P. Ribeiro.
Dança. — E' de roda, de mãos dadas. No estrilho os cavalheiros voltam-se para as damas, e fazendo estallar os dedos, dão meia volta á esquerda e meia volta á direita, pulando.

BERNAL FRANCEZ

ROMANCE

A' Ex.ma Snr.a D. Luiza Julia A. Russel Novaes.

—Francisquinha, Francisquinha,
D'esse corpo tão gentil!
Abri-me lá essa porta,
Que m'a costumaes abrir.
« Não abro a minha porta,
Que são horas de dormir.
—Abri ao homem de França,
Que lh'a costumaes abrir.
«Se é outro no seu logar,
Digo que não quero ir;
Se elle é Bernal Françoilo,
Descalça lhe vou abrir;
Lhe pegarei pela mão,
O levarei ao jardim.
Lavei-lhe pernas e braços
Com agua de alecrim,
Tornei-lhe a pegar na mão,
O deitei a par de mim.
Era meia noite em ponto,
Outra meia por venir,
E vós, Bernal Françoilo
Sem vos virares para mim?
Ou tendes dama em França
A quem queiraes mais que a mim?
—Não tenho dama em França
A quem queira mais que a ti...
«Não te temas de meu pae,
Que é velho, não vem aqui,
Não temas de meus irmãos
Que inda agora vão d'aqui,
Não temas de meu marido,
Longas terras está d'aqui:
Oh maus mouros o captivem,
Novas me venham a mim.
—Eu não temo o teu pae,
Homem que nunca temi,
Eu não temo a teus irmãos
Que são homens com'a mim:
Teme-te de teu marido
Que o tens a par de ti!
«Se tu és o meu marido
Que é que me trazes a mim?
—Trago-te saia de grana,
E *bajú* de carmezim;
Gargantilha de cutello,
Pois a mereces-te assim.
«Oh lua que vás tão alta,
Que não quer amanhecer,
Para esta triste coitada
Acabar de padecer.
—Nem com essas, nem com outras,
Pois tu me has de vencer;
Antes de manhã ser fóra
Pertendo de tu morreres.

—Onde te vaes, cavalleiro,
Vaes tão furioso em ti?
—Vou a vêr a minha dama
Que ha muito que a não vi.
—Tua dama já é morta,
E' morta, eu bem a vi;
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim;
Sete cirios accedderam;
Todos sete accendi:
—Volta, volta, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim!

Chegando ao pé d'uma ermida
Lá um vulto preto vira:
«Não te temas, cavalleiro,
Não te temas tu de mim,
Que eu já fui a tua dama,
Por amores teus morri.
Olhos com que te mirava,
Já não tem vistas em si.
Bocca com que te beijava
Já não tem sabor em si;
Braços com que te abraçava
Já não tem forças em si.
A' mulher com quem casares
Não lhe qneiras mais que a mim;
Filha que d'ella tiveres
Põe-lhe o nome de mim:
Quando por ella chamares
Que te alembres de mim;
Filho que d'ella tiveres
Seja lindo como ti.
Que se perca o mundo por elle
Como me eu perdi por ti;
E a esmola que fizeres
Fal a por ti mais por mim.
—Abri-me lá essa campa
Quero-me enterrar aqui
«Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu que eu já morri.

A musica d'este romance antiquissimo foi recolhida nos Arcos, (Braga), pelo Ex.mo Snr. A. Novaes com a seguinte lettra.

Onde vaes, oh D. Francisco,
A estas horas por aqui?
Eu vou vêr a minha Anninhas,
Que ha muito que a não vi.
A tua Anninhas é morta,
E' morta, qae eu bem a vi,
Os signaes que ella levava
Eu t'os contarei aqui:
Levava saia de grana
E gibão de carmezim,
Gargantilha de cutello,
Tu o causaste assim,
Se a queres ver enterrada
Na campa de S. Chrispim.

Corre, corre, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim.
Por dentro d'aquella egreja
A' campa de S. Chrispim.
—Abre-te campa do rosas,
Anna, vem tu para mim,
Quero-te dar uma falla,
Quero espedir-me de ti.
—Vive tu, oh D. Francisco,
Vive tu que eu já morri,
Os olhos com que te via
Já de terra os cobri
A bocca com que te beijava
Já de terra a enchi;
Os braços que te abraçavam
Já não tem forças em mim.
Tres filhos que lá ficaram
Entre ti e entre mim,
Vá um d'elles p'ra o mosteiro
Que diga missas por mim,
E o outro lá na ermida
Que peça ao Senhor por ti.
E mais um a cavalleiro,
D. Francisco como a ti.
Se tornares a casar
Com Anninhas como a mim,
Quando fores chamar por Anna
Lembrem-se sempre de mim.

HYMNO DOS EMIGRADOS PORTUGUEZES

EM PLYMOUTH

Emquanto um proscripto,
Um só respirar,
Não ha de o tyranno
Seguro reinar.

A's armas, oh luzos!
O ferro empunhemos!
Maria Segunda
Ao throno elevemos!

A Filha de Pedro
Rainha ha de ser:
Por ella juremos
Vencer ou morrer.
A' armas, etc.

Nas mãos da Rainha,
Vingando a seu Pae,
Punir o tyranno,
Oh luzos, jurae!
A's armas, etc.

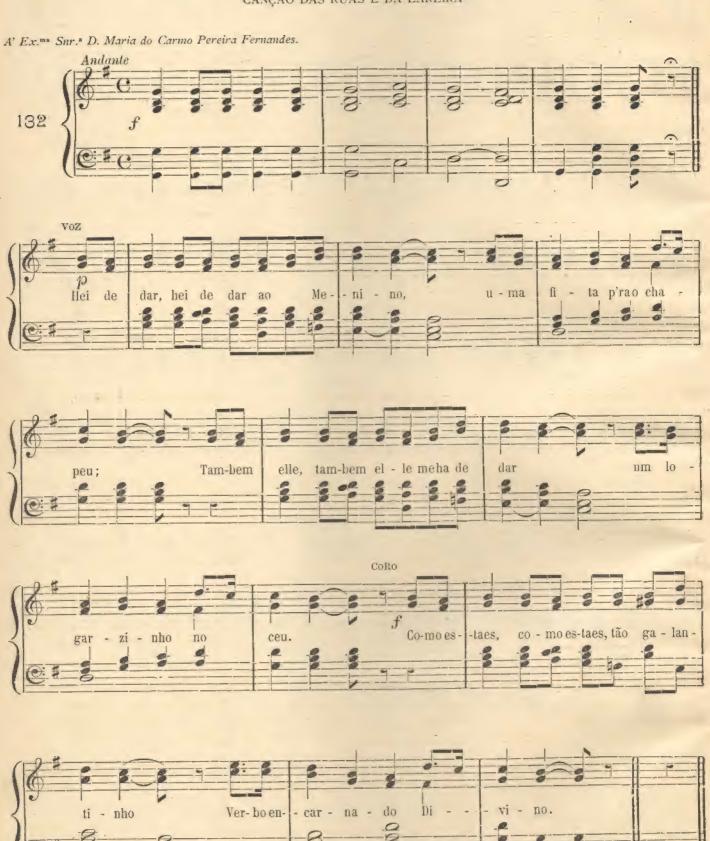
Se para o teu solio
Fôr de sangue a estrada,
Morte, sangue espalhe
Dos luzos a espada.

A's armas, oh luzos!
O ferro empunhemos!
Maria Segunda
Ao throno elevemos!

Este hymno foi publicado em Plymouth, pelos emigrados portuguezes, em setembro de 1828, e offerecido a S. M. a Senhora D. Maria II, Rainha de Portugal; tornou-se popularissimo e foi um dos cantos de guerra mais favorito nas luctas constitucionaes.
O auctor d'esta poesia é anonymo.

AO MENINO JESUS

CANÇÃO DAS RUAS E DA LAREIRA

A' Ex.[ma] Snr.[a] D. Maria do Carmo Pereira Fernandes.

Canta-se em Elvas com acompanhamento de *ronca:* instrumento feito de um alcatruz de nora, ou panella de barro a cujo bocal se adapta uma membrana, ou pelle de bexiga, atravessada por um pau encerado, pelo qual se corre a mão, com força, e produz um som rouco e aspero.

AO MENINO JESUS

Hei de dar ao Menino
Uma fita p'ra o chapeu;
Tambem elle me ha de dar
Um logarzinho no ceu.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Hei de dar ao Menino
Uma fita p'ra cintura;
Tambem elle me ha de dar,
No seu peito, sepultura.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Hei de dar ao Menino
Um vestido côr de amora;
Tambem elle me ha de dar,
Um logarzinho na gloria.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Hei de dar ao Menino,
Para a noite de Natal,
Camisinha de cambraia,
Botõesinhos de crystal.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino chora, chora,
Chora pelos sapatinhos,
Haja quem lhe dê as solas,
Que eu lhe farei os saltinhos.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Cantae anjos ao Menino
Que ahi vem S. José,
Que lhe traz uns sapatinhos
Da feira de Santo André.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O' meu Menino Jesus,
Meu Menino da minh'alma,
Vieste nascer p'lo frio,
Podendo nascer p'la calma.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O' meu Menino Jesus,
Minha ginja garrafal,
Sereis o meu confessor,
Farei confissão geral.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino está dormindo
No presepio de Belem,
Os anjos lhe estão cantando
Nosso Amor e nosso Bem.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino está dormindo
Um somno muito profundo,
Os anjos lhe estão cantando
Gloria ao Salvador do mundo.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino está nascido
Sobre palha asp'ra e fria,
Os anjos lhe estão cantando
Gloria á Virgem Maria.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

'Stá na lapa de Belem
O Deus Menino deitado
Filho da Virgem Maria
Pelos tres reis adorado.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Adorando a Deus Menino,
Estão os pastorinhos,
Com a fé no coração
E nas mãos os cordeirinhos.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O' meu amado Menino,
Boquinha de sangue e leite,
Vossa mãe é uma rosa,
Vosso pae um ramalhete.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Tres palavras disse a Virgem,
Quando nasceu o Menino:
Vinde cá, meu bago d'ouro,
Meu Sacramento divino.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

A musica d'estas trovas foi recolhida em Elvas, pelo Rev.^mo Padre Philippe de Nery de Souza Penalva; e a lettra, pelo Ex.^mo Snr. Antonio Thomaz Pires.

VOU FUGIR-TE

CANÇÃO

A Ex.ma Snr.a D. Maria de Jesus Loureiro Gaspar. *Poesia de José Caldas.*

VOU FUGIR-TE

Vou fugir-te! não posso na terra
Ver teus olhos, sem ver-me finar!
Sem sentir nas entranhas a guerra
D'um amor que me quer dominar!

Vou fugir-te! que sinto no seio
A paixão que me tenta vencer.
Vou fugir-te! — que temo e receio
De, por ti, Deus e patria esquecer!

Vou fugir-te! que um ser malfadado
Não perturbe teu limpido amor...
Irei longe... tão longe onde o brado
Do teu nome, nem tenha rumor...

Só no fundo das selvas mais feias,
Só no immenso deserto do mar,
Ouvirei o quebrar das cadeias,
D'este amor que me quer desgraçar!

D'este amor, que me faz com que esqueça
As bellezas sem fim d'este ceu,
D'um sentir que me ordena que peça
Um deserto em que viva só eu.

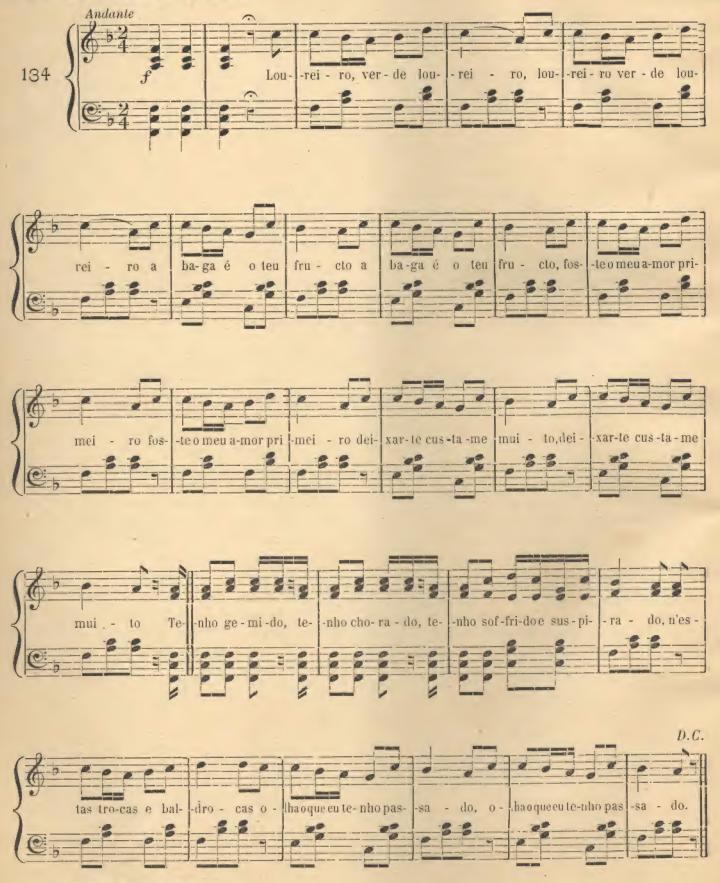
E tu fica!... tu fica no mundo,
Que eu irei, isolado, irei só,
Implorar o remanso profundo
D'uma campa, dos vermes no pó.

E se um dia, nos eccos da aragem,
Um suspiro sentires de dôr.
Lembra o triste que teve a coragem
De morrer, sem dizer-te este amor.

Recolhida em 1870 por J. A. Barbosa.

OLHA O QUE EU TENHO PASSADO

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Barbara Candida da Gama.

Esta musica é muito antiga.

OLHA O QUE EU TENHO PASSADO

De casa sahi á noite,
No meu capote embuçado;
Veio a ronda e prendeu-me:
Olha o que eu tenho passado.

Tenho gemido,
Tenho chorado,
Tenho soffrido
E suspirado.
N'estas trocas e baldrocas,
Olha o que eu tenho passado!

De casa sahi um dia
Todo secio, aperaltado;
Um cão rasgou-me os calções,
Olha o que eu tenho passado!

Ao saltar d'uma barquinha,
Fiquei no lôdo atolado;
Por tua causa, meu bem,
Olha o que eu tenho passado!

Ora me attrhes com carinhos,
Ora mostras desagrado;
N'esta inconstancia d'amor
Olha o que eu tenho passado.

Disse-me um padre capucho
Que eu estava excommungado;
Par causa do teu amor,
Olha o que eu tenho passado.

Tenho gemido,
Tenho chorado,
Tenho soffrido
E suspirado.
N'estas trocas e baldrocas,
Olha o que eu tenho passado!

Loureiro, verde loureiro,
A baga é o teu *fructo:*
Foste o meu amor primeiro
Deixar-te custa-me muito.

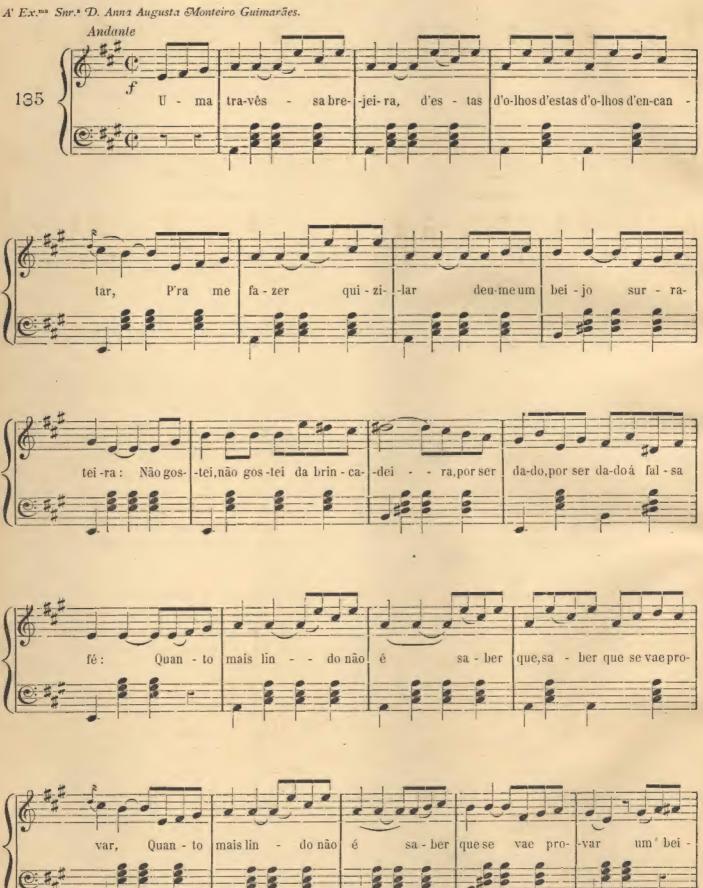
Por mais que o loureiro cresça,
Ao ceu não ha de chegar:
Duzentos amores que eu tenha,
A ti não hei de deixar.

Loureiro, verde loureiro,
Quem te poz n'este caminho?
Quantos passam e repassam
Todos tiram seu raminho.

Dança:—De roda, durante a quadra. No estribilho todas as phrases tem o seu accionado expressivo, ora voltando-se para um lado ora para o outro: *Tenho soffrido*, leva a mão direita ao coração. *Tenho chorado*, leva a mão esquerda aos olhos. *Tenho gemido e suspirado*, cruza os braços sobre o peito. *N'estas trocas e baldrocas*, vira-se para o meio da roda, sarilhando com as mãos. *Olha o que eu tenho passado*, abraça o seu par e vae passando a abraçar os outros, em forma de *gran-chaine*, repetindo sempre o mesmo verso.

O LISBONENSE

FADO

A' Ex.ma Snr.a D. Anna Augusta Monteiro Guimarães.

Uma travêssa brejeira,
D'estas d'olhos d'encantar,
P'ra me fazer quizilar
Deu-me um beijo surrateira;
Não gostei da brincadeira
Por ser dado á falsa fé:
Quanto mais lindo não ê
Saber que se vae provar
Um beijinho d'estallar,
De morrer... alli ao pé!

Vêr uns labios nacarados
Como um botão quasi a abrir,
Vêl-os p'ra a gente a sorrir,
E' de ficarmos babados!
Eu, por mal dos meus peccados,
Não posso ter mão em mim;
Que ao ver uns labios assim,
Nem um santo resistia
A fazer uma *arrelia*
Nos labios d'um seraphim!

Um beijo dado no rosto,
Sendo bem repenicado.
Equivale a ouvir no fado
Uma cantiga de gosto:
Mas, se o beijo é dado ou posto
N'uma boquinha rosada;
Não ha assucar, não ha nada
Que tenha tanta doçura;
Quem quizer gosar ventura
Beije uma bocca encarnada.

Ha beijos de varias sortes,
Como as boccas que os praticam;
Ha beijos que fortificam,
E ha beijos que causam mortes;
Ha beijos brandos e fortes,
Beijos que causam calor,
Outros que espalham rubor
Nas faces de quem os dá;
Mas cá p'ra mim nada ha
Como são beijos... *d'amor!*

Recolhida em Lisboa em 1870.

JOSEZITO

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.ma Snr.a D. Maria José Gouveia Souza.

Oh José, pinheiro alto,
Sombrinha de todo o v'rão:
Todo o amor se me rende
Só o teu, oh José, não!

Josézito,
Já te tenho dito
Que não é bonito,
Andar's-me a enganar.
Chora agora,
Josézito, chora
Que eu vou-me embora
Para não voltar!

José quero, José amo,
José trago no sentido;
Por amor de ti, José,
Trago o meu somno perdido.

Oh José, oh Josézinho,
Cara de mau pagador,
Enganastes a menina
Com palavrinhas d'amor!

Oh José, oh Josézinho,
Retroz verde de coser;
Nascemos um para o outro,
Que lhe havemos de fazer.

Oh José, lindo José
Nunca tens namoro certo
Só tu és o melhor cravo
Que o craveiro tem aberto.

O meu amor é José,
Ninguem me diga mal d'elle;
Elle é do meu coração,
Eu sou do coração d'elle.

Oh José, nome de joia,
O teu nome joia é;
Quando me fallam em joia,
Lembra-me logo José.

Recolhida em Almaça por F. P. Nogueira, em 1885.

Dança.—Grande roda durante a quadra. No estribilho, largam as mãos e forma cadeia; ao dizer *chora agora* abraçam-se os pares.

RETRETA DA BANDEIRA

CANÇÃO DOS VOLUNTARIOS DA RAINHA

Á Ex.ma Snr.a D. Anna Castilho Falcão de Mendonça.

Maria segunda
Bordou a bandeira,
A matiz e ouro,
Na Ilha Terceira.

Aos seus voluntarios
Doou a bandeira,
Real, Real, Real,
D. Maria em Portugal.

Maria Segunda,
Com uma bandeira,
Nos fez voluntarios
Na Ilha Terceira.

Aos seus voluntarios, etc.

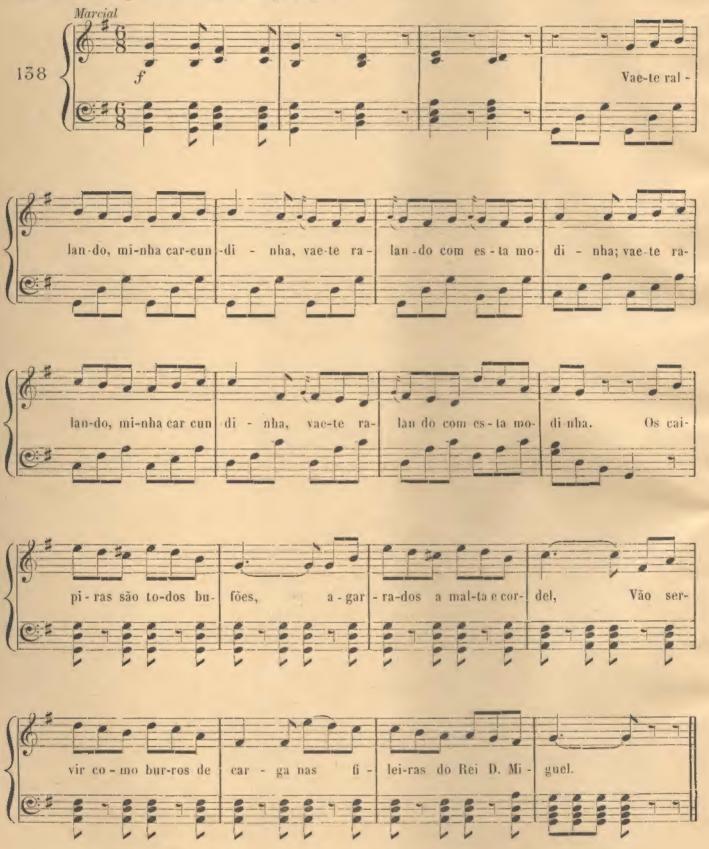
Maria segunda,
Ao dar a bandeira,
Animou as tropas
Na Ilha Terceira.

Aos seus voluntarios, etc.

Esta marcha, composta com toques marciaes, era cantada com orgulho pelas forças do batalhão dos Voluntarios da Rainha, em 1832, por ter sido brindado com uma bandeira bordada pela propria mão da sympathica soberana. A bandeira conserva-se actualmente exposta em uma vitrine na sala dos retratos da Camara Municipal ~~do Porto.~~ de Angra

OS CAIPIRAS

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Pinto Ferreira Borges de Castro.

Esta cantiga é de 1832, foi recolhida em Vizeu pelo Ex.mo Snr. J. A. Ferreira da Silva em 1872.

OS CAIPIRAS

Vae-te ralando,
Minha carcundinha,
Vae-te ralando
Com esta modinha.

Os caipiras são todos bufões,
Agarrados a malta e cordel,
Vão servir como burros de carga,
Nas fileiras do Rei D. Miguel.

Vae-te ralando, etc.

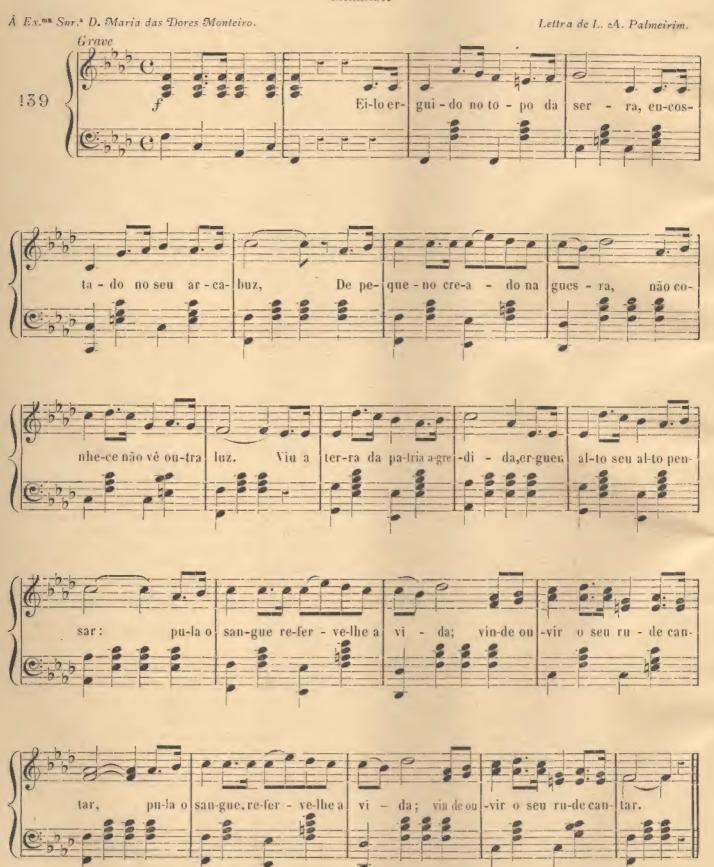
Os caipiras, á patria traidores,
Com os frades que trajam burel,
Como brutos de carga, só puxam
A' carroça do Rei D. Miguel.

Vae-te ralando, etc.

Os caipiras, da patria vergonha,
Representam um triste papel;
Como burros, em tudo eguaes,
Cavalgados do Rei D. Miguel.

Vae-te ralando, etc.

O GUERRILHEIRO

BALLADA

Esta ballada appareceu em 1852 e tornou-se popularissima.

O GUERRILHEIRO

I

Eil-o erguido no topo da serra,
Recostado no seu arcabuz:
De pequeno creado na guerra,
Não conhece—não vê outra luz.
Viu a terra da patria aggredida,
Ergueu alto seu alto pensar:
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir lhe seu rude cantar!

Era noite, sem lua, sem nada,
E debaixo do negro docel,
Reluzia-lhe a fronte crestada,
Relinchava-lhe o negro corsel.
Fôra noite talhada á sortida:
—Fóra d'horas quem ha de velar?
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Eia, sus, ó meus bons camaradas,
D'esse somno por fim despertae;
Além tendes as vossas espadas,
Eia, sus, bem depressa afiae.
Vae a terra da patria vencida,
Quem da lucta se póde escusar?
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

«Que me siga quem tem a vaidade
«De ouvir balas sem nunca tremer;
«Que me siga quem quer liberdade,
«Quem não teme na lucta morrer.
A estranhos a patria vendida
Pede braços que a vão libertar.
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Já povoam os eccos da serra
Os sons rudes do altivo clarim;
E d'envolta com os gritos da guerra
Vão em roda cantando-lhe assim:
«Eia, ávante, que a patria aggredida
«Quer seus filhos na lucta encontrar.»
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Sopra o vento, desfralda a bandeira,
A que os livres á guerra chamou;
A que nunca na guerra estrangeira,
De vendida ninguem alcunhou:
Por um santo varão foi benzida,
Não na podem estranhos prostrar;
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Era noite; mas noite calada,
Sem estrellas no ceu a luzir;
Fôra noite dos santos fadada
Para a terra da patria remir.
«Se esta lucta por nós fôr vencida,
«Póde a terra da patria folgar.»
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

«Adeus serra, calada gigante,
«Erma filha do meu Portugal;
«Adeus terra que inspiras distante,
«Este canto sentido e leal!
«A estranhos a patria vendida,
«Pede braços que a vão libertar.»
—Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

II

Não faltava ninguem no combate,
Não faltava na lucta ninguem;
Só depois—já depois do embate,
Rareava nas filas alguem.
Foi acção por acção decidida;
Vinde os mortos no campo contar!
—Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

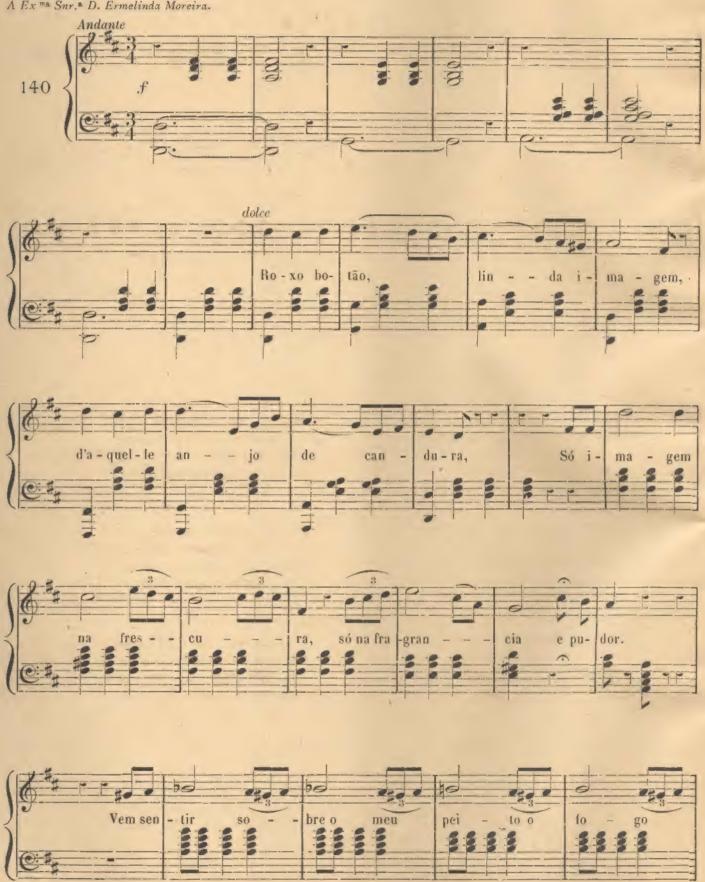
Era dia: nas armas luzentes
Vinha em chapa batendo-lhe o sol;
Mas nem todos dos lá combatentes,
Viram brilho do immenso pharol.
Pela terra de sangue tingida,
Mais de um bravo se via rojar.
—Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Vencedoras as Quinas ficaram,
Vencedoras ainda uma vez;
Mas de pranto depois as regaram,
Quem lhes dera valor portuguez.
Lá ficara uma espada esquecida,
Sem que o dono a pudesse zelar.
—Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Desabando do topo da serra,
Lá deixara o fiel arcabuz:
De pequeno creado na guerra,
Viu na guerra extinguir se-lhe a luz.
Vira a terra da patria aggredida,
Ergueu alto seu alto pensar:
—Pára o sangue, desaba-lhe a vida;
Já não lhe ouço seu rude cantar!

ROXO BOTÃO

MODINHA

Á Exma Snr.a D. Ermelinda Moreira.

Roxo botão, linda imagem,
D'aquelle anjo de candura,
Só imagem na frescura,
Só na fragancia e pudor.

Vem sentir sobre o meu peito
O fogo que me devora,
E o segredo que aqui mora
Saberás, botão d'amor.

Antes de vir ao meu peito,
N'outro mais frio brilhaste;
E de certo não murchaste
N'um peito da tua côr.

Mas no meu perderás logo
Todo o teu bello atractivo;
Que este peito é fogo vivo,
E' peito onde habita amor.

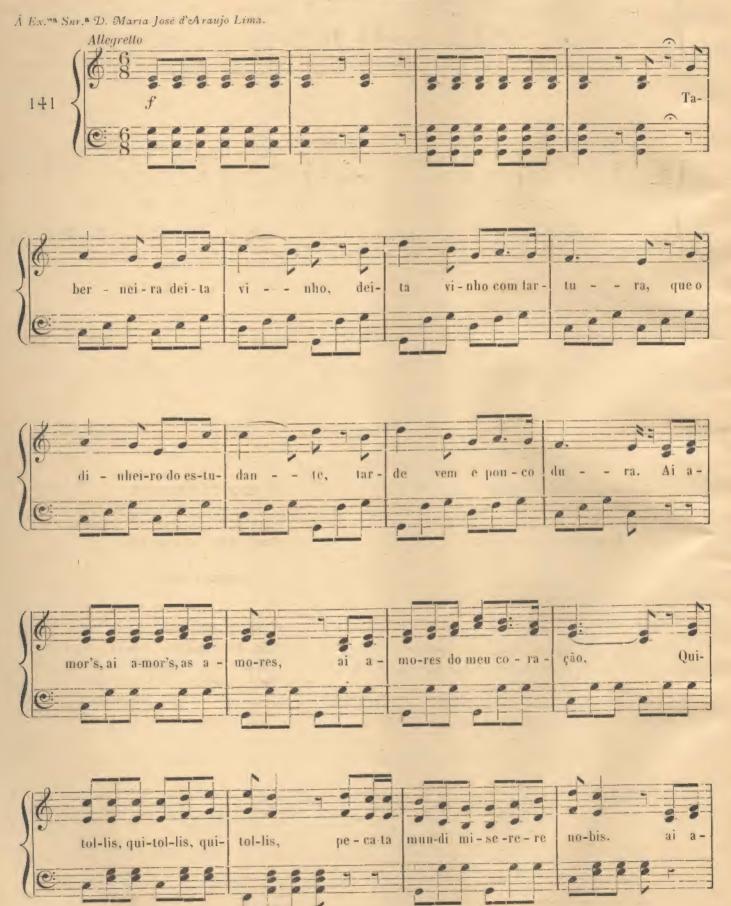
Exhala aqui teu aroma,
Que esse aroma é tambem d'ella;
Pois que no seio da bella,
Redobraste o grato odor.

Mas, como vaes definhando!
Oh prenda da minha amada!
Ah! não sejas mais em nada
Imagem d'aquelle amor.

Esta *modinha* foi muito vulgar nas salas de Portugal e Brazil.

QUITOLLIS

CANÇÃO BACCHICA

À Ex.ma Sur.a D. Maria José d'Araujo Lima.

Taberneira deita vinho,
Deita vinho com fartura,
Que o dinheiro do estudante,
Tarde vem e pouco dura.

Ai amor's, ai amor's, ai amores,
Ai amores do meu coração!...
Quitollis, quitollis, quitollis,
Peccata mundis, miserere nobis.
Ai amor's, ai amor's, ai amores,
Ai amores do meu coração!...
Cartollas, cartollas, cartollas,
Pipas, cangirões, miserias dos nobres.

O amor do estudante
E' emquanto está presente;
Tira o chapeu, vae-se embora,
Fiaes-vos lá n'essa gente.

Ai amor's, etc.

O amor do estudante
Não dura mais que uma hora;
Toca o sino, vae p'r'as aulas,
Vem as ferias, vae-se embora.

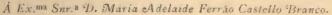
Ai amor's, etc.

Recolhida em Coimbra.

NÓS ATRAZ DAS MOÇAS

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelaide Ferrão Castello Branco.

142

Dançae, raparigas,
Dançae, oh formosas,
Oh que linda é esta roda
De botões de rosas.

Nós atraz das moças,
Ellas aos saltinhos;
Ai Jesus que eu já não posso
Com tantos carinhos.
Com tantos carinhos,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração!

Ao passar a ponte,
Tomae bem cautella,
Que o amor está pescando
Por debaixo d'ella.

Nós atraz das moças,
Ellas a saltar;
Ai Jesus que eu já não posso
Com tanto amar,
Com tanto amar,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

No calor da festa,
Lindas raparigas,
Olhae lá tomae cautella
Não percaes as ligas.

Nós atraz das moças,
Ellas a correr,
Ai Jesus que eu já não posso
Com tanto bem qu'rer.
Com tanto bem qu'rer,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

Meus ais, meus suspiros,
Confiam ao vento
Os segredos do meu peito,
O meu pensamento.

Nós atraz das moças,
Ellas com desdem,
Ai Jesus que eu já não posso
Qu'rer mais ao meu bem.
Qu'rer mais ao meu bem,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

Se tu desses fé
Do meu suspirar,
O coração te diria
Quem te sabe amar.

Nós atraz das moças,
Ellas a saltar,
Ai Jesus que eu já não posso
Com tanto amar.
Com tanto amar,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

Dançae, raparigas,
Dançae, meus amores,
Este mundo é um jardim
E vós sois as flores.

Nós atraz das moças,
Ellas aos saltinhos,
Ai Jesus que eu já não posso
Com tantos carinhos.
Com tantos carinhos,
Isso sim, mais não,
Toma lá minha menina,
O meu coração.

Recolhida em Oliveira de Cunhedo, em 1890, por Joaquim d'Almeida Cunha.

DANÇA.—Durante a primeira quadra grande roda girando sobre a direita e esquerda. No estribilho, quando dizem *Nós atraz das moças, ellas aos saltinhos*, seguem em linha, uns atraz dos outros, em roda, batendo palmas; e quando dizem: *Ai Jesus que eu já não posso com tantos carinhos*, o cavalheiro abraça a dama pela cinta e faz um *tour*. Quando dizem; *Com tantos carinhos, isso sim, mais não*, os pares fazem *balancé*, dando estallos com os dedos e depois um *tour de main*.

FADO SERENATA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Isaura Araujo Pimenta da Fonseca. *Musica de Augusto Hilario.*

Foge, lua envergonhada,
Retira-te lá do ceu;
Que o olhar da minha amada
Tem mais brilho do que o teu.

Tem o brilho das estrellas,
O fulgor dos arreboes;
Quem me dera com dois beijos
Apagar tão lindos soes.

Não ha saphiras mais bellas
Na grande concha dos ceus;
Pois se Deus quiz ter estrellas,
Roubou-as dos olhos teus.

Ave Marias são beijos,
Padre-Nossos são abraços;
Rosario dos meus desejos,
A cruz é abrires-me os braços.

Eu queria ser como a hera
Pela parede a subir,
Para chegar á janella
Do teu quarto de dormir.

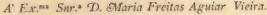
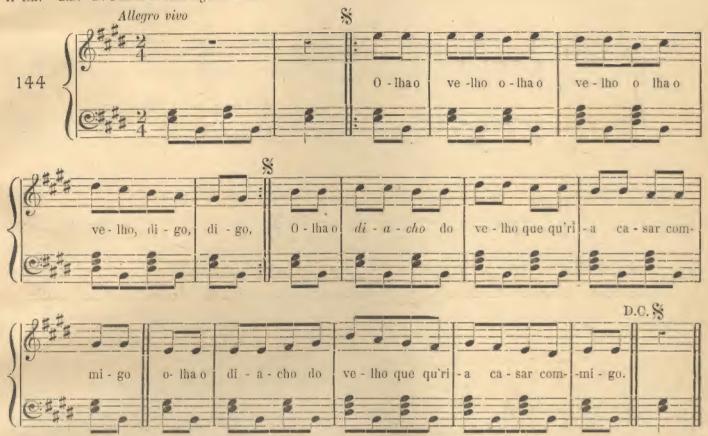
Tuas mãos são branca neve,
Teus dedos são lindas flôres;
Teus braços cadeias d'ouro,
Laços de prender amores.

Anda o luar prateando
Os ribeiros palradores;
O ar é quente, a seara
E' como um ninho d'amores.

Olhos verdes côr d'esp'rança,
Inconstantes, côr do mar;
Quem tem amor é creança,
Sou creança por te amar.

Um canto ao vento flutua,
Começa a aurora a cantar:
Oh noite, vae-te deitar,
Rasga o pandeiro da lua.

O MEU VELHO

SAPATEADO

Olha o velho, olha o velho,
Olha o velho digo, digo:
Olha o demonio do velho
Que queria casar commigo.

Se eu casar comtigo, oh velho,
Ha de ser co'a condição:
Eu hei de dormir na cama
E tu no meio do chão.

Olha velho, olha velho,
Olha meu velho matreiro:
Se tu quer's casar commigo
Bem has de morrer solteiro.

Se eu casar comtigo, oh velho,
Ha de ser com tal partido:
Ou tu has de morrer cedo,
Ou te hei de enterrar vivo.

Se eu casar comtigo, oh velbo,
Ha de ser com tal contrato:
Eu dormir em boa cama
E tu no sôlho co'o gato.

Viva o velho, viva o velho,
O velho das Fontainhas:
O velho quando casar
Faz a boda de sardinhas.

Ah seu velho, ah seu velho,
Ah seu velho, velharrão,
Você tem as barbas sujas
De andar ao pó do carvão.

Ah seu velho, ah seu velho,
Ah seu velho machacaz:
Você tem as barbas sujas
Retire-se lá p'ra traz!

. . . .

Novidades do meu velho
Tenho para lhe contar:
Deixou-me real e meio
Para vestir e calçar;

O resto que me crescesse
Que lh'o tornasse a mandar:
Para comprar carne e vinho,
E no domingo jantar.

Levantei-me muito cedo,
Fui-me pôr a cosinhar:
Vou dar co'o meu velho morto
Entre as pedras do lagar;

Fui chamar as carpideiras
Que o viessem chorar:
Bem chorado, mal chorado,
Vae o velho a enterrar.

. . . .

Senhor mestre sapateiro,
Mande cá o seu mocinho,
Para ir tocar o sino,
Já morreu o meu velhinho.

Enterrae o meu velhinho
Sete varas de medir:
Que elle era amigo da pinga
E das moças de servir.

Enterrae o meu velhinho,
Desviae-o dos quintaes:
Que elle era amigo d'ameixas,
E de peras cabaçaes.

Recolhida em Arouca em 1870.

Dança.—Forma-se uma roda de cavalheiros voltados para o centro e outra roda de damas interna voltada para os cavalheiros: damaa e cavalheiros affastam-se e recuam durante quatro compassos, (sapateando dois passos em cada compasso) depois as damas passam a fazer o mesmo com o par da direita (4 compassos) e voltam outra vez ao seu par (4 compassos) e dando uma volta sobre si passam ao par da esquerda com quem repetam a mesma dança, e assim vão indo successivamente até voltar ao primitivo par.

HYMNO NACIONAL BRASILEIRO

A' Ex.ma Snr.a D. Emilia Chaim Zenha.

Musica de Francisco M. da Silva.

145

f *mf.*

f

dim.

cres. *cen.* *do*

ma - nhe - ceu fi - nal - men - - - - te a li - - ber - - da - de ao Bra-
sil. Não, não vae á se - pul - - tu - - - - - ra O
di - - - a se - - - te d'A - - bril. Não, não vae á se - pul -
tu - - ra o
dim.
di - - - a se - - - te d'A - -bril. Não, não
vae á se-pul- - tu - ra O
dim.
di - a se - - te d'A - bril.
f risoluto

Da pa - tri - a o
gri - - - to eis se de - - - sa - ta Do A - - - ma - - -
zo - - nas a - té ao Pra - ta, Da
mf.
pa - - - tri - a o
gri - - - to eis
cres.
se de - - - sa - - - ta, Da pa - - - tri - a o
f
dim.
gri - to eis se de - - sa - ta do A - ma - - zo - nas a - té ao

Amanheceu finalmente
A liberdade ao Brasil,
Não, não vae á sepultura
O dia sete d'abril.

Da patria o grito
Eis se desata
Do Amazonas
Até ao Prata.

Sete de Abril sempre ufano
Dos dias seja o primeiro
Chame-se Rio d'Abril
O que ë Rio de Janeiro.

Da patria, etc.

Uma regencia prudente,
Um monarcha brasileiro,
Nos promettem venturoso
O porvir mais lisongeiro.

Da patria, etc.

N'este solo não vieeja
A planta da escravidão;
A quarta parte do mundo
Deu ás tres melhor lição.

Da patria o grito
Eis se desata
Do Amazonas
Até ao Prata.

Lançados por mãos d'escravos
Não tememos ferros vis,
Ferve amor da liberdade
Até nas damas gentis.

Da patria, etc.

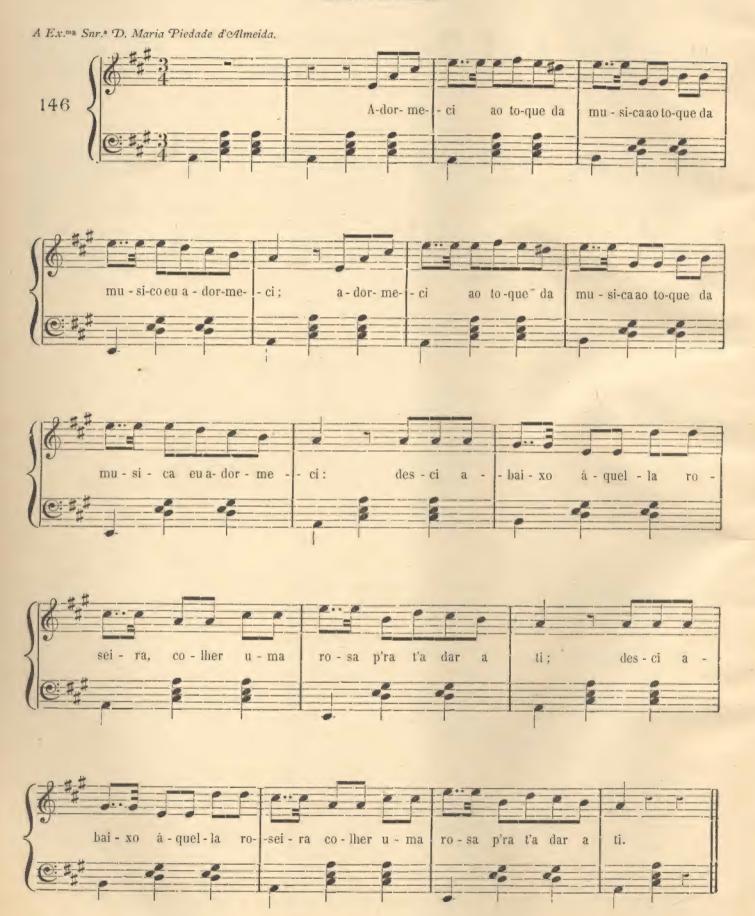
Novas gerações sustentem
Da Patria o vivo esplendor.
Seja sempre a nossa gloria
O dia libertador.

Da patria, etc,

Este hymno foi escripto por occasião da abdicação de D. Pedro I do Brasil em seu filho D. Pedro d'Alcantara; facto que teve logar em 7 d'abril de 1831.

AO TOQUE DA MUSICA

CHOREOGRAPHICA

A Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Maria Piedade d'Almeida.

AO TOQUE DA MUSICA

Adormeci ao toque da musica,
Ao toque da musica,
Eu adormeci.
Desci *abaixo* áquella roseira,
Colher uma rosa
P'ra te dar a ti.

Sonhei ouvir angelica musica,
Angelica musica
Eu sonhei ouvir.
E tu cantavas os nossos amores,
Na doce esperança,
D'um grato porvir.

Adormeci, etc.

Em harpa celeste senti dedilhar,
Senti dedilhar,
Em harpa celeste.
E tu meu anjo em candido enlevo
N'um terno suspiro,
Um beijo me déste.

Adormeci, etc.

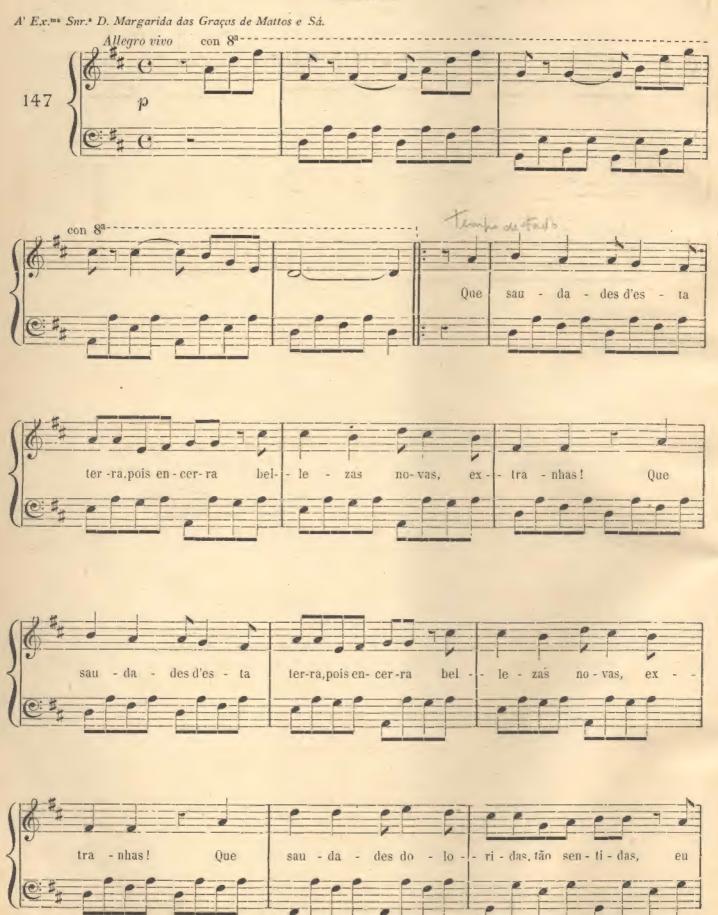
Meu lindo amor, suspiro, suspiro,
Suspiro, suspiro,
Oh meu lindo amor!
Tu me revelas em calmo murmurio,
No intimo d'alma,
Segredos d'amor.

E ao despertar ao toque da musica,
Ao toque da musica,
Eu ao despertar,
Senti saudades de não ter ficado,
N'um somno eterno,
D'eterno sonhar.

Recolhida em Coimbra em 1886 por F. P. Nogueira.

Dança.— Durante a primeira estrophe, fazem grande roda, girando sobre a direita. No estribilho quando dizem *adormeci ao toque da musica* fazem *grand chaine*. Quando dizem *desci abaixo aquella roseira* dançam em passo de polka.

SAUDADES DA ALDEIA

DESCANTE

Que saudades d'esta terra,
Pois encerra
Bellezas novas, extranhas!
Que saudades doloridas,
Tão sentidas,
Eu levo d'estas montanhas!

Adeus montanha tristonha,
Bem que sonha,
Toda a alma apaixonada;
Adeus, adeus, meiga aurora,
Vou-me embora,
Deixo esta aldeia adorada.

Adeus bom sol que illuminas
As campinas,
Com tua luz multicolor;
Adeus formosas estrellas,
São mais bellas
Que o olhar do meu amor.

Adeus tristes olivaes,
Nunca mais
Eu nunca mais vos verei;
Adeus longas penedias,
Bellos dias,
Que eu junto de vós passei!

Bella aldeia encantadora,
Pois a aurora,
Não me verá junto a ti
Bella aldeia encantadora,
Vou-me embora,
Mas fica minh'alma aqui.

Recolh da em Alijó por F. P. Nogueira, em 1894.
Este descante pode ser classificado na ordem dos fados modernos, tanto pelo seu estylo musical, como pela ideia poetica.

TROVADOR

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Candida da Siilva.

Andante

149

dolce

Tro - va- -dor, o que tens? o que so - - - ffres? Por - que cho - ras com

tan - ta a - ffli- -cção. O teu pran - to as- -saz me com- -pun - - -

ge, Tro - va- -dor, ah não cho - res mais não!

Se a - -ca - so a mu-

Trovador, o que tens? o que soffres?
Porque choras com tanta afflicção?...
O teu pranto assaz me compunge,
Trovador, ah! não chores mais, não!

Que se acaso a mulher que tu amas
Te tratou com acerbo rigor,
Trovador, ah! por isso não chores,
Ah! não creias, por Deus, em amor.

O amor da mulher é qual nuvem
Quando o vento a sacode no ar;
O amor da mulher é voluvel,
E' tão vario qual onda no mar.

O amor da mulher é qual fragil,
Pequenino, adoudado batel,
Que vagueia sem norte—sem rumo,
Té quebrar-se n'um fraco parcel.

O amor da mulher é qual facho
N'uma noite de inverno a luzir;
E' estrella do céo, entre as nuvens,
Quando a espaços se vê transluzir.

A mulher tem o dom da belleza,
Tem maneiras de mais p'ra enlevar;
Mas, no meio de seus attractivos,
A mulher tem o dom de enganar.

Um exemplo tu tens em Helena
Que os muros de Troya ubateu,
Que—infida—deixando o consorte
Para os braços do amante correu.

A mulher tem feitiço nos olhos
E nos labios veneno lethal;
A mulher nos illude chorando
E—sorrindo—nos crava o punhal.

O amor da mulher é qual rosa,
Desabrocha, mas logo fenece,
O que hoje a mulher idolátra
A'manhã menospreza, aborrece.

Trovador, ah! esquece essa ingrata,
Não mendigues a sua affeição;
Ah! não queiras a quem te maltrata,
Trovador, ah! não chores mais, não!

(1.ª RESPOSTA)

Trovador, eu lastimo comtigo
D'essa ingrata o insano rigor;
E do pranto que vertes—tão triste—
Eu bem vejo o cruel dissabor.

Eu detesto a mulher que no peito
Te cravára o espinho da dôr;
Ah! esquece a prejura que adoras,
Mas, por Deus! acredita em amor!

O amor da mulher é sublime,
E' do céo qual lampejo divino;
E' estrella brilhante e serena,
Que precede ao clarão matutino.

O amor da mulher é qual brisa,
Quando á tarde suspira saudosa;
E' a fonte que, dôce, murmura
N'uma praia deserta—arenosa.

A mulher é um ente infeliz,
O seu fado é soffrer e amar;
Quando os homeus as tornam escravas,
Inda os ferros vão meigas beijar.

A coitada, illudida, sincera,
Quiz no homem firmeza encontrar;
Não prevê que quando elle jura,
A' mulher só procura enganar.

A mulher é ludibrio da sorte,
Quando é firme, constante e fiel;
Mas os homens o culto lhe rendem,
Quando é falsa, prejura e cruel.

Para exemplo tu tens essa Helena,
Que o consorte, trahindo, deixou;
Pois por ella ser falsa e prejura,
Foi que Páris tão cego ficou.

O amor da mulher é perfume
Que se exhala de niveo jasmim;
O amor da mulher é constante,
Não conhece limites nem fim.

E porque uma quebra os seus votos,
Todas ellas prejuras não são;
No amor da mulher acredita...
Trovador, ah! não chores mais, não!

(2.ª RESPOSTA)

Trovador, o que tens? tu não soffres,
Bem fingida é a tua afflicção;
N'esse pranto que as faces te orvalha
Eu só vejo um signal de traição.

Se a mulher, a quem dizes que amavas,
Te tractou com acerbo rigor,
Foi por ter conhecido que amava
Um infame, um cruel seductor.

Se o amor da mulher é uma nuvem,
Qual o vento que a faz agitar?...
Não será o amor d'um ingrato
Que esta nuvem procura arrastar?

Se o amor da mulher é luzerna
Para o homem que a não sabe amar,
O amor da mulher é estrella
Porque firme ha de sempre brilhar.

O amor da mulher não é fragil,
Pequenino, adoudado batel;
O amor da mulher é constante,
Mesmo achando um amante infiel.

O amor da mulher é qual rosa
Que insensatos procuram colher;
Vis insectos que trazem veneno
Para a pobre da flôr fenecer.

A mulher que promette, não falta;
Se ella jura, ha de a jura cumprir;
A mulher é fiel, é sincera,
A mulher não precisa mentir.

Um exemhlo só não, porém muitos,
Eu aqui poderia mostrar,
De que só a mulher sente amor,
De que só a mulher sabe amar.

Quando meiga se mostra a mulher
Com agrados, com ternos carinhos,
Um futuro lhe mostram de flôres
D'essas flôres que occultam espinhos.

O amor da mulher é tão firme
Quanto é firme o rochedo gigante;
O amor da mulher não se vende:
Ella, só, é quem ama constante.

Esta canção é brasileira, mas está muito vulgarisada em Portugal.

AFASTA, JANOTA, AFASTA

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.ma Snr.a D. Honorina Candida d'Azevedo.

Que linda fita da moda
Eu tenho na minha saia:
Afasta, janota, afasta,
Que o balão é de cambraia.

Manuel, a moça é linda,
Ella é linda como o sol,
E canta melhor ainda
Do que canta o rouxinol.

Manuel, a moça é linda,
Olha se casa comtigo:
Pois canta melhor ainda
Do que canta o pintasilgo.

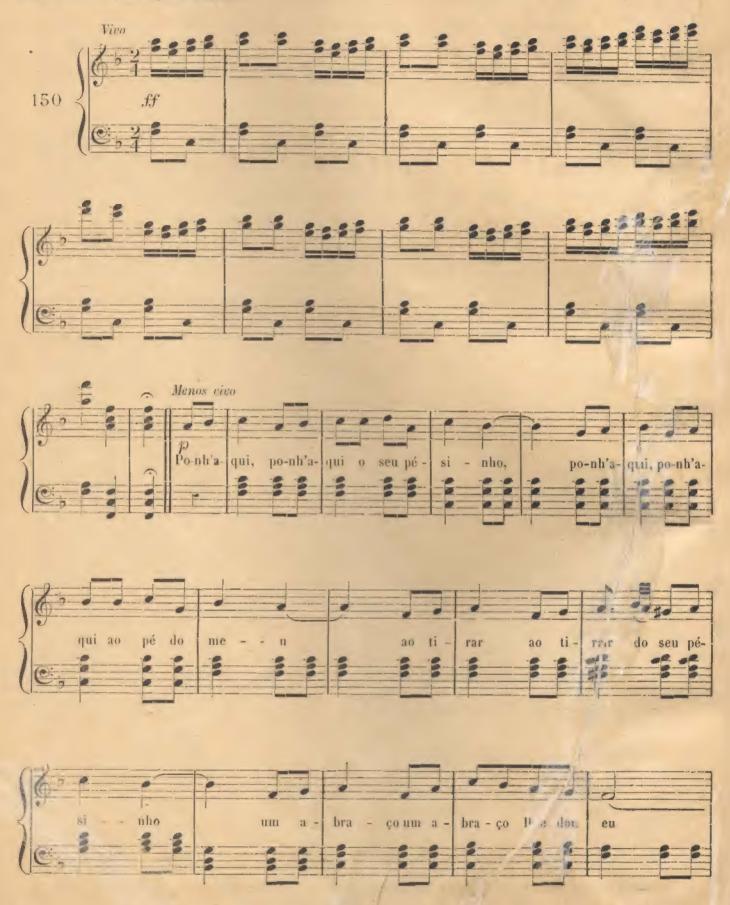
Manuel, a moça é linda,
Olha se casas com ella,
Pois canta melhor ainda
Do que canta a philomela.

Que linda vae a menina
Com a saia de fustão
Afasta, janota, afasta,
Deixae passar o balão.

Esta cantiga deve datar de 1861 approximadamente, quando as damas usavam as enormes saias balões.

O PÉSINHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Sara Nunes de Mattos.

Ordinariamente dança-se com damas e cavalheiros, em numero impar, fazendo roda e dando as mãos. Adiantando o pé direito e tocando com o bico d'este no chão repetidas vezes, a compasso, cantando a seguinte trova:

Ponha aqui,
Ponha aqui
O seu pesinho,
Ponha aqui,
Ponha aqui,
Ao pé do meu.
Ao tirar,
Ao tirar,
O seu pésinho,

(N'isto os pés vão retirando)

Um abraço,
Um abraço
Lhe dou eu.

ou

Ai Jesus
Ai Jesus
Que lá vou eu.

E soltando todos as mãos de repente, abraçam-se aos pares, dando uma volta e cantando:

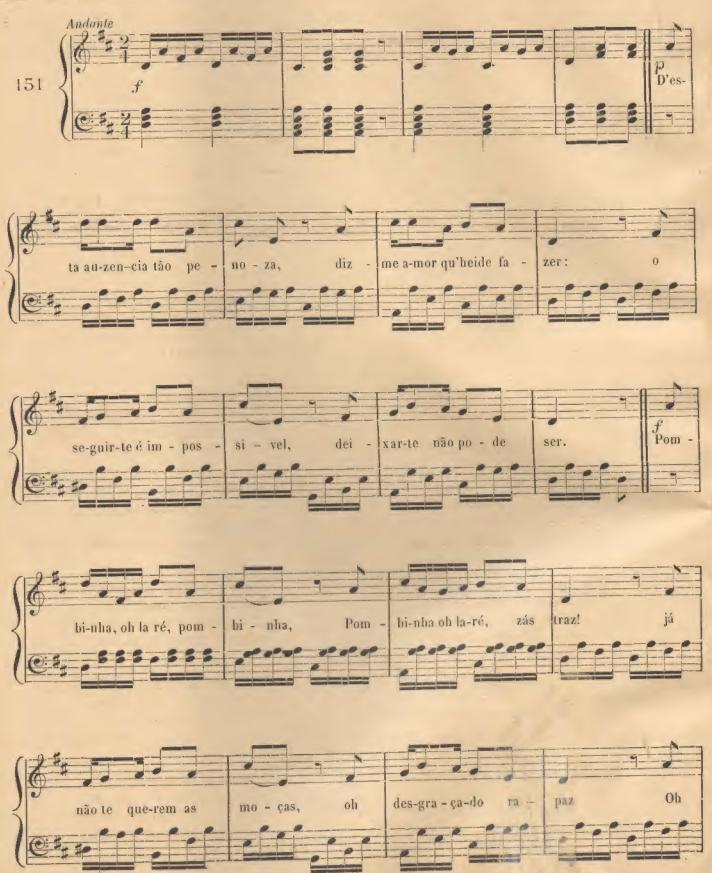
Estou contente do meu par;
Foi condão de Deus m'o dar.

A pessoa que ficar só, diz-se viuva para o jogo seguinte.

Esta dança, ou *joguinho*, como vulgarmente lhe chamam, parece ser do principio d'este seculo, ou pouco mais antiga.

POMBINHA

DANÇA DE RODA

À Ex.ma Snr.a D. Utelinda Barbosa.

Pobre de mim que me queixo
D'um amor que me enganou,
Como quem dá pela pedra...
Mas quando ja tropeçou.

Vou, só por te comprazer,
Outra cantiga cantar;
Porém... não te chegues tanto,
Que posso desafinar.

Os teus labios os teus olhos
Me illudem fallando assim;
Teus labios... dizem que não,
Teus olhos... dizem que sim.

Hoje encontrei-a na rua,
Tocou seu hombro no meu...
Quasi que a não conheci,
Nem ella me conheceu.

Andei cego muito tempo,
Sem perceber a illusão;
Que em ti sómente adorava
O meu proprio coração.

Entre os teus muitos enganos
Encobrir sabes, com geito,
Pelo brilho dos teus olhos
A escuridão do teu peito.

O teu amor inconstante
E' como as ondas do mar;
Avança, demora um pouco,
Para logo retirar.

Não poderias usar
De tanto rigor commigo.
Se ao meu travesseiro ouvisses
Contar o que a sós lhe digo.

Quando a tua imagem fria
No meu peito entrou de leve,
Nunca mais acreditei
Que o fogo derreta a neve.

E' por me dares um beijo
Que tua mãe tanto falla!
Toma o teu beijo outra vez,
Veremos se assim se cala!

Para um dia te esquecer,
Era preciso que houvesse
Outra lua e outro sol...
E outro Deus que assim quizesse.

Se desejas ver-te boa
Dos teus males e cuidados,
Vae aos pés d'um confessor
E confessa os teus peccados.

Recolhida em S. Pedro d'Alva em 1885 por F. P. Nogueira. E' muito mais antiga.

AI, AI, AI, LÁ VAE O COVELLO!...

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Leonarda Malcher.

Esta musica é extrahida do toque da alvorada do exercito.

Ai, Jesus,
Lá vae o Covello,
Ponto tão lindo
E' pena perdel-o.
Ai, ai, ai,
Adeus corcundinhas,
Perdestes a acção,
Quebraram-se as linhas.

Em quanto no Porto se cantavam estes versos, pela derrota que as forças realistas soffreram no Covello, em Lisboa cantavam-se os seguintes:

« Paulo Cordeiro
Tambem fugiu,
Esse maldito
Ninguem o viu.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio,
Becas tremendo,
Sem haver frio.

Se elle cá fica
Tão boa peça,
De todo o povo
Tinha a remessa.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
O duque a tremer
Sem haver frio.

Lá vae primeiro
O duque fraco
Que por temor
Fez-se macaco.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio,
O duque a tremer
Sem haver frio.

Este levou
N'esta função
Quantos algozes
Tinha a nação.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
O duque a tremer
Sem haver frio.

Segue depois
Toda a *corcundada*
Trocando as pernas,
Toda assustada.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
O duque a tremer
Sem haver frio.

Esta lettra foi recolhida pelo distincto escriptor Alberto Pimentel, que lhe addicionou a seguinte nota:

« O duque a que se refere a cantiga era o duque de Cadaval que ficou commandando as forças militares em Lisboa, quando D. Miguel d'aqui sahiu em outubro de 1832 para Braga. Em a noite de 23 para 24 de julho de 1833 sahiu o duque de Lisboa, com todas as forças Miguelistas para o Campo Grande, e em seguida na direcção de Coimbra, onde se foi reunir com as forças que D. Miguel, com Bourmont, trouxe do Porto; e de Coimbra marcharam contra Lisboa.

« La vae primeiro o duque *fraco* » é pois a accusação de cobardia ao duque de Cadaval, por elle se aterrar com a morte de Telles Jordão e a derrota do exercito miguelista, abandonando Lisboa, sem ter opposto resistencia.

Paulo Cordeiro, famoso miguelista, era um dos contratadores do tabaco, que deu a D. Miguel a grande peça de artilheria, que de Lisboa foi conduzida até á margem esquerda do Douro, e com a qual os miguelistas contavam arrasar o Porto.

Foi no Rocio, a que se allude, onde na mencionada noute de 23 para 24 de julho de 1833 se reuniram tumultuariamente *becas*, empregados de todas as cathegorias, e os individuos mais compromettidos, que tratavam de fugir de Lisboa. »

Covello, eminencia em um dos arrabaldes, ao norte do Porto, ponto fortificado estrategico, de grande importancia e que os constitucionaes tomaram, no cêrco da mesma cidade.

OH BRAGA FIEL

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelaide Gonçalves.

Se eu fôra soldado
Fora granadeiro,
Para defender
D. Miguel primeiro.

Se eu fora soldado,
Fora voluntario,
Para defender
D. Miguel coroado.

Oh Braga fiel,
Oh Porto ladrão,
Que sempre quizestes
A constituição.

Oh Porto ladrão,
Oh Braga fiel,
Que sempre quizestes
O rei D. Miguel.

Se fores a Braga
Traze-me uma fita,
Que seja vermelha
Que eu sou realista.

Se eu fora soldado
Ia p'ra tambor
Viva D. Miguel
El-rei nosso senhor.

Oh Braga fiel
Oh Porto ladrão
Que sempre quizestes
A constituição.

Eu sou realista
Eu sou da nação
Meu, pae, minha mãe
Corcundinhas são

Se eu fôra soldado
Fora da marinha
Para defender
A nossa rainha

Se eu fôra soldado
Fora d'Amarante
Para defender
O nosso infante.

D. Pedro quarto
Que vem cá buscar
D. Miguel primeiro
Ha-de reinar.

Oh Braga fiel
Segue o teu destino
Tens por defensor
O braço divino.

Se a lucta politica de 1832 animava a musa dos vencedores, não abandonava tambem a dos seus vencidos que no meio dos desastres que os perseguiam entoavam firmes protestos de fidelidade ao seu rei e á sua causa. Esta cantiga era exclusiva das damas nas salas, antes de ter respirado ao ar livre.

AS SETE EXCELENCIAS

RELIGIOSA

Offerecida a Ex.ma Snr.a D. Maria da Gloria Silva Rocha.

Esta musica popularissima, deve ser muito antiga e d'ella deriva a toadilha infantil do

Carro carrinho que vae pela rua
Fazendo mesuras á porta da rua.

Com esta musica cantou-se no Palacio de Crystal, em 1866, em um concerto de coros infantis a seguinte lettra:

A CARIDADE

A noite era escura,
o vento gemia,
eu só na choupana
de medo tremia.

Na córte o rafeiro
ouvia latir;
já era tão tarde,
mas eu sem dormir.

E vae se não quando
escuto bater;
e voz lastimosa
assim a dizer:

«Tende caridade,
prestae-me um abrigo,
venho tão cançado
nem posso commigo;

«perdi-me na serra,
não sei onde paro,
o lobo damninho
vem dar-me no faro.

«Abri sem receio...
sou ainda pequeno;
dae-me p'ra descanço
um molho de feno!...

«P'ra matar a fome
de pão um nadinho;
chegando a aurora
ponho-me a caminho.»

Já o pranto a face
me vinha banhar,
de ouvir, tão sentido,
aquelle fallar.

—Pobre pequeno!...
terás um abrigo;
terás do meu pão,
dormirás commigo.

Oh Virgem Maria!...
dae-me protecção,
não seja um malvado
que venha á traição...

Ao lar,—da candeia
accendi a luz;—
rezando e fazendo
o signal da cruz.

Ao abrir a porta,
que vejo... meu Deus!...
um moço formoso,
qual anjo dos ceus.

Sorriu-se bondoso,
eu tambem sorri,
quiz saudar... não pude;
As fallas perdi.

«Bem hajas—me disse
a linda visão—
davas-me agasalho,
davas-me o teu pão...

«Quem tem caridade,
tem tudo dos ceus;
a benção te deixo,
sê feliz—adeus.»

Cahiu-me a candeia
da mão que tremia,
accordei chorando...
—despontava o dia.

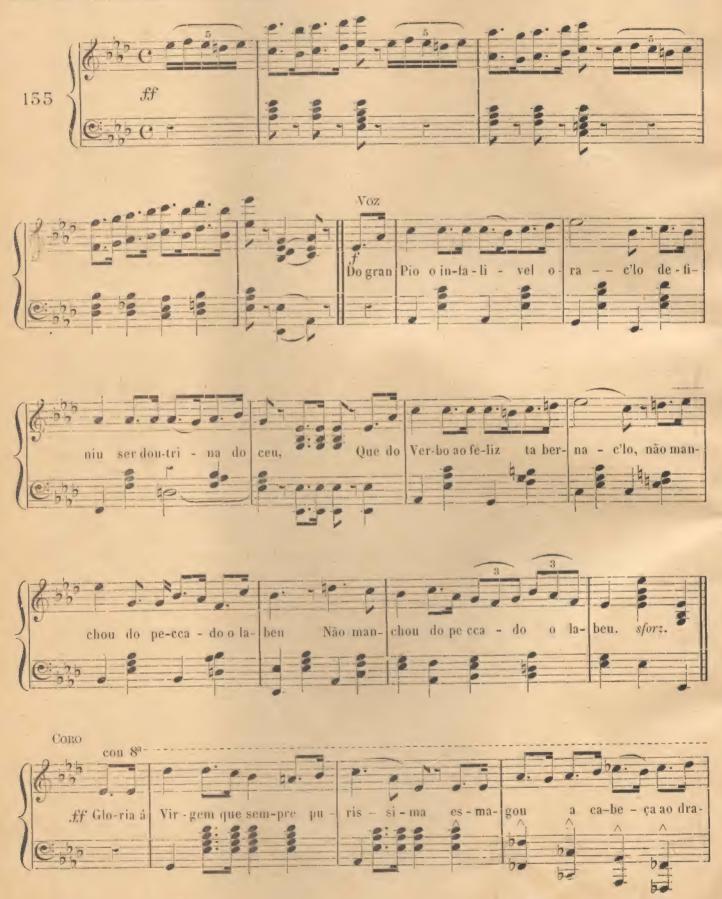
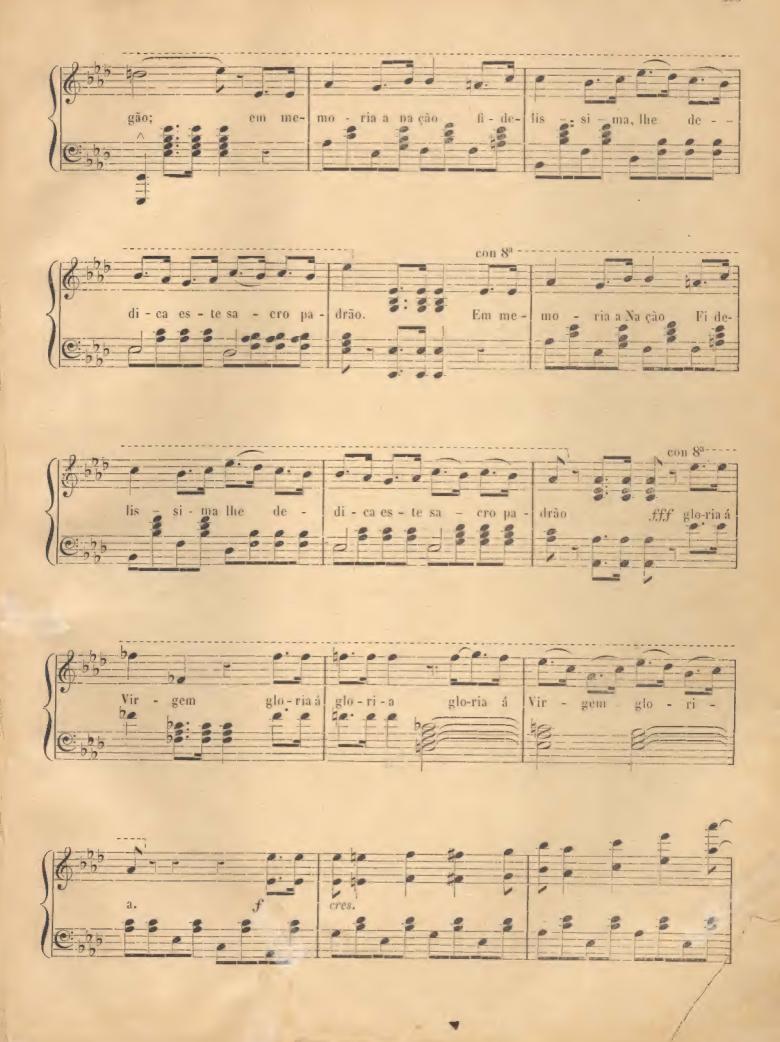
Ricardo Clamouse Browne.

O autor d'esta lettra falleceu poucos annos depois. A musica foi-lhe apropriada pelo maestro Carlos Dubini, tambem já fallecido.

HYMNO DO SAMEIRO

(MARCHA DOS PEREGRINOS)

Á Ex.ma Snr.a D. Isabel Maria da Gloria Basto.

gão; em me- mo - ria a na ção fi - de- lis - si - ma, lhe de -
di - ca es - te sa - cro pa - drão. Em me - mo - ria a Na ção Fi de-
con 8ª
lis - si - ma lhe de - di - ca es - te sa - cro pa - drão
fff glo-ria á
con 8ª
Vir - gem glo - ria á glo - ri - a glo-ria á Vir - gem glo - ri -
a.
f
cres.

Do gran Pio, o infallivel oraculo
Definiu ser doutrina do ceu,
Que do Verbo ao feliz Tabernaculo
Não manchou do peccado o labeū.

Gloria á Virgem que, sempre purissima,
Esmagou a cabeça ao dragão;
Em memoria a nação fidelissima
Lhe dedica este sacro padrão.

Todo o mundo exultou d'alegria,
Quando a voz do Pastor escutou,
Definindo que Deus a Maria
Da desgraça commum preservou.

Gloria á Virgem, etc.

Entre as claras de Lysia cidades,
Lusa Roma, da Hespanha a Primaz,
Repetir ás vindouras edades
O triumpho da Virgem se apraz.

Gloria á Virgem, etc.

Do Sameiro, nas bellas alturas,
Magestoso elevado padrão
Annuncia ás edades futuras
De Maria a feliz Conceição.

Gloria á Virgem, etc.

Salvé, monte, mil vezes famoso,
Entre os montes do bom Portugal!
Em teu cimo já brilha vistoso
Da Ventura e da paz o signal.

Gloria á Virgem que, sempre purissima,
Esmagou a cabeça ao dragão;
Em memoria a nação fidelissima
Lhe dedica este sacro padrão.

Celeste Iris d'alegre bonança!
Oh Maria! o tributo d'amor
Do teu povo recebe, e lhe alcança
As delicias da paz do Senhor.

Gloria á Virgem, etc.

Da montanha hoje a ti consagrada
Abençoa este povo fiel;
Livra-o sempre, oh clemente advogada,
Do infernal inimigo cruel.

Gloria á Virgem, etc.

Abençôa o Universo Catholico,
Abençôa o Pontifice Rei,
Que proclama do solio Apostolico
Sãns verdades da Fé e da Lei.

Gloria á Virgem etc.

Este hymno appareceu pouco depois da edificação da capella do Sameiro; é este o mais popular dos muitos que servem de marchas nas peregrinações solemnes á Senhora do Monte Sameiro. Não conhecemos os seus authores nem podemos obter noticia quem elles são.

INDICE

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

ERROS MAIS IMPORTANTES QUE ESCAPARAM NA MUSICA, EM ALGUNS EXEMPLARES

Musica n.º	Pag.	pauta;	compasso,	mão	
7—	20—3.ª	pauta;	2.º compasso,	mão direita,	deve ser—*re*, *si*.
» » 7—	» 20—3.ª	»	5.º »	» »	a segunda nota deve ser – *la*.
» » 10—	» 24–1.ª	»	1.º »	» esquerda,	a ultima nota deve ser—*mi*.
» » 15–	» 30—2.ª	»	2.º »	» »	deve ser egual ao compasso antecedente.
» » 18—	» 36–3.ª	»	3.º »	» direita,	a ultima nota deve ser – *sol* natural.
» » 42–	» 78—1.ª	»	1.º »	» »	no 3.º tempo deve ser—*re* e *si*.
» » 57—	» 106—2.ª	»	4.º »	» esquerda,	no 2.º tempo deve ser—*si* e *re*.
» » 57—	» 106-5.ª	»	2.º »	» direita,	no 2.º tempo deve ser—*mi*; e na mão esquerda—*la do♯ mi la*.
» » 65–	» 122–3.ª	»	3.º »	» »	os *mis* devem ser *bemoes*.
» » 65–	» 122–4.ª	»	3.º »	» »	os *mis* devem ser *bemoes*.
» » 67—	» 126—5.ª	»	2.º »	» esquerda,	os *dós* devem ser *sustenidos*.
» » 74—	» 141—1.ª	»	3.º »	» direita,	os *fás* devem ser *sustenidos*.
» » 74—	» 142—2.ª	»	1.º »	» esquerda,	os *mis* devem ser naturaes.
» » 78—	» 150–2.ª	»	1.º »	» »	junto á clave, e nas pautas seguintes devem ser *sustenidos*.
» » 100–	» 211—1.ª	»	3.º »	» »	a ultima nota deve ser—*fa*.
» » 115—	» 224–3.ª	»	6.º »	» direita,	deve ser—*mi*.
» » 120—	» 238–3.ª	»	1.º »	em ambas as	mãos os *lás* são naturaes.
» » 120–	» 238–5.ª	»	4.º »	mão direita,	a 1.ª nota deve ser—*mi*.
» » 125—	» 248-4.ª	»	1.º »	» esquerda,	a nota mais grave do accorde deve ser—*do* e não *re*.
» » 128—	» 254—1.ª	»	2.º »	» direita.	a ultima nota deve ser - *la*.
» » 130—	» 257–1.ª	»	4.º »	» esquerda,	o *re* deve ser *sustenido*.
» » 131—	» 258—2.ª	»	4.º »	» direita,	no 3.º tempo deve ser *do sustenido* e não *si*.
» » 143—	» 280—1.ª	»	4.º »	» »	o 4.º *fa* deve ser *mi*
» » 143—	» 180–2.ª	»	4.º »	» »	o 4.º *fa* deve ser *mi*
» » 143—	» 280—3.ª	»	3.º »	» »	este compasso e os cinco seguintes até a fermata devem harmonisar com 3.ªs inferiores.

ERRATAS DIVERSAS

Pag. 42—Na dedicatoria deve ler-se: Adoptado por S. M. o Senhor D. Carlos I.

Pag. 169–Diz-se em a nota que a musica da barquinha é attribuida a José Doria: soubemos posteriormente que não é aquelle Snr. o author da musica, mas sim seu sobrinho o Ex.mo Snr. Antonio Joaquim de Souza Doria che[illegible] do quadro dos pharmaceuticos em Loanda, e filho do dr. João Doria.

Pag. 258 - Deve ter por subtitulo:—Adoptado por S. M. a Senhora D. Maria II.

Pag. 162—A Vivandeira, a musica foi escripta pelo professor Miró para ser cantada no theatro do Gymnasio em Lisboa.